



~~~~~  
"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS  
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

---

*B E R N A R D*  
**C O R N W E L L**

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

---

*A Vingança de*  
**S H A R P E**

FRANÇA, MARÇO DE 1814

AS AVENTURAS  
DE UM SOLDADO  
NAS GUERRAS  
NAPOLEÔNICAS



---

*B E R N A R D*  
**C O R N W E L L**

---

*A Vingança de*  
**S H A R P E**

*FRANÇA, MARÇO DE 1814*  
*AS AVENTURAS*  
*DE UM SOLDADO*  
*NAS GUERRAS*  
*NAPOLEÓNICAS*

Traduzido por Kleber de Souza Andrade  
Da Edição Espanhola em 07/02/2015

# SINOPSE

Sharpe, após suas intensas experiências na Espanha, vai à França, onde participa da batalha de Toulouse, após a qual é assinada a paz com Napoleão. Contudo, isso não implica em descanso para o duro Richard Sharpe. Enquanto espera ser repatriado para a Inglaterra, surge uma nova dificuldade: uma acusação de roubo que o levará ante um tribunal militar e que pode deixar uma feia mancha em seu impecável histórico...

# **PRIMEIRA PARTE**

# Prólogo

O major Richard Sharpe havia feito todo tipo de preparativos para sua própria morte. Seu cavalo, *Sycorax*, e sua magnífica luneta francesa seriam para o capitão William Frederickson; suas armas passariam a ser do sargento Patrick Harper, e todo o resto pertenceria a sua esposa, Jane. Quer dizer, tudo exceto o uniforme com o qual Sharpe lutava sempre. Este consistia em botas altas de montar, um capote da cavalaria francesa e a desbotada casaca verde dos fuzileiros do 95°. Sharpe pedira para ser enterrado vestido com esse uniforme.

— Se não fossem enterrá-lo com esses andrajos — observou Frederickson com desdém —, os queimariam de qualquer maneira.

Era verdade que as botas de couro tinham profundas marcas de facas, baionetas e sabres, que o capote tinha tantos remendos de tecido artesanal marrom, que parecia mais com velhas bombachas de lavrador do que com um uniforme roubado de um coronel dos Caçadores da Guarda Imperial de Napoleão, e que a casaca verde estava tão gasta e descolorida que nem sequer uma traça poderia sacar dela uma comida decente; mas seguiam sendo as roupas usadas por Sharpe para combater e, portanto, significavam muito para ele. Talvez parecesse um espantalho com o velho uniforme, mas usá-lo na batalha era uma de suas superstições obsessivas, o que era o motivo de que, em uma fria manhã do mês de março de 1814 e apesar de estar a quilômetros de distância de qualquer soldado inimigo, Sharpe vestisse essas roupas velhas.

— Terá que deixar a casaca. — Frederickson, que compreendia o supersticioso apego de Sharpe ao uniforme, advertiu ao seu amigo.

— Eu sei. — Não havia nenhum detalhe dessa manhã que Sharpe não tivesse ensaiado uma e outra vez em sua mente. O que ocorreria nessa manhã se chamava “grama antes do desjejum”. Soava inofensivo, mas poderia significar a morte.

Os dois homens se achavam em um baixo escarpado coberto de capim em cima de um cinzento e sombrio Atlântico. Um extenso e ondulante fluxo de ondas vinha mais forte do oeste para romper contra as rochas sob seus pés. Ao norte do escarpado ficava o porto francês de São João da Luz, abarrotado de embarcações mercantes e barcos pesqueiros, enquanto que no ancoradouro mais afastado do porto estava ancorada uma pequena flotilha da armada britânica. A flotilha era composta por três chalupas pequenas, duas fragatas e um enorme navio de guerra com os lados pintados em quadrados como um tabuleiro, o *Vengeance*.

Era um amanhecer que fazia tremer de frio, ainda que a primavera se aproximasse e com ela ressurgiria a batalha. O Imperador Napoleão havia recusado os acordos de paz oferecidos por seus inimigos, pelo que os exércitos franceses teriam que lutar para defender sua pátria. Nesses momentos seu inimigo era toda a Europa. O exército de britânicos, espanhóis e portugueses de Wellington havia tomado o extremo sudoeste da França e logo atacaria avançando ainda mais para o interior, enquanto que, ao norte, os prussianos, austríacos e

russos levavam a cabo escaramuças para atravessar as fronteiras setentrionais de Napoleão.

Nada disso parecia de importância imediata para o major Richard Sharpe enquanto começava a caminhar sobre a gelada grama do plano cume do escarpado. Soprava um vento frio proveniente do oceano e William Frederickson se protegeu dele abrigando-se em uns torcidos e raquíuticos pinheiros. Sharpe, que caminhava de um lado para o outro, ignorava o vento; em troca, estava obcecado com a ideia de sua própria morte. Decidiu que o mais importante era que se ocupassem bem de Jane. Ela já tinha uma procuração que lhe dava poderes sobre o dinheiro de Sharpe; esse dinheiro era o ganho do saque da bagagem francesa que realizara atrás da batalha de Vitória. Nesse dia houve muitos soldados que se tornaram ricos, mas poucos enriqueceram tanto como o major Richard Sharpe ou o sargento Patrick Harper.

Sharpe deu uns passos e se aproximou de Frederickson.

— Que horas são?

Frederickson tentou torpemente abrir a tampa de seu relógio com as mãos enluvadas.

— Seis e vinte.

Sharpe gemeu e girou. O amanhecer havia dotado as cinzas nuvens de uma pálida luminosidade, enquanto que o mar estava tão escuro que parecia feito de uma ardósia líquida que se movia sem pressa. Aos pés de Sharpe, um pequeno barco de pesca de proa alta tinha se aproximado perigosamente das rochas. Os pescadores jogavam os lagosteiros pela borda. Sharpe pensou que talvez seu inimigo estivesse comendo uma dessas lagostas nessa mesma noite enquanto que ele jazeria frio como a pedra dois metros abaixo do solo francês. “Grama antes do desjejum”.

— Maldição! — disse com repentina irritação. — Por que não podemos lutar com espadas?

— Porque Bampfylde escolheu pistolas. — Frederickson acabava de acender um charuto e o vento levou rapidamente a fumaça em um redemoinho.

— Maldição. — Sharpe se virou de novo. Estava nervoso e não se importava em mostrar seu nervosismo para Frederickson.

O capitão dos fuzileiros era um dos melhores amigos de Sharpe e um homem que sabia até que ponto o nervosismo podia converter sua barriga em um nó apertado e frio antes de uma batalha. Frederickson, metade inglês e metade alemão, era um homem de aspecto aterrador que perdera a maior parte de seus dentes e um de seus olhos nos campos de batalha espanhóis. Seus soldados, com desajeitado afeto, o chamavam como a uma flor de sua terra, Doce William, ainda que no campo de batalha ele fosse tudo, menos doce. Era um soldado, tão duro como qualquer outro no Exército e o bastante para compreender que um homem valente podia ser quase paralisado de medo.

Isso Sharpe também entendia, mas mesmo assim se surpreendeu com o temor que sentia nessa fria manhã. Era soldado desde que se alistara no 33º como um recruta aos dezesseis anos. Durante os vinte e um anos que se passaram desde então abrira caminho através de

brechas defendidas, havia estado na linha de mosquetes e negociara a morte com um inimigo que se encontrava a menos de quarenta passos; havia destroçado cargas de cavalaria com chuva de balas, realizara a luta solitária do escaramuçador na frente da linha de batalha, tinha visto como a artilharia inimiga destroçava seus soldados deixando somente vermelhas brechas e fizera todas essas coisas mais vezes do que podia recordar. Havia combatido em Flandres, Índia, Portugal, Espanha e França. Começara como soldado raso, um casaca-vermelha, para se converter em um dos oficiais de sua majestade. Tomara um estandarte inimigo e havia sido capturado. Fora ferido. Tinha matado. Outros homens passavam a vida dominando as técnicas da paz, mas Richard Sharpe se convertera em um especialista na guerra. Poucos soldados lutaram tão amiúde, poucos combateram tão bem, e nesse momento, pensava Sharpe, o amontoado de lembranças de tantas lutas minava sua confiança. Sabia que a sorte dos longos anos sangrentos não podia durar, ou talvez estivesse mais consciente do perigo que a maioria e, portanto, o temia. Que um soldado que havia brigado nos campos de batalha mais horríveis pudesse morrer por consequência de um duelo parecia um apropriado giro do destino.

— Por que o chamam de “grama antes do desjejum”? — perguntou a Frederickson, que, sabendo que Sharpe já conhecia a resposta e que a pergunta surgira apenas por causa da irritação de seu amigo, não se incomodou em responder.

— É um nome ridículo — Jane lhe dissera duas semanas antes —, um nome estúpido.

“Grama antes do desjejum” não era outra coisa senão um duelo que, conforme a tradição, se realizava ao amanhecer e, por regra geral, em algum pasto de grama que proporcionasse espaço suficiente para que as pistolas ou as espadas fizessem seu trabalho.

— Se insistir em se bater nesse estúpido duelo voltarei para casa. Não permitirei que se destrua, Richard.

— Então será melhor que vá para casa — havia dito Sharpe —, porque vou me bater.

A discussão havia começado como uma discussão, mas se transformou em uma virulenta e esgotadora briga que havia amargurado as duas últimas semanas. Os motivos pelos quais Jane não queria que Sharpe comesse grama antes do desjejum estavam bem justificados. Para começar, havia a possibilidade de que o matassem, o que faria dela uma viúva; mas mesmo se vencesse seguiria sendo um perdedor. No Exército os duelos eram proibidos, e se Sharpe insistisse em bater-se, sua trajetória profissional se arruinaria em um só instante. A carreira de seu marido era algo que Jane valorizava muito, e não queria vê-la em perigo, nem por um duelo, nem pelas escaramuças do final de uma guerra. Jane disse que era hora de Richard regressar para a Inglaterra e obtiver os aplausos por suas façanhas. Na Inglaterra, na opinião dela, seria um herói e poderia ter a recompensa de um herói. O príncipe de Gales não lhe concedera uma audiência? E esse príncipe não se asseguraria então que o major Sharpe se convertesse em sir Richard? Jane queria que Sharpe abandonasse o Exército, que se esquecesse do duelo e que pegasse um navio para voltar para casa; mas em lugar disso, como o tonto teimoso que era, ficaria para comer grama antes do desjejum, e Jane viu como todo esse prestígio futuro e todas essas recompensas principescas se desvaneciam como a fumaça de uma pistola no vento. Portanto, ela o ameaçara com seu ultimato: se Sharpe se empenhasse

em bater-se, ela o envergonharia publicamente indo para casa. Sharpe conseguiu pô-la em evidência, ao preço de quinze dias de sofrimento frio e silencioso.

Frederickson voltou a manusear seu relógio.

— Seis e meia.

— Faz frio — Sharpe parecia notar a temperatura pela primeira vez.

— Dentro de uma hora — disse Frederickson — estaremos desjejuando costeletas e pudim de ervilhas.

— Você talvez.

— Nós estaremos — insistiu Frederickson pacientemente e depois se virou para observar uma pequena carruagem negra que apareceu ao pé da baixa colina. O cocheiro fustigou os cavalos, que subiram pelo caminho de terra cheio de marcas de rodas, e depois se dirigiu para os tortos pinheiros, onde se deteve com um repique das correntes dos arreios e o chiado dos freios. O sargento Harper, com um aspecto descaradamente jovial, saiu do abarrotado interior e dedicou a Sharpe um sorriso confiante.

— Bom dia, senhor! Um pouco frio.

— Bom dia, sargento.

— Trago esse pilantra, senhor — Harper apontou para um homem vestido de negro com quem tinha compartilhado a carruagem.

— Bom dia, doutor — disse Sharpe, educado.

O doutor ignorou a saudação. Era um francês magro e de idade avançada que permaneceu dentro da pequena carruagem. Levava consigo uma bolsa negra que sem dúvida continha bisturis, serrotes para ossos, escopros e pinças. O doutor se mostrara resistente em comparecer a essa matança ao amanhecer, e por isso Frederickson encomendara a Harper a missão de se assegurar que esse homem estivesse levantado e disposto. Nenhum médico britânico, nem da armada nem do Exército, estaria disposto a servir nessa cerimônia ilegal que poderia levar todos os implicados a um conselho de guerra.

— Ontem à noite estava bêbado, senhor — confiou-lhe Harper, que usava uma casaca verde dos fuzileiros tão desbotada como a de Sharpe ou a de Frederickson.

— Quem estava bêbado? O doutor? — perguntou Sharpe.

— Não, senhor. Era o capitão Bampfylde. Ficou em terra, sabe? E o vi no pátio daquela enorme pousada que há atrás da cordoaria. — Harper riu com um prazer desdenhoso. — Estava bêbado como um gambá. Acho que está nervoso como um gato.

— Eu também estou nervoso — espetou Sharpe. — Ontem à noite quase não consegui dormir. — Nem na noite anterior, porque a expectativa desse duelo o mantivera acordado enquanto tentava prever o que poderia ocorrer nessa fria manhã. Então ia descobrir o que estava predestinado, e a proximidade da descoberta não fazia mais que somar-se ao medo. Confessou tudo isso a Harper e se alegrou por tê-lo feito, porque o irlandês era o amigo mais

íntimo de Sharpe e havia compartilhado com ele todas as batalhas desde que o exército de Wellington desembarcara pela primeira vez em Portugal.

— Mas o senhor não estava bêbado, senhor. Esta manhã Bampfylde vai sofrer daqueles malditos tremores. Vão empanziná-lo de ovos; isso é o que farão. — Harper, dez centímetros mais alto do que o metro e oitenta de Sharpe, parecia divertido ante o iminente enfrentamento. Não tinha nenhuma dúvida de que Sharpe mandaria a odiosa alma de Bampfylde para a condenação eterna.

E Sharpe não tinha nenhuma dúvida de que ele merecia essa sorte. Bampfylde era um oficial da marinha, capitão do grande *Vengeance*, que estava ancorado no ancoradouro mais distante, que há poucas semanas antes comandara uma expedição ao norte para tomar um forte costeiro francês. Sharpe fora o oficial de maior patente em terra e que, após a captura do forte, marchou para o interior para emboscar a rota de suprimentos dos franceses. Havia voltado ao conquistado forte *Teste de Buch* para constatar que Bampfylde havia partido. Sharpe, duas companhias de fuzileiros e forças da infantaria da marinha, foram deixados no forte, onde foi sitiado por uma brigada francesa ao comando do general Calvet. Graças a Deus, à sorte dos fuzileiros e à ajuda de um corsário americano, Sharpe salvara seus homens. Mas não a todos; no forte muitos morreram, e a culpa era de Bampfylde. Sharpe, ao voltar da ferocidade da batalha contra Calvet com um espírito irado por causa da indignação, tinha desafiado o oficial da marinha para esse enfrentamento.

— Oxalá fôssemos brigar com espadas.

— Espadas ou pistolas, a quem importa? — disse Harper alegremente.

— Eu me importo.

— Seja como for, é um sacana morto.

— É um sacana defunto. — Frederickson balançou os braços para se aquecer e então, aparentemente alheio às tensões que roíam Sharpe, perguntou a Harper se a companhia estava pronta para iniciar a marcha.

— Sim, senhor.

— Bom. — Porque assim que acabasse o duelo, Frederickson levaria sua excelente companhia de fuzileiros do 60º para o leste para se unir ao exército. O sargento Harper iria com Frederickson, porque, assim como Sharpe, havia se distanciado de seu antigo batalhão. Este, os Voluntários do Príncipe de Gales, tinha um novo coronel que nomeara seus próprios majores e um novo sargento-mor do regimento, o que deixou Sharpe e Harper à deriva.

Harper foi recrutado com entusiasmo por Frederickson, que, por sua vez, foi reclamado com o mesmo entusiasmo pelo general de divisão Nairn, um escocês a quem finalmente haviam dado sua própria brigada de combate e queria que os soldados de Frederickson acrescentassem um mortífero agulhão a sua linha de escaramuça. Nairn também queria Sharpe, não para essa linha de vanguarda, mas para ser chefe de seu estado maior.

— Mas eu nunca fui oficial do estado maior — protestara Sharpe.

— E eu nunca estive ao comando de uma brigada — respondera Nairn alegremente.

— Devo falar com Jane — havia dito Sharpe, e então tinha voltado a seu alojamento para romper o frio silêncio de uma semana; mas sua discussão sobre a oferta de Nairn não fora mais afortunada que as censuras com lágrimas e arrebatamentos de ira sobre o duelo. Jane continuava insistindo para que voltassem para casa e nessa ocasião acrescentou um novo motivo para que Sharpe abandonasse o Exército: quando a paz chegasse, o preço dos imóveis na Inglaterra dispararia, o que fazia ainda mais sensato voltar para casa nesse momento e encontrar um lar em Londres. Sharpe protestou energicamente diante da ideia e assegurou que nunca viveria em Londres, pois era uma cidade vil, corrupta, suja e abarrotada de gente, e mesmo que não tivesse nenhuma objeção em comprar uma casa, esta tinha que ser no campo. Sem nenhum bom motivo para isso, queria viver em Dorset. Uma vez alguém havia elogiado esse condado, e essa ideia tinha se gravado irreversivelmente em sua cabeça.

Por fim, depois de esgotadoras discussões, chegaram a contragosto a um mútuo acordo: Jane partiria para casa para aproveitar o preço dos imóveis nesse momento, mas procuraria uma casa de campo em Dorset. Enquanto isso, e se sobrevivesse ao duelo, Sharpe entraria a serviço do general de divisão Nairn.

— Mas por quê? — havia suplicado Jane com lágrimas nos olhos. — Você mesmo disse que tinha medo de lutar em mais batalhas. Não pode combater e viver para sempre!

Na realidade, Sharpe não podia dizer por que se negava a voltar para casa antes do final da guerra. Certamente que não queria ser um oficial do estado maior, e não tinha receio em reconhecer sua reserva em enfrentar novas batalhas; mas havia uma razão mais profunda que se opunha a esses pedidos e que arrastava sua alma como uma corrente escura e torrencial: seus amigos estariam na brigada de Nairn (o próprio Nairn, Frederickson e Harper). Morreram muitos companheiros, e restavam muito poucos, e Sharpe sabia que se abandonasse esses bons amigos nas últimas semanas de uma longa guerra não se perdoaria nunca. Ficaria e combateria; mas primeiro mataria um oficial da marinha, se não fosse morto por ele.

— Já vejo os sacanas — disse Frederickson alegremente.

Pelo caminho que ia à cidade se aproximavam três cavaleiros a bom passo. Todos usavam capas azul-escuro da marinha e chapéus tricórnio. Sharpe olhou mais atrás dos três oficiais da marinha para ver se vinha algum policial militar para impedir o duelo e prender os participantes. O desafio não era exatamente um segredo; de fato, a metade dos oficiais de suprimento em São João da Luz desejou sorte a Sharpe, assim podia supor que a polícia militar optara por ser surda e cega ante a ilegalidade do duelo.

Os oficiais da marinha subiram a colina em seus cavalos e, quase sem dirigir o olhar para Sharpe, desmontaram a uns cinquenta metros de distância. Um dos oficiais segurou as rédeas dos cavalos, outro começou a caminhar nervoso de um lado para outro e o terceiro se aproximou dos três fuzileiros.

Frederickson, que era o padrinho de Sharpe, foi ao encontro do oficial da marinha que se aproximava.

— Bom dia, tenente!

— Bom dia, senhor. — O tenente Ford era o padrinho de Bampfylde. Levava um estojo de madeira em sua mão direita. — Desculpa pelo atraso.

— Ficamos alegres por terem chegado — Frederickson olhou para onde estava o capitão Bampfylde, que seguia caminhando de um lado para outro de maneira nervosa atrás dos três cavalos. — Seu apadrinhado está disposto a apresentar suas desculpas, tenente?

A pergunta foi feita com diligência e com a mesma diligência foi respondida.

— Certamente que não, senhor.

— O que é lamentável. — Frederickson, cuja companhia sofrera as consequências da covardia de Bampfylde no forte *Teste de Buch*, não parecia lamentar nem um pouco. De fato, sua voz estava cheia de alegria com a expectativa da morte de Bampfylde. — Começamos o ato, tenente? — Sem esperar resposta, fez um sinal para Sharpe enquanto Ford fazia para Bampfylde.

Os duelistas se puseram frente a frente sem se falar. Sharpe achou que Bampfylde estava pálido, mas bastante sóbrio. A verdade é que não tremia. Tinha um aspecto irritado, ainda que não se pudesse esperar menos de qualquer homem que tivesse sido acusado de covardia.

Ford abriu o estojo de madeira e pegou duas pistolas especiais para duelo. Como Bampfylde havia sido o desafiado, oferecera-lhe a escolha das armas, e escolhera um par de pistolas de percussão de cano longo fabricadas na França. Frederickson as sopesou em suas mãos, examinou os percussores, depois tirou a vareta de uma das pistolas e sondou os canos. Estava comprovando que nenhuma das duas pistolas tinha um estriado oculto na parte traseira de seus canos. As duas eram de pouco calibre. Na medida em que a enorme destreza de um artesão podia conseguir, eram armas idênticas.

O doutor estava inclinado para frente dentro da carruagem para observar os cuidadosos preparativos. Seu cocheiro, envolvido em uma capa, permanecia junto às cabeças dos cavalos. Harper esperou junto aos pinheiros.

Ford carregou as pistolas enquanto Frederickson o observava com atenção. O tenente utilizou uma fina pólvora negra que se administrou com um pequeno copo de medir. Ford estava nervoso, suas mãos tremiam e o vento levou um pouco de pólvora; mas ele pegou uma pitada a mais com cuidado para compensar a perda. Apertaram a pólvora com a vareta e depois envolveram cada uma das bolas de chumbo em um pedaço de couro lubrificado. As balas, por cuidadosa que fosse sua fundição, nunca tinham um calibre perfeito, mas o couro fazia que encaixassem o mais certamente possível e, desse modo, proporcionava às pistolas uma maior precisão. Se os canos das armas fossem estriados poderia se conseguir uma precisão ainda maior, mas isso era considerado pouco esportivo. Introduziram as balas nos canos e depois golpearam a vareta com um martelo de latão para garantir que os projéteis estavam bem apoiados contra a carga de pólvora.

Uma vez carregados os canos, Ford abriu a caixinha de lata que continha as espoletas. Cada espoleta consistia em uma lâmina de cobre fina como papel que encerrava uma diminuta

carga de pólvora negra. Quando o martelo da pistola golpeava a lâmina de cobre, a pólvora escondida explodia e lançava uma chama minúscula pela chaminé para a carga comprimida do cano. Armas como essas eram elaboradas, caras e muito mais confiáveis que o antiquado sistema de pederneira, tão propenso a ficar úmido. Ford apertou com cuidado as espoletas ao colocá-las nos pequenos vãos debaixo dos dois martelos e depois baixou estes últimos para assegurar as armas. Então, com um curioso ar de pouca segurança, ofereceu os dois cabos a Frederickson.

O capitão, diante da escolha que desse modo lhe era oferecida, olhou para Sharpe.

— Qualquer uma — disse Sharpe de maneira cortante. Era a primeira palavra pronunciada por um dos duelistas desde que se haviam encontrado. Bampfylde olhou para Sharpe quando o fuzileiro falou e depois desviou rapidamente o olhar. O oficial da marinha era um jovem atarracado de tez suave, enquanto que Sharpe tinha uma pele morena coberta de cicatrizes e ossos angulosos. Uma cicatriz na face esquerda do fuzileiro deformava sua boca e dava a seu rosto um involuntário aspecto de zombaria que só desaparecia quando sorria.

Frederickson escolheu a arma da direita.

— Os abrigos e os chapéus, senhores, por favor — disse em tom solene.

Sharpe havia previsto esse ritual, mas mesmo assim não deixou de se achar estranho e grosseiro enquanto tirava o chapéu e depois se desprendia da surrada casaca de fuzileiro. Na manga da casaca havia uma suja insígnia de tecido, uma coroa de folhas de carvalho que demonstrava que uma vez dirigira um destacamento de assalto por uma brecha que havia sido atacada selvagememente com fogo e aço. Deu a casaca a Frederickson, que estendeu em troca a pistola carregada para Sharpe. O vento agitou o cabelo negro de Sharpe e ele o afastou de seus olhos com irritação.

Bampfylde se livrou da capa da marinha que levava sobre os ombros e depois desabotoou a casaca azul e branca. Debaixo usava uma camisa de seda branca metida na faixa que rodeava o cós das calças brancas do uniforme. Dizia-se que era mais fácil, e por isso muito mais seguro, tirar pedaços de seda de uma ferida de bala, motivo pelo qual, muitos oficiais insistiam em vestir seda na batalha. A camisa de Sharpe era de linho manchado.

Ford pegou o chapéu, a capa e a casaca do capitão Bampfylde e se aclarou a garganta.

— Darão dez passos, senhores, conforme eu vá contando — Ford estava muito nervoso; engoliu saliva e se aclarou a garganta uma vez mais —, depois do que virarão e dispararão. Se não houver um vencedor na primeira troca podem insistir em disparar uma segunda vez e assim sucessivamente.

— Está satisfeito com sua posição? — perguntou Frederickson a Bampfylde, que deu um sobressalto por lhe falarem desse modo. Depois deu uma espiada pelo escarpado como se procurasse um lugar mais seguro para combater.

— Estou satisfeito — disse depois de uma pausa.

— Major? — perguntou Frederickson a Sharpe.

— Satisfeito. — O cabo da pistola era de madeira de nogueira sombreada. A pistola parecia pesada e desequilibrada na mão de Sharpe, mas isso se devia somente a não estar acostumado a esse tipo de arma. Não havia dúvida de que era uma pistola de grande precisão.

— Podem virar, senhores... — A voz de Ford tremia.

Sharpe se virou de forma que ficou olhando o mar. O vento, que soprava mais forte, havia começado a salpicar as ondas verdosas com espuma branca. Ele observou que soprava direto para seu rosto, de maneira que não teria que a pistola compensando a força transversal da brisa.

— Podem engatilhar as armas — disse Frederickson. Sharpe puxou o percussor e notou que encaixava em seu lugar. Teve uma repentina preocupação de que a espoleta pudesse cair de seu lugar, mas quando olhou viu que os extremos das lâminas de cobre estavam ondulados de tão bem encaixados e que a espoleta estava adequadamente apertada.

— Dez passos, senhores — anunciou Ford. — Um. Dois...

Sharpe caminhou com seu passo normal. Mantinha a pistola baixada. Achava que não tinha demonstrado nenhum medo ante Bampfylde, mas sua barriga era como de gelo nodoso e um músculo da coxa esquerda tremia. Tinha a garganta seca como o pó. Podia ver Harper pelo canto do olho.

— Sete. Oito. — Ford havia elevado a voz para ser ouvido acima do som do vento do mar. Sharpe se encontrava bastante perto da borda do escarpado para ver os pescadores de lagosta franceses impulsionando longos remos para evitar a devoradora ressaca do recortado pé do escarpado.

— Nove — gritou Ford. Seguiu uma perceptível e nervosa pausa antes da última palavra. — Dez.

Sharpe deu o último passo e virou a costas para o vento do Atlântico. Bampfylde já levantava sua pistola. Dava a impressão de estar muito perto de Sharpe, que de repente parecia incapaz de levantar seu braço direito. Estava pensando em Jane: sabia que ela esperava com uma horrível incerteza; depois moveu o braço com uma sacudida, porque a pistola de Bampfylde já não era nada mais que um buraco redondo e negro que apontava diretamente entre seus olhos.

Observou o buraco negro e de repente sentiu a cálida calmaria da batalha. Esse sentimento de segurança foi tão inesperado, ainda que tão familiar, que sorriu.

E Bampfylde disparou.

A chama atravessou a nuvem de fumaça em direção a Sharpe, mas ele já havia ouvido como a bala passava junto a sua cabeça com um estalido como o de um chicote de couro sacudido com força. A bala não podia ter passado a mais de quinze centímetros de seu ouvido esquerdo, e Sharpe se perguntou se as duas pistolas se desviavam para a direita. Esperou; queria que o vento dissipasse a fumaça da pistola de Bampfylde. Seguiu sorrindo, ainda que não o soubesse. Bampfylde, sem dúvida por causa do nervosismo, havia aberto fogo muito depressa, desperdiçando assim seu disparo. Então Sharpe tinha todo o tempo que necessitava

para vingar os soldados que morreram na fortaleza de *Teste de Buch*.

O vento dissipou a fumaça e deixou Bampfylde visível, de perfil ante Sharpe. O capitão da marinha encolhia a barriga para fazer de seu corpo um alvo menor. A mira da pistola de Sharpe se recortava contra a branca camisa de seda. Então alinhou o encaixe traseiro com o ponto de mira, moveu a pistola ligeiramente para a esquerda para o caso da arma tender para a direita. Apontaria baixo, já que a maioria das pistolas disparava alto. Se essa não disparasse alto, então faria uma ferida no ventre de Bampfylde. Isso o mataria, mas devagar, tão devagar como morreram alguns dos soldados de Sharpe depois que Bampfylde os abandonou atrás das linhas inimigas.

Seu dedo rodeou o gatilho. Nesse momento a fumaça já havia se afastado completamente de Bampfylde e não era mais que um tênue fragmento de distante neblina que se redemoinhou no alto da borda do escarpado antes de se dirigir para o interior.

— Dispare, maldição! — Bampfylde alfinetou as palavras em voz alta, e Sharpe, que estava a ponto de disparar, viu que o capitão da marinha tremia visivelmente.

— Dispare, maldição! — gritou Bampfylde de novo, e Sharpe soube que havia ganhado completamente, porque tinha reduzido esse homem orgulhoso a um covarde que se tremia. Sharpe acusara Bampfylde de covardia e nesse momento demonstrava sua acusação.

— Dispare! — Bampfylde pronunciou a palavra com desespero.

Sharpe desceu a boca da pistola para compensar o puxão para cima e disparou.

A pistola de Sharpe não se desviou para cima, em absoluto, mas tinha uma ligeira tendência a disparar para a esquerda mais que para a direita, e como resultado, em lugar de um tiro no ventre, a bala rasgou as duas nádegas de Bampfylde, furou as calças brancas da marinha e fez brechas sangrentas na carne. Bampfylde gritou como um porco pegado e cambaleou para frente. Soltou a pistola e caiu de joelhos, e Sharpe sentiu o júbilo de um trabalho bem feito. Viu o sangue que brilhava na calça branca. O doutor corria torpemente com sua bolsa negra, mas Ford já havia se ajoelhado junto ao ferido Bampfylde.

— Não mais que uma ferida superficial, senhor.

— Fui atingido nas costas! — Bampfylde pronunciou as palavras entre dentes como prova de sua dor.

— Acertou-lhe na bunda. — Frederickson esboçava um sorriso brincalhão.

Ford levantou o olhar para Frederickson.

— Está de acordo em que se satisfiz a honra, senhor?

Frederickson se esforçava para não rir.

— Sumamente de acordo, tenente. Que tenha um bom dia.

O doutor se ajoelhou ao lado do capitão da marinha.

— Uma ferida superficial, nada mais. Só será necessária uma bandagem. Ficarà inflamada e doerá, o senhor é um homem de sorte.

Ford traduzia suas palavras para o consternado Bampfylde, mas o capitão não escutava. Em lugar disso olhava fixamente através de lágrimas de ira e vergonha para o fuzileiro de cabelo negro que tinha se aproximado e estava de pé junto dele. Sharpe não disse nada: limitou-se a baixar a fumegante pistola e se afastou. Não conseguira matar o indivíduo, o que o irritava, mas tinha restabelecido a honra dos mortos em *Teste de Buch*. Havia comido sua grama antes do desjejum, e então Sharpe devia consolidar sua frágil paz com Jane, mandá-la para longe com todo seu amor e regressar depois ao lugar que melhor conhecia e mais temia: o campo de batalha.

Bordéus ainda pertencia ao Imperador, ainda que ninguém pudesse dizer por quanto tempo. Os embarcadouros do rio estavam vazios, os armazéns vazios e as arcas da cidade secas. Havia uns poucos soldados que ainda proclamavam sua lealdade a Napoleão, mas a maioria ansiava a paz que reativaria o comércio, e como símbolo desse vivo desejo se faziam rosetas brancas, insígnia da casa real francesa. A princípio eram mantidas escondidas, porém, à medida que se passavam os dias, cada vez mais as levavam como um aberto desafio às tropas bonapartistas que restavam. Esses defensores imperiais eram poucos e lastimosamente fracos. Alguns veteranos aleijados e pensionistas guarneciam os fortes do rio e meio batalhão de jovens soldados de infantaria guardava a prefeitura, ainda que o melhor das tropas houvesse se dirigido para o sul e para o leste para servir de reforço ao marechal Soult e, animada por sua ausência, a faminta cidade mostrava sua desafeição e rebeldia.

Uma manhã de março, fresca por causa do vento frio, e úmida pela chuva que provinha do Atlântico, um único carro chegou à prefeitura da cidade. A carroça levava quatro pesadas embalagens e era escoltada por um esquadrão de soldados de cavalaria que, por estranho que pareça, eram comandados por um coronel de infantaria. O carro se deteve no pátio da prefeitura, e os membros de sua escolta de dragões, montados em cavalos cansados e cheios de barro, se inclinaram sobre suas selas com o olhar perdido. Usavam o cabelo penteado com *cadnettes*, pequenas tranças penduradas junto às faces e que era sinal de sua condição de elite.

O coronel de infantaria, idoso e cheio de cicatrizes, se apeou devagar de sua montaria e se dirigiu ao pórtico de entrada, onde um sentinela apresentou seu mosquete. Estava cansado demais para responder ao cumprimento do sentinela, pelo que se limitou a empurrar a pesada porta. A escolta de cavalaria ficou ao comando de um sargento dos dragões que tinha um rosto com a textura de couro marcado por uma faca. Estava sentado com sua pesada espada de lâmina reta apoiada sobre o arco da sela, e o nervoso sentinela, que tencionava que o olhar hostil do sargento não se colocasse nele, viu que o fio do embotado aço tinha intensas dentes como resultado de um combate recente.

— Ei! Cara de porco! — O sargento havia se dado conta do furtivo interesse do sentinela.

— Sargento?

— Água. Traga um pouco de água para meu cavalo.

O soldado, que tinha ordens de não se mover de seu posto, ignorou a ordem.

— Cara de porco! Eu disse para trazer um pouco de água.

— Tenho ordens para não me mover... — O sentinela se calou ao ver a estragada pistola que o sargento havia sacado de uma bainha da sela.

O sargento puxou para trás o pesado percussor da pistola com o polegar.

— Cara de porco?

O sentinela olhou fixamente a negra boca da arma e partiu correndo em busca de um balde de água enquanto, no piso de cima, o coronel seguia o caminho que lhe indicaram para um aposento grande e tenebroso que em seus dias havia sido refinado com paredes de mármore, um teto com molduras de gesso e um polido piso de madeira de buxo, mas que agora estava sujo, desordenado e frio, apesar do pequeno fogo que ardia na larga lareira. Um homem pequeno com óculos era o único ocupante do cômodo. Sentava-se encurvado sobre uma mesa de malaquita verde na qual havia um monte de papéis ondulados entre os grossos tocos das velas apagadas.

— O senhor é Ducos? — perguntou o soldado de infantaria como cumprimento.

— Sou o major Pierre Ducos — respondeu ele sem levantar a vista de seu trabalho.

— Eu sou o coronel Maillot. — Maillot parecia estar muito cansado inclusive para falar enquanto abria a alforje e pegava uma mensagem selada que colocou sobre a mesa. Maillot deixou deliberadamente o despacho em cima do papel em que Ducos escrevia.

Pierre Ducos ignorou o insulto. Em lugar disso, pegou a mensagem e se fixou no selo vermelho em que se via a insígnia de uma abelha. Talvez outros tivessem mostrado assombro ao receber uma carta com o selo particular do Imperador, mas a atitude de Ducos pareceu expressar a irritação de que o Imperador tivesse que carregá-lo com mais trabalho. Ducos não abriu a mensagem imediatamente como outros teriam feito, em lugar disso, se empenhou em terminar o trabalho que o coronel havia interrompido.

— Diga-me, coronel — Ducos tinha uma voz extraordinariamente profunda para ser um homem tão franzino —, qual seria sua opinião sobre um general de brigada que permite que um punhado de vagabundos derrote o seu comando?

Maillot estava cansado demais para expressar qualquer opinião, assim que não disse nada. Ducos, que estava escrevendo seu informe confidencial para o Imperador sobre os acontecimentos ocorridos no forte *Teste de Buch*, molhou a pena na tinta e seguiu escrevendo. Passaram-se cinco minutos inteiros antes que se dignasse a fechar seu tinteiro e abrisse o despacho do Imperador. Este continha duas folhas de papel, que leu em silêncio, e logo depois, obedecendo às instruções contidas em uma das folhas, atirou a outra ao fogo.

— Demorou muito para chegar até mim.

As palavras eram descorteses, mas Maillot não mostrou ressentimento enquanto se aproximava do fogo e sustentava suas mãos geladas sobre o ínfimo calor que a página ardendo desprendia.

— Teria chegado antes, mas os caminhos não são precisamente seguros, major. Mesmo

com uma escolta de cavalaria, deve-se ter cuidado com os bandidos. — Pronunciou com ironia a última palavra, pois ambos sabiam que os “bandidos” eram desertores dos exércitos de Napoleão, ou melhor, jovens que haviam fugido para o campo para evitar o recrutamento. O que Maillot não disse era que esses bandidos atacaram sua carroça. Que seis dos dragões haviam morrido, inclusive o segundo ao comando de Maillot, mas este havia contra-atacado e logo havia deixado que os dragões sobreviventes perseguissem e castigassem os foragidos. Maillot era um veterano das guerras do Imperador e não ia permitir que simples vagabundos o insultassem.

Ducos se desprende os óculos das orelhas e limpou as lentes redondas com um extremo de sua casaca azul.

— O pacote está a salvo?

— Está lá embaixo. Em um carro de artilharia que está estacionado no pátio. A escolta necessita de comida e água, e seus cavalos também.

Ducos franziu o cenho para demonstrar que estava acima de tratar de necessidades tão rotineiras como a comida e a água.

— A escolta sabe o que tem na carroça?

— Claro que não.

— O que acham que é? — Maillot deu de ombros.

— Isso importa? Sabem apenas que trouxeram a Bordéus quatro embalagens sem marcas.

Ducos levantou a folha de papel que restava do despacho.

— Isto me dá autoridade sobre a escolta, e insisto em saber se posso confiar neles.

Maillot se sentou em uma cadeira e estirou suas longas pernas, cansadas e salpicadas de barro.

— Estão sob o comando de um bom soldado, o sargento Challon, e não fazem nada para contrariá-lo. Mas se pode confiar neles? Quem sabe? É provável que a esta altura imaginem o que há nas embalagens, ainda que até agora se mantiveram leais. — Reprimiu um bocejo. — O que mais os preocupa agora é a comida e a água.

— E ao senhor, coronel? — perguntou Ducos.

— Eu também necessito de comida e água.

Ducos fez uma careta para demonstrar que sua pergunta tinha sido mal entendida.

— O que fará agora, coronel?

— Regressarei para o lado do Imperador, certamente. O pacote é responsabilidade sua. E, se me perdoa, me alegrarei muito em me livrar dele. Um soldado deveria estar lutando neste momento, não servindo de chefe de bagagens.

Ducos, a quem acabavam de outorgar a responsabilidade de um chefe de bagagens, voltou a colocar os óculos limpos no rosto.

— O Imperador me concede uma grande honra.

— Confia no senhor — disse simplesmente Maillot.

— Assim como confia no senhor — Ducos lhe devolveu o cumprimento.

— Estou há muitos anos com ele.

Ducos olhou o grisalho Maillot; sem dúvida havia estado com o Imperador durante muitos anos, mas nunca o promoveram acima da patente de coronel. Não faltavam franceses que começaram como soldados rasos para chegar a comandar exércitos inteiros, ainda que não fosse o caso desse veterano alto, cheio de cicatrizes e com esse rosto obstinadamente digno de confiança. Em suma, decidiu Ducos, esse Maillot era um idiota, um dos leais mastins do Imperador, um soldado para dar recados; um homem sem imaginação.

— Bordéus não é um lugar seguro — observou Ducos em voz baixa, como se falasse consigo mesmo. — O prefeito mandou uma mensagem para os ingleses pedindo que venham. Ele acredita que não sei nada dessa mensagem, mas tenho uma cópia sobre esta mesa.

— Então o prenda — soltou Maillot com toda tranquilidade.

— Com o quê? Nesse momento a metade da guarda da cidade usa a roseta branca, e a outra metade faria o mesmo se tivesse suficiente valentia. — Ducos se levantou e se dirigiu a uma janela que havia no outro lado da sala, de onde observou a chuva que caía em grandes faixas sobre a Praça de Saint Julien. — A carroça estará a salvo aqui esta noite — afirmou —, e seus soldados podem ficar em uns dos alojamentos vazios. — Ducos se virou e esboçou um inesperado sorriso. — Mas o senhor, coronel, me daria à honra de jantar em meus aposentos?

Só o que Maillot desejava fazer era dormir, mas sabia a consideração que o Imperador tinha por esse homenzinho com óculos, assim que, por cortesia e porque Ducos insistiu calorosamente em seu convite, teve de aceitar de má vontade. Contudo, para sua surpresa, Ducos foi um anfitrião assombrosamente divertido, e Maillot, que pela tarde pode dedicar um par de horas a um sono exausto, simpatizou com o homenzinho que falava com tanta franqueza de seus serviços para o Imperador.

— Nunca fui um soldado por natureza como o senhor, coronel — disse Ducos com gesto modesto. — Minhas habilidades foram usadas para corromper, burlar e enganar o inimigo. — Nessa noite Ducos não falou de seus antigos fracassos, apenas de seus êxitos, como o da ocasião na qual havia atraído alguns guerrilheiros espanhóis com o pretexto de negociar uma trégua e de como os mataram selvagememente a todos quando chegaram confiantes. Ducos sorriu ao se recordar. — Às vezes tenho saudade da Espanha.

— Nunca lutei lá — Maillot se serviu de mais brandi —, mas me falaram dos guerrilheiros. Como se pode combater contra soldados que não usam uniformes?

— Matando tantos civis como seja possível, certamente — respondeu Ducos, e depois acrescentou com saudade: — O que sinto falta realmente é do clima quente.

Maillot riu ao ouvir isso.

— É evidente que não esteve na Rússia.

— Não, nunca estive. — Ducos se estremeceu só de pensar, depois girou sobre sua cadeira para observar a noite detalhadamente. — Parou de chover, meu caro Maillot. Quer dar uma volta pelo jardim?

Os dois homens caminharam pelo gramado ensopado; a fumaça de seus charutos se elevava através dos galhos das pereiras. Maillot devia ainda estar se recordando da campanha russa, porque de repente soltou uma curta gargalhada e comentou como o Imperador havia sido astuto em Moscou.

— Astuto? — Ducos parecia surpreso. — Não pareceu muito astuto a quem não estava lá.

— Refiro-me a isso — disse Maillot. — Soubemos do descontentamento que reinava na França e o que fez o Imperador? Ordenou que as bailarinas do balé de Paris atuassem sem saias nem meias! — Maillot riu ao se recordar; então se virou de cara para a alta parede de tijolos e desabotoou as calças. Continuou falando enquanto urinava. — Mais adiante ouvimos que Paris já havia se esquecido das mortes na Rússia, porque seus habitantes não podiam falar de nada que não fossem as coxas nuas de mademoiselle Rossillier. O senhor estava em Paris nessa época?

— Estava na Espanha. — Ducos se achava justo atrás de Maillot. Enquanto o mais veterano falava, havia sacado uma pequena pistola de seu bolso traseiro e sem fazer ruído puxou para trás seu lubrificado percussor. Nesse momento apontava para a base do pescoço de Maillot. — Estava na Espanha — repetiu, e com uma careta fechou os olhos com força ao mesmo tempo em que apertava o gatilho. A bala destroçou uma das vértebras de Maillot e empurrou para trás sua grisalha cabeça em um sangrento paroxismo. O coronel pareceu dar um suspiro arrependido ao cair. A cabeça tombou para frente e bateu contra os tijolos; depois o corpo deu uma sacudida e ficou completamente imóvel. A fumaça fedorenta da pistola ficou entre os galhos das pereiras.

Ducos vomitou, engasgou e conseguiu se controlar. Uma voz gritava de uma casa vizinha: queria uma explicação para o disparo, mas como Ducos não respondeu já não houve mais perguntas.

Ao amanhecer o corpo estava escondido sob o adubo.

Ducos não havia dormido. Não foi culpa nem a repugnância pela morte de Maillot o que o mantivera acordado, mas a barbaridade que essa morte representava. Ao apertar o gatilho, Ducos havia abandonado tudo aquilo que uma vez significou tanto para ele. Fora educado para acreditar no caráter inviolável dos ideais revolucionários e logo se deu conta de que as ambições imperiais de Napoleão eram na realidade os mesmos ideais, mas transmutados pela genialidade de um homem em uma única e insubstituível glória. Nesse momento, quando a glória de Napoleão estava em baixa, os ideais deviam seguir vivos; só então Ducos foi consciente de que a França em si era a personificação dessa grandeza.

Assim, nessa úmida noite Ducos convenceu a si mesmo de que a irrelevante parafernália da França imperial podia ser sacrificada. Surgiria uma nova França e Ducos a serviria de uma posição de poderosa responsabilidade. Contudo, agora era necessário um tempo de espera e segurança. Assim que, pela manhã, mandou chamar o sargento dos dragões, Challon, à

prefeitura; ali fez que o grisalho militar se sentasse do outro lado da mesa de malaquita verde e empurrou para ele a folha que restava do despacho do Imperador.

— Leia isso, sargento. Challon pegou o papel com confiança e então, ao dar-se conta de que não podia enganar o oficial de óculos, voltou a largá-lo.

— Não sei ler, senhor.

Ducos ficou olhando fixamente para seus olhos injetados de sangue.

— Esse pedaço de papel põe o senhor em minhas mãos, sargento. Foi assinado pelo Imperador em pessoa.

— Sim, senhor. — A voz de Challon soou apagada.

— Significa que o senhor me obedece.

— Sim, senhor.

Então Ducos se arriscou. Aberto sobre a mesa havia um jornal e ordenou a Challon que o jogasse no chão. O sargento se desconcertou com essa ordem, mas obedeceu. Depois ficou parado. No jornal havia escondidas as rosetas brancas, duas grandes rosetas de vistosa seda branca.

Challon ficou olhando os símbolos dos inimigos de Napoleão e Ducos observou o sargento com tranças. Challon não era um homem muito perspicaz, e seu rosto curtido e cheio de cicatrizes revelava seus pensamentos com tanta clareza como se os expressasse em voz alta. A primeira coisa que Ducos descobriu em seu rosto foi que o sargento Challon sabia o que se ocultava nas quatro embalagens. Ducos teria se assombrado se Challon não soubesse. A outra coisa que o sargento revelou foi que ele, assim como Ducos, desejava aquele conteúdo.

Challon levantou a vista para o pequeno major.

— Posso perguntar onde está o coronel Maillot, senhor?

— O coronel Maillot pegou uma febre repentina que meu médico acredita que será fatal.

— Sinto muito ouvir isso, senhor — a voz de Challon era inexpressiva —, porque alguns dos rapazes gostavam do coronel, senhor. — Por, um segundo, enquanto olhava aqueles olhos duros, Ducos pensou que havia calculado muito mal. Então Challon dirigiu o olhar para as comprometedoras rosetas. — Mas alguns aprenderão a viver com sua dor.

Uma sensação de alívio inundou Ducos, ainda que fosse bastante astuto para ocultar esse alívio e o medo que o havia precedido. Ducos soube então que Challon era seu homem.

— A febre — disse Ducos suavemente — pode ser contagiosa.

— Foi o que ouvi dizer, senhor.

— E nossa responsabilidade exigirá pelo menos seis homens. Concorda?

— Acho que mais que isso sobreviverá à febre, senhor — replicou Challon igualmente elíptico como Ducos. Então eram cúmplices de traição e nenhum deles podia expô-lo abertamente, embora cada um compreendesse perfeitamente o outro.

— Bom. — Ducos pegou uma das rosetas. Challon hesitou, pegou a outra e dessa forma seu pacto ficou selado.

Duas manhãs depois houve uma névoa marítima que provinha do estuário do Garona e que envolveu Bordéus com uma umidade pegajosa através da qual nove cavaleiros se dirigiram para o leste ao amanhecer. Pierre Ducos ia à frente, vestido com roupa de civil e com uma espada e duas pistolas no cinto. O sargento Challon e seus homens usavam os vestígios de seus uniformes verdes, mas todos os soldados de cavalaria tinham descartado seus pesados capacetes metálicos. As bolsas de suas selas estavam repletas, assim como os alforjes dos cavalos de carga conduzidos por três deles.

O truque, a fraude, a dissimulação e a burla; essas eram as habilidades que Ducos havia oferecido a seu Imperador, habilidades que agora devia servir-se para seus próprios fins. Os cavalos fizeram ressoar os cascos através da porta exterior da cidade, agitaram a névoa ao passar e se foram.

# Capítulo 1

— Naturalmente que o lorde sabia — o general de divisão Nairn falava do duelo —, porém, aqui entre nós, não acredito que lhe desagradasse a ideia. A Marinha o molestou bastante ultimamente.

— Esperava que me prendessem — disse Sharpe.

— Se tivesse matado aquele sem-vergonha, estaria preso. Nem mesmo Wellington pode ignorar completamente a morte de um capitão da marinha, mas foi engenhoso que se limitasse a furá-lo no traseiro. — Nairn soltou uma alegre e ruidosa gargalhada ao pensar na ferida de Bampfylde.

— Eu tentei matá-lo — confessou Sharpe.

— Foi muito mais inteligente de sua parte deixá-lo com o traseiro dolorido. E permita lhe dizer o quanto me alegro em vê-lo, meu caro Sharpe. Espero que Jane esteja bem.

— Acho que sim, senhor. O tom de Sharpe fez Nairn dirigir uma olhada divertida para o fuzileiro.

— É possível que seu matrimônio esteja passando por um mau momento, Sharpe?

— O pior, senhor.

Sharpe havia levado três dias para alcançar o exército que avançava, e mais meio dia para encontrar Nairn, cuja brigada se achava no flanco esquerdo da vanguarda. Finalmente, tinha descoberto o escocês no alto de uma colina que se alçava sobre um vau que os britânicos tomaram nessa manhã e através do qual marchava toda uma divisão nesse momento. Dos franceses só se avistavam ao longe uns poucos esquadrões de cavalaria se retirando, ainda que uma bateria de artilharia inimiga disparasse de vez em quando de um pequeno bosque a uns dois quilômetros depois do rio.

— Trouxe Frederickson consigo? — perguntou então Nairn.

— Seus soldados estão ao pé da colina.

— Rasgou o traseiro dele! — Nairn riu de novo. — Suponho, por seu mau momento matrimonial, que Jane não está com você?

— Zarpou para casa há dois dias, senhor.

— É o melhor lugar para uma mulher. Na realidade nunca achei bom os oficiais andarem por aí com suas mulheres como se elas fossem parte de sua bagagem. Sem querer ofender, certamente: Jane é uma garota encantadora, mas continua sendo bagagem para um exército. Oi! Cristo! — Essas últimas palavras eram um saudação a uma bala de canhão francesa que cruzou o rio com grande estrondo e quicou colina acima, o que obrigou Nairn a realizar uma frenética evasão que quase o fez cair de seu cavalo. — Já pode ver o que ocorre, Sharpe: os malditos franceses tentam nos deter em cada rio; nós flanqueamos os filhos da puta e seguimos

avançando.

Ao pé da ladeira, a brigada de Nairn esperava pacientemente sua vez para cruzar o vau. A brigada era composta de um batalhão de Highlanders e dois do condado inglês.

— O que deseja que eu faça exatamente? — perguntou Sharpe a Nairn.

— Não tenho nem ideia. Divirta-se. Eu estou! — e de fato, o escocês, que havia suportado durante anos o espantoso trabalho do estado maior sob as ordens de Wellington, se deleitava com seu novo comando. Somente lamentava que ainda não tivesse havido nenhuma batalha na qual pudesse demonstrar como Wellington fora idiota ao não lhe dar uma brigada muito antes. — Maldição, Richard! Já não resta muito da guerra, e quero ter a oportunidade de me encontrar com os que fedem a alho.

Pode ser que Sharpe tenha sido ordenado a se divertir, mas logo descobriu que ser chefe do estado maior em uma brigada trazia consigo dias enormemente compridos e problemas aparentemente intermináveis. Trabalhava onde fosse ficar o quartel general de Nairn, às vezes em alguma fazenda confiscada, mas geralmente, em um conjunto de tendas montadas onde quer que a brigada acampasse. Às vezes Sharpe ouvia o som das armas no leste e sabia que uma retaguarda francesa havia entrado em ação, mas não tinha nem tempo nem a obrigação de se unir à batalha. Só sabia que a cada rio que cruzavam e cada quilômetro de terra capturado significavam mais trabalho para os atribulados oficiais do estado maior, que deviam fazer a comida chegar aos soldados, a munição às armas e as ordens do quartel general da divisão a uma realidade mais maldita.

Era um trabalho saudável. Sharpe sempre havia expressado um desprezo de soldado de combate pela maioria dos oficiais do estado maior, porque pensava que tais criaturas arrogantes trabalhavam pouco e recebiam muito; mas quando descobriu os problemas que implicava organizar uma brigada, aprendeu que era seu trabalho, e não de Nairn, solucioná-los. Assim que um dia típico, somente duas semanas depois de ter chegado à brigada, começou com o pedido de um comandante de uma bateria da artilharia montada cuja carreta de suprimentos se perdera em um labirinto de veredas francesas atrás do avanço britânico. Recuperar a carroça errante era uma das obrigações de Sharpe. Mas como os artilheiros estavam destacados a apoiar as posições da vanguarda de Nairn, e Sharpe sabia que a artilharia de campo era inútil sem as descargas das armas de fogo, pelo que, ordenou a um assessor que fosse procurar os suprimentos perdidos.

Na hora do café da manhã uma patrulha da cavalaria ligeira da Legião do Rei Alemão trouxe uma vintena de prisioneiros franceses para a fazenda usada como quartel general temporário de Nairn. O comandante da cavalaria pediu aos gritos por um oficial responsável e, quando Sharpe apareceu, indicou os assustados soldados inimigos:

— Não quero estes sacanas!

Ele e seus soldados se afastaram a galope, e Sharpe teve que dar de comer aos franceses, vigiá-los e encontrar assistência médica para a meia dúzia de homens que tinha a cara e os ombros cortados pelos sabres alemães.

Chegou uma mensagem da Divisão ordenando a Nairn que levasse sua brigada uns cinco quilômetros para o leste. Achava-se que a brigada desfrutaria de um dia de descanso enquanto as divisões do sul os alcançassem, mas era evidente que as ordens haviam mudado. Sharpe mandou um ajudante de campo em busca de Nairn, que não havia deixado escapar a oportunidade de ir caçar patos, e então, quando já tinha todos os secretários, cozinheiros, prisioneiros e criados dos oficiais prontos para a marcha, outra mensagem anulou a primeira. As mulas foram descarregadas e avisos urgentes foram enviados para revogar as ordens de marcha que há pouco tinham sido mandadas aos batalhões. Outro assessor foi mandado para dizer a Nairn que podia continuar matando patos.

Depois, três policiais militares levaram ao quartel general um homem dos Highlanders. Ele fora pego roubando um ganso de um aldeão francês e, ainda que não houvesse dúvida de que o escocês era culpado e o ganso estava morto, Sharpe sabia que Nairn encontraria algum motivo para poupar a vida de um compatriota escocês. Chegaram dois oficiais espanhóis pedindo instruções para a divisão do general Morillo e, como não tinham pressa e Wellington insistira que era fundamental tratar bem os aliados espanhóis, Sharpe insistiu em que ficassem para o almoço que prometia ser feito às pressas com ganso roubado e pão duro. Mais tarde chegou o padre de um povoado para se certificar que as mulheres de sua paróquia não seriam molestadas pelos britânicos e depois mencionou que vira alguns membros da cavalaria do marechal Soult a noroeste de sua aldeia. Sharpe não acreditou nessa informação, que teria implicado que os franceses estavam tentando uma marcha pelos flancos; mas teve que informar isso à divisão, que não fez nada a respeito.

Pela tarde houve uma dúzia de normas novas que os funcionários copiaram e mandaram para os três batalhões de Nairn. Sharpe se perguntou se teria tempo então para se unir aos espanhóis, que haviam alongado a sobremesa, mas lhe chegou o problema do gado da brigada.

— Não estão nada bem, senhor. — O chefe dos tropeiros, um homem de Yorkshire, olhou com pessimismo para os animais que tinham sido conduzidos até um pasto atrás do quartel general. Os animais tinham vindo como despensa andante da brigada e se supunha que o homem de Yorkshire conduzia a manada à medida que a brigada avançava.

— Foi a umidade, senhor.

— Parecem gordas — observou Sharpe com a esperança de que o otimismo afastasse o problema.

— Estão roliças, tem razão — reconheceu o homem de Yorkshire —; mas deveria ver seus cascos, senhor. É muito cruel fazer isso a um animal.

Sharpe se agachou junto à vaca que estava mais perto e viu que seu casco havia se separado da pele. E o espaço formado estava cheio de uma secreção leitosa e espumosa.

— Quando começam a supurar desse modo — disse o tropeiro em tom grave —, já não há nada o que fazer. Caminharam seu último quilômetro, senhor, e não posso compreender a natureza de um homem que faça isto a uma criatura. As reses não podem caminhar como os soldados, senhor; têm que descansar. — O homem de Yorkshire estava amargurado e ressentido.

Duzentas cabeças de gado cravaram seus olhares cheios de censura em Sharpe quando se ergueu.

— Estão todas assim?

— Todas menos umas poucas, senhor, e isso significa que terá que matá-las. Não há outra solução.

Portanto teve que ir atrás dos açougueiros, conseguir a autorização para a munição e encontrar barris e sal para conservar a carne. Durante toda a tarde, o som dos bramidos e dos disparos de mosquete mesclado com o fedor do sangue e da fumaça da pólvora inundou o quartel general. Pelo menos, os sons e os odores serviram para espantar os dois espanhóis, que pareciam resolvidos a esgotar eles sozinhos o apreciado tesouro de conhaque confiscado de Nairn. Chegou um ajudante de campo da Divisão para pedir explicações sobre os disparos e Sharpe mandou o soldado de volta com uma queixa cortante sobre a qualidade do gado. A queixa, sabia, seria ignorada.

No fim do dia, apesar da atividade incessante, Sharpe tinha a sensação de que a maior parte de seu trabalho ainda estava inacabado. Disse isso a Nairn quando se encontraram antes da janta no salão da fazenda. O escocês, como sempre, estava entusiasmado.

— Quatro pares de patos! Quase tão satisfatório como uma boa batalha.

— Já tenho suficiente trabalho sem combater — resmungou Sharpe.

— Falou o verdadeiro oficial do estado maior. — Nairn estirou as pernas para que seu criado pudesse tirar-lhe as botas cheias de barro. — Alguma novidade importante? — perguntou.

Sharpe decidiu não preocupar Nairn com o assunto do gado.

— A única coisa notável do dia de hoje, senhor, é que o coronel Taplow não causou problemas.

O tenente coronel Taplow comandava um dos dois batalhões ingleses de Nairn. Era um homem baixinho e colérico com modos assombrosamente descorteses e que em cada ordem percebia um desprezo à sua dignidade. Nairn gostava desse asqueroso.

— Não é nada difícil de entender Taplow. Pense nele como o típico inglês: teimoso, tonto e sério. Como um pedaço de carne de porco mal cozida.

— Ou de boi salgada. — Sharpe não iria cair na armadilha do escocês. — Espero que goste de carne de boi salgada, senhor, porque vai acabar farto dela.

No dia seguinte continuou o avanço. Todas as aldeias recebiam os britânicos com uma tosca curiosidade que depois se convertia em assombrada aprovação quando os moradores descobriam que, ao contrário de seus próprios exércitos, este pagava pela comida que levava dos celeiros e dos armazéns. Os soldados encontraram garotas francesas, que se uniram às esposas espanholas ou portuguesas que seguiam retardatárias o avanço dos batalhões. As mulheres causavam mais problemas que os soldados, já que muitas das esposas espanholas tinham um ódio pelas francesas impossível de erradicar e que podia conduzir rapidamente a

selvagens brigas com facas. Em uma ocasião Sharpe teve que separar duas mulheres aos golpes e então, quando a garota espanhola largou a sua inimiga francesa e tentou apunhalar Sharpe, ele a deixou sem sentido com a coronha de seu fuzil antes de esporear seu cavalo para seguir adiante.

O sargento Harper, antes de partir para São João da Luz, havia mandado sua esposa espanhola para casa. Ela e o bebê foram para Passagens, justo do outro lado da fronteira com a França, com ordens de esperá-lo ali.

— Ficar bem, senhor — Harper dissera a Sharpe. — Ela é mais feliz com sua própria gente.

— Não fica preocupado com ela?

A pergunta assombrou Harper.

— Por que deveria ficar? Eu lhe dei dinheiro, e sabe que irei buscá-los quando for o momento.

Talvez Harper não se preocupasse com sua Isabel, mas Sharpe achava difícil suportar a ausência de Jane. Convenceu a si mesmo de que era pouco razoável esperar que alguma carta já lhe tivesse chegado da Grã-Bretanha, mas seguia buscando ansioso em cada nova saca de correio que chegava à brigada. Outras vezes tratava de imaginar onde estava Jane e o que fazia. Imaginou a casa que ela compraria: uma elegante casa de pedra situada em uma campina tranquila e plana. Teria um lugar na casa onde poderia pendurar sua feia e pesada espada e outro para seu maltratado fuzil. Imaginava as visitas dos amigos e longas reuniões à luz de velas nas quais recordariam esses dias de primavera cada vez mais compridos em que perseguiam a um exército em sua própria pátria. Pensava em um quarto para as crianças, onde seus filhos cresceriam longe do fedor da fumaça de pólvora.

Eram os sonhos de paz de um soldado, e a paz se respirava no ambiente assim como o aroma da flor da amendoeira. Cada dia chegavam novos rumores sobre o final da guerra; chegaram a dizer com toda segurança que Napoleão havia se envenenado; depois, um rumor contraditório afirmou que o Imperador havia abatido um exército russo ao norte de Paris, mas no dia seguinte um coronel espanhol jurou pelas chagas de Jesus Cristo que os prussianos derrotaram Bonaparte de forma esmagadora e haviam jogado seu corpo para os cachorros de caça comerem. Um desertor italiano do Exército do marechal Soult informou de que o Imperador havia fugido para os Estados Unidos, enquanto que o capelão dos soldados do coronel Taplow estava completamente seguro de que Napoleão negociava uma paz pessoal com o príncipe regente da Grã-Bretanha; o capelão ouvira de mulher, cujo irmão era o mestre de dança de uma ex-amante do príncipe.

Despertadas por tais rumores, os falatórios no exército cada vez giravam mais em torno da misteriosa condição do período de paz. A maioria dos homens nunca conhecera uma época de paz entre a França e a Grã-Bretanha exceto durante uns poucos meses em 1803. Esses homens eram soldados, se dedicavam a matar os franceses, e para eles a paz era mais uma ameaça que uma promessa. As ameaças de paz eram muito reais: desemprego e pobreza, enquanto que as promessas de paz eram mais infundadas e, para a maioria dos homens do Exército,

inexistentes. Um oficial podia renunciar ao seu posto, pegar seu meio soldo e tentara sorte na vida civil, mas a maior parte dos soldados se alistara por todo a vida, e para eles a paz significaria simplesmente sua dispersão por diferentes praças ao redor do mundo. Alguns poucos seriam dispensados, mas sem pensão e com um futuro sombrio em um mundo onde outros homens haviam aprendido ofícios úteis.

— Conseguirá papéis para mim? — Harper, de toda forma, perguntou uma noite a Sharpe.

— Conseguirei, Patrick, prometo. — Os “papéis” eram o certificado de baixa que garantiria que o sargento Patrick fora dispensado pelas feridas recebidas. — O que fará então? — inquiriu Sharpe.

Harper não tinha nenhuma dúvida.

— Buscarei minha esposa, senhor, e irei com ela para casa.

— Para Donegal?

— Para onde mais seria?

Sharpe pensou que Donegal ficava bastante longe de Dorset.

— Vamos sentir saudade de nossos amigos — disse então.

— Essa é a verdade, senhor.

Sharpe havia feito uma visita à companhia do capitão William Frederickson, que tomara um moinho de vento situado em uma baixa colina sobre um largo riacho flanqueado de árvores. A janta dos fuzileiros consistiu em porco assado, um prato pelo qual o capitão Frederickson tinha fraqueza, o que significava que não havia porca nem leitão que estivesse a salvo perto de sua linha de marcha. Ofereceram para Sharpe uma generosa ração da carne roubada, depois do que Frederickson o conduziu pela vertiginosa armação de degraus que subiam até a parte mais alta do moinho. Ali Frederickson abriu uma portinha e os dois oficiais avançaram de quatro para sair em uma diminuta plataforma que permitia o acesso ao enorme eixo do moinho. O ar do leste aventava o chuvisco.

— Lá — Frederickson apontou para o leste.

Do outro lado do riacho, depois de um escuro bosque que havia mais além, avistava-se um fraco ponto de luz no céu noturno. Só havia uma coisa que pudesse desprender uma luz como aquela: as chamas dos fogaréus do acampamento de um exército que se refletiam nas nuvens baixas. Os dois oficiais estavam olhando para os franceses.

— Estão acampados em torno de Toulouse — disse Frederickson.

— Toulouse? — repetiu Sharpe com ar distraído.

— É uma cidade francesa, ainda que não se espere que alguém tão elevado como um oficial do estado maior o saiba. Também é o lugar onde o marechal Soult espera nos deter, a menos que a guerra termine antes.

— Talvez estejamos nos iludindo. — Sharpe pegou a garrafa de vinho que Frederickson lhe oferecia. — Boney já se salvou outras vezes do desastre.

— Haverá paz — Frederickson disse com firmeza: — todo mundo está farto de lutar. — Fez uma pausa. — Pergunto-me o que diabos todos nós faremos durante a época de paz.

— Descansar — disse Sharpe.

— Em sua casa de Dorset? — Frederickson, que sabia que Jane havia regressado para adquirir uma propriedade no campo, achava graça. — E após um mês desejará loucamente estar aqui debaixo da chuva, perguntando-se o que aqueles sacanas estarão planejando e se terá suficiente munição para passar a manhã.

— E você tem? — perguntou Sharpe com inquietação profissional.

— Roubei quatro caixas de cartuchos do intendente de Taplow. — O Doce William ficou calado ao mesmo tempo em que uma rajada de vento agitava as pás do moinho, dobradas e amarradas.

Sharpe dirigiu o olhar para o acampamento francês.

— É uma cidade grande?

— Bastante.

— Fortificada?

— Suponho que sim. — Frederickson voltou a pegar a garrafa de vinho e a levou à boca. — E imagino que será uma cidade muito fodida de tomar.

— Todas o são — replicou Sharpe com secura. — Lembra-se de Badajoz?

— Duvido que a esqueça algum dia — respondeu Frederickson, ainda que nenhum soldado que tivesse lutado naquela acéquia de sangue pudesse fazê-lo.

— Foi na Páscoa que a tomamos — disse Sharpe —, e na semana que vem é Páscoa.

— Meu Deus! Já é Páscoa? — perguntou Frederickson. — Deus, é mesmo.

Ficaram em silêncio, perguntando-se se essa seria sua última Páscoa. Se a paz era uma promessa, via-se sem dúvida obstada por aquela enorme mancha de luz vermelha, então, a menos que os franceses se rendam nos próximos dias, teremos que travar mais uma batalha. A última.

— E você o que fará, William? — Sharpe pegou a garrafa e bebeu.

Frederickson não precisou que lhe explicasse a pergunta.

— Ficarei no exército. Não conheço outra forma de vida e não acredito que seria um bom comerciante. — Manipulou a pederneira e o riscador, acendeu um fogo na caixa de isca e acendeu um charuto. — Acho que tenho talento para a violência — disse em tom divertido.

— Isso é bom? — perguntou Sharpe.

Frederickson rolou de rir ante essa pergunta.

— A violência solucionou seu problema com o maldito Bampfylde! Se não tivesse duelado com esse sacana pode estar certo de que mesmo agora lhe estaria dando dores de cabeça em Londres. Talvez a violência não seja boa, meu amigo, mas tem certa eficiência na

hora de resolver alguns problemas que de outra forma não teriam solução. — Frederickson pegou a garrafa. — Não posso dizer que o exército me entusiasme em tempos de paz, mas provavelmente haverá outra guerra logo.

— Deveria se casar — disse Sharpe tranquilamente. Frederickson adotou uma atitude depreciativa ante a ideia.

— Por que os homens condenados animam os demais para que se unam a eles na forca?

— Isso não é verdade.

— O matrimônio é um apetite — disse ferozmente Frederickson —, e quando se desfrutou da carne só o que resta é uma carcaça de ossos secos.

— Não — protestou Sharpe.

— Espero que não seja verdade — Frederickson brindou por Sharpe com a garrafa de vinho meio vazia —, e acima de tudo espero que não seja verdade por todos meus queridos amigos que depositaram suas esperanças de felicidade em tempos de paz em algo tão deliberadamente frágil como uma esposa.

— Não é verdade — insistiu Sharpe, e alimentou a esperança de encontrar uma carta de Jane quando voltasse ao quartel general.

Mas não havia nenhuma. Recordou-se das discussões que tiveram antes do duelo e se perguntou se pusera a perder sua própria felicidade em tempos de paz por culpa de sua teimosia.

E pela manhã a brigada foi ordenada a avançar para o leste. Para Toulouse.

Ao encontrar o sargento Challon, o major Pierre Ducos, inconscientemente, havia dado com seu instrumento perfeito. Challon gostava de ter uma mulher em sua cama, comida em sua mesa e vinho em sua barriga, mas o que mais gostava era que alguém tomasse as decisões por ele, e estava disposto a recompensar àquele que quisesse fazê-lo com uma lealdade obstinada.

Não é que Challon fosse bobo, muito pelo contrário, mas o sargento dos dragões pensava que havia outros homens mais inteligentes que ele e imediatamente descobriu que Pierre Ducos se encontrava entre os homens mais astutos que jamais conhecera. Isso o reconfortava, pois sobreviveria a sua traição, pois o Imperador necessitaria de inteligência.

Os nove cavaleiros tinham se deslocado para leste de Bordéus. Sua rota os levou mais ao norte de onde o marechal Soult se retirava do exército britânico e mais ao sul de onde o Imperador protegia Paris com um deslumbrante desdobrar de manobras defensivas. Ducos e seus homens penetraram nas desertas terras altas da França central. Viveram bem durante a viagem: havia dinheiro para um quarto em uma pousada todas as noites, dinheiro para os soldados que quisessem prostitutas, dinheiro para comida, dinheiro para cavalos de reposição e dinheiro para substituir os uniformes dos dragões por boa roupa civil, ainda que Ducos notou que todos os soldados se ficaram com a casaca verde do uniforme. Isso era orgulho, o mesmo orgulho que fazia com que os dragões usassem o cabelo tão comprido que, um dia,

talvez tivessem que voltar a trançá-lo com as características *cadettes*. O fato de ter esse dinheiro em seu poder também fez que os nove soldados cavalgassem com cautela, já que os bosques estavam cheios de perigos, ainda que evitassem os caminhos principais e viajassem sem nenhum percalço rodeando os lugares onde os foragidos famintos estendiam emboscadas desesperadas.

Ducos, o sargento Challon e três dos soldados de cavalaria eram franceses. Um dos outros dragões era alemão, um saxão descomunal com olhos da cor de um céu invernal e mãos que, apesar da perda de dois dedos na direita, ainda eram capazes de romper o pescoço de um homem com facilidade. Havia um polaco de aspecto sombrio e calmo, ainda que parecesse ansioso em satisfazer a Ducos. Os outros dois dragões eram italianos recrutados nos primeiros momentos emocionantes da trajetória de Napoleão. Todos falavam francês, todos confiavam em Challon e, como este confiava em Ducos, estavam encantados de oferecer lealdade ao pequeno major das óculos.

Depois de uma semana viajando para o leste, Ducos encontrou uma fazenda abandonada nas terras altas onde os nove homens se enclausuram durante uns poucos dias. Não estavam se ocultando, já que Ducos não tinha nenhum problema em deixar seus dragões irem a cavalo até a cidade mais próxima desde que lhe trouxessem de volta qualquer jornal velho que estivesse disponível.

— Se não nos escondemos — queixou-se um dos italianos a Challon —, então o que estamos fazendo? — Os italianos não gostavam de ficar imobilizados com as primitivas comodidades de uma fazenda com o telhado de grama, mas Challon lhes disse para terem paciência.

— O major está farejando o vento que sopra — dizia Challon e, de fato, Ducos farejava os estranhos ventos que sopravam pela França e começava a detectar perigo neles. Depois de duas semanas na fazenda, contou seus temores a Challon. Os dois homens desceram a pé para o vale, cruzaram um pasto sem cortar e passearam ao longo de um rápido riacho.

— Percebe — disse Ducos — que o Imperador nunca nos perdoará?

— Isso tem alguma importância, senhor? — Challon, o perpétuo soldado, segurava uma carabina com sua mão direita enquanto seus olhos observavam o extremo do bosque do outro lado do riacho. — Que Deus abençoe o Imperador, senhor, mas ele não pode durar para sempre. Esses sacanas o pegarão mais cedo ou mais tarde.

— Você conheceu o Imperador? — perguntou Ducos.

— Nunca tive essa honra, senhor. Eu o via com bastante frequência, certamente, mas nunca cheguei a conhecê-lo, senhor.

— Tem um senso de honra corso. Se alguém fizer mal a sua família, sargento, Napoleão nunca o perdoará. Enquanto lhe reste fôlego no corpo perseguirá a vingança.

Essas palavras sombrias deixaram Challon nervoso. As quatro embalagens que havia escoltado até Bordéus continham objetos que pertenciam ao Imperador e a sua família, e ele logo teria todo o tempo do mundo para se perguntar o que havia ocorrido a essa valiosíssima

carga.

— Mesmo assim, senhor, se for preso, o que pode fazer?

— O Imperador da França — disse Ducos com pedantismo — é o chefe do Estado francês. Se for derrotado, Challon, haverá outro chefe de Estado. Esse homem, imagino que o rei, se considerará o legítimo herdeiro de Napoleão. Suponho que você gostaria de morrer de uma velhice tranquila na França; estou enganado?

— Não, senhor.

— Eu também. — Ducos olhava fixamente por cima da corrente e das escuras árvores para um alto penhasco de rocha pálida que duas águias sobrevoavam em círculo em meio do frio vento; mas não via a rocha, nem mesmo os bonitos pássaros, só se recordava do forte *Teste de Buch* onde, mais uma vez, um fuzileiro o havia humilhado. Sharpe. Era curiosa, pensou Ducos, a frequência com que Sharpe havia cruzado seu caminho, e ainda mais curioso o número de vezes que esse soldado comum havia conseguido frustrar seus planos mais meticulosos. Havia ocorrido de novo naquele forte afundado na ignorância da costa francesa, e Ducos, que procurava um golpe inteligente que proporcionasse a liberdade tanto para ele como para Challon, percebera que pensava cada vez mais no major Richard Sharpe.

A princípio Ducos se incomodou com essa intrusão de Sharpe em seus pensamentos, mas nesses dois últimos dias havia começado a compreender que existia um possível propósito nessa intromissão. Talvez Ducos tivesse a possibilidade de se vingar de seu antigo inimigo e ao mesmo tempo ocultar o roubo. Era um plano complicado, mas quanto mais Ducos o analisava, mais lhe agradava. O que necessitava agora era do apoio de Challon, pois sem a coragem física do sargento e sem a lealdade que os outros dragões sentiam por ele, a intriga estava condenada ao fracasso. Portanto, enquanto passeavam junto ao riacho, Ducos falou ao sargento em voz baixa e tom urgente, e o que disse serviu para estender uma ponte dourada para um maravilhoso futuro para o sargento Challon.

— Exigirá uma visita a Paris — observou Ducos — e depois um assassinato em algum lugar da França.

Challon deu de ombros.

— Não parece muito perigoso, senhor.

— Depois do que abandonaremos a França, sargento, até que as coisas se acalmem.

— Muito bom, senhor. — Challon se contentava por suas obrigações ficarem claras. Ducos podia planejar tudo e Challon sem dúvida se encarregaria do assassinato. Seu mundo sempre consistira nisso: conformava-se em deixar que os oficiais ideassem os planos de campanha; ele cortaria e despedaçaria com o aço para fazer que esses planos saíssem bem.

Na engenhosa mente de Ducos as ideias se amontoavam para frente e para trás, intuindo os perigos que implicavam seus pensamentos e tratando de se adiantar a esses riscos.

— Algum de seus homens sabe escrever?

— Herman é o único, senhor. É um pilantra astuto para um saxão.

— Necessito escrever um informe oficial, mas não de meu punho e letra. — Ducos franziu o cenho de repente. — Como ele pode escrever? Não tem dois dedos.

— Eu não disse que escrevia de forma legível, senhor — disse Challon com reprovação —, mas recebeu cartas.

— Não importa — pois Ducos viu que a ilegível caligrafia do saxão podia ser inclusive uma vantagem. E se deu conta de que esse era o selo indicativo de um bom plano, quando inclusive suas aparentes debilidades se convertiam em verdadeiras vantagens.

Portanto naquela noite, à luz pestanejante das velas, os nove homens fizeram um pacto solene. Tratava-se de um trato entre ladrões pelo qual se comprometiam a seguir o cuidadoso plano de Ducos e, para promover esse plano, o saxão escreveu laboriosamente um extenso documento ditado por ele. Depois, enquanto os dragões dormiam, Ducos escreveu seu próprio relatório completo que pretendia explicar o que havia ocorrido com a bagagem perdida do Imperador. Depois, no dia seguinte pela manhã, com os alforjes e as bolsas de suas montarias ainda repletos, os nove soldados se dirigiram a cavalo para o norte. Enfrentariam umas poucas semanas de risco, uns poucos meses nos quais deveriam ficar ocultos e, finalmente, o triunfo.

## Capítulo 2

Durante os dias seguintes, pareceu que Wellington oferecia uma oportunidade para a paz, pois interrompeu seu avanço direto para Toulouse e, em sua lugar, ordenou ao Exército realizar uma série de confusas manobras que não fariam mais que atrasar qualquer enfrentamento com as forças do marechal Soult. Se as manobras eram pensadas para oferecer aos franceses uma oportunidade para se retirar, estes não a aproveitaram, limitaram-se a esperar em Toulouse enquanto as forças dos britânicos, espanhóis e portugueses realizavam seu lento e pesado avanço. Em uma noite, a brigada de Nairn marchou sob um aguaceiro para o lugar onde os engenheiros estavam instalando uma ponte flutuante para cruzar um largo rio. Sharpe sabia que esse não era o Garona porque assim constava em suas ordens, mas não tinha nem ideia de qual era a parte da França pela qual passava. Tampouco importou muito, pois a noite se converteu em um fracasso quando os engenheiros perceberam que sua ponte era muito curta. Os soldados de Nairn dormiram à beira da estrada enquanto os engenheiros amaldiçoavam e lidavam com as toscas embarcações de lata que deveriam ter suportado a via de madeira. Por fim, a travessia foi abandonada.

Três dias depois instalaram com êxito uma ponte em outro lugar do rio, que as tropas empregaram para cruzar; contudo, a ponte parecia conduzir apenas a um lamaçal onde a artilharia afundava até os eixos. Na Espanha não se teria cometido um erro assim, porque lá sempre havia serviçais guias locais ansiosos para guiar o Exército britânico para os odiados franceses; mas na própria terra do Imperador não havia uma ajuda como aquela. Tampouco havia nenhuma tipo de oposição por parte da população local, que simplesmente parecia ter-se tornado insensível pelos anos de guerra.

As tropas que avançavam a duras penas nos pântanos foram chamados de volta e sua ponte foi desmontada. Não houve nenhuma intromissão por parte do exército do marechal Soult, que se achava entrincheirado nos arredores da cidade. Um desertor alemão informou da disposição do inimigo e disse também que o Imperador Napoleão tinha se suicidado.

— Um soldado alemão dirá qualquer coisa desde que consiga uma comida decente — resmungou Nairn —, e um inglês faria o mesmo por uma garrafa de rum.

Não chegou confirmação alguma sobre a morte do Imperador. Parecia que Napoleão ainda estava vivo, Paris não havia sido tomada e, portanto, a guerra continuava. Wellington ordenou que uma nova ponte fosse fabricada e nessa ocasião quase todo o exército a cruzou e se viu ao norte de Toulouse e entre dois rios. Marcharam para o sul e na Sexta-feira Santa já tinham se aproximado o bastante para cheirar a fumaça dos fogões da cidade. No dia seguinte o exército se aproximou ainda mais, e Sharpe, que cavalgava na frente com Nairn, viu que tipo de obstáculos protegia a cidade. Entre os britânicos e Toulouse se estendia uma comprida cadeia de colinas elevadas. Depois das colinas havia um canal, mas a cadeia de montanhas era o que proporcionava verdadeira proteção para a cidade, porque era um terreno alto e quem se apoderasse dele podia verter uma assassina chuva de disparos sobre seus inimigos. Sharpe

abriu a luneta e observou o cume da crista, onde viu marcas frescas de terra recém cavada, o que revelava que os franceses, longe de estarem dispostos a se render, ainda estavam fortificando o cume da colina.

— Odeio essas malditas trincheiras — disse a Nairn.

— Já as enfrentou antes?

— Nos Pirineus. Não foi agradável.

Começou a chover quando os dois homens regressavam a cavalo para onde estavam as linhas britânicas.

— Amanhã é Domingo de Páscoa — disse Nairn com mau humor.

— É.

Nairn tomou um longo gole de rum de seu cantil de bolso e depois ofereceu a Sharpe.

— Mesmo para um incrédulo como eu, é um dia chatamente inapropriado para um combate, não acha?

Sharpe foi impedido responder por um canhão que rugiu atrás dele. Virou-se sobre sua sela e viu a suja baforada de fumaça na crista da colina e, ao cabo de apenas um segundo, viu que um jorro de água salpicava e morria nos pântanos do oeste. Os franceses estavam ajustando a mira de seus doze libras, armas mortíferas com canos de mais de dois metros.

Ao pensar nessas armas utilizadas de maneira eficiente, Sharpe sentiu uma repentina pontada no estômago. De alguma forma se convencera de que não haveria luta, de que os franceses se dariam conta do impossível de sua causa; contudo, mesmo nesse momento os artilheiros inimigos alinhavam suas baterias e Sharpe podia ouvir o chiado do aço das espadas sendo afiadas contra a pedra nas linhas da Cavalaria britânica. Na hora do almoço, quando a família militar de Nairn comia dentro de uma enorme tenda, Sharpe se viu desejando o anúncio da paz nessa mesma tarde, porém, quando chegou uma mensagem, era ordens para a brigada se preparar para a batalha do dia seguinte.

Nairn brindou solenemente por seus ajudantes de campo.

— Pela morte dos franceses na Páscoa, cavalheiros.

— Morte aos franceses — os assessores repetiram o antigo brinde e depois se levantaram para beber à saúde do rei.

Sharpe dormiu mal. Não foi o trabalho que o manteve acordado; as últimas ordens sobre o avanço já haviam sido copiadas e enviados muito antes do cair da noite. Tampouco fora o jantar de carne de boi salgada e vinho azedo o que o impedia de descansar: era o temor de um soldado antes da batalha, o mesmo temor que não o deixara dormir na noite anterior ao duelo com Bampfylde. A apreensão era medo, puro medo, e Sharpe sabia que, batalha após batalha, o medo que sentia era cada vez pior. Quando se uniu ao Exército como soldado raso era jovem e vaidoso; sentia-se inclusive cheio de euforia antes de um combate. Naquela época achava-se imortal, e isso lhe dava a segurança de que podia atacar, destroçar e matar qualquer soldado que o enfrentasse. Nesse momento, como oficial (além de casado) sabia de mais coisas, e,

portanto, tinha mais medo. Podia morrer no dia seguinte.

Usou os velhos truques para obter uma certeza, buscando algum augúrio de vida ou morte das coisas comuns e normais. Se um pardal pousasse em certo lado do charco, viveria. Desprezava essas obsessões supersticiosas e, contudo, não podia evitá-las, ainda que muito amiúde no passado houvesse usado algum desses triviais presságios. Na realidade, Sharpe sabia que cada um dos soldados dos dois exércitos tentava com essas profecias eliminar seus medos, mas eram poucos os que se permitiam ver a morte escrita nos astros, ainda que muitos deles morreriam. A véspera da batalha era momento de talismãs, amuletos, fetiches e orações, mas o amanhecer traria consigo os golpes de coronha dos mosquetes, o assobio dos sabres e o som dos disparos de artilharia que destroçava o cérebro. Portanto, Sharpe se estremeceu na noite e esperou que sua morte fosse rápida e que não tivesse que gritar sob o bisturi do cirurgião.

Ao amanhecer a chuva havia cessado e pela campina soprava um vento que secava tudo. Algumas nuvens altas fugiam rápidas da saída do sol, ao mesmo tempo em que Sharpe caminhava entre os fumegantes fogaréus do acampamento em busca de um armeiro da cavalaria que pudesse afiar sua espada. Era a espada de um soldado da Cavalaria Pesada, uma arma de comprido fio, gravosa e desequilibrada. Era muito pesada e difícil de manejar para a maioria, inclusive para os soldados robustos que montavam cavalos grandes e que treinavam com pesos para fortalecer os braços com os quais brandiam seus aços. Sharpe gostava dessa espada, e era bastante forte para fazer dela uma arma manejável e mortífera.

Encontrou um armeiro que passou o fio por sua roda de pedal e depois a suavizou em seu avental de couro. Sharpe deu uma moeda e compartilhou com ele um copo de lata cheio de chá.

Depois, com o lubrificado fio da espada seguro em sua bainha, regressou para a tenda de Nairn e em seu exterior encontrou o velho escocês desjejuando pão, carne fria de boi salgada e chá forte. Nairn observou com ar divertido como Sharpe desenrolava a velha e surrada casaca de sua mochila.

— Enquanto você estava ausente — disse Nairn — tive a oportunidade de voltar a ver o nosso nobre coronel Taplow.

Sharpe agradeceu que o distraíssem de seus medos.

— Conte-me, por favor.

— Vai realizar uma cerimônia da Sagrada Comunhão somente para oficiais, veja bem, atrás das latrinas dentro de dez minutos. Você foi convidado, mas tomei a liberdade de recusar em seu nome. E no meu também.

Sharpe soltou uma gargalhada. Estava sentado na frente de Nairn e se perguntou se sua mão direita tremia ou não quando a estendeu para pegar uma fatia de pão assado duas vezes. A manteiga estava rançosa, mas o sal do boi suavizava o sabor azedo. Nairn tirou um pedaço de carne salgada dos dentes.

— Imaginar Taplow em seus ofícios sagrados é bastante repugnante. Você acredita que

Deus escuta um homem assim? — Nairn pôs rum em seu chá.

— Não sei, senhor.

— Você não é crente, Sharpe?

— Não, senhor.

— Nem eu tampouco, certamente, mas ainda assim estive meio tentado a ouvir os salmos mágicos de Taplow. Só para o caso de servirem para algo. Estou endiabradamente nervoso Sharpe.

Sharpe sentiu um repentino e forte aumento de seu afeto por Nairn.

— Eu também, senhor.

— Você? De verdade?

Sharpe consentiu com um movimento da cabeça.

— De verdade. Isto não é algo a que alguém se acostuma com a passagem do tempo.

— De quantas batalhas já participou?

Sharpe molhava um pedaço de pão duro em seu chá. Largou-o ali enquanto pensava e depois deu de ombros.

— Deus sabe, senhor! Em dezenas dessas malditas coisas. Muitas.

— Suficientes para ter direito a ser cauteloso, Richard. Hoje não tem que se comportar de maneira heróica. Deixe isso para algum tenente sem experiência que tenha a necessidade urgente de fazer um nome.

Sharpe lhe agradeceu com um sorriso.

— Tentarei, senhor.

— E se hoje eu fizer algo estúpido, você me dirá?

Sharpe levantou a vista para o escocês, surpreendido com essa confissão de incerteza.

— Não vai precisar que o faça, senhor.

— Mas se precisar, você me dirá? — insistiu Nairn.

— Sim, senhor.

— Não é que vá compartilhar a glória com você, Sharpe, não pense nisso, ainda que talvez eu diga depois que “me foi moderadamente útil. — Nairn riu e depois cumprimentou com a mão dois de seus outros ajudantes que se aproximavam da mesa do café da manhã. — Bom dia, senhores! Ontem à noite pensei que talvez Paris não conte.

— Paris? — perguntou um dos desconcertados ajudantes de campo.

Era evidente que Nairn estava pensando no final da guerra.

— Talvez os aliados do norte tomem Paris, mas pode ser que Napoleão não faça mais que recuar uma e outra vez; nós seguiremos avançando e algum dia do próximo verão estaremos

todos justo no meio da França. No centro estará Boney em pessoa e com ele todos os soldados franceses que restarem com vida e o restante da Europa o cercando, e então teremos uma batalha como Deus manda. Uma última e verdadeira porcaria de matança. Não parece justo ter chegado tão longe e não lutar diretamente contra Napoleão em pessoa. — Nairn olhou com saudade por cima do acampamento, onde a fumaça das fogueiras da comida se combinava em meadas como a neblina de novembro. — Reservarei os soldados do regimento dos Highlanders, Sharpe. Desse modo ninguém poderá me acusar favoritismo.

Era um mundo estranho, pensou Sharpe, aquele no qual deixar um batalhão afastado da linha de combate se interpretava como um insulto.

— Sim, senhor.

— Suponho que não tem sentido dar ordens diretas ao capitão Frederickson.

— Não se quer que essas ordens sejam cumpridas, senhor. Mas ele sabe o que tem que fazer, e seus homens agradecerão uma visita sua.

— Claro, claro. — Nairn acrescentou mais rum a seu chá e franziu o cenho. — Os fuzileiros de Frederickson são os únicos soldados desta brigada que comem como é devido. Nunca comem carne salgada! Por que nunca os pegamos saqueando?

— Porque são fuzileiros, senhor. São muito astutos.

Nairn sorriu.

— Pelo menos não haverá mais boi salgado quando ganharmos esta batalha: teremos rações francesas.

Chegaram os outros ajudantes com os rostos reluzentes pelas navalhas de barbear. Sharpe ainda não se barbeara e de repente teve a irracional convicção de que sobreviveria a esse dia se não se barbeasse; depois outro impulso igualmente forte lhe disse que só viveria se o fizesse, e notou em sua barriga o espasmo, como um réptil, ocasionado pelo medo. Dirigiu o olhar para a larguíssima colina que, assim como os acampamentos britânicos, era coroada por uma mutável capa de fumaça. Esta era espessa o bastante para sugerir a grande quantidade de soldados franceses que estariam defendendo o terreno alto nesse dia. Sharpe pensou em Jane e de repente ansiou a casa de Dorset com sua promessa implícita de um quarto para as crianças. Estava a ponto de perguntar se havia chegado algum correio quando uma luz brilhou no cume da colina e Sharpe soube que era o sol que se refletia em uma luneta enquanto um oficial inimigo observava as linhas britânicas. O medo se agitou dentro dele. Sentiu a tentação de beber um pouco do rum de Nairn, mas se conteve.

A espera ia roendo o temor. As primeiras brigadas espanholas, portuguesas e britânicas marcharam muito antes do amanhecer, dispersando suas compridas filas desde o acampamento com um movimento lentamente macabro; mas a brigada de Nairn seria uma das últimas a abandonar as linhas. Só podiam esperar, com certeza fingida, enquanto iam transcorrendo os minutos. Nairn revisou seus batalhões e lançou bruscos incentivos aos soldados. Alguns dos do corpo de Highlanders entoavam salmos, mas suas melodias eram tão parecidas a um canto fúnebre que Sharpe se afastou para não ouvi-los. Havia decidido que sua sobrevivência estava

em não se barbear.

Passou outra meia hora antes que chegassem ordens da divisão e finalmente Nairn pôde mandar seus soldados avançarem. O batalhão de Taplow se posicionou na frente e os Highlanders marcharam na retaguarda. A brigada seguiu os outros batalhões, que já se dirigiam para as ladeiras do sul da cadeia de colinas. Sharpe, montado em sua égua *Sycorax*, viu as divisões espanholas que esperavam no extremo norte da montanha. Nesse dia aqueles espanhóis tinham o lugar de honra, porque seriam eles que realizariam o ataque principal para a coluna vertebral das colinas. Havia solicitado que lhes concedesse essa honra. Enquanto eles atacassem, os britânicos e portugueses, ao comando do marechal Beresford, assaltariam o extremo sul das montanhas para romper as defesas francesas. Havia outros esquadrões britânicos rodeando a cidade com a intenção de efetuar ameaças de ataque para que o marechal Soult não concentrasse seu exército nas colinas.

Os franceses, a salvo nas colinas, viam tudo o que Wellington planejava. Nesse dia não haveria nenhum truque, nenhum jogo de mãos para cegar o inimigo e enganá-lo. Daria trabalho, muito trabalho, para baionetas, balas e para a infantaria.

A marcha para o sul não era fácil, pois o terreno era macio. A brigada de Nairn, entre as últimas da comprida coluna de Beresford, encontrou as pegadas reviradas em um lamaçal. A princípio seu único problema era o barro que colava, mas à medida que seu percurso se torcia e se aproximava mais das colinas, a brigada se pôs a tiro dos artilheiros franceses. Nairn ordenou seus soldados que se dirigissem para o oeste de onde estavam as pegadas através dos campos pantanosos, mas ainda assim as descargas alcançaram as colunas de seu batalhão. A artilharia britânica tentou reagir, mas estava disparando colina acima contra baterias inimigas bem entrincheiradas atrás de fortes barreiras.

— Fechar filas, escória! — berrou o tenente coronel Taplow para sua companhia da frente depois de que uma bala de canhão ter atravessado uma fileira de soldados, o que deixou três deles ensanguentados e tremendo sobre o solo encharcado. — Deixem-nos aí! — gritou para dois soldados que se agachavam para ajudar as vítimas. — Deixem-nos ou farei que os açoitem!

Na retaguarda dos soldados de Taplow tocava uma banda cuja música soava irregular devido ao acidentado avanço pelo brando terreno coberto de mato. Ordenou-se aos meninos dos tambores que atendessem os três soldados, mas dois deles já estavam mortos, e o terceiro não ia viver muito mais. O cirurgião do batalhão o matou com um rápido corte de faca e depois, dando de ombros, limpou as mãos cobertas de sangue em suas calças cinza.

A artilharia francesa fazia surgir fumaça na crista da colina. Sharpe, com o olhar dirigido para o leste, distinguia em ocasiões o desenho de uma linha escura no céu e sabia que estava olhando uma bala de canhão no ponto mais alto de seu arqueado voo; também sabia que uma linha perfilada como aquela só era visível no céu quando a bala ia direta para o observador. Nesse momento sentiu a tentação de esporear *Sycorax* a avançar e simular que tinha alguma obrigação urgente, mas refreou para que nenhum soldado achasse que era um covarde. Em lugar disso, cavalgou a um ritmo constante, tremendo por dentro, e ocultou seu alívio cada vez

que uma bala falhava. Uma descarga bateu contra o barro justo diante de *Sycorax* e fez com que a égua empinasse frenética. De algum modo Sharpe manteve os pés nos estribos e seu traseiro na sela enquanto os pedaços de barro úmido caíam como chuva ao seu redor. A égua não era devidamente adestrada para o combate, mas era um cavalo bom e seguro. Fora um presente de Jane, e pensar nisso causava a Sharpe um veemente e sentimental desejo de ver sua esposa. Perguntava-se se sua correspondência tinha se perdido, porque ainda não havia chegado nenhuma carta dela; então passou uma bala de canhão justo por cima de sua boina e decapitou um casaca-vermelha que marchava à esquerda de Sharpe, o que o fez se esquecer de sua mulher com o repentino ressurgimento do medo.

— Fechem filas! — gritou um sargento. — Fechem filas! — Era a ladainha da batalha e o único obituário do soldado raso.

— Suponho que o senhor está acostumado a isto. — Um tenente, um dos ajudantes de campo mais jovens de Nairn, apertou o passo ao lado de Sharpe. Diante deles, os soldados pisoteavam as entranhas de um companheiro no barro, mas o tenente não se deu conta ou não reconheceu o que via.

— Não acredito que alguém se acostume com isso — disse Sharpe, ainda que não fosse verdade: acostumava-se com aquilo, mas isso não evitava o medo. Não havia dúvida de que o tenente, para quem a guerra era algo novo, estava aterrorizado, ainda que se esforçasse para não demonstrar. — É melhor — assegurou com toda sinceridade —, quando já se pode responder aos disparos. Então é muito menos espantoso.

— Muito obrigado, senhor; não estou assustado.

— Eu sim. — Sharpe esboçou um sorriso, depois olhou para sua direita e viu que os homens de Frederickson ainda estavam ilesos. Frederickson havia levado seus fuzileiros para mais perto do inimigo, o que fora um movimento inteligente, já que os casacas-verdes eram um alvo pequeno e em aparência insignificante comparado com a comprida e desajeitada coluna de casacas-vermelhas. Os franceses disparavam por cima das cabeças dos fuzileiros.

Um oficial da cavalaria passou a galope junto aos soldados de Frederickson e se dirigiu para a cabeça da coluna de Beresford. Sharpe reconheceu o homem como um dos ajudantes de campo de Wellington, e pela pressa que ia supôs que levava uma mensagem urgente. Chegou uma pista com respeito ao seu conteúdo quando o extremo norte das colinas explodiu com o fogo de canhões. Sharpe girou sobre sua sela e viu que os franceses descobriam uma dúzia de baterias para martelar seus projéteis colina abaixo contra os espanhóis que atacavam.

O tenente franziu o cenho.

— Achei que era para atacarmos ao mesmo tempo em que os espanhóis, senhor.

— Era.

Algo havia saído errado, ainda que somente Deus soubesse o que era. Os espanhóis, em lugar de esperar até que o ataque de distração de Beresford estivesse em posição no sul, atacaram de forma precipitada subindo as ladeiras da parte norte da cadeia de colinas. Seus brilhantes uniformes de cores escandalosas eram um show de valentia, mas a aguerrida

exibição estava sendo estripado pelos disparos concentrados dos mortíferos canhões de doze libras.

— Alto! Alto! — Os oficiais da divisão desciam galopando de volta à coluna de Beresford. — Para a direita! Para a direita!

Os oficiais e sargentos do batalhão se uniram ao grito, e a enorme coluna parou e virou torpemente para ficar de frente para a inóspita e empinada ladeira do centro da cadeia de colinas.

Nairn, que estivera galopando na frente de sua brigada, esporeou seu cavalo e retrocedeu.

— Em colunas de meia companhia! — ordenou.

Parecia que o marechal Beresford estava considerando um assalto imediato à crista da colina. Certamente, se Beresford tinha que desviar a atenção do ataque dos espanhóis não podia esperar até chegar às ladeiras menos empinadas do extremo sul das colinas, logo seria obrigado a lançar seus onze mil soldados em uma desesperada escalada colina acima contra as trincheiras dos franceses.

As baterias francesas, ao ver que os batalhões britânicos e portugueses se agitavam para formar colunas de ataque, seguiram disparando.

— Ao chão! — gritou Nairn. — Ao chão!

Os batalhões se jogaram ao solo com para se converter em um alvo menor e baixo para a artilharia inimiga, mas fizeram os oficiais a cavalo se sentirem horrivelmente expostos. Sharpe olhou para a crista da colina e teve medo dessa ladeira escarpada que devia socavar os músculos. O sol, que se elevava por cima do cume, começou, de repente, a ficar ofuscante.

— Aguarde aqui, Sharpe! — Nairn estava excitado. — Vou ver o que está ocorrendo. Você espera aqui!

Sharpe esperou. Depois do desjejum havia metido um pouco de pão e carne de boi em uma das bolsas de sua sela e então, repentinamente faminto, mordiscou um pedaço de carne.

— Cagaram o ataque! — O coronel Taplow, com seu semblante vermelho e mal-humorado como sempre, chegou a cavalo junto de Sharpe. — Os espanhóis o cagaram, Sharpe!

— É o que parece, senhor. — Uma bala de canhão bateu no chão a sua esquerda. *Sycorax* começou a se mover de lado até que Sharpe a tranquilizou.

— Parece? — Taplow se indignou com a expressão suave. — Eles cagaram tudo; foi isso o que fizeram. Cagada! — apontou para o norte, de onde estourou um novo som quando as descargas dos mosquetes franceses começaram a esfolar os espanhóis. O tamborilado dos mosquetes era um ruído forte, estalos que revelava a quantidade de defensores que esperavam os espanhóis. — Avançaram muito cedo. — Taplow parecia deleitar-se com o erro dos espanhóis. — Não podiam ficar com as calças postas, não? Maldito entusiasmo em excesso, Sharpe. Não têm comando, esse é seu problema. Não têm freio. Não como os ingleses. Agora dependerá de nós, Sharpe, já verá. Dependerá de nós!

— Acho que sim, senhor.

A descarga dos mosquetes era interminável; formava um contínuo som aterrador semelhante ao que produziriam milhões de varetas de madeira ao se partirem. E cada um desses estalidos significava outra bala lançada ladeira abaixo para atingir as agrupadas tropas espanholas.

— Ah, ah! Como eu disse! Não têm freio! — alardeou triunfalmente Taplow porque os espanhóis haviam começado a bater-se em retirada. A princípio foi um movimento lento, pouco mais que um leve retrocesso, mas rapidamente se converteu em uma veloz corrida para escapar das destruidoras balas. Para Sharpe era espantoso que os espanhóis tivessem chegado tão longe subindo como tinham feito e duvidou que qualquer outra tropa do mundo poderia chegar mais longe; mas o coronel Taplow não era tão generoso. — São só escorva sem nenhuma carga, esse é o problema dos espanhoizinhos: não têm freio, Sharpe; não têm freio. Pegue um ovo cozido.

Sharpe aceitou o ovo cozido e o comeu enquanto a coluna de Beresford esperava pacientemente. Nesse momento o calor do sol já era perceptível e a leve neblina que envolvia os pântanos do oeste havia desaparecido por completo. Uma garça bateu com torpeza as asas no ar e se dirigiu voando para o sul. Uma bala de canhão atingiu a banda de Taplow, e Sharpe observou como um trompete salpicado de sangue saltava pelos ares.

— Agora dependerá de nós! — afirmou Taplow com imensa satisfação. — Não serve de nada confiar nos estrangeiros, Sharpe; eles só estragam tudo. Deixe que o cumprimente.

De repente Sharpe percebeu que o irascível Taplow lhe estendia a mão. Ele a apertou.

— Bom soldado! — disse Taplow. — Estou orgulhoso de conhecê-lo! Ainda que sinta por não ter tomado a comunhão. Deve-se saldar contas com o Todo-poderoso antes de matar os inimigos do rei: é o correto. Percebeu que seu servente se esqueceu de barbeá-lo esta manhã? Açoite esse tipo. E agora me deixe desejar-lhe que tenha um bom dia!

Taplow partiu a galope para o sul, onde estavam seus soldados, e Sharpe suspirou. O ovo havia acalmado um pouco sua fome, pelo que voltou a meter o pedaço de carne de boi salgada em sua bolsa. *Sycorax* baixou a cabeça para pastar na grama pisoteada.

Chegaram novas ordens. Era para reiniciar a marcha para o sul porque estava claro que não se ganharia nada assaltando o centro da colina agora, quando o ataque dos espanhóis já havia sido rechaçado. Nairn disse que havia uma esperança de que os espanhóis se reagrupassem e voltassem a atacar, mas não pôde oferecer nenhuma explicação sobre o caráter prematuro de seu primeiro assalto.

— Talvez tenham querido acabar com a guerra sozinhos.

A coluna de Beresford voltou a formar e avançou com dificuldade. O bombardeio dos franceses continuou. Os soldados marcharam em silêncio, sem sequer cantar, porque todos sabiam que logo teriam que se desviar para o leste e assaltar a colina. Viram um ataque repellido de forma sangrenta e podiam adivinhar que, mesmo agora, o marechal Soult estivesse mandando reforços para as ladeiras da parte sul da colina. Do norte e do leste da cidade chegava o som abafado dos disparos da artilharia à medida que os canhões aliados

disparavam para as defesas, mas era duvidoso que os franceses se deixassem enganar por simulações de ataque tão evidentes como aqueles. Sabiam da importância das colinas e que este era sem dúvida o motivo para que o cume fosse um inferno de trincheiras e baterias. Os temores se retorciam no interior de Sharpe, agravados pelo bombardeio que retumbava no céu como os golpes de um martelo gigante.

A infantaria de Beresford seguiu marchando durante outra hora antes de girar para a direita para as ladeiras da parte sul das montanhas. Pelo menos a comprida marcha pela frente do inimigo havia conduzido os soldados de Beresford a um lugar que os franceses não haviam fortificado. Não havia nenhum canhão orientado para a encosta sul que se estendia convidativa para o céu brilhante e pálido. Contudo, o que havia mais além do horizonte era outra coisa.

Ordenou-se que as brigadas formassem três extensas linhas; cada uma delas com duas brigadas em formação de dois soldados. Os homens de Nairn constituiriam o extremo direito da segunda linha. Levou bastante tempo para preparar a formação, um trabalho que era melhor deixar para os sargentos, pelo que os oficiais observaram o horizonte e fingiram não ter medo. O único inimigo à vista, além dos poucos oficiais que apareciam de vez em quando avançavam com sua montaria para observar o que havia ladeira abaixo, eram forças de cavalaria que se espalhavam justo abaixo do centro da colina. Havia mandado a cavalaria inimiga para que ameaçasse o flanco direito do assalto de Beresford, mas uma cavalaria ainda maior formada por cavaleiros britânicos e alemães saiu a galope para cortar-lhes a passagem.

— Avançar, escaramuçadores! — Um assessor cavalgou a meio galope ao longo da primeira linha.

— Acho que poremos os rapazes da ligeira no flanco — observou Nairn. — Encarrega-se disso, Sharpe?

— Posso ficar com eles, senhor?

Nairn hesitou e depois consentiu com a cabeça.

— Mas me informe de qualquer ameaça. — Estendeu-lhe a mão. — Lembre-se que esta noite jantará comigo, portanto tenha cuidado: não quero ter que escrever uma carta triste para Jane.

— Tenha cuidado também, senhor.

Sharpe se reuniu às três companhias ligeiras da brigada e as mandou correndo para o flanco direito, onde se uniriam aos fuzileiros de Frederickson. À medida que se desenvolvesse o ataque, os soldados dessa vanguarda se dispersariam para lutar suas batalhas solitárias contra as tropas ligeiras francesas. Sharpe, um escaramuçador por natureza, queria combater com eles e, como sempre, queria combater a pé. Mandou chamar um empregado do quartel general e lhe deu as rédeas de *Sycorax*.

— Não deixe que se meta em confusões.

— Sim, senhor.

Um tambor executou um redobre ao mesmo tempo em que Taplow pegava o estandarte de

seu batalhão. Sharpe, ao passar pela frente do grupo do estandarte, tirou sua boina para cumprimentar as duas pesadas bandeiras de bordas coloridas. Um tiro dos franceses disparado ao acaso a uma distância extrema de uma das baterias situadas no centro da colina se chocou contra o solo úmido e, em vez de quicar, abriu um sulco que se encheu de lama diante de Sharpe. Ele limpou o barro de seu rosto e pegou o fuzil que levava ao ombro.

O fuzil era outra das excentricidades de Sharpe. Não era estranho que um oficial levasse uma pistola na batalha, ainda que fosse chocante que empregasse um arma comprida; contudo, Sharpe se empenhava em seguir com a arma de soldado raso. Carregou-a enquanto caminhava, comprovou que a pederneira estava bem colocada no martelo forrada de pele e depois voltou a colocá-lo ao ombro.

— Bonito dia para uma batalha. — Frederickson cumprimentou Sharpe alegremente.

— Acha que o dia de Páscoa é apropriado?

— Traz uma promessa implícita de que nos ergueremos da tumba. Não é que tenha intenção alguma de comprovar essa promessa... — Frederickson dirigiu o olhar de seu único olho para o horizonte. — Se você fosse o marechal Soult, o que teria aguardando lá em cima?

— Todos os malditos canhões de campanha de meu exército. — O estômago de Sharpe embrulhou quando imaginou os eficientes doze libras franceses alinhados roda com roda.

— Esperemos que não tenha canhões suficientes. — Frederickson não parecia esperançado. Assim como Sharpe, podia imaginar os grupos de cavalos arrastando os canhões de campanha de onde haviam rechaçado o ataque dos espanhóis para um lugar onde pudessem dizimar o novo assalto.

Toques de trompete soaram na distância à esquerda de onde estava Sharpe, repetiram-se mais perto e a primeira linha de ataque de Beresford começou a avançar. A segunda esperou um momento até que também receberem ordens para avançar. Quase imediatamente, a cuidadosa formação das finas fileiras de soldados se ondulou devido ao terreno desnivelado. Os sargentos começaram a gritar ordens para que os soldados tivessem cuidado com o alinhamento. Os cavalos dos oficiais se assustaram, como se pressentissem o que os esperava.

— Está aqui para tomar o comando? — perguntou Frederickson a Sharpe ao mesmo tempo em que a pequena vanguarda iniciava a marcha.

— Você é o capitão mais antigo?

Frederickson lançou uma austera olhada para os capitães das três companhias ligeiras dos casacas-vermelhas.

— E com muita vantagem.

Por seu tom amargo Sharpe soube que Frederickson estava incomodado porque não o ascendiam. Evidentemente, o posto era mais importante para um soldado que pensava continuar no exército, e Frederickson sabia muito bem o quanto podia custar uma ascensão em tempos de paz, quando não havia canhões nem mosquetes que criassem convenientes vagas. E ele merecia uma promoção mais que qualquer outro soldado que Sharpe conhecesse. Este

tomou nota mentalmente de perguntar a Nairn se podia ajudar e depois sorriu.

— Não vou atrapalhá-lo, William. Apenas observarei, portanto lute sua própria batalha.

— A última — disse Frederickson quase maravilhado. — Estou convencido de que este será nosso último combate. Façamos que seja bom, senhor: mandemos algumas almas para o inferno.

— Amém.

As três linhas de vanguarda pareciam muito frágeis enquanto realizavam a subida. O percurso que traçavam se via interrompido pelo estandarte do batalhão, umas manchas de tecido de cor viva custodiadas pelas compridas alabardas de aço reluzente. Seguindo as três linhas vinham as bandas de batalhão, todas tocando melodias distintas de maneira que os golpes de seus grandes tambores, que faziam vibrar as entranhas, destoavam. A música era descontraída, rítmica e simples: a música adequada para morrer.

Os fuzileiros de Frederickson se misturaram aos casacas-vermelhas das outras três companhias ligeiras. Estes levavam os mosquetes de repetição, mas de curto alcance, enquanto que os casacas-verdes tinham fuzis mais certos, de maior alcance, ainda que lentos de recarregar. A combinação de armas podia ser mortífera; os fuzis matavam com precisão e eram protegidos pelos mosquetes. Nesse momento os soldados se dispersaram para criar uma cortina com o fim de repelir o ataque de qualquer escaramuça francesa.

Contudo, até então nenhum inimigo havia ameaçado o trabalhoso avanço. Mesmo as baterias da parte central da colina tinham parado seus aventureiros disparos. Sharpe não via nada mais do que o horizonte vazio e uma voluta de nuvens altas. A delgada camada de capim que cobria a ladeira estava mais seca que o terreno que da base. Uma lebre atravessou a toda velocidade a frente do avanço, deu um giro brusco e partiu perambulando colina abaixo. Um falcão planou durante alguns segundos sobre o estandarte de Taplow e depois se afastou com desdém para o oeste. Do outro lado do cume chegava o som de uma banda francesa que tocava uma marcha rápida, a única evidência de que um inimigo autêntico estava esperando a chegada das linhas de Beresford.

A ladeira se empinava e Sharpe estava sem fôlego. A invisibilidade do inimigo não parecia pressagiar nada bom. O marechal Soult havia tido três horas para observar os preparativos desse ataque, três horas durante as quais pôde preparar uma recepção de mil demônios para as três linhas que subiam trabalhosamente pela colina. Em algum lugar à frente da linha de ataque, além do horizonte vazio, o inimigo aguardava com os canhões dos fuzis carregados e as espadas desembainhadas. Estavam a ponto de jogar uma vez mais o velho jogo, o jogo dos malditos ingleses contra os franchinotes, o jogo de Crecy e Agincourt, Ramillies e Blenheim. A atmosfera era muito limpa, tanto que quando Sharpe se virou pôde distinguir uma mulher que levava duas vacas para pastar a quase um quilômetro de distância após o rio do lado oeste. A visão dessa mulher fez Sharpe pensar em Jane. Sabia que podia tê-la acompanhado para casa sem se envergonhar em absoluto e que nesse instante poderia estar sentado na Inglaterra, mas em lugar disso se achava em uma ladeira, na França e na iminência do horror de um combate. Voltou a girar para o leste justo a tempo de ver que um casaca-

vermelha de entre a avançadinha do flanco de Frederickson se dobrava ao meio, agarrava-se ao ventre e começava a respirar com dificuldade. Num primeiro momento, Sharpe pensou que o soldado tinha ficado sem fôlego; então viu a baforada de sujo fumaça branca mais acima na ladeira. O casaca-vermelha caiu para trás com as calças cinzentas empapadas de sangue. Mais escaramuçadores franceses dispararam de posições ocultas atrás de umas pedras. O inimigo logo estaria no flanco da vanguarda a menos que os tirassem dali.

— Vamos tirar aqueles sacanas daqui! — Frederickson percebera o perigo tão cedo como Sharpe. Fez que uma companhia de casacas-vermelhas abrisse fogo cerrado para conter o inimigo enquanto o sargento Harper dirigia um pelotão com as espadas caladas nos fuzis em uma carga de flanco. Os franceses não ficaram para defender as rochas, agilmente recuaram para cima, para o horizonte vazio. Um dos franceses que batiam em retirada foi atingido nas costas por uma bala de fuzil e Marcos Hernández, um dos fuzileiros espanhóis de Frederickson, sorriu de prazer ante sua mortífera pontaria.

— Cessar fogo! — gritou Frederickson. — Muito bem, rapazes. Agora não se agrupem ao subir! Não estão enamorados uns dos outros, portanto espalhem-se! — O Doce William tinha tirado o tapa-olho e a dentadura postiça, de maneira que parecia um ser monstruoso saído da tumba. Parecia muito mais contente agora, após os primeiros disparos.

Hernández recarregou seu fuzil e depois fez um talho na coronha para sinalizar que havia matado outro odiado francês. Os sobreviventes da vanguarda francesa corriam para a linha do horizonte, de onde chegou o repentino som de tambores franceses concentrados, ainda que a fonte do ruído permanecesse oculta. Os instrumentos repicavam no céu. Sharpe havia ouvido pela primeira vez esse som malicioso quando tinha dezesseis anos e desde então havia se encontrado com ele em inumeráveis campos de batalha. Sabia o que pressagiava. Estava escutando o *pas de charge*, o pulsar de um império e o som que levava a infantaria francesa à carga.

— Vê algum canhão, sargento? — gritou Frederickson para Harper, que se achava na ladeira, alguns metros mais acima.

— Nenhum, senhor!

Então, da linha do horizonte, como se fosse semeada por dentes de dragão, emergiram os soldados.

— Cristo em seu céu escocês! — O general de divisão Nairn, rodeado por seus ajudantes de campo mais jovens, parecia indignado com o inimigo. — Achava que a essas alturas esses sacanas de cabeça-oca já tivessem aprendido. — Embainhou a espada e dirigiu uma olhada de austera desaprovação para as duas colunas inimigas.

— Aprendido, senhor? — perguntou em tom nervoso o jovem assessor para quem esta era sua primeira batalha.

— Está a ponto de ver esses condenados franchinotes mais condenados ainda. — Nairn sacou um relógio do bolso de seu colete e abriu a tampa. — Deus santo! Se vão apresentar

batalha seria melhor que o fizessem como é devido!

O ajudante de campo não o compreendia, mas todos os veteranos que formavam parte do ataque britânico sabiam o que estava a ponto de suceder e se sentiram aliviados por isso. Tinham subido com medo de que a artilharia os estivesse aguardando, que teria causado sangrentos destroços nas três linhas de ataque. Temeram mais ainda a combinação de artilharia e cavalaria, já que esta última teria obrigado a infantaria atacante a formar em quadrados de proteção, que seriam um alvo de primeira para os artilheiros franceses. Em lugar disso, viram-se ante a tática francesa mais antiga: um contra-ataque realizado por soldados de infantaria concentrados em colunas.

Duas dessas colunas avançavam para a linha do horizonte. Elas constituíam imensas formações de soldados apertados, filas e filas de infantes agrupados em aríetes humanos que apontavam para as aparentemente frágeis linhas britânicas. Eram as mesmas colunas que o Imperador Napoleão havia conduzido por todo um continente para esmagar os exércitos inimigos e convertê-los em multidões destroçadas e em pânico, mas nunca uma coluna como aquela havia destroçado um exército no qual Wellington estivesse à frente.

— Alto! — A ordem foi gritada por todas as linhas de britânicos e portugueses. Os sargentos alinharam os batalhões enquanto os escaramuçadores se preparavam para rechazar as tropas ligeiras francesas que avançavam na frente das colunas e tinham que desestabilizar a linha britânica disparando aleatoriamente seus mosquetes.

As companhias ligeiras francesas não constituíam nenhuma ameaça para Beresford: o que devia causar o caos entre seus homens era o ímpeto das duas enormes colunas. Contudo, assim como que Wellington, Beresford tinha enfrentado demasiadas colunas para se preocupar agora. Sua primeira linha se ocuparia da ameaça, enquanto que a segunda e a terceira seriam meras espectadoras. Os soldados dessa primeira linha se puseram em posição de sentido, os mosquetes apoiados contra o solo, e olharam fixamente para a inclinada extensão de grama sobre a qual marchavam as duas gigantescas formações. As colunas francesas tinham um aspecto incontrolável; parecia que bastava sua própria força para atravessar as finas linhas de soldados que esperavam. Por cima das cabeças dos franceses ondeavam suas bandeiras e suas águias. No centro das formações, os tambores seguiam tocando o *pas de charge*, detendo-se unicamente para que os soldados gritassem: “*Vive l’Empereur!*”, entre uma e outra rajada de redobres. Os veteranos dos batalhões de britânicos e portugueses que aguardavam e que já viram tudo isso outras vezes pareciam indiferentes.

Os soldados da escaramuça se recolheram lentamente ante o peso das companhias ligeiras inimigas, mas haviam feito seu trabalho, que era evitar que o fogo da avançadinha francesa chegasse às linhas que esperavam. Os oficiais franceses, com as espadas desembainhadas, marchavam com certeza à frente das colunas. O general de divisão Nairn observou a coluna mais próxima com uma luneta e depois fechou os tubos de um golpe.

— Ali não há muitos bigodes! — Os velhos veteranos com bigode, a espinha dorsal da França, jaziam em suas tumbas, e Nairn vira como eram jovens os franceses que contra-atacavam. Talvez fosse esse o motivo para Soult os lançar ao ataque em coluna, porque para

as tropas novatas sem experiência a mera proximidade de seus companheiros nessa concentração de soldados apertados lhes dava ânimos. Era uma formação apropriada para um exército recrutado, de cidadãos, mas esses cidadãos recrutados se aproximavam agora dos assassinos profissionais da Grã-Bretanha e de Portugal.

Quando as colunas estavam a uns oitenta passos da linha dianteira de Beresford, os oficiais britânicos e portugueses se moveram para dar uma simples ordem lacônica:

— Apresentar armas!

Quatro mil mosquetes pesados surgiram com um só movimento sussurrante. As tropas que estavam na frente das duas colunas francesas, ao se verem diante da morte, frearam o passo; mas o empurrão dos soldados que iam atrás os obrigou a seguir avançando.

— Não disparem! — observaram os sargentos para os casacas-vermelhas, que puxaram para trás os percussores de suas armas. Os franceses, nervosos por causa da silenciosa ameaça, abriram fogo enquanto avançavam. Na realidade só os soldados das primeiras duas filas puderam disparar; o restante estava aí somente para acrescentar peso. Pode ser que tenha caído algum homem aqui e ali na linha dos casacas-vermelhas, mas a pontaria dos franceses se pôs a perder pela necessidade de disparar em marcha.

— Fechar filas! — Um sargento arrastava um soldado morto para tirá-lo da linha de ataque.

— Não disparem! — Um oficial, com a fina espada desembainhada, observou como se aproximava a coluna francesa de casacas azuis. Havia quatro mil mosquetes apontando para as cabeças dos soldados das duas colunas.

Um redobrar de tambores, uma pausa, “*Vive l’Empereur!*”.

Uma batida do coração. Os mosquetes britânicos estavam firmes e as espadas dos oficiais levantadas, enquanto que os soldados de ambos os exércitos se encontravam agora tão perto que podiam ver as expressões nos rostos dos outros.

— Fogo!

Como um enorme estalido, ou como uma gigantesca explosão abafada, quatro mil mosquetes cuspiram fumaça e chumbo e, com o retrocesso, quatro mil coronhas recobertas de latão golpearam os ombros dos soldados como coices de mula. A fumaça que expulsaram ocultou os franceses.

— Carregar!

Sharpe, que seguia afastado no flanco direito, viu que a coluna inimiga mais próxima tremia quando as pesadas balas atingiram o alvo. As casacas azuis estavam salpicadas de sangue. Toda a primeira linha se dobrou e caiu, assim como a maior parte da segunda. Só restou um oficial em pé e estava ferido. As seguintes filas de tropas francesas se viram bloqueadas pela barreira de seus próprios mortos e feridos; mas então, a mera concentração da coluna do fundo forçou a nova fila frontal a saltar por cima dos corpos e continuar o avanço. “*Vive l’Empereur!*”.

— Fogo!

Agora era o fogo dos disparos mortíferos das seções que saíram das linhas britânicas e portuguesas.

Horas de treinamento converteram esses soldados em máquinas de matar. Cada uma das seções de um batalhão disparou um par de segundos depois do disparo da seção à sua esquerda; desta maneira, as balas pareciam não terminar nunca quando atravessaram a cortina de fumaça para alcançar os franceses. O fogo destroçou o inimigo, esfolando os soldados da frente e dos flancos das colunas, de forma que parecia que o inimigo dirigia sua marcha para uma invisível máquina de picar carne. Os sobreviventes franceses, obrigados de forma inexorável a ficar nas linhas da frente, trataram de abrir caminho em meio da tormenta de descargas de mosquete; mas não havia soldado capaz de sobreviver a esses disparos. Outrora, nos gloriosos dias em que o nome do Imperador infundia o medo em toda a Europa, as colunas tinham vencido porque intimidavam seus inimigos; mas os soldados de Wellington há muito tempo dominavam a macabra arte de manchar de sangue a glória dos franceses. Faziam isso com várias descargas de mosquete; o fogo de mosquete mais rápido do mundo. Seus rostos se tismavam com as explosões da escorva nas caçoletas de suas armas e seus ombros se contundiam por causa dos golpes do retrocesso à medida que destroçavam ao inimigo. Os soldados abriam os cartuchos um após outro de uma mordida, carregavam-nos e os disparavam, enquanto que na linha de frente britânica, a bucha dos mosquetes ardia pálida sobre o capim chamuscado.

As colunas não podiam se mover. Uns poucos soldados valentes tentaram avançar, mas sucumbiram ante as balas.

Os sobreviventes retrocederam pouco a pouco e o redobre dos tambores decaiu.

— Cessar fogo! — gritou uma voz britânica. — Calar baionetas!

Quatro mil soldados sacaram suas lâminas de quarenta centímetros e as encaixaram nas quentes bocas dos mosquetes.

— Apresentar armas! — As vozes dos oficiais e sargentos eram calmas. A maioria desses homens era de veteranos e se orgulhavam de parecer impassíveis ante a carnificina de uma batalha. — Batalhões em frente! Avançar!

Os batalhões marcharam de forma imperturbável ao longo da linha de frente e penetraram na névoa de sua própria fumaça. Tinham disparado às cegas através da asfixiante cortina, mas era difícil falhar contra uma coluna ainda que a fumaça impedisse a visão dos soldados. Finalmente, atravessaram a fumaceira para ver a matança que seus disparos disciplinados haviam causado.

As espadas dos oficiais desceram com um golpe.

— Atacar!

Então, e só então, os soldados britânicos e portugueses gritaram. Até esse momento haviam permanecido em silêncio, mas nesse instante, com os rostos enegrecidos e as baionetas niveladas, gritaram com entusiasmo e iniciaram uma rápida marcha.

Os franceses romperam filas. Passaram a correr. Deixaram para trás dois montes de ensanguentados soldados mortos, agonizantes e feridos, e retrocederam a toda pressa para um lugar seguro. Um jovem tambor chorava porque tinha uma bala nas tripas. Morreria antes do meio-dia, e o restante não hesitaria em destroçar seu tambor para utilizá-lo como lenha.

— Alto! — Os britânicos não aproveitaram sua carga. Não era necessário porque as colunas tinham fugido em pânico.

— Formar filas! Desmontar as baionetas! Avançadinha avançar! Carreguem!

O general de divisão Nairn olhou para seu relógio e observou que levaram exatamente três minutos e vinte segundos para romper o ataque francês. Em outros tempos, refletiu, quando havia mais bigodes nas filas inimigas, teriam levado uns seis minutos a mais. Guardou o relógio.

— O batalhão avançará!

— Silêncio nas filas!

— Em frente!

As linhas aparentemente fracas começaram a avançar de novo. Em dois lugares ensanguentados os homens passaram com torpeza por cima dos montes de inimigos mortos. Os soldados, que tinham uma longa prática nessa arte, arrastaram os corpos de seus inimigos uns poucos passos dando-se o tempo suficiente para esvaziar os bolsos e as bolsas dos mortos ou feridos. Pegaram comida, moedas, talismãs e bebida. Um casaca-vermelha deu um chute no instrumento do tamborileiro ferido e o mandou ladeira abaixo. Os bordões do tambor vibraram enquanto quicava e caía rodando pela extensa colina.

— Tenho a impressão de que vai ser uma Páscoa tranquila! — disse Frederickson alegremente.

Mas então chegaram à linha do horizonte, e ficou visível o que havia no cume das montanhas e nada mais parecia tranquilo.

## Capítulo 3

A batalha, como se por mútuo consentimento, parou para tomar fôlego.

Beresford aproveitou a trégua para dividir seu ataque. A divisão situada a sua esquerda se afastaria em sentido oblíquo com o fim de ameaçar o território que ficava entre as colinas e a cidade, enquanto que a da direita, na qual estava a brigada de Nairn, avançaria em direção norte para o cume das colinas. Iam arrastar a artilharia montada ladeira acima para compactar o ataque de Beresford. A manhã passou. Muitos dos soldados que esperavam dormiram com as mochilas como travesseiros e com os rostos protegidos do sol pelas mofadas barretinas. Alguns comeram e poucos se limitaram a observar o céu com o olhar perdido. Alguns observavam as colinas em que se achavam as aterradoras defesas francesas. Não passavam muitos minutos sem que uma bala de canhão perdida dos franceses atravessasse saltando as linhas sonolentas, provocando uma irritada confusão ao longo de sua trajetória de rebotes. Às vezes um projétil de obus estourava repentinamente sobre o gramado, mas os disparos eram esporádicos e permitiram à maioria dos soldados em espera ignorar o inimigo. Sharpe viu que um fuzileiro martelava pacientemente o maleável chumbo de uma bala de mosquete até convertê-la em um cubo perfeito, depois do que marcou uns buracos nas faces dando uns toques com uma pua para fazer um dado. Ninguém queria jogar com esse homem, que, indignado, jogou longe o dado de chumbo.

A primeira hora da tarde, os batalhões que haviam quebrado as colunas gêmeas dos franceses foram trasladados para a retaguarda das novas formações de Beresford. Então a brigada de Nairn formava o flanco direito da primeira linha. Tinha seus dois batalhões ingleses na frente e os Highlanders de reserva. Os soldados da Artilharia montada empilharam a munição disponível junto às posições avançadas, enquanto que os escaramuçadores se dispersaram a modo de cortina protetora mais adiante ainda.

Sharpe avançou dando um passeio para unir-se a Frederickson, que lhe ofereceu um pedaço de salsicha francesa de alho.

— Suponho — Frederickson olhava fixamente para o planalto das colinas — que este seria um bom momento para renunciar ao Exército.

Sharpe sorriu ante essa brincadeira macabra e depois sacou sua luneta para enfocar a fortificação mais próxima. Não disse nada e seu silêncio não augurava nada bom.

— Esses malditos franceses devem saber que a guerra está perdida — observou Frederickson com irritação. — Então, por que prolongam a matança?

— Por orgulho — disse Sharpe de maneira cortante, ainda que na realidade se perguntasse por que seus próprios compatriotas se empenhavam em tomar Toulouse se realmente acreditavam que o Imperador estava condenado ao fracasso. Talvez a paz fosse uma quimera. Talvez fosse somente um rumor que se desvaneceria assim como o fedor do sangue e a fumaça de pólvora desse campo de batalha.

Além do mais, tal como Sharpe sabia muito bem, haveria muito mais sangue e fumaça nessa alta cadeia de colinas. Os franceses estavam esperando, preparados, e a infantaria de Beresford devia avançar através de uma série de poderosas fortificações que se estendiam ao longo da espinha dorsal das colinas. Havia baterias de canhões e trincheiras, todas reforçadas com baluartes de terra que, coroadas com paliçadas, se erguiam como pequenas fortalezas de lado a lado da linha de ataque. Um dos bastiões, maior que os outros, dominava o centro da colina e, assim como seus irmãos menores, encontrava-se de frente para uma vala cuja paliçada de madeira tinha frestas para a artilharia.

Não era de admirar que a escalada de Beresford pela ladeira sul não tivesse encontrado oposição da artilharia pesada francesa, porque todos os canhões inimigos estavam entrincheirados em lugar seguro dentro dos pequenos fortes.

Frederickson pegou emprestado a luneta de Sharpe e observou as formidáveis defesas um bom momento.

— Acredita-se que a Páscoa é um dia para os milagres, não é mesmo?

Sharpe sorriu diligente e depois se virou para cumprimentar o sargento Harper.

— Hoje vamos justificar nosso salário, sargento.

— Sim, senhor. — Harper aceitou a luneta que Frederickson lhe oferecia e realizou um rápido exame do enorme baluarte que havia no centro da crista. — Por que não nos limitamos a esmagar esses sacanas com os canhões até que virem mingau?

— Não podemos subir as armas grandes até aqui encima — respondeu Frederickson com bom humor. — Hoje só temos a artilharia montada.

— Zarabatanas — espetou Harper com desdém; depois passou a luneta para Sharpe. — Sabe onde estão nossos rapazes, senhor?

“Nossos rapazes” eram os Voluntários do Príncipe de Gales, o batalhão no qual Sharpe e Harper haviam lutado por muitos anos.

— Foram para o leste. — Sharpe apontou vagamente nessa direção. Seguia sem poder ver a cidade de Toulouse, que estava oculta atrás de uma saliência da montanha, mas a fumaça das armas que se percebia ao longe revelava o lugar onde as simulações de ataque de Wellington ameaçavam a periferia ao leste de Toulouse.

— Então hoje não devem tomar uma grande surra — disse Harper esperançoso.

— Suponho que não. — De repente Sharpe desejou voltar a fazer parte dos Voluntários do Príncipe de Gales, que, ao comando de seu novo coronel, não tinham que enfrentar essas colinas do diabo cheias de fortes, trincheiras e canhões. Eles estariam a salvo enquanto ele era horripelantemente consciente dos sintomas do terror. Notava as batidas do coração, o suor frio que lhe cobria a pele e um músculo que tremia em sua coxa esquerda. Tinha a garganta ressecada, notava o estômago vazio e queria vomitar. Tratou de sorrir e tentou encontrar palavras informais que demonstrassem que não tinha medo, mas não lhe ocorreu nada.

Ouviu o ruído de cascos a sua costas e, ao se virar, pôde ver o general de divisão Nairn

que avançava a meio galope para a linha de escaramuça. O general freou seu cavalo e fez uma careta ante a paisagem que tinha à frente.

— Estamos no flanco adequado, portanto atacaremos as baterias.

Essa era uma perspectiva mais encantadora que a de assaltar os bastiões maiores. As baterias construídas na borda da colina, foram as posições de onde a longa marcha de aproximação tinha sido canhoneada, e foram levantadas puramente para defender os artilheiros do fogo de contra-ataque. Portanto não havia nenhuma fortificação orientada para o centro da colina, a brigada de Nairn só teria que se ocupar das trincheiras que as flanqueavam e dos canhões das baterias que tinham sido arrastados para fora de suas canhoneiras e dispostos como artilharia de campo comum. Esses canhões mais próximos contavam com o apoio de no mínimo dois batalhões da infantaria francesa que esperavam formados em três largas linhas para somar sua descarga fechada aos disparos dos artilheiros.

Nairn, pareceu estremecer ao olhar para o cume da colina; depois pediu emprestado a luneta de Sharpe, e através dela observou um longo tempo e com atenção as posições do inimigo. Não disse nada quando fechou os tubos, além de expressar sua surpresa ante a evidente qualidade da luneta.

— Onde a conseguiu?

— Em Vitória — respondeu Sharpe. A luneta fora um presente que o Imperador Napoleão havia dado a seu irmão, o rei José da Espanha, que a perdera quando os britânicos capturaram sua bagagem depois da batalha de Vitória. Uma pequena placa de latão encaixada no marfim do cilindro dava constância do presente.

Nairn devolveu a luneta para Sharpe.

— Eu odeio estragar sua diversão, major, mas preciso de você.

Sharpe recuperou seu cavalo. Sua tarefa consistiria em transmitir as ordens de Nairn uma vez iniciado o avanço. Os assessores mais jovens estariam fazendo o mesmo, mas a categoria e a reputação de Sharpe lhe conferiam uma autoridade que podia ser útil a Nairn. Em certas ocasiões, Sharpe já sabia, teria que fazer uso de seu próprio critério e depois afirmar que sua decisão foi uma ordem verbal de Nairn em pessoa.

Uma hora mais se passou antes que se desse a ordem para avançar. Os franceses haviam bombardeado de maneira irregular os soldados que esperavam durante o prolongado atraso, mas a própria pouca frequência do bombardeio era uma prova de que a verdadeira ação da artilharia não começaria até que as tropas britânicas e portuguesas tivessem se aproximado mais dos canhões. Alguns soldados protestavam pela demora; outros asseguravam que era necessária para que os espanhóis pudessem se reagrupar e atacar de novo desde o extremo mais distante da crista. Dois capelães guiavam mulas carregadas com cantis de água de reserva entre as tropas que esperavam. Os irlandeses que havia nas filas se benziam. O ruído mais forte que se ouvia nas colinas, além do ocasional estouro de um canhão francês, era o das gaitas dos regimentos dos Highlanders.

— Vai ser uma coisa sangrenta, creio. Algo muito, muito sangrento — confiou Nairn a

Sharpe pela quarta ou quinta vez. O escocês estava nervoso. Sabia que essa seria sua única oportunidade de travar um combate com sua brigada e temia decepcionar.

Contudo, a verdadeira responsabilidade não recaía em Nairn, nem mesmo em Wellington, que dirigia a batalha no flanco norte, mas no soldado comum. Era o casaca-vermelha ou o casaca-verde quem teria que avançar com a certeza de que a melhor artilharia da Europa estava esperando para dizimar suas filas. Um xelim, cento e oitenta mililitros de rum e um quilo de pão assado duas vezes eram o pagamento diário, e em troca tinham que marchar para o inferno e sair vitoriosos.

— Já falta pouco — disse Nairn, como se quisesse consolar os ajudantes de campo que se amontoavam ao seu redor.

Os assessores da divisão galopavam pelo ramal sul da cadeia de colinas. As bandas formavam em filas e se içavam as bandeiras. Os artilheiros britânicos davam o último ajuste nos seus canhões.

— Saudações do general, senhor — um capitão de cavalaria deteve seu cavalo perto de Nairn —, e pergunta se está preparado.

— Cumprimente de minha parte o general. — Nairn desembainhou sua espada. Não houve nenhuma ordem real de avançar, nem tampouco era necessário, porque, assim que os batalhões que iam à frente viram o assessor da divisão chegar, receberam ordens de se levantar. O que os esperava na colina era uma antecipação do inferno, portanto parecia melhor enfrentá-lo logo.

— Transmita meus cumprimentos ao coronel Taplow — Nairn disse a Sharpe — e diga-lhe que não deixe seus homens irem para a direita.

— Certamente, senhor. — Sharpe picou com as esporas *Sycorax*. A preocupação de Nairn com o flanco direito era justificada, já que, quando o ataque achasse oposição, os soldados da direita teriam a tentação de pôr-se a salvo descendo a ladeira oeste da colina.

Taplow não esperou a chegada de Sharpe, já havia ordenado a seus homens que avançassem. O fizeram em duas linhas atrás da rede de escaramuçadores. A dianteira era composta de cinco companhias e a traseira de quatro. O batalhão levava as baionetas caladas e suas bandeiras se alçavam entre as duas linhas. Sharpe encontrou Taplow montado em um cavalo cinzento justo na frente do grupo que levava os estandartes.

— Saudações do general, senhor.

— Não nos vai encontrar esperando! — atalhou Taplow. — Já lhe disse que dependeria de nós! — estava de muito bom humor.

— Está ansioso, senhor, para que seus soldados não se desviem demais para a direita. — Sharpe expressou a advertência de Nairn com todo o tato que pôde.

— Maldição! Acha que somos amadores? — A ira de Taplow foi instantânea e constrangedora. — Diga-lhe que marcharemos para os canhões. Direto para os canhões! Morreremos como ingleses, não como escoceses que procuram passar despercebidos.

Maldição, major, e que tenha um bom dia.

O outro batalhão inglês da brigada de Nairn marchava à esquerda de Taplow, e atrás iam os Highlanders que avançavam ao som assustador de seus gaiteiros. Tratava-se de um batalhão orgulhoso e reservado que seguia o chefe de seu clã para a guerra. Muitos deles não falavam inglês: somente gaélico. Podiam ser terríveis em combate, enquanto que, fora do campo de batalha, possuíam uma séria cortesia. No lado esquerdo da brigada de Nairn; estendendo-se pela espinha dorsal da crista, avançava outra brigada.

Frederickson, com os escaramuçadores dos dois batalhões ingleses, se encontrava muito mais adiantado que os batalhões à frente. Os artilheiros franceses, que esperavam com os bota-fogos fumegantes, ignoraram a linha de vanguarda. Esperariam até que os alvos mais volumosos dos batalhões, em formação fechada, se aproximassem mais.

A espera não foi muito longa. Sharpe, de volta para junto de Nairn só a alguns passos à frente dos Highlanders viu que um artilheiro francês dava uma última volta na manivela elevadora de seu canhão e depois se afastava de um salto enquanto o bota-fogo descia e ficava no alto perto do ouvido.

— Que Deus nos ajude — disse o agnóstico Nairn e então em voz muito mais alta, acrescentou: — aguentem, rapazes, aguentem!

— *Tirez!* — gritou o comandante da bateria.

A colina pareceu estourar em canhonaços. As chamas saíam disparadas dos canos das armas e expulsavam uma fumaça espessa como névoa que se alçava acima do cume. A descarga rasgou os batalhões que avançavam. Sharpe viu que uma bala abria um ensanguentado buraco na primeira linha de Taplow matava outro, soldado na segunda, depois roçava o gramado e, com o rebote para cima, derrubava uma fila de Highlanders. Essa única bala havia convertido quatro soldados em um disforme de carne, sangue e osso lascado. Os gritos dos feridos começaram a competir com a música das bandas e o estrépito das armas inimigas. Não era somente essa bateria mais próxima que disparava, mas também os artilheiros do bastião central e outros, situados mais distante e no alto na colina, que podiam lançar seus projéteis por cima das cabeças de sua própria infantaria para que caíssem em picado, quicassem e causassem destroços entre as tropas britânicas.

— Pobres rapazes. — Nairn observava o batalhão de Taplow, cujos soldados desabavam mortos ou feridos atrás de suas filas.

— Fechar filas! Fechar filas! — gritavam os sargentos.

Um porta-bandeira de quinze anos e orgulhoso de estar em sua primeira batalha foi estripado. Um sargento que ia pelas costas em um flanco do menino morto surrupiou seis guinéus do bolso do cadáver sem nem sequer romper o passo.

— Fechar filas, sacanas! Fechar filas!

Um projétil de morteiro aterrizou justo em frente da linha traseira de Taplow e, como a mecha ainda fumegava, os soldados que estavam mais perto se dispersaram. O projétil explodiu sem causar danos enquanto Taplow repreendia os soldados por serem uns covardes.

Os fuzileiros de Frederickson haviam avançado bastante e agora tratavam de eliminar os artilheiros inimigos, mas a fumaça criava uma cortina perfeita para esconder o adversário. Além disso, a fumaceira servia para que o alvo da artilharia francesa fosse menos claro, porém, enquanto apontassem reto para frente, dificilmente podiam falhar. Os soldados da escaramuça francesa, armados com mosquetes, ameaçavam os homens de Frederickson, ainda que até o inimigo mais valente resistisse a se aproximar demais desses mortíferos fuzis. Harper cantava alvos para seus homens:

— Vê aquele oficial, Marcos? Mate o filho da puta.

— Diga a Taplow que mude de direção e avance para a bateria! — gritou Nairn para Sharpe por cima do ruído dos canhões inimigos. — Eu porei os Highlanders atrás dele!

Sharpe voltou a esporear *Sycorax*. A égua estava nervosa por causa dos horríveis ruídos. Os canhões provocavam um estouro grave e percussor que rompia os tímpanos, enquanto que a passagem das balas por cima da cabeça fazia o mesmo ruído que o de pesados tonéis rolando por um piso de madeira. Uma bala de canhão que se aproximasse muito soava como tecido rasgado, mas com um estalido muito mais repentino e constrangedor, que fazia os contendores estremecerem, uma vez repostos da estupefação provocada ao sulcar o ar. Por trás de todos os ruídos estava o som das bandas e da música pungente das gaitas. Os soldados gritavam, os sargentos gritavam e então um novo ingrediente se somou a essa cacofonia: o tamborilado estrondoso de uma descarga de infantaria. Era uma descarga francesa. O inimigo não era visto por causa da fumaça dos canhões, mas enquanto Sharpe cavalgava para Taplow observou que a fumaceira se dispersava à medida que as balas provenientes do centro da colina a atravessavam.

— Cuidado agora! Cuidado! — Taplow ia sobre seu cavalo justo atrás de sua linha de frente. Seu cavalo se afastou de um soldado ferido que vomitava sangue e Taplow golpeou com a rebenque a anca do animal para mantê-lo firme e obediente. Atrás dele, as bandeiras do batalhão se agitavam quando eram atingidas pelas balas dos mosquetes.

— Saudações do general de divisão Nairn, senhor... — Começou a dizer Sharpe.

— Maldito Nairn!

— Se mudasse de direção, senhor, para a bateria...

— Quando o considere oportuno, senhor; quando o considere oportuno. Maldição. — Taplow fez girar seu cavalo e se afastou de Sharpe. — Muito bem! — animava a seus soldados. — Fechar filas, rapazes! Mantenham-se firmes agora! Já chegará nossa vez! Acabaremos com esses sacanas em um minuto! Fechar filas! Aguentem, aguentem!

Quando a linha de ataque estava a uns cem passos dos canhões franceses, o inimigo trocou as cargas dos disparos por potes de metralha. Os potes recobertos de estanho se abriam pelo meio com o fogo expelido pela boca da arma e espalhavam uma carga de bolas de chumbo como perdigotos. Em vez do golpe cirúrgico das balas lisas, cada uma das descargas fazia um buraco enorme e desigual nas filas que avançavam. A linha de Taplow se estava sendo rapidamente reduzida e ia semeando seu longo percurso com uma dispersão de mortos e

feridos. Finalmente, a matança e o ruído frearam o avanço do batalhão e essa prova do medo de seus soldados fez Taplow atravessar as filas com seu cavalo.

— Atacar, sacanas! Atacar pela Inglaterra!

Liberados, os soldados do batalhão foram à carga. Gritavam de medo, mas correram para frente e a fumaça dos canhões serviu para escondê-los de seus inimigos. Uma pequena depressão no terreno os ajudou a se livrarem do pior das descargas de metralha quando se arrastavam para a fumaça e a linha de canhões inimiga.

— Andem, bastardos! Matem esses filhos de puta! — Taplow ia à frente de seus homens. Carregava como um soldado de cavalaria, com sua espada ao alto, quando dois potes explodiram em cheio à sua frente. Homem e cavalo se converteram instantaneamente em pedaços de carne ensanguentada expelidos para trás como migalhas que salpicaram as tropas que o seguiam.

— Atacar! — Foi um porta-bandeira quem retomou o grito.

De Taplow não restou nada mais que sangue, ossos e partes de carne espalhados por toda a colina. Seus soldados carregaram passando por cima dos restos destroçados de sua coronel e seu cavalo e adentraram na fumaceira. Um projétil disparado da parte mais alta da colina explodiu a uns dez metros atrás de *Sycorax* e a égua, aterrorizada, saiu disparada para frente e se meteu entre a névoa da fumaça dos canhões.

A fumaça era acre. Sharpe queria desembainhar sua espada, mas necessitava das duas mãos para dominar o pânico de *Sycorax*. A égua atravessou a fumaceira a toda velocidade e Sharpe viu um tumulto de casacas-vermelhas dando coronhadas e estocadas nos artilheiros franceses. Era uma vingança, e nenhum dos soldados aceitaria a rendição de nenhum inimigo. Os artilheiros iam pagar pelo estrago que fizeram, portanto as baionetas estripavam e espetavam.

*Sycorax* parou, tremendo, porque uma trincheira francesa bloqueava sua passagem. A vala era pouco profunda, como se estivesse inacabada. Um casaca-vermelha e dois franceses jaziam mortos em seu interior. Sharpe desembainhou a espada e tentou ver algo no caos que havia do outro lado da trincheira. Os homens de Taplow brigavam, estocavam e abriam caminho como podiam através da bateria ao mesmo tempo em que, a apenas uns setenta passos a sua esquerda, um batalhão substituto inimigo marchava entre a fumaceira. O único homem que percebeu essa ameaça foi Frederickson, que havia dispersado seus escaramuçadores em uma fraca linha para bloquear a aproximação do inimigo; mas um punhado de fuzileiros não podia ter nenhuma esperança de deter o decidido ataque de um batalhão completo. Os soldados de Taplow se encontravam em uma desordem total, buscando unicamente vingança; contudo, em qualquer momento o contra-ataque inimigo cairia em cima deles como um trovão.

— Formar companhias! — gritou Sharpe para os soldados. Esporeou *Sycorax* para cruzar para o outro lado da pouco profunda trincheira e então se serviu da face da lâmina para avisar aos soldados que caçavam os últimos artilheiros, que tentavam encontrar refúgio sob os quentes tubos de seus canhões. — Formar companhias! — encontrou um major. — Você está ao comando agora?

— Ao comando? — O homem ficou aturdido.

— Taplow está morto.

— Deus santo! — O major ficou boquiaberto ao escutar Sharpe.

— Pelo amor de Deus, faça seus soldados formarem! Estão a ponto de ser atacados.

— Sério?

Sharpe se virou para a esquerda e viu que o batalhão francês havia detido seu avanço enquanto calavam as baionetas, ainda que, apesar do pequeno atraso, não podia restar mais de meio minuto antes que os franceses avançassem sobre a bateria capturada, onde fariam picadinho dos casacas-vermelhas. Sharpe gritou para que os soldados formassem e uns poucos sargentos perceberam o perigo e retomaram a chamada; mas Sharpe sabia que era impossível: os homens de Taplow estavam alheios a tudo o que não fosse a bateria capturada e seu pequeno saque. Em menos de um minuto seriam esmagados. Soltou uma maldição entre dentes: nem sequer havia ocorrido a ninguém cravar os canhões inimigos, e Sharpe desejou ter se recordado de pôr um martelo e uns poucos pregos na bolsa de sua sela.

Então, afortunadamente, ouviu o estrépito de uma descarga e viu os Highlanders que saíam da massa de fumaça. Nairn os havia levado para a esquerda da carga de Taplow, pelo que os escoceses caíram sobre o flanco do batalhão francês que avançava. Bastaram duas descargas fechadas por parte dos escoceses para que os franceses renunciassem ao contra-ataque.

Sharpe encontrou o primeiro major de Taplow.

— Forme seu batalhão!

— Não posso...

— Faça-o. Agora! Senão, farei que o prendam. Mova-se!

Um soldado da artilharia francesa, ferido por uma dúzia de facadas, desabou junto ao cavalo de Sharpe. Os casacas-vermelhas estavam bebendo água suja de pólvora dos baldes que havia junto das armas, nos quais se molhavam os escovilhões dos canhões entre cada disparo. Os ingleses feridos foram deixados apoiados contra os cestos de vime cheios de terra que formavam as frestas dos canhões. Um desses cestos pareceu explodir em sujas migalhas sob o impacto de uma carga de disparos, e Sharpe percebeu de que as armas francesas mais no alto das colinas tinham começado a disparar contra a bateria capturada.

— Agora você é a reserva! — gritou Sharpe para o major. — Divida seus homens e formem filas atrás dos Highlanders!

Não esperou para ver se era obedecido, saiu atrás dos escoceses que marchavam para frente. À esquerda destes, mais adiante de onde se encontrava o segundo batalhão de Nairn, havia outra brigada que avançava. Ao que parece, o ataque havia quebrado a casca exterior dos franceses, porém, com esse avanço, os britânicos faziam com que os franceses se apertassem em uma defesa ainda mais espessa e impenetrável.

Sharpe passou junto a um fuzileiro morto e se sentiu aliviado ao ver que não era Harper. O ataque de Nairn, ardente e sangrento, ia bem. A companhia de granadeiros dos Highlanders se

encontrava dentro de uma trincheira inimiga, dirigida por um grupo de oficiais e sargentos que utilizavam suas enormes espadas tradicionais escocesas para abrir passagem entre os franceses. Os escaramuçadores de primeira de Frederickson eliminaram o inimigo que fugia. Dois gaiteiros, aparentemente alheios a esse horror, tocavam seus instrumentos com calma. Sharpe achou que havia algo nessa música que a fazia apropriada a um campo de batalha. O ruído era o mesmo que faria um homem ao qual estivessem esfolando vivo, mas parecia encher o inimigo de terror ao mesmo tempo em que inspirava ferocidade nos escocesas. Um cavalo sem cavaleiro, com o pescoço coberto de sangue, galopava em pânico para as linhas inimigas.

— Taplow há morto! — Sharpe se encontrou com Nairn. Nairn olhou para Sharpe como se não tivesse ouvido, em seguida, suspirou.

— Tanta reza antes da batalha...! Pobre homem.

A brigada vizinha havia tomado de assalto um pequeno bastião e Sharpe viu que suas fortificações eram um formigueiro de soldados de infantaria britânicos e portugueses. As baionetas se erguiam e desciam. A seu julgamento, o ataque havia chegado a um ponto em que a habilidade de um soldado já não podia controlá-lo; era uma multidão de soldados enlouquecidos soltos em combate, e desde que pudessem seguir avançando, a vitória era possível.

Sharpe perdeu a noção do tempo. O medo havia desaparecido; sempre parecia sumir quando o perigo estava presente. Os soldados de Nairn, minguados e manchados de sangue, avançaram em meio dos disparos. A fumaça se fez mais espessa. Os soldados jaziam aos montes, cobertos de sangue, onde haviam sido alcançados pelos potes de metralha. Os feridos se arrastavam em busca de ajuda, ou vomitavam, ou gritavam, ou se limitavam a ficar deitados sem fazer ruído esperando a morte. A ordem parecia ter se esfumado. Em lugar de batalhões marchando orgulhosos para o ataque, Sharpe achava que agora o assalto consistia em pequenos grupos de soldados que avançavam uns poucos metros como uma exalação e depois reuniam a coragem para realizar outro avanço rápido. Alguns dos homens procuravam refúgio e tiveram que ser reconduzidos de volta à vanguarda. Em alguns lugares se avistava um estandarte entre a fumaceira. De vez em quando, uma ovação anunciava que se havia tomado uma trincheira inimiga. Um canhão da Artilharia montada se pôs em posição e disparou com rapidez contra a cegante névoa.

A defesa se concentrou. O fogo do inimigo, que havia sido tremendo no começo do assalto, pareceu dobrar de intensidade. Os soldados de Nairn, divididos em unidades que ninguém dirigia, se jogaram ao piso. Ele tentou forçá-los a seguir adiante, mas a brigada estava exausta. Contudo, a divisão calculou esse momento, porque no preciso instante em que Nairn percebeu que não podia pedir mais para seus homens, uma brigada reserva apareceu pelas costas e se juntou aos soldados que restavam dos três batalhões do general.

O escocês tinha lágrimas nos olhos, talvez pelos mortos, talvez por orgulho: seus soldados haviam se saído bem.

— Parabéns, senhor — disse Sharpe, e falava sério, porque os homens de Nairn haviam

penetrado profundamente nas horríveis defesas.

Nairn negou com a cabeça.

— Teríamos que ter chegado mais longe. — Franziu o cenho ao mesmo tempo em que escutava o som da batalha. — Ainda que alguns pobres bastardos estejam dando duro.

— O bastião grande, senhor. — Sharpe apontou para frente e para a esquerda, onde, entre a mutável cortina de fumaça dos canhões, se distinguia uma fumaceira branca mais espessa que delatava a posição do grande bastião central. As descargas dos mosquetes estalavam em suas paredes de terra.

— Se tomarmos aquele forte — observou Nairn —, a batalha estará ganha.

Mas eram outros soldados que teriam que assaltar o bastião. Eram soldados substitutos, homens dos Highlanders da brigada de reserva, que se dirigiram para o turbilhão ao som de suas gaitas. Nairn não podia fazer nada mais que observar. Embainhou sua espada como se soubesse que não ia mais necessitar dela, não mais nessa batalha, quem sabe nessa guerra.

— Avançaremos seguindo o ataque, Sharpe.

— Sim, senhor.

Sharpe se afastou a cavalo para reorganizar os dispersos batalhões. As balas passavam assobiando junto dele; um projétil caiu justo por cima de sua cabeça e houve um momento em que achou que o agudo assobio de um pote de metralha o havia escolhido como alvo, ainda que, de alguma maneira, pudesse se considerar um homem de sorte. Um exército sangrava ao seu redor, mas ele estava vivo. Pensou em Jane, em Dorset e em todos os prazeres que o aguardavam com a paz, e rezou para que a vitória chegasse logo e sem nenhum percalço.

Os artilheiros franceses abriram sangrentas brechas nas filas dos Highlanders que atacavam o bastião. Os potes de metralha estouravam à queima-roupa, reforçados pelas descargas dos mosquetes da infantaria que se alinhava na paliçada e disparava contra o enxame de soldados que cruzava como podia a vala seca passando por cima dos corpos dos homens de seu clã.

— Melhor eles do que eu! — O sargento Harper estava de pé junto do cavalo de Sharpe.

A companhia de Frederickson havia se saído bastante bem desse horror. Só perdera seis soldados. O batalhão de Taplow havia se ressentido muito mais: quando Sharpe o voltara a formar, parecia ter a metade dos soldados que começaram o ataque, e estes estavam tão aturdidos que davam a impressão de estar em transe. Alguns inclusive choravam por Taplow ter morrido.

— Gostavam dele — havia explicado a Sharpe o capitão da companhia ligeira. — Ele os açoitava e os maldizia, mas gostavam dele. Com ele sabiam onde estavam.

— Era um homem valente — disse Sharpe.

— Tinha medo da paz. Achava que seria chata.

Os Highlanders esgaravatarem na parede de terra. Os mosquetes franceses tratavam de destruí-los, porém, de um modo ou de outro, os escoceses subiram e cravaram as baionetas por cima da barricada. Um soldado subiu até a parte mais alta e caiu; outro o substituiu e, de repente, os escoceses já estavam fazendo em pedaços a paliçada e entravam em tropel pelas brechas. Os vivas dos atacantes soaram fracos através da fumaça. As companhias de apoio cruzaram a vala cheia de mortos e tomaram o bastião.

Sharpe embainhou sua espada. Observou, surpreso, que não tinha nem uma gota de sangue. Pensou que talvez não tivesse que matar nesta última batalha, e então uma certeza supersticiosa lhe sugeriu que só sobreviveria se não tentasse matar ninguém. Passou a mão pelo queixo sem barbear e se esqueceu dos augúrios da vida e a morte quando uma enorme descarga fechada martelou no lado mais afastado do bastião capturado.

— Deus salve a Irlanda. — A voz de Harper era de pavor.

Os franceses lançaram um contra-ataque contra o bastião, igualmente desesperado que o assalto dos Highlanders, e Sharpe viu com horror como o inimigo de casaca azul limpava as muralhas recém conquistadas. Os soldados lutavam corpo a corpo, mas os franceses tinham a vantagem de serem mais numerosos e estavam ganhando pela simples força do ímpeto.

Os sobreviventes do regimento escocês saltaram para escapar do forte; os franceses lhes dedicaram uns desdenhosos vivas, e então os batalhões de reserva, formados por mais soldados escoceses, avançaram grunhindo com as baionetas estendidas.

— Formaremos como reserva! — gritou Nairn para Sharpe.

— Avançar a escaramuça! — gritou este por sua vez.

A brigada de Nairn havia marchado com uma força de três batalhões, mas agora apenas dois formaram. Os reduzidos Highlanders se achavam à esquerda, e o que restava dos dois batalhões ingleses formou em bloco à direita. Os soldados se acoraram e rezaram para que não fossem solicitados. Tinham o rosto enegrecido pelos resíduos de pólvora sobre os quais o suor traçava sujas linhas brancas.

O segundo ataque escocês entrou como pôde no bastião. De novo as baionetas se alçaram e caíram sobre o parapeito e de novo os escoceses tiraram os franceses. A fumaça trocou de direção e não permitia ver a luta, mas as gaitas seguiam soando e as exclamações voltavam a ser em gaélico.

Sharpe deixou sua espada embainhada enquanto se dirigia até Nairn montado em *Sycorax*. Sobre sua cabeça sobrevoaram duas calhandras, acima da fumaceira, algo incongruente nesse dia de luta. A égua se afastou dando um sobressalto de um sargento escocês morto. A batalha tinha se tornado tranquila, ou era o que parecia para Sharpe. Os soldados brigavam e morriam a menos de duzentos passos ao norte e os canhões que os rodeavam, imersos em uma nuvem de fumaça, não deixavam de trovejar ameaçando golpear as entranhas encontradas na passagem de seus projéteis, mas isso não parecia ameaçá-lo. Recordou-se dos restos de carne salgada que tinha na bolsa e ficou assombrado ao encontrar uma bala de mosquete dos franceses na carne dura e cheia de cartilagem. Extraiu a bala de chumbo e mordeu a comida.

— Há outra brigada a uns quatrocentos metros atrás de nós — observou Nairn. — Se o forte cair, vão seguir em frente até o extremo da crista.

— Bom.

— Obrigado por tudo o que fez — disse o escocês.

Sharpe, perturbado com o elogio, moveu a cabeça em sinal de negação.

— Nem sequer molhei minha espada, senhor.

— Eu tampouco. — Nairn dirigiu o olhar para o céu.

Uma bala de canhão francesa disparada às cegas desde o flanco esquerdo e dirigida para os escoceses que tomaram o baluarte se desviou e arrancou a cabeça da égua de Sharpe com um estouro de sangue morno. Durante um segundo Sharpe ficou sentado sobre a égua decapitada; então o corpo caiu para frente e ele tirou os pés dos estribos e se jogou de lado com desespero, porque o cadáver de sua montaria ameaçava cair sobre ele.

— Maldição! — Sharpe ficou deitado sobre um charco de sangue de cavalo ainda quente e depois se levantou com dificuldade. — Maldição!

Nairn dominou um impulso de rir da indecorosa queda de Sharpe. Em lugar disso lhe disse:

— Sinto muito.

— Era um presente de Jane. — Sharpe ficou olhando para a bagunça mortuária que havia sido *Sycorax*. O corpo decapitado ainda tremia.

— Era um bom cavalo — disse Nairn. — Guarde a sela.

Virou-se em sua montaria para ver se algum de seus cavalos de reserva estava à vista, mas uma repentina descarga de mosquetes o obrigou a voltar-se de novo.

Outro contra-ataque dos franceses avançou rapidamente, desta vez flanqueando e assaltando o baluarte, e de novo um maior número de soldados obrigou os escoceses a retrocederem. A infantaria de casacas azuis se apinhou pelas paredes do bastião, retumbaram os mosquetes e pela segunda vez os franceses retomaram o forte. Escutaram-se os gritos dos Highlanders que estavam sendo caçados no interior do pátio.

— Hoje estão lutando bem esses malditos franceses — o tom de Nairn evidenciava seu desconcerto.

O inimigo corria pela paliçada matando com a baioneta os soldados escoceses feridos. De fato, esses franceses combatiam com um brio que no ataque anterior, realizado em coluna, não haviam demonstrado. Um estandarte com uma águia brilhava em meio da fumaça, e sob seu brilho Sharpe viu um general francês. O homem estava de pé com as pernas amplamente separadas sobre o parapeito sul do forte. Era uma pose arrogante que sugeria que o francês era o senhor daquele campo de batalha e que podia igualar com acréscimo qualquer coisa que os britânicos lhe jogassem em cima. Os fuzileiros de Frederickson deviam ter visto o general inimigo, porque pode-se ouvir os disparos de uma dúzia deles; mas nesse dia o francês teve

muita sorte.

— Aquele é Calvet! — Sharpe havia enfocado o francês com a luneta e reconheceu a figura gorducha e baixa do homem com quem havia lutado em *Teste de Buch*. — É o maldito Calvet!

— Demos uma lição naqueles sacanas. — Nairn desembainhou sua espada. Era evidente que com a última expulsão dos escoceses não havia tropas substitutas que pudessem ser lançadas contra o baluarte reconquistado. Se dessem a Calvet mais que alguns minutos, reorganizaria suas defesas e redobraria a dificuldade de tomar o forte. Esse era o momento de contra-atacar, e a brigada de Nairn era a que estava mais próxima.

— Rápido, Sharpe! Acabemos logo com isto!

Calvet se afastou imperiosamente. Seus homens avançavam de ambos os flancos do bastião. A trincheira do forte estava repleta de soldados mortos e agonizantes.

— Em pé! — Nairn havia se situado no espaço entre seus dois batalhões. — Calar baionetas! — Esperou até que as lâminas estivessem colocadas e depois agitou seu chapéu tricórnio. — Avançar! Que se ouçam as gaitas!

Os dois batalhões avançaram. Até então tinham passado despercebidos. Os franceses limpavam as frestas e as cornijas pelas quais subiam para disparar por elas enquanto um dos batalhões de Calvet formava em três filas na frente da paliçada feita em pedaços e da vala empapada de sangue. Foi um oficial desse batalhão o primeiro que percebeu a ameaça de Nairn e dirigiu um grito de advertência para o parapeito do forte.

Ninguém teve a ideia de cravar os canhões para inutilizá-los, e os soldados da artilharia francesa os carregaram então com potes de metralha e dispararam estrépitos de morte para o ataque de Nairn. Sharpe, que se apressava para alcançar o escocês a cavalo, viu Nairn cair, mas apenas seu cavalo havia sido ferido. O velho escocês, sem o chapéu e completamente despenteado, se levantou e brandiu sua espada.

— Em frente!

O forte tinha sido capturado duas vezes e duas vezes o haviam retomado. Esse grosseiro quadrado de terra com suas maltratadas paliçadas parecia arrastar os soldados para o horror de seu interior; era quase como os exércitos tivessem combinado que quem capturasse o forte ganharia a batalha. Sharpe percebeu que à sua direita o terreno estava limpo, um terreno que devia flanquear a fumegante fortificação; mas a serenidade, a única que poderia ter sugerido a ocupação desse terreno, havia sido substituída por um orgulho selvagem que não ia permitir que o general Calvet tivesse a satisfação de manter o baluarte. Nairn, a quem durante tanto tempo se negara a oportunidade de mostrar suas habilidades, teria que provar a si mesmo nessa batalha. Não eram só os canhões do bastião que tinha que enfrentar, pois no batalhão da infantaria francesa os soldados carregavam seus mosquetes à espera do assalto de Nairn.

— Aguentem, rapazes, aguentem! — Nairn havia lançado seu ataque levado por um impulso e percebeu que tinha levá-lo com mais calma para que seus soldados não atraíssem medo ou impaciência. — Atenção na formação! — Sorriu para Sharpe quando se

uniu a ele. — Um último esforço, Sharpe, só um último esforço!

Uma das bandeiras dos Highlanders caiu, foi recuperada e içada de novo. Uma bala de canhão cortou a perna de um sargento na altura do joelho. As gaitas despertavam o fervor nos corações que decaíam. A infantaria francesa havia carregado e erguido os mosquetes. Não havia nem rastro de Calvet, que devia de ter ficado dentro do bastião. Sharpe observou que os franceses engatilhavam os mosquetes.

— Destroçaremos aqueles sacanas! — gritou Nairn. — Nós vamos destroçá-los!

A infantaria francesa disparou e o ar se encheu com a descarga e o ensurdecido assobio de suas balas. Das canhoneiras brotou uma fumaça espessa como o sangue e Sharpe viu o terreno à sua frente se revirar ao ser atingido pelos potes de metralha. Nairn cambaleou para trás e Sharpe se virou alarmado para ele.

— Não foi mais que a perna, garoto! Não é nada! Vá! Vá! — Nairn estava ferido, ainda que seguisse eufórico. Coxeava, mas não deixou que Sharpe ficasse com ele. — Dê-lhes uma descarga fechada, Richard, esta é sua oportunidade!

— Brigada! — a voz de Sharpe soou tremenda. — A brigada vai parar! Apresentar armas!

Os casacas-vermelhas pararam. Ergueram seus pesados mosquetes. O batalhão dos franceses sabia o que se aproximava e tentou desesperadamente voltar a carregar. Sharpe levantou sua espada, parou um instante e depois a baixou de golpe.

— Fogo!

Seguiu uma descarga estrondosa e uma exalação de fumaça acre não havia tempo para se perguntar o estrago que as balas tinham feito.

— Atacar!

— Leve os rapazes para o alvo, Richard! — gritou Nairn. — Leve-os para o alvo!

— Atacar! — Sharpe sentiu que aumentava a fúria, a irracional fúria da batalha, a ira que só diminuía com a vitória. Era essa mesma ira e esse orgulho que haviam feito Taplow apertar o passo na frente de seus soldados para uma morte certa e que fizeram Nairn conduzir seus homens para esse caldeirão assassino da fortificação.

— Ataquem! — Uma bala de mosquete passou pela frente de seu rosto. Agora Sharpe podia distinguir os rostos dos soldados da infantaria francesa, que tinham um aspecto sumamente jovem e desesperadamente assustado.

— Carreguem! — Esse era Nairn, que ia atrás de Sharpe, e a palavra pareceu jogar o que restava da brigada para o fedor dos corpos e o sangue entre os quais se situava o inimigo. Os Highlanders se lançaram contra a infantaria francesa, que não tinha para onde se retirar. O inimigo vacilou e ficou perdido. O batalhão inglês de Nairn se aproximava de seu flanco.

As baionetas dos escoceses avançaram e regressaram ensanguentadas. Os homens dos clãs tinham muita experiência na guerra e em lutar contra recrutas. Sharpe, situado em um de seus flancos, viu o inimigo correr, porém, em pânico, os franceses se lançaram sobre os ingleses que se aproximavam. Havia um garoto que corria direto para Sharpe; então, ao ver o oficial

inglês, o rapaz ergueu sua baioneta para atacar. Sharpe se afastou de lado com desdém e lhe deu uma rasteira. Ele o deixou estendido no chão para que um dos soldados de Frederickson o desarmasse ou matasse.

Um canhão disparou potes de metralha para o tumulto de soldados que brigavam e matou tanto escoceses como franceses.

— Abram fogo! — gritou Frederickson, e seus escaramuçadores dispararam para as frestas. Um artilheiro foi arremessado para trás. Um francês gritava da paliçada. Os Highlanders de Nairn já estavam destroçando a inclinada parede de terra da face sul do forte.

— Para a direita! Para a direita! — gritou Sharpe para o provisório batalhão inglês para que virasse seu avanço e o seguisse pela parede oeste do baluarte.

Sharpe saltou por cima da vala e tratou de alcançar a paliçada. Um mosquete soltou um clarão. Ele escorregou na terra molhada e caiu de costas ao pé da trincheira ao mesmo tempo em que os soldados de Frederickson saltavam para seu lado. O sargento Harper havia sacado sua arma de sete canos da correia. Ele a disparou ao acaso para cima e fez três soldados franceses retrocederem, deixando um espaço por onde os fuzileiros puderam alcançar a parte superior. Sharpe foi atrás deles. O sangue de um soldado lhe empapou a cara, um corpo caiu em cima dele, mas o afastou para ajudar outro soldado a subir na paliçada. Uma lasca de madeira lhe rasgou a mão ao puxar, mas, em seguida, o parapeito rachou, rachou para o exterior e deixou um espaço pelo qual um homem podia passar. Uma baioneta francesa tentou alcançá-los, mas Sharpe cravou sua espada e cortou o antebraço do soldado, que largou o mosquete e a lâmina.

Um casaca-verde entrou pela brecha, foi atingido por um tiro e outro soldado o afastou de lado. Harper estava arrancando outra parte da barricada, tirando um cesto de vime cheio de terra que causou o desmoronamento de toda uma seção das defesas em cima de um casaca-vermelha ferido. Harper gritava seu próprio desafio em gaélico. Os casacas-vermelhas se misturavam com os casacas-verdes e toda essa massa de soldados esgaravatava e rompia o montículo de barro e a paliçada de madeira. Pisoteavam os feridos e abriam passagem à força para onde os mosquetes franceses martelavam e as baionetas se cravavam. Um francês estendeu demais sua estocada, agarraram sua arma e o homem gritava enquanto o arrastavam para as adagas que o aguardavam. Agora Sharpe estava encaixado em uma brecha da paliçada e tratava desesperadamente de se esquivar de uma baioneta quando de repente toda uma seção da parede que havia depois de si veio abaixo para dentro sob o peso dos atacantes. Ouviram-se gritos de vitória e de repente os britânicos caíram sobre a estreita cornija debaixo das frestas, depois desceram saltando para o pátio onde o general Calvet alinhava seus soldados formando um grupo sólido; mas os Highlanders de Nairn já haviam atravessado a parede sul, e agora os primeiros desses escoceses dirigiam suas baionetas para os assustados soldados de Calvet. O pátio estava igual a um matadouro por causa dos dois ataques anteriores.

— Aproximem-se deles! Aproximem-se! — gritou Sharpe e logo depois saltou para o pátio.

Agora se tratava de sangue, fedor e lâminas de aço em um espaço muito reduzido. Um

oficial francês tentou duelar com Sharpe, mas o fuzileiro não tinha tempo para tamanhos heroísmos e se limitou a se jogar para frente com o fim de evitar a arremetida do soldado e golpear-lhe na cara com a guarnição de sua espada. O francês caiu de costas e Sharpe lhe deu um chute nas costelas. Teria deixado o soldado ali, mas o oficial francês futucou em seu cinturão para sacar uma pistola e Sharpe se esqueceu de sua superstição a respeito de matar e lhe cravou a espada. Outro soldado se aproximou de Sharpe com uma baioneta, mas dois fuzileiros com baionetas de espada curta o alcançaram primeiro, um oficial dos Highlanders estripou um artilheiro com um golpe de espada escocesa; depois o atingiu na cabeça para se assegurar de sua morte.

Calvet insultava seus homens, puxava deles para que se alinhassem, maldizendo-os por serem uns sacanas com fígado de frango. Um oficial escocês se aproximou o bastante do general para ameaçá-lo com sua espada, mas Calvet se esquivou do golpe quase com indiferença e arremeteu com sua espada contra o ventre do escocês, virou-se para seus soldados e gritou para permanecerem firmes e lutarem contra os malditos bastardos. Os soldados de Calvet eram em sua maioria jovens recrutas que nesse dia haviam lutado como demônios, mas o ataque de Nairn tinha consumido a coragem que lhes restava. Apesar do que seu general dizia, eles retrocederam.

Houve uns poucos que seguiram lutando. Um artilheiro francês balançava um aríete como se fosse um enorme garrote. Sharpe se inclinou sob o vaivém e lhe deu uma estocada. O francês se espantou quando o aço lhe perfurou o ventre. Um soldado dos Highlanders terminou o trabalho por Sharpe. Havia um gaiteiro sobre a muralha sul que com sua música desenfreada compelia os escoceses a seguir em frente.

O cabo da espada de Sharpe estava escorregadio devido ao sangue. Os soldados de Calvet romperam filas e passaram a correr. Os primeiros já estavam saltando por cima da parede que dava para o norte. Sharpe procurou Calvet com o olhar e o viu em meio de uns poucos veteranos com bigode, sob o brilhante estandarte de águia.

— Calvet! — Sharpe gritou seu nome em um tom desafiante. — Ei, Calvet!

O francês viu Sharpe. Curiosamente, em vez de se incomodar com o desafio, levantou sua espada imitando uma saudação. Sharpe abriu caminho como pôde para se aproximar dele, mas uma repentina avalanche de Highlanders se interpôs ante o grupo de franceses. As bandeiras de três batalhões britânicos se encontravam então na fortificação, o tropel de soldados era incontido e os últimos defensores incondicionais de Calvet tiveram que ceder. Combateram bem, mas agora só o que queriam era sair desse pátio sangrento. Retiraram-se com calma, disparando seus mosquetes para manter os escoceses na linha; depois romperam filas e saíram como puderam pelo parapeito norte.

— Guarneçam as cornijas! — Sharpe foi correndo para a barricada norte.

— Cravem esses malditos canhões! — Esse era o coronel dos escoceses.

Os soldados de Frederickson estavam na barricada norte e disparavam contra os franceses que batiam em retirada. Sharpe se uniu a eles, pegou o fuzil da correia e procurou por Calvet. Viu que o general se afastava caminhando, sem se incomodar em correr; simplesmente ia

cortando o mato com sua espada como se estivesse dando um passeio pelo campo. Sharpe apontou sua arma para a parte baixa das costas de Calvet, mas não conseguiu apertar o gatilho. Moveu o cano para cima e de lado antes de disparar, de maneira que a bala passou zumbindo junto à orelha direita do general francês.

Calvet se virou e viu os fuzileiros alinhados no parapeito. Nenhum disparou contra ele porque seu porte calmo transluzia uma valentia que eles podiam admirar. Era um soldado vencido, mas valente. Ele ficou olhando fixamente para os fuzileiros durante um segundo e depois se inclinou fazendo uma reverência irônica. Ao mesmo tempo em que se endireitava fez um gesto obscuro e depois seguiu andando com parcimônia. Só começou a correr quando as tropas britânicas, que se amontoavam de ambos os lados do baluarte, ameaçaram a cortar-lhe o caminho. Pela frente de Calvet brotou a fumaça quando os espanhóis reiniciaram seu assalto no extremo norte da colina. Esse assalto e a queda do enorme forte quebrantaram o que restava de espírito no exército do marechal Soult.

Os franceses corriam. Desceram correndo pela parede leste da montanha para as pontes que cruzavam o canal e rumaram para a cidade. Sharpe, de pé na cornija que haviam capturado, pôde finalmente contemplar os capitéis, torres, pináculos e telhados de Toulouse. Viu o semicírculo de fumaça que indicava as posições britânicas a leste e sul da cidade. Era como olhar uma gravura de um assédio tirado de algum velho livro sobre as guerras de Marlborough. Ficou olhando fixamente, alheio ao repentino silêncio que estendia pela colina, e a única coisa em que pensava era que estava vivo.

Sharpe se virou deixando a cidade a suas costas e viu o sargento Harper são e salvo. O corpulento irlandês estava cortando um cantil para soltá-lo do cinturão de um soldado francês. Um clarim anunciou a vitória. Um francês ferido maldisse sua dor e tratou de pôr-se em pé. Um sargento dos Highlanders admirava a espada de um oficial francês que tinha ficado como troféu. Os soldados pegavam água dos baldes dos canhões com conchas e a jogavam no rosto. Um cachorro corria com um pedaço de intestino na boca. Um tenente francês agonizava ao pé do vazio mastro francês. O homem pestanejava desesperadamente, como se soubesse que, se deixasse as pálpebras se fecharem, deslizaria para a noite eterna.

Frederickson se juntou a Sharpe, e os dois oficiais se voltaram para observar do alto a cidade inimiga.

— Suponho que amanhã teremos que assaltar aquele maldito lugar — disse Frederickson.

— Não seremos nós, William. — Sharpe sabia que esse trabalho sangrento seria dado a outros batalhões. Os soldados que tomaram a colina já haviam justificado seu pagamento e a prova estava no espanto que reinava a seu redor. Soldados mortos, feridos, cavalos que agonizavam, carretas quebradas, fumaça, restos; era o campo depois da batalha, a última batalha. Sem dúvida, pensou Sharpe, tinha que ser a última batalha.

Encontrou um trapo para limpar os canhões e o usou em sua espada. Havia molhado a lâmina afinal de contas, mas logo, pensou, penduraria essa comprida espada em uma parede no campo, e ele deixaria que acumulasse poeira. Ao norte de onde se encontrava, as bandeiras britânicas avançavam pela colina enquanto os batalhões substitutos caçavam os últimos ninhos

de tenazes defensores. A fumaça ficava menos espessa e dava lugar a uma bruma borrada. Sobre o cume mais afastado das colinas se avistavam os estandartes espanhóis, demonstrando que a batalha desse dia estava ganha mesmo que a cidade ainda tivesse que cair. De repente Sharpe soltou uma gargalhada.

— De repente tive vontade de conseguir a águia de Calvet. Você o reconheceu?

— Sim. — Frederickson ofereceu seu cantil a Sharpe. — Deve se alegrar de não ter tentado tirar-lhe o pássaro: não estaria vivo se o tivesse feito.

De repente soou uma gaita e algo lamentoso em suas notas fez Sharpe e Frederickson se virarem.

— Oh, Deus! — disse Frederickson em voz baixa. Quatro Highlanders levavam uma maca feita com casacas inimigas amarradas a alguns mosquetes franceses. Estendido sobre a maca, com o cabelo branco pendurado, estava Nairn.

Sharpe saltou para a terra empapada em sangue do pátio. Cruzou para onde estava o corpo justo quando os Highlanders o desciam ao solo.

— Está morto, senhor. — Um dos soldados viu o rosto de Sharpe e se ofereceu para dar-lhe a funesta notícia.

— Disse que era a perna. — Sharpe olhou com o cenho franzido para o ancião que havia sido seu amigo.

— O pulmão também, senhor.

— Oh, Deus! — As lágrimas se amontoaram nos olhos de Sharpe e caíram por sua bochecha ensanguentada. — Ia jantar com ele esta noite.

— Sinto muito, senhor.

Enterraram Nairn no centro da fortificação que os escoceses capturaram. Uma gaita tocou um lamento por ele, um capelão rezou uma oração em gaélico e seus amados Highlanders dispararam uma descarga para as estrelas do norte em sua honra.

E pela manhã, quando Sharpe despertou com a boca ressecada e o coração dolorido pela recordação da morte do escocês, se descobriu que o marechal Soult havia abandonado Toulouse. Tinha marchado através da brecha no cerco britânico e partira da cidade que agora pelo alarde de bandeiras brancas dava as boas-vindas a seus inimigos. Toulouse havia se rendido.

O capitão William Frederickson, que havia voltado a pôr a dentadura postiça e o tapa-olho para dar a seu rosto sulcado de cicatrizes um semblante de respeitabilidade, descobriu Sharpe em uma bodega próxima à prefeitura de Toulouse. O lugar estava abarrotado de gente, mas havia algo no marcado rosto de Sharpe que havia dissuadido todo mundo de compartilhar sua mesa. Acabava de anoitecer e haviam se passado dois dias desde que Soult havia abandonado a cidade nas mãos britânicas.

— Agora bebe sozinho? — perguntou Frederickson.

— Nunca abandonei esse hábito. — Sharpe empurrou a garrafa de vinho para o outro lado da mesa. — Você tem um aspecto bem alegre.

— Estou do mais que alegre — Frederickson fez uma pausa, porque se ouviu um forte e prolongado hurra desde a prefeitura ao lado. O marechal de campo lorde Wellington dava um jantar para celebrar a tomada da cidade. Todos os cidadãos proeminentes de Toulouse estavam presentes, todos usavam a roseta branca da monarquia francesa e todos juravam que nunca tinham apoiado o adventício tirano corso.

— Faz com que a gente se pergunte contra quem estivemos lutando por todos estes anos. — Frederickson se sentou em uma cadeira com o respaldo na frente e agradeceu pelo vinho com um movimento de cabeça. — Mas não lutaremos mais contra eles, porque o Imperador abdicou. Aquele condenado e maldito Imperador se deu por vencido. Permita-me que brinde à sua excelente saúde, Sharpe, agora que está totalmente a salvo.

Frederickson havia falado em um tom de completa naturalidade, tanto que, na realidade, Sharpe não compreendeu o que seu amigo acabava de dizer.

— A guerra, meu caro amigo, terminou — insistiu Frederickson.

Sharpe o olhou de marco em marco sem dizer nada.

— É tão verdade — respondeu Frederickson — como vivo e respiro, e que me maldigam se minto, mas veio de Paris um oficial britânico. Pense nisso! Um oficial britânico desde Paris! De fato, vieram de lá um monte de oficiais britânicos! Bonaparte abdicou, Paris caiu, a guerra terminou e nós ganhamos! — Frederickson não pôde conter mais seu entusiasmo. Levantou-se e, ignorando a origem francesa da maioria dos clientes, subiu na cadeira e gritou a notícia para todos que estavam na taberna: — Boney abdicou! Paris caiu, a guerra terminou e nós ganhamos! Por Cavam, ganhamos!

Houve um momento de silêncio e então começaram os vivas. Os oficiais espanhóis e portugueses procuraram uma rápida tradução e logo acrescentaram sua própria algaravia à celebração. Os únicos que não gritaram seu entusiasmo foram os veteranos franceses com bigode, vestidos de civil, que fixaram a vista em seus copos de vinho com ressentimento. Um desses homens, quando lhe traduziram a notícia, passou a chorar.

Frederickson gritou a uma das garotas que serviam que queria champanhe, charutos e conhaque.

— Nós ganhamos! — exultou Frederickson para Sharpe. — Acabou a maldita guerra!

— Quando foi que Boney abdicou? — perguntou Sharpe.

— Não tenho nenhuma ideia. Na semana passada? Há duas semanas?

— Antes da batalha? — insistiu.

Frederickson deu de ombros.

— Antes da batalha, foi.

— Meu Deus! — Sharpe fechou os olhos por um momento. Portanto a morte de Nairn havia sido em vão? Todo o sangue derramado na alta crista das colinas fora inútil?

Então, de repente, uma constrangedora e assombrosa onda de alívio fez com que se esquecesse dessa ironia. Os sinos da Europa podiam repicar porque a guerra havia terminado. Não haveria mais perigo. Não se teria que reunir de novo a coragem necessária para atacar uma muralha em poder do inimigo, nem se ficar quieto como uma rocha enquanto um batalhão inimigo apontava. Acabaram os canhões, os lanceiros, as linhas de escaramuçadores, as mortes. Havia terminado. Adeus às caminhadas noturnas, envolvidos em suor, pensando na ameaça da lâmina de uma espada. A guerra havia terminado e se haviam fechado as últimas filas, e todo o maldito assunto estava acabado. A Europa se enxaguara com sangue, mas por fim tudo havia terminado. Agora viveria para sempre, e essa ideia fez Sharpe rir, e se encontrou de repente apertando a mão dos oficiais aliados que se amontoavam ao redor da mesa para ouvir os detalhes da notícia de Frederickson. Napoleão, o ogro, o tirano, o chicote da Europa, o maldito corso, o adventício, o monstro, estava acabado.

Alguém começou a cantar enquanto alguns oficiais bailavam entre as mesas onde permaneciam sentados os veteranos do Imperador ocultando seus pensamentos.

Chegaram o conhaque e o champanhe. Frederickson, sem perguntar, verteu o vinho tinto da taça de Sharpe no piso coberto de pó de serra e o substituiu por champanhe.

— Um brinde! Pela paz!

— Pela paz!

— Por Dorset! — exclamou Frederickson com um sorriso.

— Por Dorset! — Sharpe se perguntou se teria chegado alguma carta da Inglaterra e logo depois se esqueceu da ideia para saborear a incrível notícia. Havia terminado! Não haveria mais potes de metralha, nem baionetas, nem tremores durante as longas marchas noturnas, nem o fedor da cavalaria francesa, nem sabres cortantes, nem balas. A Páscoa triunfara e a morte estava derrotada. — Tenho que escrever para Jane — disse, e se perguntou se ela estaria celebrando a notícia em algum povoado de Dorset. Haveria bois sendo assados, tonéis de cerveja, os sinos da igreja repicando. A guerra havia terminado.

— Pode escrever para Jane amanhã — ordenou Frederickson —; esta noite ficaremos bêbados.

— Esta noite nos embebedaremos — consentiu Sharpe.

À uma da madrugada estavam em cima das muralhas da cidade, onde cantaram bobagens e gritaram seu triunfo para os fogaréus do acampamento britânico situado a oeste da cidade. Mais ou menos às duas iam à busca de outra taberna, ainda que, em lugar disso, se encontraram com um grupo de sargentos da cavalaria que se empenharam em compartilhar com os oficiais fuzileiros um pouco do champanhe dos saques. Às três da manhã, de braços dados para se manterem em pé, Sharpe e Frederickson atravessaram cambaleando as fortificações francesas abandonadas e cruzaram a ponte de madeira sobre o canal, onde duas sentinelas amigas impediram que caíssem na água. Às quatro prenderam o sargento Harper com a

acusação de estar sóbrio e às cinco o declararam inocente porque já não estava mais. Às seis da manhã o major Richard Sharpe estava vomitando e às sete foi cambaleando para a tenda vazia de Nairn e deu instruções para que não o despertassem nunca mais. Nunca.

Porque a guerra havia terminado, fora ganha e finalmente, finalmente, havia paz.

# SEGUNDA PARTE

## Capítulo 4

A brigada de Nairn já não existia. Desbaratados pela batalha e sem líder, seus dizimados batalhões se agregaram a outras brigadas. A razão foi puramente administrativa, porque agora o exército seria dirigido burocratas em lugar de soldados combatentes, e esses burocratas foram ordenados a dissolver o exército que combatera desde as costas portuguesas até o interior da França. Frederickson tinha curiosidade em descobrir até onde o exército marchara, e encontrou sua resposta com a ajuda de alguns mapas que descobriu na tenda de um livreiro de Toulouse.

— Em linha reta — disse a Sharpe em tom ofendido — são apenas mil e sessenta e dois quilômetros, e demoramos seis anos.

Ou dezesseis mil quilômetros, tal como os calculava um soldado, em forma de péssimos caminhos que gelavam no inverno, tornavam-se lamaçais na primavera e enchiam a garganta de poeira no verão. Os quilômetros dos soldados eram os que se percorriam sob o peso de mochilas capazes de destroçar as costas mais acostumadas. Eram quilômetros que se percorriam uma e outra vez em avanço e retirada, em meio do caos e do medo. Os quilômetros dos soldados conduziam a batalhas e assédios e à morte de amigos, mas esses já estavam feitos, e o Exército só precisava deslocar-se outros cento e trinta quilômetros para Bordéus, onde havia navios esperando seus membros para levá-los. Alguns dos batalhões estavam sendo enviados para praças situadas do outro lado dos oceanos; outros foram mandados para a guerra que se travava na América, e uns poucos foram mandados para casa, onde, com o dever cumprido, seriam licenciados.

A companhia de Frederickson foi mandada à Inglaterra para ser dissolvida junto com o restante de seu batalhão. Os soldados iriam se unir a outros batalhões do 60°. A maioria dos espanhóis que se alistou na companhia durante a guerra já havia desertado. Uniram-se aos casacas-verdes apenas para matar franceses e, como esse trabalho já havia sido realizada de maneira eficiente, Frederickson fez com muito prazer vista gorda à sua partida. Sharpe, sem um batalhão próprio e sem nenhum trabalho, recebeu permissão para viajar de volta para Inglaterra com os fuzileiros e assim, três semanas depois da rendição francesa, encontrava-se subindo em uma das barcaças de rio de fundo plano alugadas para transportar o Exército pelo Garona até o cais de Bordéus.

Alguns segundos antes da barcaça se afastar do cais, impulsionada pela vara, chegou um mensageiro do quartel general da divisão com uma saca de correio para a companhia de Frederickson. A saca era pequena, pois a maioria dos soldados da companhia não sabia ler nem escrever e, entre os que tinham esta habilidade, havia poucos cujos familiares lhes escrevessem cartas. Havia uma carta dirigida a um soldado que tinha morrido em Fontes de Onor, mas cuja mãe, que se negava a acreditar na notícia, seguia empenhada escrevendo todo mês exortando a seu filho, morto há tempos, para que fosse um bom soldado, um cristão fervoroso e um orgulho para sua família.

Também havia um pacote para o major Richard Sharpe, remetido de Londres por seus agentes militares. Mandaram-no primeiro para os Voluntários do Príncipe de Gales e depois para o quartel general, e dali, para a divisão, pelo que havia levado mais de um mês para chegar até Sharpe.

— Portanto não precisava ter se preocupado — disse Frederickson — Jane escreveu, afinal de contas.

— Acho que sim. — Sharpe seguiu em frente com o pacote em busca de um pouco de intimidade na proa da barça, onde arrancou a obreira do selo e, com uma expectativa totalmente ridícula e própria de garotos, rasgou o pacote para encontrar duas cartas.

A primeira era de um homem de Lancashire que afirmava ter inventado balas acorrentadas que podiam ser disparadas com qualquer mosquete ou fuzil normal e se fossem disparadas baixo contra as pernas dos animais da cavalaria podiam ser fatais. Pedia ao major Sharpe que o ajudasse a persuadir o diretor geral de Armamento e Material para que comparasse o artefato, que se chamava “Quebrador de Patas de Cavalos patenteado por Armbruster”. Sharpe fez uma bola com a carta e a jogou por cima da borda da embarcação.

A segunda era dos agentes militares de Sharpe. Cumprimentavam o major Sharpe e pediam permissão para informar que, de acordo com suas instruções escritas para conceder à senhora Jane Sharpe autoridade sobre sua conta, haviam vendido todos seus bônus a quatro por cento e tinham transferido as somas para a senhora Jane Sharpe, da Rua Cork em Westminster. Agradeciam ao major Sharpe pela confiança e o privilégio de gerir seus negócios e esperavam que se alguma vez voltasse a necessitar de tais serviços, não se esquecesse de seus humildes e seguros servidores, os senhores Hopkinson e Filho, agentes militares, da rua São Albans em Londres. Os humildes servidores acrescentavam que os gastos da venda dos bônus por quatro por cento e o trabalho requerido no livro de contabilidade para o fechamento de sua conta ascendiam a dezesseis libras, catorze xelins e quatro peniques, e que essa soma fora deduzida do valor entregue à senhora Jane Sharpe. Desejavam recordar ao major Sharpe que ainda tinham sua espada comemorativa doada pelo Fundo Patriótico e suplicavam poder conservá-la, etcétera.

A tripulação da barça içou uma vela de brandal aparelhada com ganchos que fizeram ranger de forma alarmante os alcatroados amantilhos. Sharpe ficou olhando a carta com pasmo, sem perceber que a embarcação se movia. Uma menina pequena na distante ribeira chupava o dedo e observava com ar de gravidade os estranhos soldados que se afastavam dela.

— Creio que são boas notícias. — Frederickson subiu na proa e interrompeu a abstração de Sharpe.

Sharpe, sem dizer palavra, passou a carta para Frederickson, que a leu com rapidez.

— Não sabia que tinha uma espada de apresentação — disse alegremente.

— Foi por capturar a águia em Talavera. Acho que era uma espada de cinquenta guinéus.

— Era boa?

— Muito ornamentada. — Sharpe se perguntou como Frederickson pudera não entender completamente a importância da carta e limitar-se a mostrar curiosidade por uma espada dourada e azulada. — A lâmina é uma Rinkfiel-Solingen, e a bainha é Kimbley. Não serviria em uma batalha.

— Mas ficaria muito bem, pendurada em uma parede. — Frederickson lhe devolveu a carta. — Fico alegre por você. É uma notícia esplêndida.

— Ah, é?

— Jane recebeu o dinheiro, pelo que suponho terá ido comprar sua casa em Dorset. Não é isso o que queria ouvir?

— Dezoito mil guinéus? — Frederickson ficou olhando para Sharpe fixamente. Pestanejou. Por fim respondeu:

— Pelo amor de Deus!

— Nós encontramos diamantes em Vitória — confessou Sharpe.

— Quantos?

— Centenas dessas malditas coisas. — Sharpe deu de ombros. — Na realidade foi o sargento Harper quem os encontrou, mas os repartiu comigo.

Frederickson soltou um assobio baixinho. Ouvira que grande parte das jóias da Coroa espanhola havia desaparecido quando se capturou a bagagem francesa em Vitória e sabia que Sharpe e Harper tinham se dado muito bem no saque, mas nunca se atrevera a unir as duas histórias. A fortuna de Sharpe era enorme. Um homem poderia viver como um príncipe durante cem anos com tamanha fortuna.

— Podia comprar uma casa esplêndida por cem guinéus — disse Sharpe aborrecido —; por que necessita de dezoito mil?

Frederickson se sentou no toco do gurupés. Ainda tentava imaginar Sharpe como um homem imensamente rico.

— Por que lhe deu as procurações? — perguntou depois de um tempo.

— Foi antes do duelo. — Sharpe deu de ombros a modo de desculpa. — Achava que ia morrer, e queria que ela tivesse segurança.

Frederickson tratou de tranquilizar seu amigo.

— Provavelmente tenha encontrado um investimento melhor.

— Mas por que não me escreveu? — Esse era o verdadeiro problema, a ferida que de forma tão insidiosa magoava Sharpe. Por que Jane não havia escrito? Seu silêncio ainda era pior por causa daquela prova atormentadora que sugeria que sua mulher era uma mulher rica que vivia na Rua Cork de Londres. — Onde fica a Rua Cork?

— Em algum lugar perto de Picadilly, acho. É um bom endereço.

— Ela pode pagar por isso, não pode?

Frederickson se virou em seu improvisado assento para observar uma aguieta lagunense que pairava pelo leste e depois deu de ombros.

— Você estará em casa dentro de três semanas; que importância tem então?

— Suponho que nenhuma.

— Isso é o que as mulheres fazem — observou Frederickson com serenidade. — Entopem o cano e quebram a pederneira. O que me recorda que alguns desses sacanas acreditam que só porque estamos em tempo de paz já não têm que limpar seus fuzis. Sargento Harper! Inspecione as armas, agora!

Desse modo iam flutuando de volta para casa.

Nesse mesmo dia, mais tarde, quando a barçaça bamboleava entre os pastos ensolarados, o sargento Harper se achava sentado com Sharpe na proa.

— O que vai fazer agora, senhor?

— Renunciar a meu posto de oficial, suponho. — Sharpe olhava para dois pescadores. Usavam blusas brancas e largos chapéus de palha, e tinham um aspecto muito pacífico. Era difícil imaginar que um mês atrás esse fora um país em guerra. — E imagino que você vai para a Espanha buscar Isabel, certo?

— Se permitirem, senhor.

Esse era o problema de Harper: ele, assim como Sharpe, era um homem rico, e também um homem casado. Patrick Harper já não tinha nenhuma necessidade de usar a insígnia do rei, que somente havia assumido por causa da pobreza e da fome. Queria seus preciosos papéis de baixa, e Sharpe não pudera consegui-los. Este havia reunido todos os formulários requeridos, mas não conseguiu as assinaturas de um oficial médico do estado maior, de um cirurgião do regimento do 60º e de um oficial general. Teria necessitado também do carimbo com o selo do regimento do 60º. Sharpe achara despreocupadamente que conseguiria tudo isso com facilidade, mas as normas do Exército o fizeram fracassar. Este já não era dirigido por homens que compreendiam que um favor seria correspondido com a vitória no campo de batalha, em seu lugar havia pessoas que só sabiam ler a letra pequena do regulamento. Esses burocratas entendiam muito bem a quantidade de soldados que tentariam abandonar as filas e estavam tomando extraordinárias precauções para evitar tais deserções. Portanto Harper se via obrigado a permanecer no exército.

— Existe outra maneira — disse Sharpe com pouca segurança em si mesmo.

— Senhor?

— Converta-se em meu criado. Harper franziu o cenho, não ante a perspectiva de uma servidão de baixa categoria, mas porque não via como conseguiria com isso o que ambicionava.

Sharpe lhe explicou:

— Enquanto eu esteja na reserva ativa me permitem ter um criado. Esse criado pode deslocar-se conforme meu critério. Portanto tão logo chegemos à Inglaterra iremos a Dorset, informarei que um cavalo o coiceou e acabou com sua vida, e então pode ir aonde quiser. O exército o riscará da lista e não necessitaremos de um cirurgião de regimento que testemunhe que você está morto, porque terá falecido fora das linhas do regimento. Necessitaremos de um médico civil, e talvez até mesmo um juiz de instrução, mas creio que não faltam bêbados em Dorset dispostos a se deixar subornar.

Harper pensou nisso e depois consentiu.

— Para mim está bom, senhor.

— Há um pequeno problema.

— Senhor?

— O tom de Harper foi de cautela.

— O regulamento do rei, sargento, com relação à economia interna de um regimento, insiste em que nenhum suboficial pode, sob nenhum pretexto, ser o criado de um oficial.

— Andou consultando as normas, não foi, senhor?

— Apenas o citei.

Harper sorriu. Então passou seus enormes dedos manchados de pólvora na barrinha desfiada de sua insígnia de sargento.

— Para começar nunca quis os galões.

— Acho que lembro que me custou uma barbaridade fazer que os levasse.

— Não precisava ter gasto saliva, senhor. — Harper arrancou a insígnia da manga. Olhou com arrependimento o sujo pedaço de tecido durante alguns instantes e depois o jogou pela borda. — Degradado a soldado raso de novo — afirmou antes de soltar uma gargalhada.

Sharpe olhou os galões, que se moviam empurrados pela corrente, e pensou nos difíceis anos que haviam passado desde que convenceu Harper a usar esse pedaço de tecido branco. Tudo estava chegando ao seu fim, pensou; tudo aquilo que ele mais gostara e que melhor havia conhecido.

E diante dele, além desse plácido rio com seus pescadores, suas garças, seus frangos de água e seus juncos, o quê? O futuro era como uma enorme neblina em meio da qual inclusive Jane era uma forma pouco definida. Sharpe tocou a amassada carta que tinha no bolso e convenceu a si mesmo que quando encontrasse sua esposa tudo ficaria bem. Descobriria que suas cartas se extraviaram, nada mais.

Frederickson se aproximou e viu o pedaço de tecido despido na manga de Harper.

— Degradei o fuzileiro Harper — explicou Sharpe.

— Posso perguntar por quê?

— Por ser irlandês — respondeu o major; então pensou no quanto sentiria saudades da

amizade de Patrick Harper, ainda que se consolasse com a ideia de que Jane o esperava e que, portanto, disporia de toda a felicidade do mundo.

Portanto seguiram flutuando.

No cais de Bordéus havia mais movimento do que em muitos anos. Os embarcadouros que o bloqueio da marinha britânica mantivera vazios se encheram de repente de cabos e mastros. Os barrigudos navios mercantes faziam fila no rio esperando sua vez no cais de pedra, onde os soldados esperavam entre montes de provisões dentro de redes. Os tubos dos canhões eram jogados nos porões, enquanto que as carretas desarmadas se empilhavam contra os anteparos. Os cavalos, que protestavam, eram baixados e postos em compartimentos flutuantes. O Exército britânico renovado pela vitória era retirado rapidamente da França.

— O mínimo que podiam ter feito — queixou-se Harper — era nos deixar marchar em Paris.

Este fato constituía uma pequena desavença comparada com as maiores tragédias que nesse tempo eram moeda corrente no cais de Bordéus. Essas tragédias eram ocasionadas por um decreto do Exército que ditava que somente as esposas de casamentos autorizados pelos comandantes de seus maridos seriam levadas de volta para casa. Todas as outras mulheres e seus filhos seriam abandonados em Bordéus.

A maioria das mulheres abandonadas eram portuguesas e espanholas que haviam deixado suas vilas de origem quando o exército entrou nelas. Algumas delas foram vendidas por sua família a algum soldado. Sharpe se recordava de quando por apenas cinco guinéus se podia comprar uma garota jovem e forte para se casar. A maior parte dessas mulheres havia passado por um casamento de acampamento, que não era um matrimônio aos olhos da Igreja; mas muitas haviam convencido algum pároco da roça a abençoar sua união. Isso não importava agora, já que, a menos que os registros do regimento confirmassem a permissão de um coronel, o matrimônio era considerado falso. Desse modo, tiraram à força milhares de mulheres do cais e as impediram de voltar com seus homens mediante um cordão de policiais militares armados com mosquetes carregados. O pranto das mulheres e de seus filhos pequenos era incessante.

— Como esperam que voltem para suas casas? — perguntou Harper.

— Andando — respondeu Frederickson com aspereza.

— Que Deus salve a Irlanda — disse Harper —, mas odeio este Maldito Exército.

Na manhã em que os fuzileiros de Frederickson se uniram ao caos existente no cais, três soldados dos batalhões dos casacas-vermelhas tentaram desertar para se reunir a suas esposas. Um deles conseguiu fugir nadando rio acima com sua cabeça escura rodeada constantemente pelos salpicos das balas dos mosquetes. Os soldados que já estavam nos barcos o animavam. Um bote da marinha, que foi ordenado cortar sua passagem, conseguiu de alguma maneira se atralhar com os remos, e Sharpe imaginou que os marinheiros não tiveram estômago para realizar seu trabalho e de modo deliberado fizeram que sua tentativa

fracassasse. Os outros dois casacas-vermelhas foram pegos quando tentavam subir por uma das paredes das docas e foram acusados de tentativa de deserção.

Frederickson estava atarefado rabiscando pedaços de papel que serviriam como certificados de matrimônio para os seis soldados de sua companhia que de outra forma poderiam perder suas mulheres. Sharpe, como oficial superior, acrescentou com prazer sua própria assinatura e depois escreveu seu nome com a descrição de major de brigada provisório. Duvidava que os papéis servissem, mas tinham que tentar.

Sharpe e Frederickson levaram os papéis junto com outras baixas, devoluções e livros de pedidos de toda a companhia a um escritório custodiado pelos policiais militares e administrada por funcionários civis da companhia de transportes. Sharpe queria desafiar essa autoridade com sua reputação, mas quando chegou ao escritório, os múltiplos relógios das igrejas da cidade repicaram sucessivamente para anunciar o meio-dia com uma cacofonia de horas que soou como uma celebração de vitória. Também era a sinal para que os funcionários da companhia de transportes fechassem seus livros de contabilidade para ir almoçar. Voltariam, conforme disseram, às três. Até então os fuzileiros deviam esperar, mas se desejassem almoçar na cidade, os oficiais receberiam permissão para cruzar o piquete da polícia militar.

Sharpe e Frederickson deixaram a companhia ao comando do fuzileiro Harper e, por curiosidade, foram almoçar na cidade. Contudo, assim que os dois oficiais cruzaram a barreira, se viram rodeados de mulheres chorando. Uma delas segurava um bebê no alto, como se o rogo sem palavras da criatura tivesse que bastar para mudar a cruel decisão das autoridades. Sharpe explicou que ele não podia fazer nada sobre o assunto. As mulheres desse grupo eram espanholas. Não tinham dinheiro e nem permissão de ver seus homens: simplesmente se esperava que voltasse caminhando para casa. Ninguém se importava. Algumas delas passaram cinco anos com o exército britânico levando mochilas e mosquetes assim como seus maridos e agora se desfaziam delas.

— Vamos ter que nos converter em putas? — gritou uma delas para Sharpe. — Ele quer que sejamos putas! — A mulher apontou para um civil que se achava a poucos metros. Ao que parecia era um francês que havia ido ao cais em buscar de mulheres para sua casa. O homem, ao ver que Sharpe o olhava, sorriu e fez uma reverência.

— Não me agrada esse homem — disse Frederickson em tom suave.

— A mim tampouco. — Sharpe olhou fixamente para o francês bem vestido, que, sob esse escrutínio, fingiu chateação. — Fazemos com que saiba quanto nos desagrada?

— Provavelmente ambos nos sentiríamos muito melhor se o fizéssemos. Você cortará sua retirada?

Sharpe se livrou das mulheres com delicadeza e então, dando um passeio, passou junto ao francês que se conformava esperando que as espanholas tivessem terminado de importunar os fuzileiros. O francês havia observado todos os oficiais britânicos que eram assediados dessa forma e sabia que logo as mulheres teriam que abandonar suas súplicas desesperadas e que, depois, as mais bonitas entre elas ficariam encantadas com sua oferta de emprego. Acendeu

um charuto, jogou a fumaça para as gaivotas que gritavam entre os mastaréis dos navios e pensou que as prostitutas nunca tinham sido tão baratas, e talvez nunca voltassem a ser. Então, de repente, viu um fuzileiro sem dentes e com um só olho que se dirigia para ele com passo rápido. O francês se virou para correr. Ao fazê-lo, se viu de frente com outro fuzileiro cheio de cicatrizes.

— Boa tarde — disse Sharpe.

O francês tentou mudar de lado bruscamente para evitar Sharpe, mas o fuzileiro estendeu uma mão, o freou, o virou e empurrou para Frederickson. Este, que tinha tirado o tapa-olho e a dentadura para a ocasião, deixou que o homem se aproximasse e então lhe deu um enorme chute entre as pernas, que o fez desabar. Frederickson se agachou e recuperou o charuto que havia caído do sujeito.

O francês estava sem fôlego sobre os paralelepípedos e com as mãos se agarrou a uma dor que era como se mil balas de mosquete em brasa estourassem para fora de sua virilha. Durante alguns segundos ficou sem poder respirar, depois o fez com dificuldade e depois deu um grito tão forte que até pareceu calar as gaivotas. Os policiais militares fizeram gesto de dirigir-se ao lugar de onde vinha o som, mas então decidiram que era melhor deixar os dois oficiais fuzileiros em paz.

— Fecha a maldita boca, rufião. — Sharpe esbofeteou sua face com força suficiente para afrouxar-lhe alguns dentes e depois começou a abrir-lhe os bolsos e as costuras e a cortá-las como se o francês fosse um cadáver no campo de batalha. Encontrou umas poucas moedas, que distribuiu entre as mulheres. Foi um pequeno gesto, um gesto que era nada diante da difícil situação delas. Foi também um gesto que não podia se repetir para cada mulher que abordasse os dois fuzileiros enquanto cruzavam a ponte da cidade.

Para escapar dos desesperados rogos se esconderam em uma taberna onde Frederickson, que falava um bom francês, pediu que lhes servissem presunto, queijo, pão e vinho. Fora do estabelecimento, um homem sem pernas deslizou rapidamente pelo canal que flanqueava a rua e estendeu um chapéu da infantaria francesa a modo de prato de esmolas.

As mulheres que choravam e a imagem do mendigo que em outro tempo havia marchado orgulhoso sob a águia de seu regimento haviam deprimido Sharpe. Tampouco o animaram muito os patéticos avisos de papel pendurados nas paredes da taberna. Frederickson traduziu os pequenos avisos escritos à mão: “Jean Bianchard, do 106º desta mesma rua, busca sua esposa, Marie, que antes vivia na rua Fishmongers. Se alguém souber algo dela, que, por favor, diga ao caseiro”. A seguinte era uma súplica que uma mãe realizava a qualquer um que pudesse lhe dar informação sobre onde poderia encontrar seu filho. Fora sargento de artilharia e fazia três anos que ninguém o havia visto ou soubera nada dele. Outra família que se mudara para Argentan havia deixado um aviso para seus três filhos caso algum deles voltasse algum dia da guerra. Sharpe começou a contar as pequenas notas, mas desistiu ao chegar a cem. Imaginou que os vestibulos das pousadas e igrejas da Grã-Bretanha estariam igualmente cheios de pequenos avisos como esses. Quando estava no campo de batalha nunca havia passado por sua cabeça que um disparo de fuzil pudesse ricochetar tão longe.

— Acho que não deveríamos ter vindo à cidade. — Frederickson empurrou seu prato de lado. O queijo era rançoso e o vinho azedo, mas era o fedor do desespero de uma cidade o que lhe tirara a fome. — Espero que nos deem um dos primeiros barcos.

Às três da tarde Sharpe e Frederickson voltaram aos escritórios da companhia de transportes. Deram seus nomes a um auxiliar de escritório que lhes pediu que esperassem em um escritório contábil vazio onde uma grossa capa de poeira cobria as altas escrivaninhas. Sob a janela, um dos dois soldados que haviam pegado tentando reunir-se com sua esposa estava amarrado a um triângulo para ser açoitado. Sharpe, ao recordar o dia em que o açoitaram, se virou e se deparou com um capitão da polícia militar alto, magro e de olhos claros que o estava olhando fixamente desde a entrada do escritório contábil.

— É o senhor o major Sharpe, verdade, senhor? — perguntou o capitão.

— Sim.

— E o senhor deve de ser Frederickson.

— Capitão Frederickson — disse ele.

— Meu nome é Salmon. — O capitão sacou um pedaço de papel do bolso. — Fui ordenado a acompanhá-los até a prefeitura.

— A nos acompanhar? — Sharpe estendeu a mão e pegou o pedaço de papel, que não era ma que uma confirmação escrita do que Salmon acabava de dizer. A firma não disse nada a Sharpe.

— Essas são minhas ordens, senhor. — Salmon falava de forma inexpressiva, mas havia algo em seu tom de voz que provocou em Sharpe um arrepio que percorreu suas costas. Ou talvez fosse por perceber que no corredor que dava para o escritório contábil, Salmon tinha um pelotão da polícia militar armado com mosquetes e baionetas.

— Estamos presos? — perguntou Sharpe.

— Não, senhor — mas aí houve um levíssimo titubeio.

— Continue — ordenou Sharpe.

Salmon vacilou de novo e depois deu de ombros.

— Caso se neguem a me acompanhar, senhor, então tenho ordens de prendê-los.

Por um momento Sharpe se perguntou se seria uma brincadeira que lhes estava fazendo algum velho conhecido, mas o comportamento de Salmon indicava que aquilo não era nenhuma brincadeira. E sem dúvida, o fato de os mandarem chamar pressagiava problemas.

— Pelo amor de Deus! — protestou Sharpe. — Só demos um chute nos ovos de um proxeneta.

— Eu não sei nada disso, senhor.

— Então, a que se deve tudo isto?

— Não sei, senhor.

— Mas quem nos chama? — insistiu Sharpe.

— Não sei, senhor. — Salmon seguia falando de uma maneira inexpressiva. — Devem trazer suas bagagens, senhor. Tudo. Farei que seus criados a tragam para a prefeitura.

— Eu não tenho criado — respondeu Frederickson —, portanto, terá que ir buscar minha bagagem você mesmo, Salmon.

Salmon ignorou a zombaria.

— Se estão prontos, senhores...

— Antes necessito falar com meu criado. — Sharpe se apoiou em uma das escrivaninhas para demonstrar que não se moveria até que trouxessem Harper.

Fizeram chamar o irlandês e lhe ordenaram que levasse a bagagem dos dois oficiais para a prefeitura. Um policial militar lhe mostraria o caminho. E quando Harper partiu, ordenaram a Sharpe e Frederickson que saíssem dali. Um atrás do outro saíram do cômodo, desceram alguns degraus e entraram no pátio dos açoites, onde o decidido pelotão de Salmon os rodeou de perto. Podia ser que os dois fuzileiros não estivessem presos, mas dava toda a impressão do contrário. O soldado ao qual açoitavam soltou uma patética lamúria e voltou a ser chicoteado. Do outro lado da parede soluçavam a esposa e os filhos do soldado.

— Bem-vindo ao Exército em tempos de paz, senhor — disse Frederickson. Então os levaram.

## Capítulo 5

— Este tribunal — entoou solenemente o tenente coronel Wigram — foi convocado sob a autoridade do ajudante do general. — Wigram lia um maço de papéis e ao fazê-lo não levantou a vista para encarar o fuzileiro. Passou a enumerar sua própria nomeação para presidir aquele tribunal e depois as distintas autoridades as quais representava cada uma das demais pessoas da sala.

Estavam em uma magnífica sala com o piso de mármore na prefeitura de Bordéus. Justo no centro do aposento foram colocadas quatro mesas formando um quadrado oco. A mesa da parte superior, onde se situava o tribunal propriamente dito, era uma extraordinária criação de pernas talhadas e douradas sobre as quais descansava uma placa de brilhante malaquita verde. À esquerda havia uma modesta mesa de pinheiro na qual dois secretários anotavam laboriosamente o que ia ocorrendo; à direita havia sido colocada outra mesa para os funcionários observadores e as testemunhas. Completando o quadrado, na testa da esplêndida mesa de malaquita, havia outra mesa comum de pinheiro que fora reservada para Sharpe e Frederickson. Os dois oficiais dos fuzileiros foram conduzidos diretamente dos degraus da prefeitura para a sala. O capitão Salmon havia informado a Wigram de que já traziam sua bagagem e depois tinha partido. Sharpe e Frederickson ainda não haviam recebido nenhum indício de por que os chamaram ou do motivo pelo qual fora convocado esse pomposo tribunal.

Sharpe pousou com ar malévolos seus olhos em Wigram, que, aparentemente alheio a esse irascível olhar, seguiu adiante com sua cantilena. Sharpe já conhecia aquele homem e sentia por ele um profundo desagrado. Era coronel do estado maior, um lerdão mesquinho e meticuloso; um auxiliar de escritório com uniforme de oficial. Também se recordava perfeitamente bem que Wigram havia sido um fervoroso partidário do capitão Bampfylde antes que zarpassse a expedição para *Teste de Buch*. Não podia ser que esse tribunal tivesse algo a ver com o homem com o qual Sharpe duelara sobre um oceano cinzento em certo amanhecer. Contudo, parecia ser bem possível, pois um dos funcionários observadores que estavam à esquerda de Sharpe era um oficial da marinha.

Wigram apresentou em tom apagado os outros dois membros do tribunal, ambos, tenentes coronéis do departamento do ajudante do general. Um dos dois era um advogado uniformizado; o outro, um oficial da polícia militar. Tanto um como o outro tinham um semblante azeitonado e pouco amistoso. O oficial da marinha foi apresentado a Sharpe e a Frederickson como o capitão Harcourt. O outro homem sentado na mesma mesa que Harcourt era, curiosamente, um advogado civil francês.

— O propósito deste tribunal — Wigram chegou por fim à substância do documento — é investigar certos fatos ocorridos no forte *Teste de Buch*, na baía de Arcachon, durante o mês de janeiro do presente ano.

Sharpe teve uma primeira sensação de alívio. Tinha a consciência totalmente tranquila

com relação à luta no forte, ainda que esse alívio não tardasse a sumir, já que a formalidade desse tribunal era arrepiante. A mesa dos fuzileiros estava provida de papéis e penas, e Sharpe escreveu uma pergunta para Frederickson:

— Por que um advogado francês?

— Sabe Deus! — rabiscou Frederickson em resposta.

— Começarei — Wigram selecionou outro maço de papéis recapitulando os acontecimentos que tiveram lugar na fortaleza de *Teste de Buch*.

Wigram informou ao tribunal que se decidira capturar o forte em uma tentativa de fazer o inimigo acreditar que a isso poderia seguir uma invasão naval. A expedição estava ao comando absoluto do capitão de navio Horace Bampfylde. As tropas de terra estavam sob as ordens do major Richard Sharpe. Nesse ponto Wigram levantou a vista e se viu olhando os hostis olhos de Sharpe. O oficial do estado maior, que usava óculos de lentes redondas, voltou rapidamente a vista para seu papel.

O forte fora capturado satisfatoriamente, seguiu dizendo Wigram, ainda que houvesse desacordo entre o capitão Bampfylde e o major Sharpe a respeito à maneira exata com que se conseguira tal êxito.

— Não é correto — disse Sharpe, e sua interrupção assombrou tanto a todos os que se achavam na habitação que ninguém pôs objeções. — Qualquer desacordo entre o capitão Bampfylde e eu mesmo — manifestou com aspereza — se resolveu em um duelo. Ele perdeu.

— Estava a ponto de mencionar — explicou Wigram em tom glacial — que todos os indícios revelam que o mérito principal pela captura do forte deve ser dado ao senhor, major Sharpe. O deseja que este tribunal investigue um caso de duelo a todas as luzes ilegal?

O capitão da marinha esboçou um sorriso e depois se apressou a adotar um aspecto mais solene ao mesmo tempo em que Wigram continuava. Entre aquelas pessoas capturadas no forte, conforme lembrou, havia um corsário americano, o capitão Cornelius Killick. O capitão William Frederickson havia prometido a Killick que receberia um bom trato e, quando pareceu que Bampfylde descumpria essa promessa, o major Sharpe liberou o americano e seu pessoal.

— Está exato, major? — Foi o tenente coronel da polícia militar que formulou a pergunta.

— Sim — respondeu Sharpe.

— Sim, senhor — corrigiu Wigram.

— Sim, está exato — disse Sharpe agressivamente.

Houve um silêncio e ao que parecer Wigram decidiu não insistir no assunto.

Posteriormente o major Sharpe, — seguiu dizendo Wigram —, foi ao interior com todas as tropas do Exército além de um contingente da infantaria da marinha ao comando do capitão Neil Palmer.

— Posso perguntar — foi o advogado do Exército que interrompeu Wigram agora — por

que não se encontra aqui para prestar declaração o capitão Palmer?

— O capitão Palmer foi enviado para fazer uma travessia pela Tasmânia — replicou Wigram.

— Era de esperar — disse Frederickson em voz alta o bastante para que o ouvissem em toda a sala.

O advogado ignorou Frederickson.

— Contudo, temos uma declaração jurada do capitão Palmer?

— Não houve oportunidade de conseguir uma. — Wigram estava claramente desconcertado com essas perguntas.

— Era de esperar — disse Frederickson sarcástico.

Sharpe riu em voz alta. Perguntou-se como Bampfylde havia conseguido de maneira tão conveniente fazer que mandassem Palmer para a Austrália e como havia conseguido que se estabelecesse esse tribunal. Maldito imbecil! Perdera um duelo, mas de alguma forma havia seguido a luta. Como? O tipo havia mentido, tinha se comportado como um covarde e, contudo, ali, nessa prefeitura conquistada, eram Sharpe e Frederickson os que estavam sendo questionados.

Durante a ausência de Sharpe do forte, Wigram seguiu adiante com sua versão, as condições climatológicas eram tais que o capitão Bampfylde julgou prudente afastar seus navios da costa. Sua decisão se fez mais fácil ao receber uma informação que afirmava que o major Sharpe e todos seus homens haviam sido vencidos e aprisionados. Mais tarde se demonstrou que essa informação era falsa.

Posteriormente, o major Sharpe voltou ao forte *Teste de Buch*, o defendeu contra o ataque dos franceses e finalmente escapou graças à intervenção do americano, Killick. Wigram fez uma pausa.

— É uma descrição exata, major Sharpe?

Sharpe ficou pensando por alguns segundos e depois deu de ombros.

— É exata. — Na realidade, o era até um extremo surpreendente. A natureza de sua quase prisão essa tarde havia convencido Sharpe de que esse tribunal fora criado unicamente para exonerar Bampfylde, ainda que tivesse que admitir que até esse momento os procedimentos haviam sido escrupulosamente justos e os fatos não beneficiavam em absoluto a reputação de Bampfylde. Era possível que esse tribunal estivesse estabelecendo os fatos para apresentá-los no conselho de guerra de Bampfylde?

Mais tarde, narrou Wigram, o capitão Bampfylde havia acusado o major Sharpe de aceitar um suborno do americano, Killick. Sharpe, que pela primeira vez ouvia essa acusação, se pôs direito em seu assento, mas Wigram se antecipou a sua indignação perguntando se alguma prova que corroborassem a acusação fora apresentada.

— Absolutamente nenhuma — disse com firmeza o capitão Harcourt.

Nesse momento Sharpe já estava erguido. Seria esse tribunal, de fato, contra Bampfylde? Frederickson deve ter tido a mesma esperança, porque fez um rápido esboço de um oficial da marinha enforcado sobre um cadafalso. Empurrou o desenho para Sharpe, que sorriu.

O esboçado prognóstico do destino de Bampfylde parecia acertado, pois agora convidaram Harcourt a apresentar ante o tribunal um resumo da própria investigação da marinha. Essa investigação, realizada em Portsmouth a princípios de abril, havia julgado Bampfylde culpado de negligência no cumprimento do dever. Concretamente fora culpava do abandono precipitado do forte capturado e de não voltar, quando a tormenta diminuiu, em busca de alguma informação sobre o grupo que estava na costa.

— Portanto, deveriam submetê-lo a um conselho de guerra — propôs Sharpe severamente.

Harcourt olhou para os fuzileiros e deu de ombros.

— Foi decidido que, pelo bem do serviço, não haverá um conselho de guerra. De qualquer maneira, podem estar seguros de que o capitão Bampfylde abandonou a Marinha e que ainda tem problemas com seu intestino.

A pequena brincadeira em referência ao duelo passou despercebida. Se não ia se realizar um conselho de guerra, se perguntou Sharpe, por que diabos estavam ali? A Marinha havia decidido jogar terra sobre um incidente embaraçoso e, mesmo assim, esse tribunal do Exército voltava a abrir o saco de cobras e ao que parece com a cumplicidade da própria Marinha.

Certamente se daria, continuou dizendo Wigram, a julgar pelas provas já apresentadas ante o tribunal, que as acusações do capitão Bampfylde contra o major Sharpe foram infundadas. De fato, o exército já havia decidido assim. O major Sharpe tivera que enfrentar uma brigada francesa ao comando do conhecido general Calvet, uma brigada à qual havia derrotado de maneira esmagadora. Uma ação como essa não poderia implicar nada mais que elogios. O capitão Harcourt, que parecia sentir simpatia pelos fuzileiros, aplaudiu dando palmadas contra a mesa. O advogado francês, que dificilmente se poderia supor que compartisse as simpatias de Harcourt, sorriu contente, contudo.

“Talvez queiram dar uma espada comemorativa a cada um de nós”, escreveu Frederickson em seu pedaço de papel.

— Agora, contudo — a voz de Wigram adotou um tom mais firme —, foram recebidas novas provas no escritório do ajudante do general. — Wigram largou de lado os papéis estivera lendo e dirigiu uma olhada sabichã para sua direita. — Monsieur Roland, poderia, por favor, resumir essa prova?

De repente a sala ficou expectante e silenciosa. Sharpe e Frederickson não se moveram. Inclusive os dois secretários, que estiveram atarefados escrevendo, ficaram completamente quietos. O advogado francês, como se desfrutasse desses momentos de notoriedade, afastou a cadeira para trás lentamente antes de se levantar.

Monsieur Roland era um homem roliço de aspecto alegre. Era completamente calvo exceto por umas opulentas costeletas que davam a seu benévolo rosto uma aparência jovial. Tinha o aspecto de um pai de família, totalmente digno de confiança, que estaria mais à vontade na

sala de sua casa rodeado por seus filhos. Quando falou o fez em um inglês fluente. Agradeceu ao tribunal a cortesia demonstrada ao permitir que falasse. Entendia que os recentes acontecimentos na Europa talvez fizessem pessoas ignorantes acharem que nunca mais poderiam confiar em um francês, mas monsieur Roland representava a lei, e esta transcendia todas as fronteiras. Falava dessa forma, disse Roland, com a autoridade que lhe outorgava a lei, e tal autoridade surgia de um firme respeito pela verdade. Em continuação, em um tom mais prosaico, Acrescentou que era um advogado que trabalhava para o Tesouro Público francês e que, portanto, tinha a honra de representar os interesses do recentemente restaurado rei da França, Luis XVIII.

— Pode-se supor — o advogado do departamento do ajudante do geral tinha uma voz sedosa, quase felina — que até poucas semanas atrás, senhor, era forçosamente um advogado defensor do Imperador?

Roland fez uma ligeira inclinação e uma careta insossa.

— De fato, senhor; também tive essa honra. Os membros do tribunal sorriram para demonstrar que compreendiam a mudança de lealdade de Roland, ao que parece realizada sem nenhum esforço. Os sorrisos sugeriam que o tribunal era composto por homens de um mundo que estava acima de coisas tão insignificantes como o ir e vir de imperadores e reis.

— No mês de dezembro do ano passado — Roland havia arrumado seus papéis e pôde então começar sua peroração —, o Imperador foi convencido a contemplar a possibilidade da derrota. Não o fez por vontade própria, mas pressionado por sua família, principalmente por seu irmão José, a quem os senhores, cavalheiros, recordarão como o outrora rei da Espanha. — Havia uma delicadeza no tom de Roland que ridicularizava José Bonaparte e adulava os britânicos. Wigram, cuja contribuição para a queda de José havia sido acumular papelada, sorriu modestamente em resposta ao cumprimento. A expressão de Sharpe era inescrutável. Frederickson estava desenhando dois oficiais dos fuzileiros.

— O Imperador — Roland agarrou as solapas do paletó com os dedos — decidiu que, no caso de ser derrotado, talvez pudesse zarpar para os Estados Unidos, onde tinha a segurança de receber cálidas boas-vindas. Não posso dizer que estivesse muito entusiasmado com um plano como aquele; de toda forma, seu irmão lhe pediu com insistência e alarmou ao Imperador com histórias sobre a ignomínia que sofreria a família se seus membros se fossem obrigados a se render a seus inimigos. Afortunadamente, a generosidade desses inimigos fez que tais vaticínios não tivessem nenhum valor — Roland havia voltado a bajular seus anfitriões —, e agora é evidente que o Imperador pode ter a segura confiança de que aqueles que o venceram o tratarão com a adequada dignidade.

— Certamente. — Wigram não pôde abster-se de realizar tão pedante interrupção.

Frederickson, que sempre havia tido uma grande facilidade para fazer esboços, estava rodeando nesse instante seus dois oficiais dos fuzileiros com uma bateria de artilharia de campo. Todos os canhões estavam apontados para os dois casacas-verdes. Roland fez uma pausa para beber água.

— Contudo — reiniciou seu discurso —, por incitação de José, foram feitos os

preparativos para uma fuga de emergência da França. Dessa forma, a toda hora havia uma carruagem de viagem à disposição do Imperador. Na bagagem da carruagem havia roupa, uniformes e condecorações. Contudo, o Imperador viu que não podiam carregar muito na carruagem, ou do contrário o peso seria um impedimento para sua fuga. Portanto dispôs, no mais solene segredo, que guardassem sua bagagem pesada em um forte costeiro, do qual, em caso de fuga, poderia ser carregada rapidamente a bordo de um navio e levada para os Estados Unidos da América. O oficial escolhido para transportar a bagagem até a costa atlântica foi um tal coronel Maillot. Aqui tenho cópias de suas ordens, firmadas pelo próprio Imperador. — Roland colheu as folhas de papel e as levou aos três membros do tribunal.

— Onde se encontra agora este coronel? — perguntou de repente o advogado britânico. Apesar de sua cara de poucos amigos, parecia aplicado na hora de formular qualquer pergunta que pudesse ajudar a Sharpe e a Frederickson.

— O coronel Maillot está sendo procurado — respondeu Roland de maneira empolada. — Lamentavelmente, a confusão que no presente reina na França faz com que seu paradeiro seja um mistério. Por desgraça é possível inclusive que o coronel Maillot tenha sido morto durante as últimas semanas de combate.

Fez-se silêncio enquanto o tribunal dava uma olhada nos papéis. Frederickson abandonou seu sombrio desenho e escreveu uma rápida pergunta.

— Já ouviu falar nesse Maillot?

— Não — rabiscou Sharpe em resposta.

Roland havia regressado a sua mesa e pegou outra folha de papel.

— O coronel Maillot entregou a bagagem a um oficial de confiança aqui em Bordéus. Esse oficial era o major Pierre Ducos.

Sharpe soltou uma maldição entre dentes. Agora entendia por que se encontrava nessa habitação. Não sabia como Ducos havia conseguido, mas sabia quem eram seus inimigos e nenhum deles era mais implacável que Pierre Ducos. Sentiu que tinham lhe armado uma armadilha. Estava preparado para vencer o desajeitado e falso ataque do desacreditado capitão Bampfylde, e durante todo esse tempo havia sido o muito mais perigoso e astuto Pierre Ducos quem estivera buscando sua ruína.

— Conheço Ducos — escreveu.

— O major Ducos — seguiu dizendo Roland de maneira insossa — transportou a bagagem no mais estrito segredo até o forte *Teste de Buch*, que protege a entrada da baía de Arcachon.

— Está mentindo! — interrompeu Sharpe.

— Silêncio! — Wigram deu um golpe na mesa.

— Foi essa fortaleza, certamente — Roland não se alterou em absoluto com a interrupção de Sharpe —, a que, graças à enorme galhardia do major Sharpe — nesse ponto fez uma leve inclinação para o irritado fuzileiro —, foi capturada pouco depois de a bagagem ter sido levada para lá. Esta consistia em quatro grandes caixas de madeira que foram escondidas no

interior do forte.

— Como estavam escondidas as caixas? — perguntou Frederickson, mas o fez em um tom tão respeitoso que ninguém o repreendeu por interromper.

— Aqui tenho o relatório do major Ducos — Roland ergueu as folhas de papel — que diz que as quatro embalagens de madeira foram emparedadas no paiol principal do forte. O trabalho foi realizado por soldados totalmente leais ao Imperador. Não estava presente nenhum membro da guarnição do forte quando se fez o trabalho e somente se informou da existência da bagagem ao comandante do mesmo. O tribunal já tem cópias deste relatório do major e do informe do major Ducos, mas agora apresento os documentos originais de ambos.

Os papéis foram passados devidamente por cima da mesa e de novo reinou o silêncio enquanto o tribunal os examinava. Foi o advogado do ajudante do general quem rompeu o silêncio com uma petulante queixa de que a letra do comandante era quase ilegível.

— O major Lassan explica no último parágrafo de seu informe que perdeu dois dedos da mão direita durante a defesa do forte. — Roland se desculpou pelos garranchos praticamente indecifráveis —, mas, contudo, perceberá que sua cópia é uma transcrição exata de suas palavras.

— Creio — o advogado do ajudante do general alinhou os extremos dos papéis diante dele — que, se for necessário, esses oficiais poderão apresentar provas.

— Certamente — Roland inclinou a cabeça como reconhecimento a esse ponto —, mas neste momento não estão dispostos a viajar a território dominado pelos britânicos.

— Temos sorte — disse Wigram com exagerada efusão — de que o senhor não mostrasse a mesma oposição, senhor Roland.

Roland fez uma reverência ante o cumprimento e depois explicou que viajara com um grupo de oficiais britânicos até Londres e ali levara o caso ao auditor geral em Whitehall. Dito funcionário havia ordenado ao ajudante do general que criasse um tribunal investigador e ordenou à Marinha Britânica que levasse o monsieur Roland a Bordéus. O francês voltou a pegar seus papéis.

— Perceberão cavalheiros, que na última página de seu relatório, o major Lassan explica que quando a fortaleza foi finalmente reocupada pelos franceses, a bagagem já não estava. — Roland fez uma pausa para olhar sua cópia do relatório. — Observarão também que, conforme sua declaração, antes que os britânicos evacuassem o forte o major Lassan viu como se transportavam uns objetos pesados desde o bastião que dava para o mar até o navio dos americanos.

O advogado do ajudante do general franziu o cenho:

— Temos alguma outra prova que confirme que a bagagem foi ocultada na fortaleza? E o que diz desse general... — Olhou seus papéis — Calvet? Por fim voltou a ocupar o forte; portanto, não poderia ter conhecido sua existência?

— O general Calvet nunca foi informado de sua presença — afirmou Roland —; as

instruções do Imperador foram categóricas quanto a se informar ao menor número possível de homens dos preparativos para o exílio. A França ainda estava combatendo, cavalheiros, e ao Imperador não lhe teriam servido de muito se os soldados tivessem sabido que já estava pensando na derrota e em fugir.

— Mas as provas de Calvet seriam instrutivas — insistiu o advogado inglês. — Poderia, por exemplo, confirmar se a bagagem foi levada para o barco americano ou não?

Roland fez uma pausa e depois deu de ombros.

— O general Calvet, cavalheiros, proclamou uma lealdade inquebrantável ao derrocado Imperador. Duvido que queira cooperar com este tribunal.

— Eu teria pensado que, em qualquer caso, já tínhamos provas suficientes — disse Wigram.

Roland agradeceu a Wigram por sua ajuda com um sorriso e depois continuou falando.

— O que se deduz do relatório do major Lassan, cavalheiros, é que a bagagem do Imperador foi levada pelas forças britânicas que estavam ao comando do major Sharpe. Claro que tinham todo o direito de fazê-lo, já que a bagagem, para sermos exatos, era um butim de guerra.

— Então, por que o senhor está aqui? — perguntou o policial militar com voz aflita.

Roland sorriu.

— Permita-me recordar-lhe que estou aqui em nome de sua cristã majestade Luis XVIII. A opinião dos assessores legais de sua majestade, entre os quais me encontro, é que o confisco da bagagem imperial foi um ato de guerra legítimo e, como tal, foi devidamente comunicado às autoridades adequadas, então agora pertence ao Governo da Grã-Bretanha. Se, do contrário — agora Roland se voltou para olhar para os dois fuzileiros —, o confisco se realizou em benefício particular e não se informou isso, então nossa opinião é de que tal bagagem é agora de propriedade do sucessor político do Imperador, que é a Coroa Francesa, e que a Coroa Francesa teria motivos justificados em qualquer tentativa de recuperá-lo.

O tenente coronel Wigram molhou uma pena na tinta.

— Talvez fosse de ajuda para o tribunal, senhor Roland, se nos explicasse o conteúdo da bagagem do Imperador.

— Com prazer, coronel. — Roland pegou outra folha de papel. — Havia alguns artigos pessoais que não se inventariaram como é devido já que se empacotaram a toda pressa, mas sabemos que havia alguns uniformes, condecorações, retratos, caixas de rapé, espadas, candelabros e outras recordações de caráter sentimental. Também havia uma mala cheia de roupa íntima com monograma. — Mencionou o último artigo com um sorriso de desprezo e se viu recompensado por risos de apreciação. Roland estava fazendo suas revelações com a habilidade inata de um advogado, ainda que, para dizer a verdade, o mais grosseiro dos oradores poderia deixar extasiadas as pessoas que havia na sala. Durante anos, o Imperador Napoleão havia sido um inimigo aparentemente sobrenatural dotado de uma maldade exótica e

fascinante; contudo, agora, naquela magnífica sala, o tribunal escutava um homem que podia proporcionar-lhes uma visão íntima desse ser extraordinário. — Algumas dessas posses — seguiu dizendo Roland — pertenciam a José Bonaparte, porém, em conjunto, a bagagem era do Imperador, e a maior parte dessa bagagem eram moedas. Havia vinte caixas de madeira, cinco em cada embalagem, e cada caixa continha dez mil francos de ouro.

Roland fez uma pausa para deixar que cada um dos presentes calculasse a fabulosa soma.

— Tal como disse antes — continuou de maneira insossa —, sua cristã majestade não terá direito sobre essa propriedade se foi um butim de guerra. Se, do contrário, ainda não foram dadas explicações sobre o que sucedeu com a bagagem, temos um interesse legítimo em recuperá-la.

— Meu Deus! — exclamou Frederickson entre dentes. Havia escrito a soma de duzentos mil francos debaixo de seu desenho dos atribulados fuzileiros e agora, ao lado, escreveu o equivalente bruto em libras inglesas: oitenta e nove mil libras. Era uma soma exorbitante; até fazia parecer pequena a fortuna de Sharpe. Frederickson pareceu não se contentar com esse simples total, porque seguiu somando outras cifras febrilmente.

As lentes gêmeas de Wigram se voltaram para Sharpe.

— Acho que não me equivoco ao dizer que o senhor não informou de nenhuma captura de dinheiro a sua volta da expedição de *Teste de Buch*, major.

— Não o fiz porque não houve nenhuma.

— Se tivesse havido — interrompeu o tenente coronel da polícia militar —, concorda que seria sua obrigação entregá-la às autoridades competentes?

— Certamente — respondeu Sharpe, ainda que nunca tivesse visto nenhum soldado que renunciasse ao ouro inimigo que chovia do céu dessa forma. Nem Sharpe nem Harper haviam declarado as fortunas que tinham levado da bagagem francesa em Vitória.

— Mas insiste que não encontrou nenhum dinheiro no forte? — repetiu o policial militar para Sharpe.

— Não encontramos nenhum dinheiro — respondeu ele com firmeza.

— E negará — o tom do tenente coronel endureceu — ter repartido tal butim com o americano, Killick, e que, na realidade, o único motivo para retardar a saída do forte, atraso que, devo dizer, ocasionou muitas mortes entre seus soldados, respondeu unicamente ao mesmo tempo necessário para fazer os preparativos pertinentes para sacar o ouro?

— Isso é mentira — Sharpe se levantou.

Frederickson pôs a mão em seu braço, para acalmá-lo.

— Conforme meus cálculos — disse Frederickson com calma —, essa quantidade de ouro devia pesar algo mais que seis toneladas. O senhor sugere que duas companhias de fuzileiros e um punhado de infantes da marinha conseguiram de alguma maneira tirar seis toneladas de ouro, seus soldados feridos e toda sua bagagem pessoal estando sob fogo inimigo?

— Isso é precisamente o que se está sugerindo — disse o policial militar com muita frieza.

— Alguma vez já estive sob fogo inimigo? — perguntou Frederickson com uma frieza ainda maior.

Wigram, a quem não agradou o rumo que tomavam as perguntas, deu um golpe sobre a mesa e olhou fixamente para Frederickson.

— O senhor enriqueceu com o ouro capturado no forte *Teste de Buch*, capitão?

— Nego redondamente ter feito tal coisa, senhor — Frederickson falou com dignidade —, e posso manifestar com certeza que o major Sharpe é igualmente inocente.

— O é, major? — perguntou Wigram a Sharpe.

— Não levei dinheiro algum — Sharpe tratou de igualar a calma dignidade de Frederickson.

No rosto de Wigram se desenhcou um sorriso, como se estivesse a ponto de expor algo muito revelador.

— Contudo, faz menos de um mês, major, sua esposa retirou mais de dezoito mil libras...

— Maldição! — Por um instante, todo o tribunal pensou que Sharpe ia desembainhar sua grande espada, subir na mesa e fazer uma carnificina. — Maldição! — gritou de novo Sharpe. — Tem a ousadia de sugerir que deixei os soldados morrerem por avareza e espionou minha mulher! Se fosse um homem, Wigram, o pediria que saísse agora mesmo e o cortaria em fatias. — Era tal a força das palavras de Sharpe e tão evidente a ira em seu rosto que o tribunal se atemorizou. Monsieur Roland franziu o cenho, não em desaprovação, mas diante da ideia de enfrentar em batalha um homem como Sharpe. Frederickson, sentado ao lado deste, observou os rostos do aterrorizado tribunal e achou que seu amigo, com sua violenta irritação, havia desinflado por completo as ridículas acusações. Wigram, acostumado ao servilismo dos auxiliares de escritório, não pôde articular palavra.

Nesse momento, a alta porta dourada se abriu. O capitão Salmon, alheio à carregada atmosfera da sala, entrou com uma bolsa de tecido branco que depositou sobre a mesa em frente do coronel Wigram. Depois de sussurrar-lhe algo, saiu da sala com o passo servil de um criado.

Wigram, com as mãos quase tremendo, abriu a bolsa branca. Dela pegou a luneta de Sharpe. Olhou a placa gravada com olhos de míope e logo depois, armando-se de coragem para o enfrentamento, levantou a vista para o fuzileiro.

— Se o senhor é inocente, major, como explica sua posse desta luneta?

— Faz alguns meses que a tenho — respondeu Sharpe bruscamente.

— Posso garantir isso — disse Frederickson. Wigram passou a luneta para o monsieur Roland. — Talvez, senhor, possa traduzir a inscrição em benefício do tribunal.

O francês pegou a luneta, olhou detalhadamente a placa encaixada no tubo exterior e

traduziu em voz alta:

“Para José Bonaparte, rei da Espanha e das Índias, de seu irmão, Napoleão, Imperador da França”.

Ouviu-se um burburinho pela sala. Wigram o calou com outra pergunta:

— É este o tipo de objeto pessoal, senhor, que o Imperador ou seu irmão poderiam ter guardado em sua bagagem?

— Sim — disse Roland.

Wigram fez uma pausa e depois deu de ombros.

— Deve informar-se ao tribunal que a luneta foi descoberta na bagagem do major Sharpe durante uma revista autorizada que se realizou por ordem minha há uma hora. — Wigram, animado pela prova da luneta, havia recuperado sua antiga confiança e olhou diretamente para Sharpe. — Não é assunto de este tribunal julgar os fatos, mas apenas decidir se tais fatos devem ser levados a um conselho de guerra competente para julgá-los. Agora o tribunal tomará essa decisão e lhes informará de suas conclusões amanhã às dez da manhã. Até então estão proibidos de sair deste edifício. Descobrirão que o capitão Salmon se encarregou adequadamente dos preparativos para seu alojamento.

Frederickson reuniu seus esboços e notas.

— Estamos presos, senhor? Wigram não respondeu imediatamente.

— Ainda não, capitão. Mas estão sob disciplina militar e, portanto são ordenados a permanecer confinados até que se anuncie sua sorte amanhã pela manhã.

Os outros oficiais do aposento não olharam para nenhum dos dois fuzileiros. Havia sido a descoberta da luneta o que os levou da certeza da inocência de Sharpe à segurança de sua culpa. O acusado os olhou fixamente um a um, mas eles não lhe devolveram o olhar.

Frederickson agarrou Sharpe pelo braço e o puxou pela porta. O capitão Salmon e meia dúzia de seus homens esperavam do lado de fora no patamar. Talvez Sharpe e Frederickson não fossem prisioneiros, mas não havia dúvida de que era apenas uma questão de tempo que fossem acusados formalmente e lhes tirassem as espadas.

Salmon estava atordoado.

— Há um quarto reservado para o senhor, senhor — disse a Sharpe. — Seu criado está esperando lá.

— Não estamos presos — Sharpe o desafiou.

— O quarto fica no piso de cima, senhor — obstinou-se Salmon, e a presença de seus policiais militares foi suficiente para persuadir os dois fuzileiros a o acompanharem ao andar de cima e entrarem em um quarto que dava para a praça principal da cidade. Ali aguardava um Patrick Harper muito indignado. Também havia um penico, duas cadeiras de madeira e uma mesa com uma barra de pão, um prato com queijo e uma jarra de lata cheia de água. A isto se somavam uns poucos lençóis e um monte de bagagem que Harper tinha trazido do cais: três

mochilas e três cantis, mas nada de armas nem munição. Salmon vacilou, como se quisesse ficar no quarto com os três fuzileiros; mas uma olhada de Harper o fez se virar bruscamente para o corredor.

— Esse sacana de policial militar revistou suas mochilas. — Harper continuava mortificado com aquela humilhação. — Tratei de detê-lo, mas ameaçou me açoitar.

— Levaram meu rifle? — perguntou Sharpe.

— Está no maldito quarto da guarda do piso de abaixo, senhor. — Harper estava indignado que ele, assim como Sharpe, também tivesse sido desarmado. — Também têm lá meu fuzil e minha espingarda. Até minha baioneta! — Sharpe e Frederickson, já que não haviam sido presos de forma oficial, tiveram permissão para ficar com suas espadas, mas essas eram agora suas únicas armas.

— Odeio a polícia militar — disse Frederickson com suavidade.

— Que demônios está ocorrendo, senhor? — perguntou Harper a Sharpe.

— Apenas nos acusam de roubar a metade do condenado ouro da França. Meu Deus! É uma maldita loucura!

— Realmente é! — Frederickson cortava tranquilamente a barra de pão em pedaços grandes.

— Sinto muito, William.

— Por que teria que se desculpar comigo?

— Porque esta batalha é minha. Maldito Ducos!

Frederickson deu de ombros.

— Não podiam me deixar de lado. Devem achar que declararia que você não sabia de nada, o que seria embaraçoso para as autoridades, portanto é muito mais simples me implicar também no delito. Por outro lado, se tivesse havido essa quantidade de ouro no forte, sem dúvida lhe teria ajudado a roubá-lo. — Cortou o queijo com sua faca. — Ainda que a descoberta da luneta seja uma lástima. É justo a prova que necessitavam para corroborar sua versão.

— O que necessitam é do ouro — disse Sharpe. — E nunca existiu!

— Deve ter existido, mas não no forte — Frederickson franziu o cenho. — Estou seguro de que haverá uma batalha campal entre Paris e Londres a respeito de quem é o verdadeiro proprietário do dinheiro, mas a única coisa que estarão de acordo é que nós temos uma maldita boa parte dele. E quem vai desmentir?

— Killick? — sugeriu Sharpe.

Frederickson moveu a cabeça em sinal de negação.

— A palavra de um declarado pirata americano contra um advogado do governo francês?

— Ducos então — disse ferozmente Sharpe —, e vou arrancar as entranhas dele.

— Ou Ducos — consentiu Frederickson — ou o major... — Olhou suas notas para encontrar o nome do major — Lassin. O problema é que será muito difícil localizar qualquer um dos dois se estamos presos, e eu me atreveria a afirmar que muito cedo nos porão sob prisão.

Sharpe se dirigiu para a janela e ficou olhando os mastros dos navios que apareciam por cima dos telhados.

— Temos que sair daqui.

— Sair daqui — Frederickson falou com muita suavidade — chama-se *desertar*. — Os dois oficiais se olharam horrorizados ante a barbaridade proposta. A deserção traria consigo um conselho de guerra, a perda de patente e o encarceramento; mas essa era exatamente a mesma sorte que teriam se os declarassem culpados de roubar o ouro do Imperador e ocultá-lo de seus superiores. — Há um monte de ouro em jogo — acrescentou Frederickson com delicadeza — e, ao contrário de você, sou um homem pobre.

— Você não pode vir — Sharpe se virou para Harper.

— Santa Maria, Mãe de Deus! E por que não?

— Porque se você desertar e o pegarem, o fuzilarão. Nós apenas seremos destituídos porque somos oficiais, mas matarão você.

— Vou de qualquer maneira.

— Pelo amor de Deus, Patrick! Eu não me importo em assumir o risco, e o senhor Frederickson está no mesmo barco; mas não vou consentir que você...

— Por que não para de gastar saliva... — Perguntou Harper, e logo, depois de uma pausa, acrescentou: — Senhor?

Frederickson sorriu.

— De qualquer maneira, tampouco estava desfrutando muito da paz. Portanto voltemos à guerra, de acordo?

— À guerra? — Sharpe virou a vista para os mastros dos navios. Deveria estar a bordo em um desses barcos, pronto para a travessia que o levaria para casa, para junto de Jane, depois de subir pelo estuário do Garona, cruzar o golfo de Biscaia e rodear a ilha de Ouessant.

— Porque, se queremos nos livrar deste problema — disse Frederickson em voz baixa —, teremos que lutar, e somos muito melhores brigando quando estamos armados e em liberdade. Portanto vamos sair daqui, encontraremos Ducos ou Lassin e faremos alguma travessura... Ao mesmo tempo em que um pouco de dinheiro.

Sharpe olhou para oeste. Em algum lugar lá fora, sob o sol que se punha, havia um inimigo que continuava escondido e tramava algo. Portanto seu reencontro com Jane e a paz teriam que esperar, porque ainda tinha que travar uma última batalha. Mas depois disso, e ele rezava para que assim fosse, encontraria sua paz na campina inglesa.

— Iremos esta noite — afirmou, ainda que de repente, no mais profundo de seu coração, desejou estar navegando rumo ao lar. Mas um inimigo decretara de outra forma e, portanto, a guerra de Sharpe ainda não tinha terminado.

## Capítulo 6

O castelo de Lassan ficava na Normandia. Chamavam-no de *castelo* porque em seus dias havia tido pretensões de fortaleza e seguia sendo o lar de uma família nobre; mas para dizer a verdade, agora era pouco mais que uma enorme casa de fazenda rodeada por um fosso, ainda que não se pudesse negar que se tratava de uma fazenda muito agradável. Os dois pisos da ala principal eram de pedra cinzenta de *Caen* que fora extraída e trabalhada cinquenta anos antes do Conquistador zarpar para a Inglaterra. No século XV e por causa de um afortunado matrimônio, o senhor do feudo havia acrescentado uma nova ala formando um ângulo para a direita da primeira. Nela, que mesmo agora, em 1814, ainda era conhecida como “nova”, havia se perfurado um portal em forma de um alto arco rematado por uma torre com ameias. Uma capela privada com profundas janelas ogivais completava o castelo, que era rodeado por um fosso que protegia também um acre de terreno que em outro tempo fora elegante, cheio de gramado e flores.

Haviam se passado muitos anos desde que o fosso defendera a casa contra um ataque inimigo, de maneira que a ponte levadiça ficava descida de forma permanente e seu cabrestante de pesada engrenagem fora levada para construir a parte superior de um lagar. Havia mais duas pontes de madeira que atravessavam o fosso; uma levava do castelo à leiteria e a outra proporcionava um rápido acesso da casa aos hortos. O antigo jardim rodeado pelo fosso se converteu em um curral; um monte de adubo mofava quente junto à parede da capela, frangos e patos esgaravavam em busca de comida e dois porcos engordavam ali onde em outro tempo os senhores e damas haviam passeado pelo gramado que a gadanha havia deixado liso. A “nova” ala, toda menos a capela, convertera-se em edifícios agrícolas onde os cavalos e os bois se recolhiam em estábulos, guardavam-se as carretas, e as maçãs se amontoavam perto da prensa.

A Revolução havia deixado incólume o castelo de Lassan, ainda que seu senhor, que servia diligente e humildemente a seu rei em Paris, fora parar na guilhotina unicamente porque possuía um antigo título. O Comitê para a Segurança Pública local visitara o acolhedor castelo e tratou de fazer provisionamento de um moderno e sanguinário entusiasmo para saquear os pertences do defunto conde, mas a família era apreciada e, depois de muita valentia inofensiva, o Comitê resmungara uma desculpa para a condessa viúva de Lassan e se conformou em roubar cinco barris de sidra recém prensada e um carregamento do vinho do antigo conde. O novo conde, um sério rapaz de dezoito anos, tinha a consciência aflita e chegou a se convencer que os desastres acontecidos na França eram na verdade o resultado das desigualdades sociais; portanto ele disse ao Comitê local que renunciaria a seu título e se alistaria no novo Exército da República. O Comitê, que ficou assombrado por alguém renunciar a privilégios que seus membros tão publicamente desprezavam, aplaudiu a decisão, ainda que a condessa viúva de Lassan tenha franzido a boca em desaprovação. Sua filha de apenas sete anos não compreendia nada daquilo. Tivera outros cinco filhos, mas todos haviam morrido em sua primeira infância. Somente sobreviveram o mais velho, Henri, e Lucille, a

mais nova.

Nesse momento, vinte e um anos depois, a guerra que começou contra a República e continuou contra o Império finalmente terminaram. A condessa viúva ainda vivia e gostava de se sentar onde o sol ficava preso pela união das duas alas do castelo e onde as rosas se erguiam até alcançar o musgo que crescia no telhado de pedra da construção. A velha dama compartia o castelo com sua filha. Esta fora casada com o filho de um general, mas aos dois meses de casamento seu marido morrera nas neves da Rússia, pelo que Lucille Castineau havia regressado para sua mãe na qualidade de viúva sem filhos.

Então, na época de paz que chegou depois da Páscoa, o filho também voltara para casa. Henri, conde de Lassan, havia subido pela vereda e tinha cruzado a ponte levadiça tal como se voltasse de um passeio, sua mãe chorara de alegria ao ver que seu filho soldado havia sobrevivido e essa noite, como se nunca tivesse se ausentado, Henri presidiu a mesa na hora da janta. Dobrara seu uniforme azul tranquilamente e sem melindres e o havia guardado com a infundada esperança de que nunca mais seria obrigado a usá-lo. Bendisse a mesa antes de comer e depois comentou que dava a impressão de que havia poucas flores nas macieiras do horto.

— Precisa de novos enxertos nas árvores — respondeu sua mãe.

— Mas não há dinheiro — acrescentou Lucille.

— Tem que pedir um empréstimo, Henri — disse a condessa viúva de Lassan. — A duas viúvas como nós não nos emprestariam nada, mas darão a um homem.

— Não temos nada que possa ser vendido?

— Muito pouca coisa. — A viúva se sentou com as costas muito retas. — E o pouco que resta, Henri, devemos conservar. Não fica bem que um conde de Lassan não tenha a prataria da família ou alguns bons cavalos.

Henri sorriu.

— Os títulos da antiga nobreza foram abolidos faz mais de vinte anos, mamãe. Agora sou monsieur Henri Lassan, nada mais.

A viúva ofegou em sinal de desaprovação. Ela havia visto ir e vir as modas da nomenclatura francesa. Henri, o conde de Lassan, havia se convertido no cidadão Lassan, depois no tenente Lassan, depois no capitão Lassan e agora afirmava ser monsieur Lassan. Isso, na opinião da viúva, era uma estupidez. Seu filho era o conde de seu feudo, senhor de seus imóveis e herdeiro de oito séculos de nobre história. Isso não poderia ser mudado por nenhum governo de Paris.

Contudo, apesar de sua mãe, Henri se negou a utilizar seu título, e não lhe agradava quando os habitantes da aldeia lhe faziam reverências e chamavam-no de “vossa mercê”. Um daqueles aldeões havia pertencido em outra época ao Comitê para a Segurança Pública, mas já havia passado muito tempo daqueles emocionantes momentos de igualdade e o velho revolucionário estava agora tão disposto como qualquer outro a tirar o chapéu para o conde de Lassan.

— Por que não obedece a mamãe? — perguntou Lucille a seu irmão. Era um domingo pela tarde, poucos dias depois do regresso de Henri, e enquanto a condessa viúva dava seu cochilo, irmão e irmã cruzaram uma das pontes de madeira e caminhavam entre as macieiras pouco floridas para o canal situado no outro extremo dos hortos do castelo.

— Chamar a mim mesmo de conde seria pecar de orgulho.

— Henri! — disse Lucille em tom de censura mesmo sabendo que nenhuma recriminação influiria em seu doce, mas muito teimoso irmão. Achava difícil imaginar Henri como um soldado, ainda que de sua correspondência se desprendesse claramente que tinha tomado suas responsabilidades militares com grande seriedade e, lendo nas entrelinhas, que havia ganhado a simpatia de seus soldados. Mas sempre, em todas suas cartas, falara de suas aspirações de converter-se em sacerdote. Quando terminasse a guerra, escrevia, receberia as ordens sagradas.

A condessa viúva censurava, desaprovava e inclusive desprezava tais aspirações. Henri se aproximava dos quarentas e já passava da hora de se casar e ter um filho que levasse o sobrenome Lassan. Isso era o mais importante: o nascimento de um novo conde; assim que, ao regresso de Henri, a viúva não tardou em convidar madame Pellemont e sua filha solteira para visitar o castelo e a partir de então acossou Henri com frequentes e pouco diplomáticas insinuações sobre mademoiselle Pellemont, que, mesmo sem ser nenhuma beleza, era dócil e tranquila.

— Tem quadril largo, Henri — dizia a viúva tentadoramente. — Terá as crianças como uma porca pare sua ninhada.

A viúva não fez extensivo seu desejo de ter netos de sua filha, pois se Lucille se casasse de novo seus filhos não teriam o sobrenome da família, nem nenhum filho de Lucille seria conde de Lassan. O que a viúva queria era que o sobrenome e a linhagem perdurassem, de maneira que as perspectivas de matrimônio de Lucille não lhe interessavam. De fato, dois homens haviam proposto matrimônio à viúva Castineau, mas Lucille não queria correr o risco de ter a desgraça de perder de novo o amor.

— Ficarei velha e decrépita — disse a seu irmão, ainda que este último aspecto parecesse um destino pouco provável, porque Lucille possuía uma vivacidade inata que dava a seu rosto um sorriso que o iluminava. Tinha os olhos cinzentos, o cabelo castanho claro e o rosto comprido. Considerava-se pouco bonita e realmente não possuía uma grande beleza, ainda que sua personalidade gozasse de uma chama inteligente e o homem que se casara com ela se considerava um marido dos mais afortunados.

— Voltará a se casar? — perguntou seu irmão enquanto desciam andando até o canal do moinho.

— Não, Henri. Simplesmente ficarei aqui. Gosto de estar aqui, e me mantém ocupada. Agrada-me ficar ocupada. — Lucille era uma pessoa madrugadora e raras vezes descansava durante o dia. Quando havia tantos homens ausentes nas guerras foi Lucille quem se encarregou de levar a fazenda, o lagar, o moinho, a leiteria e o castelo. Supervisionou os partos das ovelhas, criou os bezerros e engordou porcos para o matadouro. Remendou os

lençóis de linho de séculos de antiguidade com os quais a família ainda dormia, bateu manteiga, fez queijo e esticou as insignificantes rendas da família para preservar o patrimônio. Fora obrigada a vender dois campos e a maior parte da velha prataria; contudo, o castelo havia sobrevivido para quando Henri voltou. Este achava que o trabalho havia deixado sua irmã esgotada, porque estava pálida e magra, mas Lucille negou essa acusação. — Não é o trabalho que esgota, mas a falta de dinheiro. Nunca há o suficiente. Temos que reparar o telhado da torre, precisamos de macieiras. — Suspirou. — Precisamos de tudo. Até as cadeiras da cozinha necessitam um reparo, e não consigo o dinheiro para pagar um carpinteiro. Chegaram ao canal do moinho e se sentaram no muro de pedra, acima da brilhante corrente de água. Henri levava um mosquete que apoiou contra a parede. Os bolsos de seu abrigo pesavam muito por estarem carregados com duas pesadas pistolas. Não gostava de usar as armas, mas a campina francesa estava infestada de bandos de homens armados que, ou haviam desertado dos exércitos do Imperador ou tinham recebido baixa e não tinham casa nem trabalho. Esses homens atacavam amiúde aos habitantes da vila e inclusive saquearam algumas pequenas cidades. Ainda não se viram foragidos como aqueles perto do castelo, mas Henri Lassan não ia correr o risco e por isso levava as armas cada vez que se afastava da zona segura cercada pelo fosso. Os poucos trabalhadores da fazenda também andavam armados e no povoado sabiam que se o sino do alto da capela do castelo repicasse, era porque havia perigo lá fora e tinham que levar seu gado para o pátio do castelo.

— Não é que possa prometer uma defesa muito satisfatória — dizia agora Henri em tom penalizado. — Não fui muito bem defendendo nossa fortaleza. — Estivera ao comando do forte *Teste de Buch* e, dia após dia, ano após ano, havia observado o mar vazio e pensado que a guerra o estava deixando de lado até que, justo nas últimas semanas dos enfrentamentos, os fuzileiros britânicos vieram pelo lado voltado para a terra e trouxeram o horror ao seu pequeno domínio.

Lucille notou a tristeza na voz de seu irmão.

— Deve ser horrível.

— Sim — limitou-se a dizer Henri e depois ficou calado, pelo que Lucille pensou que não diria nada mais; contudo, após um momento, o irmão deu de ombros e começou a falar dessa única batalha perdida. Falou dos ingleses vestidos de verde e de como apareceram como da nada em sua fortaleza. — Eram homens enormes e cheios de cicatrizes. Combatiam como demônios. Gostavam de combater: vi isso em seus rostos. — Estremeceu. — E destroçaram todos meus livros, todos. Tinha levado anos para reuni-los, e depois da batalha não restou nem um.

Lucille se enroscava um talo de candelária no dedo.

— Os ingleses. — O disse em tom depreciativo, como se isso o explicasse tudo.

— É um povo brutal. — Henri nunca havia conhecido nenhum inglês; contudo, os preconceitos contra a raça da ilha surgiam de seu íntimo normando. Existia uma memória tribal de arqueiros com capacetes de aço e de homens armados a cavalo que cruzavam o canal para incendiar celeiros, levar as mulheres e matar os meninos. Para Henri e Lucille, os

ingleses eram uma voraz e belicosa raça de protestantes que Deus tinha achado oportuno situar justo do outro lado da água. — Às vezes sonho com aqueles fuzileiros — disse.

— Não conseguiram matar você — afirmou Lucille como se quisesse estimular o amor próprio de seu irmão.

— Poderiam tê-lo feito. Entrei no mar, direto para seu chefe. Tratava-se de um famoso soldado, e pensei que talvez expiasse meu fracasso se o matasse, ou pagasse por isso eu morresse; mas ele não quis lutar. Baixou sua espada. Poderia ter me matado, mas não o fez.

— Portanto há algo de bom nos homens de verde?

— Acredito que simplesmente me desprezava. — Henri Lassan deu de ombros. — Chama-se Sharpe, e o mais ridículo de meus pesadelos me diz que um dia voltará para acabar comigo. É uma bobagem, eu sei; mas não posso me livrar dessa ideia. — Tentou afastar de si essa estupidez com um sorriso, mas Lucille soube que de alguma maneira esse tal Sharpe se convertera no demônio pessoal de seu irmão, o homem que envergonhara Lassan como soldado, e Lucille se maravilhou de que uma pessoa que queria ser sacerdote se preocupasse, mesmo assim, por não ter sido um grande soldado. Tratou de dizer a seu irmão que não importava o fracasso, que ele era uma melhor pessoa que qualquer soldado.

— Espero ser melhor pessoa — disse Henri.

— Como sacerdote? — Lucille mencionou o tema da discussão com que sua mãe continuava tão obstinada.

— Quase não pensei em outra coisa nestes últimos anos. — E poderia acrescentar que havia se preparado para pouca coisa mais durante esse tempo. Havia lido, estudado e discutido com o padre de Arcachon, pondo a prova continuamente a solidez de sua própria fé e encontrando-a sempre forte. A alternativa ao sacerdócio era se converter em senhor de seu castelo, mas Henri Lassan não se interessava nem um pouco com essa tarefa. Precisava-se gastar uma fortuna nas paredes e no telhado do velho edifício. Seria melhor, pensava, se vendessem o lugar e sua mãe fosse viver perto da abadia de *Caen*; mas sabia que nunca convenceria a viúva dessa sensata solução.

— Não parece completamente seguro em se tornar sacerdote — disse Lucille.

Henri deu de ombros.

— Nesta casa viveu um Lassan ao longo de oitocentos anos. — Parou, incapaz de argumentar nada contra o peso constrangedor dessa tradição e sentindo inclusive certa empatia pelos fervorosos desejos de sua mãe quanto ao futuro da família. Mas e se o preço desse futuro fosse mademoiselle Pellemont? Teve um estremecimento e depois olhou o relógio. — Mamãe despertará logo.

Levantaram-se. Lassan olhou de novo para as distantes colinas, mas não havia nada mal se movendo entre os hortos de frutíferas, nem nenhum homem vestido de verde espreitava nas altas cristas onde cresciam os olmos, as faias e as bétulas. O castelo estava tranquilo, em paz e seguro, portanto Henri pegou seu mosquete carregado e acompanhou sua irmã para casa.

— Estão assustados, verão — disse Harper e, para demonstrar que tinha razão, aproximou-se levando o penico dos sentinelas da polícia militar que faziam guarda no corredor diante da porta do quarto onde o esperavam Sharpe e Frederickson.

O policial militar retrocedeu afastando-se do penico e depois protestou quando Harper se ofereceu para retirar o tecido que cobria o conteúdo.

— Não espera que oficiais de estirpe vivam em um quarto que feda a merda — disse Harper —; portanto tenho que esvaziá-lo.

— Vá ao pátio. E faça o favor de não ficar vagando por aí. — Foi o sargento da polícia militar quem lhe deu as ordens com brusquidão.

— O senhor é um grande homem, sargento.

— Saia daqui! E se apresse, soldado! — O sargento observou o robusto irlandês descer os degraus. — Um maldito irlandês e um maldito fuzileiro — disse sem se dirigir a ninguém em particular —; as duas coisas que mais me aborrece.

O corredor, que não tinha janelas, era iluminado por duas lanternas com a parte dianteira de vidro que projetavam as alongadas sombras dos três guardas sobre as tábuas do piso. Ouvia-se o retumbar dos risos e os vozeirões provenientes da planta baixa da prefeitura, onde os mais altos oficiais da companhia de transportes davam um jantar. Deram às oito e meia em um relógio que havia ao pé do profundo espaço da escada.

Passaram mais de quinze minutos antes que Harper voltasse a subir a escada assobiando. Em uma mão levava o penico limpo com três copos de vinho vazios em seu interior enquanto que ao ombro carregava um barril de proporções consideráveis que primeiro deixou cair no patamar e depois fez rodar com o pé direito para a porta atrás da qual se encontravam os oficiais. Dirigiu uma alegre saudação com a cabeça para o sargento da polícia militar:

— Um cavalheiro lá de baixo me mandou subir isto para os oficiais, sargento.

O sargento da polícia militar cruzou o caminho do barril e freou seu avanço com a bota.

— Quem o mandou?

— Como quer que eu saiba? — Quando queria, Harper podia fazer o papel de um irlandês curto das ideias. O fato desse papel, por mais que deturpasse a verdade, se ajustasse a ele, devia-se aos preconceitos de homens como o sargento da polícia militar, que o tornavam ainda mais efetivo. — Não me disse seu nome, não o fez, mas disse que se compadecia dos pobres cavalheiros. Disse que não os conhecia, mas que sentia muito por eles. Mas claro, sargento, esse homem estava mais que um pouco bêbado, e isso sempre faz alguém ser mais compreensivo. Não é verdade? É uma lástima que nossas esposas não bebam mais. Ah se não é!

— Feche o bico! — O sargento puxou o tonel até pô-lo em posição vertical e afrouxou a tampa. Viu-se recompensado com o intenso aroma do bom conhaque. Voltou a empurrar a tampa em seu lugar. — Tenho ordens de não deixar que ninguém se comunique com os oficiais.

— Não vai lhes negar um traguinho agora, vai?

— Feche essa maldita boca. — O sargento se ergueu, estendeu a mão para o penico e pegou os três copos. — Entre aí e diga a seus malditos oficiais que se têm sede terão que beber água.

— Sim, sargento. O que o senhor diga, sargento. Obrigado, sargento. — Harper foi avançando pouco a pouco para frente do barril e atravessou a porta como uma flecha como se de verdade temesse a ira do sargento da polícia militar. Uma vez lá dentro, fechou a porta e sorriu para Sharpe. — Foi tão fácil como roubar um velo de lã das costas de um cordeiro, senhor. Um barril de conhaque entregue sem novidade. Esses sacanas morreriam para tomá-lo.

— Esperemos que o bebam — disse Frederickson.

— Dentro de duas horas — afirmou Harper com certeza — esses três estarão bailando bêbados. Até trouxe alguns copos para eles.

— Quanto custou o conhaque? — perguntou Sharpe.

— Tudo o que o senhor me deu, senhor, mas o tipo da cozinha disse que era do melhorzinho. — Harper, que tinha boas razões para estar satisfeito consigo mesmo, continuou oferecendo o restante de seu relatório. Só havia três guardas no patamar superior e ele não vira nenhum outro sentinela até que chegou à planta baixa, onde viu um sargento e dois soldados no quarto da guarda situado junto à a porta principal. — Mas não eram da polícia militar, senhor, portanto não teriam por que ser um problema. Eu os cumprimentei e vi nossas armas lá dentro. — Havia outros dois sentinelas na praça da cidade, do outro lado da porta que dava para a rua. — Lá embaixo estão dando um grande jantar, pelo que tem alguns tipos rondando por aí em busca de um lugar para mijar. Ah! E tem uma estante no primeiro piso, senhor, cheia de condenados livros de contabilidade.

— Foi às cavaliças? — perguntou Sharpe.

— Sim, senhor, mas já estão bem fechadas com chave e o portão do pátio também.

— Ou seja, não há nenhuma possibilidade de roubar cavalos. — Harper considerou a questão e depois deu de ombros.

— Seria difícil, senhor.

— Somos da infantaria — recordou Frederickson diminuindo a importância —; podemos, muito bem, sair da cidade a pé.

— E se mandarem a cavalaria atrás de nós?

Frederickson descartou o medo.

— Como saberão em que direção iremos? Além do mais, a Cavalaria francesa nunca nos pegou, portanto, que possibilidades acredita que têm esses sonolentos?

— Iremos a pé então. — Sharpe estirou os braços como se preparando para fazer exercícios. — Porém, para onde?

— Isso é fácil — disse Frederickson. — Nós vamos para Arcachon.

— Para Arcachon? — perguntou Sharpe surpreso. Era a cidade mais próxima ao forte *Teste de Buch*; contudo, além disso, não lhe ocorria nada relacionado a esse lugar que fosse de especial relevância.

Mas Frederickson, enquanto Harper representava sua farsa com o penico, estivera imerso em seus pensamentos. Nunca havia tido ouro no forte, explicou; pelo menos não quando os fuzileiros o capturaram. Se pudessem provar esse fato, seus problemas terminariam.

— O que temos que fazer — seguiu dizendo — é encontrar o major Lassan. Não acredito que ele tenha escrito esse informe: acho que Ducos o preparou. — Frederickson parou de falar ao mesmo tempo em que um soldado ria do outro lado da porta. — Suspeito que seu conhaque esteja agradando, sargento.

— Por que acha que a carta do major foi falsificada? — perguntou Sharpe.

Frederickson fez uma pausa para acender uma chama em sua caixa de isca e acender um de seus pequenos e asquerosos charutos.

— Recorda-se de seus aposentos?

Sharpe buscou na memória os frenéticos e poucos dias que passara na fortaleza de *Teste de Buch*.

— Lembro que esse bastardo tinha um monte de livros. Não sabia lutar, mas tinha um monte de malditos livros.

— Recorda-se do que tratavam esses livros?

— Tinha coisas melhores para fazer do que ler.

— Eu dei uma espiada — observou Frederickson —, e lembro que o major Lassan tinha uma biblioteca muito refinada, pelo que foi uma verdadeira pena que a tenhamos convertido em sua maior parte em papel de desenho e bucha para os canhões. Recordo-me de umas magníficas edições de ensaios e uma enorme e verdadeiramente ampla coleção de sermões e outros livros religiosos. Um homem muito devoto, nosso major Lassan.

— Assim não é de se estranhar que o deixássemos feito mingau — disse Harper alegremente.

— E se é um devoto — Frederickson ignorou o jovial comentário de Harper —, aposto que talvez também seja honesto. Uma coisa nem sempre implica na outra, certamente: lembro-me de um capelão muito moralista do 60º que roubou no refeitório dos oficiais e depois fugiu com a rançosa mulher de um cabo, mas estou disposto a acreditar que talvez Lassan seja diferente. De fato, acho que me lembro que o americano nos contou que era um bom homem?

— Sim, ele disse — Sharpe se recordou.

— Então, esperemos que seja boa pessoa. Esperemos que desmintam esse condenado informe e nos solte a todos desse maldito e agudo anzol. O truque está em encontrá-lo e convencê-lo a ir a Londres.

As tranquilas palavras de Frederickson fizeram a tarefa soar estranhamente fácil. Sharpe

se voltou para a janela e viu que a escuridão envolvia a cidade. A pouca distância por cima de uma maranha de mastros escuros, uma fina lua de pontas afiadas se assomava sobre os negros telhados. Viam-se velas em algumas janelas e as tochas pestanejavam ali onde os tocheiros escoltavam os transeuntes pelas ruas.

— Porém, por que Arcachon? — Sharpe se pôs de costas para a janela. — Acredita que Lassan vive lá?

— Duvido que tenhamos essa sorte — disse Frederickson —, mas como é um homem culto e devoto é provável que ele e o sacerdote local tivessem uma relação amistosa. É difícil poder ter uma conversa decente em uma praça forte; para não falar de encontrar alguém com quem jogar xadrez, e eu me lembro que acendemos um fogo com um excelente tabuleiro de xadrez que havia nas dependências de Lassan. Portanto minha proposta é irmos ver o sacerdote de Arcachon e esperar que ele possa nos dizer onde encontrar Lassan. Estão de acordo?

— Acho uma ideia bastante brilhante — respondeu Sharpe com admiração.

— Sou apenas um humilde capitão dos fuzileiros — disse Frederickson — e, portanto, me bajulam os elogios de um oficial do estado maior.

— Porém — observou Sharpe — se Lassan é uma pessoa honrada, por que Ducos falsificaria uma carta dele? Deveria saber que Lassan poderia desmenti-lo.

— Não tenho resposta para isso — admitiu Frederickson —, mas ficaremos sem saber a menos que encontremos Lassan.

— Ou que saíamos daqui — disse Harper em tom grave. — Posso bater em um policial militar?

— Nada de mortes — advertiu Frederickson. — Se matarmos algum desses sacanas, então terão verdadeiros motivos para nos submeter a um conselho de guerra. — Aproximou-se silenciosamente da porta. — Será que nosso conhaque está funcionando?

Os três ficaram em silêncio enquanto tentavam decifrar os leves sons que provinham do outro lado da porta. Ouviram vozes e depois, com perfeita clareza, o som do líquido sendo vertido.

— Mais meia hora — decidiu Sharpe.

A meia hora passou lentamente, mas finalmente o primeiro dos relógios da cidade deu as dez. Sharpe fez uma careta, agarrou a trava da porta e fez um sinal com a cabeça para Harper.

— Você primeiro, sargento.

Abriu a porta de golpe. Havia começado sua fuga.

O tenente coronel Wigram era o convidado de honra no jantar que a companhia de transportes estava dando na prefeitura. Os oficiais e seus convidados haviam desfrutado de um bom jantar à base de cordeiro anejo assado, frango assado e peras ao forno. Agora, quando

cada vez havia mais garrafas de conhaque junto às que restavam de vinho de Bordéus, Wigram foi incentivado a pronunciar um discurso.

Falava bem. A ampla maioria dos homens que ao redor da longa mesa eram civis provenientes de Londres com o fim de supervisionar a pesada tarefa de retirar um exército da França. Passavam o dia liquidando contas com os capitães dos navios, distribuindo o espaço nos cascos das embarcações e conseguindo provisões para a viagem do exército de volta para casa. Então, no esplendor do enorme salão da prefeitura iluminado por velas, puderam saber um pouco do que esse exército havia conseguido.

— Nos dias mais malditos da guerra — disse Wigram —, quando as vozes de todos os homens de nosso país se levantavam contra nossos esforços, e quando qualquer homem prudente poderia ter considerado perdida nossa causa, nunca haveria lugar para um jantar tão esplêndido como este que tão generosamente os senhores nos proporcionaram. Então, cavalheiros, nos alimentávamos com um rancho realmente pobre. Mais de uma noite dei a meu cavalo a única comida que me restava nos alforjes e tive que dormir faminto. Os franceses nunca se encontravam longe durante essas frias noites e, contudo, sobrevivemos, cavalheiros. Sobrevivemos. — Houve burburinhos de admiração, e uns poucos convidados, constrangidos tanto pelo heroísmo de Wigram como pela plenitude do vinho, deram golpezinhos em suas taças com as colheres para realizar um simpático e ressonante aplauso. — E inclusive depois — os óculos de Wigram refletiram a luz das velas quando levantou a vista para se assegurar de que sua voz chegava ao outro extremo da mesa, onde se encontravam os convidados mais jovens —, quando a sorte nos sorriu de forma mais compassiva, as dificuldades seguiam sendo nosso constante companheiro. — Na realidade, Wigram havia dormido entre lençóis todas as noites da guerra e se sabia que mandara açoitar um cozinheiro porque sua parte de boi de todas as noites estava um pouco crua; mas esse não era momento de ser suscetível: era momento de que todos os homens colhessem o maior mérito possível da guerra, e Wigram, podia fazê-lo como o melhor. Inclinou-se ante o capitão Harcourt, que era outro dos convidados ao jantar, e rendeu um exagerado tributo à contribuição realizada pela Marinha britânica. De novo houve aplausos.

Para finalizar, Wigram, passou a uma questão sobre a qual havia refletido com frequência:

— Com frequência me perguntam — disse — quais são as qualidades mais desejáveis em um soldado, e tenho de confessar que provoço assombro quando respondo que não é um braço robusto nem um espírito aventureiro o que faz um exército ganhar suas batalhas. Essas qualidades são necessárias, certamente, mas sem dotes de comando fracassarão indefectivelmente. De fato, cavalheiros, é o soldado que mantém alerta suas faculdades mentais que mais contribui para a gloriosa causa. Um soldado deve ser um pensador. Tem que ser um mestre dos detalhes. Tem que ser um homem cuja precisão de pensamento o converta em alguém incondicional e constante em meio do perigo e da incerteza. — Nesse ponto, o tenente coronel Wigram fez uma pausa, ficou com a boca aberta e, um a um, os convidados se voltaram para olhar com assombro as aparições que apareceram na entrada.

Costumava-se dizer que a maioria dos soldados se alistava ao Exército britânico somente para beber. Os franceses acusavam desdenhosamente os britânicos de combater embriagados,

ou mais que isso, de não serem capazes de lutar a menos que estivessem bêbados, ainda que, se a acusação fosse certa, era assombroso que os franceses não embriagassem seus soldados, já que sóbrios nunca podiam vencer os britânicos. Contudo, havia boa parte de verdade nessas acusações. O exército britânico tinha fama de alcoólatra e mais de uma unidade francesa havia evitado ser capturada deixando que tentadoras garrafas e barris detivessem seus perseguidores.

Portanto não era precisamente motivo de assombro que os três policiais militares estivessem bêbados. Cada um deles havia consumido quase um litro de conhaque, e não somente estavam bêbados, como também, de uma maneira feliz, maravilhosa e despreocupada, não estavam conscientes de seu estado. Para dizer a verdade, se encontravam em um Nirvana transitório tão agradável que nenhum dos três havia notado sequer quando um robusto irlandês lhes deu um forte golpe na cabeça para submergi-los em uma inconsciência temporária. Foi durante esse momento em branco que os três policiais militares foram despídos por completo. Depois, para se assegurar de que ficariam totalmente incapacitados, Sharpe e Frederickson haviam jogado mais conhaque ainda por suas gargantas, que tragaram entre as respirações.

Desse modo, o discurso do tenente coronel Wigram se viu interrompido por três homens ébrios até o delírio e tão despídos como o dia em que vieram ao mundo.

O sargento da polícia militar olhou ao seu redor com um assombrado pestanejo quando se viu no salão de banquetes vivamente iluminado. Soluçou, inclinou-se para os presentes e tentou falar.

— Fogo — conseguiu dizer finalmente, e então deslizou para a parede e caiu adormecido.

Atrás dele, a fumaça entrou pela porta aberta. Wigram ficou olhando horrorizado.

— Fogo! — Desta vez a voz vinha do exterior, e foi como um enorme rugido de advertência.

O tenente coronel entrou em pânico, mas o mesmo ocorreu a cada um dos homens que se achavam no cômodo. Pratos e taças se romperam em pedaços quando trataram de se livrar das mesas e saíram apinhados por uma das duas portas do aposento. Os policiais militares despídos foram pisoteados. No corredor a fumaça se fazia mais espessa e subia pelo espaço da escada. Wigram tratou como pôde de escapar com os demais. Perdeu os óculos por causa do pânico, mas de alguma maneira conseguiu sair apressadamente pela porta, cruzar o saguão e descer até a praça da cidade, onde se haviam reunido os convidados do jantar para observar o iminente incêndio.

Contudo, não houve nenhum. Um sargento da guarda encheu um balde de água e apagou a pilha de uniformes empapados de conhaque que, polvilhados em abundância com pólvora e colocados depois sobre alguns livros de contabilidade folgadoamente amontoados e molhados também com conhaque, haviam provocado a acre fumaceira. Havia uma séria queimadura superficial no tapete que quase não tinha importância, já que, ao ter bordada a inicial imperial “N”, estava destinado à destruição de toda forma. A maior parte dos livros de contabilidade estava chamuscada e alguns tinham sido reduzidos a cinzas, mas o fogo não se propagara e, portanto, não se causara um verdadeiro estrago. O sargento ordenou que levassem ao pátio os

três policiais militares bêbados e os deixassem jogados em um caminho de passagem dos cavalos e depois, detendo-se somente para furtar meia dúzia de garrafas de conhaque da mesa da sala de banquetes, se dirigiu à porta principal e informou aos oficiais que tudo estava em ordem.

Exceto que, tal como descobriu após meia hora alguém a quem ocorreu olhar no andar superior da prefeitura, três fuzileiros haviam desaparecido. Também haviam desaparecido do quarto da guarda dois fuzis, uma arma de sete canos, uma baioneta e seis bolsas de munição.

O coronel Wigram, que se deixou levar pelo pânico como uma galinha molhada, queria chamar a guarda e mandar logo a cavalaria galopar por toda a França para encontrar os fugitivos. O capitão Harcourt estava mais calmo.

— Não precisa — disse.

— Por que não precisa?

— Meu caro Wigram, há piquetes em cada uma das saídas da cidade e, ainda que o major Sharpe evite os sentinelas, sabemos exatamente para onde se dirigem.

— Sabemos?

— Naturalmente. Aquele fuzileiro caolho tinha toda razão quando declarou ante o tribunal: ninguém pôde ter levado seis toneladas de ouro sob fogo inimigo. Creio que o senhor o compreendeu.

Wigram não havia compreendido nada parecido, mas não estava disposto a demonstrar tanta ignorância.

— Certamente — respondeu de mau humor.

— Em nenhum caso poderiam ter levado o ouro, portanto devem tê-lo escondido em *Teste de Buch*, e lhe garanto que foi para lá que foram. E nós temos uma chalupa pequena lá há uma semana. O senhor faria a gentileza de mandar um mensageiro para advertir à tripulação de que terão que prender o major Sharpe e seus companheiros?

— Claro que sim. — Wigram se sentiu ferido por ninguém lhe ter falado das precauções da marinha. — Têm uma chalupa lá há uma semana?

— Não quer que esses malditos franceses fiquem com o ouro, né?

— Mas pertence a eles por lei!

— Passei os últimos vinte anos de minha vida matando esses sacanas e não tenho nenhuma intenção de entregar-lhes um monte de ouro somente porque se assinou um tratado de paz. Se precisar, destroçaremos esse forte para encontrar essa maldita coisa! — Harcourt levantou a vista para as estrelas como se considerasse o tempo que ia fazer e depois sorriu. — Há um único consolo em tudo isto, meu caro coronel. Ao escapar, o major Sharpe e o capitão Frederickson demonstraram sua culpa, portanto, quando a Marinha os pegar, não o senhor deverá ter nenhum problema em convocar um conselho de guerra. Quer que mandemos o mensageiro? E como é provável que as estradas estejam perigosas, talvez seja melhor que lhe forneça uma tropa de cavalaria como escolta. Talvez agora lhe agradasse terminar seu

discurso. Devo reconhecer que me causou grande fascinação sua teoria a respeito do papel do pensador na obtenção da vitória.

Porém, de alguma maneira, a alegria abandonara a noite de Wigram. Pelo menos encontrou seus óculos, mas alguém os pisoteara ao sair correndo e tinham uma lente quebrada e uma perna torcida. Portanto renunciou ao seu discurso, amaldiçoou a todos os fuzileiros e depois se retirou para suas dependências e foi dormir.

## Capítulo 7

Fora bastante fácil escapar da prefeitura provocando um pequeno caos, mas abandonar a cidade propriamente dita seria uma tarefa mais árdua. Todas as saídas estavam vigiadas por um piquete de casacas-vermelhas. Os soldados não estavam ali para proteger Bordéus dos bandos de meliantes da campina, e sim para deter qualquer desertor que pudesse ter escapado da polícia militar do cais e tentasse levar sua mulher de volta para a Espanha ou Portugal.

Sharpe se servira das estrelas para encontrar uma rota que atravessasse a cidade em direção oeste, mas agora, tão perto do campo aberto, se vira obrigado a parar. Olhava fixamente um piquete de uma dúzia de soldados cujas silhuetas se perfilavam ao redor de um braseiro. Sharpe estava longe demais para poder distinguir seus rostos ou para ver a que regimento poderiam pertencer. Xingou em silêncio por ter ficado sem luneta.

— Se esperarmos muito mais — advertiu Frederickson —, mandarão soldados atrás de nós.

— Não irão deter alguns oficiais que passem por seu lado — sugeriu Harper.

— Esperemos que não. — Sharpe decidiu que Harper tinha razão e que apenas a patente deveria bastar para poder deixar para trás os chatos sentinelas. De toda forma se perguntou o que faria se o piquete fosse obstinado. Uma coisa era despir policiais militares bêbados, mas outra muito diferente era fazer uso da força contra um pelotão de casacas-vermelhas. — Engatilhem seus fuzis — disse enquanto avançavam.

— Vai disparar neles? — perguntou Frederickson incrédulo.

— Ameaçá-los pelo menos.

— Eu não vou disparar em ninguém. — Frederickson deixou seu fuzil pendurado no ombro. Harper não tinha tantos escrúpulos, e puxou para trás o percussor de sua arma de sete canos. O escandaloso estalido do pesado ferrolho fez que o oficial ao comando do piquete se virasse para os fuzileiros que se aproximavam.

Então, Sharpe estava perto o bastante para ver que o oficial do piquete era um homem alto e com aspecto de dândi que, assim como muitos oficiais de infantaria que aspiravam à alta costura, usava no ombro um capote de soldado de cavalaria debruado de pele. O oficial caminhou tranquilamente para os fuzileiros com um ar lânguido, quase altaneiro. Os três deviam ter um aspecto estranho, porque, em um exército que havia se acostumado com a paz com rapidez, eles iam enfeitados para a guerra. Levavam pesadas mochilas, bolsas abarrotadas e iam engalanados com armas. Foi ao ver essas armas que o sargento do piquete deu uma brusca ordem a seus homens e estes desceram os mosquetes, se dirigiram ao outro lado do caminho arrastando os pés e formaram uma linha grosseira. O oficial fez um gesto calmo com a mão para sugerir ao sargento que não havia necessidade de se alarmar. Agora o oficial se afastara uns vinte e cinco metros do braseiro. Ali parou, cruzou os braços e esperou que os fuzileiros se aproximassem dele.

— Se não dispõem de um passe — disse em um tom claro e depreciativo —, não terei outro remédio que prendê-los.

— Dispare nesse filho de puta — disse Sharpe a Harper com alegria.

Mas Harper sorria; o oficial estava rindo e a Sorte, a inconstante deusa dos soldados, também sorriu para Sharpe. O oficial alto e desdenhoso era o capitão Peter D'Alembord, dos Voluntários do Príncipe de Gales. Era um velho amigo que uma vez havia servido sob as ordens de Sharpe e que agora estava ao comando de sua antiga companhia ligeira. D'Alembord também conhecia muito bem a Frederickson e a Harper e se alegrou muito ao vê-los.

— Como está você, sargento-mor do regimento? — ele perguntou a Harper.

— Agora sou apenas um fuzileiro, senhor.

— Bem feito! Era muito insubordinado para que o ascendessem. — D'Alembord voltou a olhar para Sharpe. — Só por curiosidade, senhor: o senhor tem um passe?

— Claro que não tenho nenhum maldito passe, Dally. Esses sacanas querem nos prender.

Fora apenas questão de sorte o que havia levado Sharpe para esse piquete formado por soldados de seu antigo batalhão. Agora se encontrava perto o bastante para reconhecer alguns dos homens que se encontravam ao redor do braseiro. Viu os soldados Weller e Clayton, ambos bons combatentes, ainda que não fosse momento de cumprimentar antigos camaradas nem de envolvê-los na fuga daquela noite.

— Tire-nos discretamente da cidade, Dally, e esqueça que nos viu.

D'Alembord se virou para seu piquete:

— Sargento! Voltarei dentro de uma hora mais ou menos.

O sargento tinha curiosidade. O serviço no piquete fora chato e por fim um pouco de emoção rompia o tédio; mas se achava longe demais dos três fuzileiros para poder reconhecê-los. Deu uns poucos passos para frente.

— Posso dizer onde vai estar, senhor? Se me perguntarem.

— Em um bordel, certamente. — D'Alembord suspirou. — O problema com o sargento Huckfield — disse a Sharpe — é que é condenadamente moral. Um bom soldado, mas terrivelmente chato. Iremos por aqui. — Conduziu os três fuzileiros por um beco escuro que tinha um insuportável fedor de sangue. — Puseram-me ao lado de um matadouro — explicou D'Alembord.

— Tem algum caminho seguro para sair da cidade? — perguntou Sharpe.

— Há dúzias — disse D'Alembord. — Esperam que patrulhemos estes becos, mas a maioria dos rapazes não acha nenhuma graça em prender mulheres e crianças. Portanto, nestes dias tendemos a vigiar muito mais para o outro lado. A polícia militar, como pode imaginar, é mais enérgica. — Afastou os fuzileiros do fedor do matadouro e os conduziu para outro beco mais largo.

Os cachorros ladravam do outro lado das portas fechadas. Em uma ocasião um postigo de uma janela alta se abriu e um rosto olhou o exterior, mas ninguém deu nenhum alarme nem perguntou nada. O beco dava umas voltas incompreensíveis, ainda que finalmente desembocasse em uma vereda cheia de rodadas beirada de cercas cobertas de fuligem onde o odor do campo aberto se misturava com a emanção fedorenta da cidade.

— A estrada principal fica nessa direção — D'Alembord apontou para o sul, do outro lado de uns campos escuros—, mas antes que se vá, senhor, pode satisfazer minha curiosidade e dizer em nome de Deus o que está ocorrendo?

— É uma longa história, Dally — disse Sharpe.

— Tenho toda a noite.

Não levou muito tempo, só uns dez minutos, descrever os extraordinários acontecimentos desse dia. Então, o ruído de cascos em um caminho que ficava ao norte obrigou a outro atraso, que Sharpe aproveitou para averiguar como se arrumava seu antigo batalhão sem ele.

— Como é o novo coronel?

— É um homenzinho bastante assustado e suscetível que com muita razão acredita que todos somos extraordinariamente experimentados e que ele tem muito que aprender. O que mais teme é que por algum motivo o exército o volte a destinar o senhor ao regimento e que assim fiquem evidentes suas múltiplas deficiências. Por outro lado, não é má pessoa, e com o tempo talvez se converta em um bom soldado. Duvido que seja bom o bastante para poder vencer os franceses, mas provavelmente poderia calar um distúrbio de luditas sem matar muitos inocentes.

— Vão enviá-los para a América? — perguntou Sharpe.

D'Alembord negou com a cabeça.

— Para Chelmsford. Temos que recrutar pessoas que dê para o trabalho e prepará-los para as funções de aquartelamento na Irlanda. Suponho que terei o prazer de golpear as cabeças de seus compatriotas umas contra as outras, não acha, sargento-mor do regimento?

— Acho que deveria se assegurar que não golpeiem a sua, senhor — replicou Harper.

— Tratarei de evitar essa eventualidade. — D'Alembord levantou a cabeça de cara ao vento noturno, mas o misterioso ruído de cascos havia se enfraquecido para o oeste. — Está seguro de que não há nada que eu possa fazer para ajudar daqui? — perguntou a Sharpe.

— Quando vão para Chelmsford?

— Qualquer dia destes.

— Devem-lhe alguns dias de licença?

— Meu Deus, se me devem! Devem a metade de minha vida.

— Então pode entregar uma mensagem para mim.

— Com muito prazer, senhor.

— Procure a senhora Sharpe. O último endereço que me chegou foi da Rua Cork, em Londres, mas pode ser que tenha se mudado para Dorset desde então. Conte-lhe tudo o que eu lhe expliquei esta noite. Diga-lhe que irei para casa assim que possa e que necessito de alguém com influência do meu lado. Peça-lhe que procure Lorde Rossendale.

— Essa é uma boa ideia, senhor. — D'Alembord reconheceu o nome de Lorde Rossendale porque esteve com Sharpe durante o estranho parêntese em Londres, quando este foi escolhido como favorito do príncipe regente. Uma das consequências desse favoritismo foi que o antigo regimento de Sharpe recebeu o nome de Voluntários do Príncipe de Gales e a outra foi uma distante, mas amigável relação com um dos assessores militares do príncipe, Lorde John Rossendale. Se havia algum homem que pudesse utilizar todo o poder das influências para limpar o nome de Sharpe, esse era Rossendale. O major sabia que o melhor método para demonstrar sua inocência era achar Lassan ou Ducos, mas se essa busca não desse resultado, então ia necessitar de amigos poderosos em Londres, e Rossendale era o primeiro e o mais acessível de todos eles.

— Se não puder encontrar minha esposa — acrescentou Sharpe —, procure Rossendale diretamente. Ele pode falar com o príncipe.

— Irei com muito prazer, senhor. E como lhe mando de volta as mensagens?

Sharpe não havia pensado nesse problema nem tampouco quis considerá-lo. A noite começava a ficar fria e ele estava impaciente para pôr-se a caminho para o oeste.

— Provavelmente estaremos em casa dentro de um mês, Dally. Não podemos levar mais que isso para encontrar um oficial francês. Mas e se fracassarmos? Então, pelo amor de Deus, assegure-se de que Rossendale saiba que somos inocentes. Nunca houve nenhum ouro.

— Mas se nos atrasarmos — Frederickson era mais prudente —, talvez possamos lhe mandar uma mensagem.

— Mandem-na para Greenwoods. — Era outra companhia de agentes militares. — E tenha cuidado, senhor. — D'Alembord apertou a mão de Sharpe.

— Você não nos viu, Dally.

— Nem ao menos os cheirei, senhor.

Os três fuzileiros atravessaram um agreste terreno de pastoreio e se dirigiram para a estrada construída sobre um terraplano. Esta não era a rota mais direta para Arcachon, já que conduzia mais para o sul que para o oeste; mas era uma via na qual Sharpe e Frederickson haviam armado uma emboscada poucas semanas antes e sabiam que, quando chegassem a esse preciso lugar, poderiam encontrar o caminho através do país até o forte *Teste de Buch*.

— Tinha esquecido que você tinha tão bons contatos — observou Frederickson divertido.

— Refere-se lorde Rossendale?

— Refiro-me ao príncipe regente. Acha que nos ajudará?

— Estou seguro de que nos ajudará. — Sharpe falou com fervorosa convicção porque recordava os assíduos detalhes do príncipe em Londres. — Desde que Jane possa contatar

Lorde Rossendale.

— Então desejo boa sorte a sua esposa. — Frederickson subiu no montículo coberto de grama e bateu os pés contra o solo de sílice da estrada. Esperou seus dois companheiros subirem o desnível e os três mudaram o rumo para o sudoeste.

Desse modo, de noite por uma estrada, Sharpe se afastou do Exército. Agora era um fugitivo procurado pelas autoridades britânicas, pelos franceses e sem dúvida por seu antigo inimigo, Ducos. Os fuzileiros haviam se convertido em vagabundos, expulsos de sua própria sociedade, da qual partiam para se vingar.

Jane Sharpe se sentia ferida.

Seu ressentimento veio com a chegada da paz e quando, pouco a pouco, se deu conta que seu marido era um homem totalmente desprovido das ambições daquela paz. Jane nunca tinha duvidado de sua determinação durante a guerra, quando o soldado Richard Sharpe ascendera graças a seus próprios méritos e energia, mas sabia que seu marido não tinha nenhum desejo de transformar essa reputação de tempos de guerra para o êxito em tempos de paz. Queria apenas se enterrar nas profundezas da Inglaterra rural e ficar ali para ser agricultor e vegetar. Jane passara a maior parte de sua vida na Inglaterra rural, nas terras pantanosas de fria argila de Essex, e não tinha nenhum desejo de voltar a viver com tão pouco luxo. Podia entender que seu marido pudesse desfrutar de uma vida como aquela, mas lhe aterrorizava a possibilidade do exílio rural e previa que as únicas visitas que teriam em sua casa de campo seriam antigos companheiros do Exército como o sargento Harper.

Jane gostava de Harper, mas não achava que devesse mencionar essa simpatia a lady Spindacre, porque era evidente que esta não acharia adequado que a esposa de um major tivesse carinho por um simples sargento, um sargento irlandês, além do mais. Lady Spindacre se movia exclusivamente nos círculos mais elevados, e o sentimento de agravo de Jane se avivou quando percebeu que agora ela tinha as portas abertas para entrar nesses círculos, ainda que somente se Sharpe renunciasse ao campo e estivesse disposto a utilizar as distintas amizades que fizera em Londres.

— Mas não o fará — lamentou-se para a tal lady Spindacre.

— Deve obrigá-lo, querida. Ele lhe deu instruções para que compre uma casa, então a compre em Londres! Não diz que lhe deu poderes sobre o dinheiro?

A lembrança desse gesto de confiança provocou em Jane alguns segundos de remorso, mas esse remorso foi vencido por sua recente e plena convicção de que apenas ela sabia o que era melhor para a carreira de Richard Sharpe. A guerra havia terminado, mas ainda podia conseguir uma promoção, ainda que não renunciasse ao serviço e se enterrasse em alguma aldeia de Dorsetshire. A tal lady Spindacre, impressionada por Jane já ter sido apresentada em certa ocasião ao príncipe regente e convencida de que essa apresentação fora o resultado do genuíno interesse do príncipe por seu marido, achava que havia muitos empregos em tempos de paz que estavam nas mãos da realeza e que tais postos, ocupados por militares, não

exigiam muito tempo e, contudo, o pagamento, as promoções e o prestígio eram generosos.

— Não pode dar baixa como major — disse lady Spindacre em tom mordaz.

— Major honorífico, na realidade — confessou Jane.

— No mínimo teria que conseguir o grau de coronel. Poderia se encarregar de uma sinecura na Torre ou em Windsor. Minha querida Jane, ele teria que perseverar para que o nomeassem sir! Veja quantos homens com êxitos muito menores têm tantas recompensas! Só o que seu marido tem que fazer, querida, é cultivar essas elevadas relações. Tem que se apresentar na corte, mostrar-se perseverante com as pessoas que conhecer e terá êxito.

Aquilo soava como uma música doce e sensata aos ouvidos de Jane, que, recém liberada de uma juventude embrutecedora, via o mundo como um lugar fabuloso e emocionante no qual poderia voar. Sabia que Sharpe já havia tido suas aventuras, mas não iria lhe negar as oportunidades de ascender socialmente, não?

E Juliet, lady Spindacre, se encontrava em uma posição ideal para aconselhá-la sobre tal ascensão. Não era mais velha que Jane: só tinha vinte e cinco anos, ainda que protagonizara um inteligente matrimônio com um general de divisão de meia idade que havia morrido por causa das febres no sul da França. Jane conheceu a recente viúva lady Juliet no navio que as levou de volta para a Inglaterra e as duas garotas ficaram amigas imediatamente.

— Não deve continuar me chamando de lady Spindacre — dissera Juliet, e Jane tinha se deleitado com essa intimidade, que se consolidou graças às semelhanças entre as duas garotas. Ambas eram mulheres que atraíam os olhares lascivos dos oficiais do navio, compartilhavam uma fascinação pelos acessórios femininos tais como as roupas e os cosméticos, os homens e as intrigas, e as duas ambicionavam triunfar em sociedade. — Certamente — explicou a tal lady Spindacre —, terei que ser reservada durante uma temporada pela morte do querido Harold; mas será por pouco tempo. — Lady Spindacre não usava luto, porque, dizia ela, seu amado sir Harold não teria querido. — Ele sempre quis que eu fosse um espírito livre, que me divertisse.

O desfrute da vida por parte de lady Spindacre estava ameaçado, contudo, por sua delicada saúde e por suas constantes preocupações com o testamento do falecido sir Harold.

— Tinha filhos de sua primeira esposa — contou a Jane —, e são uns monstros! Sem dúvida tratarão de me roubar a herança, e até que o caso não seja fechado estou sem um centavo.

Essa miséria não era um problema imediato, porque Jane Sharpe podia recorrer à enorme fortuna que seu marido tirara do inimigo em Vitória.

— No mínimo — aconselhou lady Spindacre — você deveria se estabelecer em Londres, até que seu marido regresse. Dessa forma, querida, poderá pelo menos tratar de ajudá-lo em sua carreira e se quando ele voltar for tão ingrato e se empenhar em viver no campo, então poderá ter a tranquilidade de ter feito todo o possível.

Tudo aquilo parecia bastante razoável para Jane, que, ao chegar a Londres e seguindo os conselhos da querida lady Spindacre, retirou todo o dinheiro de seu marido. Não gostou dos

senhores Hopkinson da rua Saint Alban; na primeira vez que se dirigiu a eles, haviam tentado evitar por todos os meios que cancelasse a conta do major Sharpe. Questionaram a assinatura de seu marido, duvidaram de sua autoridade e somente com a visita do advogado de lady Spindacre eles concordaram em dar uma carta de crédito que Jane sensatamente depositou em um banco apropriado onde um homem jovem e elegante pareceu encantado em conhecê-la.

Nem todo o dinheiro estava protegido com tanta sensatez. A tal lady Spindacre tinha muito que mostrar a Jane sobre os costumes da sociedade e essas lições eram caras. Tinha que comprar uma casa na Rua Cork, que estava na moda, tinha que encontrar novos serventes e comprar mobiliário. Os serventes tinham que ser uniformizados, e a isto deveria somar os vestidos necessários para Jane e lady Spindacre. Precisavam de roupas para as manhãs, para as recepções, para os almoços, para as jantas, e tais eram as restrições da nova e agitada vida de Jane que nem um vestido podia ser usado mais de uma vez, pelo menos, garantia lady Spindacre, não diante das pessoas que as duas amigas tinham intenção de conhecer. Precisava gravar cartões de visita, alugar carruagens e fazer contatos, e Jane convenceu a si mesma de que fazia tudo isso pelo bem de seu marido.

Portanto Jane estava ocupada e, apesar de sua agitação, feliz.

Então, justo duas semanas após os sinos de Londres terem repicado sua afortunada mensagem de paz, caiu a bomba. Chegou em forma de dois homens de traje escuro que afirmavam possuir a autoridade do escritório do auditor geral. Jane se negara a recebê-los em seu novo salão da Rua Cork, mas os dois homens entraram à força deixando a criada para trás e, com firmeza ainda que com cortesia, insistiram em falar com a senhora Jane Sharpe. Primeiro perguntaram se era a esposa do major Richard Sharpe.

Jane, aterrorizada, se colou ao papel chinês das paredes que a querida Juliet havia se empenhado em comprar e confirmou que era.

E era verdade, perguntaram os dois homens, que a senhora Sharpe havia retirado recentemente a soma de dezoito mil novecentas sessenta e quatro libras, catorze xelins e oito peniques dos senhores Hopkinson e filhos, agentes do Exército, da Rua Saint Alban?

E se tivesse? — perguntou Jane.

Teria a senhora Sharpe a bondade de explicar como era que seu marido tinha tanto dinheiro em sua posse?

A senhora Sharpe não teria a bondade de explicar. Jane estava assustada, mas achou a coragem para lançar seu desafio. Além disso, viu que os dois homens se sentiam atraídos por ela e teve o tino de saber que homens como aqueles nunca seriam desagradáveis com uma jovem dama.

Contudo, os dois homens de traje escuro informaram de maneira respeitosa à senhora Sharpe de que o Governo de sua majestade, que estava investigando o comportamento de seu marido, buscaria a maneira para que se devolvessem as somas de dinheiro. Todas as somas que, como não ignorava Jane, supunham todo o dinheiro gasto em maquiagem, em rendas, em enfeites de cabelo, em cetim, em champanhe e na casa. Até a casa! Sua casa!

Quando os homens partiram entrou em pânico, mas a querida lady Spindacre, que tinha estado na cama com um pouco de febre, se recuperou rapidamente e afirmou que nenhum homem com traje escuro do escritório do auditor geral tinha direito de molestar uma dama.

— O auditor geral é um zé ninguém, querida. Não é mais que um civil chato que necessita que alguém o ponha em seu lugar.

— Mas como? — Jane já não parecia uma beleza elegante e sofisticada; assemelhava-se mais a uma garota tímida e inocente que fora um ano antes.

— Como? — A tal lady Spindacre, ao ver a ameaça que pairava sobre a fonte do dinheiro de Jane, que também era a única fonte de renda que ela própria tinha agora, estava pronta para a batalha. — Utilizando aqueles contatos, claro. Para que outra coisa serve a sociedade? Como se chama o assessor do príncipe regente? Aquele, que foi tão atento ao seu marido?

— Lorde Rossendale — disse Jane. — Lorde John Rossendale. — Até agora estivera assustada demais para tentar se aproveitar dessa relação indireta; dava a impressão de que era algo muito ambicioso e remoto, mas havia surgido uma emergência e Jane compreendeu muito bem que Carlton House, onde residia a corte do príncipe, estava em um escalão bem mais elevado que os monótonos bons escritórios do auditor geral. — Mas só vi Lorde Rossendale uma vez — acrescentou timidamente.

— Foi grosseiro contigo?

— De nenhuma maneira. Foi muito amável.

— Então escreva para ele. Terá que lhe mandar alguma bobagem, claro.

— O que poderia mandar para um homem como ele?

— Uma caixa de rapé é algo habitual — propôs lady Spindacre com indiferença. — Tratando-se de um favor respeitável esperará uma que custe pelo menos cem libras. Quer que eu compre uma, querida? Não me sinto tão mal a ponto de não poder ir à Rua Bond.

Tal como era devido, comprou uma caixa de rapé adornada com pedras preciosas, e nessa mesma tarde Jane escreveu sua carta. Escreveu-a uma dúzia de vezes até ficar satisfeita com suas palavras e então, com o mesmo cuidado com que um menino teria sob o severo olhar de seu professor, copiou essas palavras em uma folha de seu novo papel de carta perfumado.

Na manhã seguinte um criado levou a carta e a valiosa caixa de rapé para Carlton House.

E Jane esperou.

O cura de Arcachon estava escutando as confissões quando entrou em sua igreja o feio soldado estrangeiro. O soldado chegou em silêncio saído da noite e, ainda que não levasse mais armas que a espada que qualquer cavaleiro usaria, o tapa-olho e seu rosto cheio de cicatrizes provocaram um estremecimento de horror nos paroquianos que esperavam sua no confessionário. Uma das paroquianas, uma anciã solteira, sussurrou a notícia ao padre Marin através da musselina que servia de separação no confessionário.

— Só tem um olho, padre, e um rosto horrível.

— Está armado?

— Tem uma espada.

— O que está fazendo?

— Está sentado na parte de trás da igreja, padre, perto da estátua de santa Genoveva.

— Então não tem nenhum problema e a senhora não deve se preocupar.

Passou mais uma hora antes do padre Marin terminar sua tarefa, e aí já haviam comparecido à igreja outras duas paroquianas para lhe dizer que o soldado estrangeiro não estava sozinho, que tinha dois companheiros que estavam bebendo na taberna que havia junto à loja do seleiro. O padre Marin havia se informado que os estrangeiros usavam uniformes verdes muito velhos e descoloridos. Uma mulher estava segura de que eram alemães, enquanto que outra assegurava, com igual convicção, que eram britânicos.

O padre Marin saiu com cuidado do confessionário e à luz das velas votivas de santa Genoveva viu que o feio estrangeiro continuava sentado pacientemente na parte de trás da igreja agora vazia.

— Boa noite, meu filho. Veio se confessar?

— Duvido que Deus tenha paciência para escutar todos meus pecados — Frederickson falou em francês. — Além disso, padre, sou um herege protestante mais que um católico.

O padre Marin fez uma genuflexão ante o altar, se benzeu e depois tirou a manchada estola por cima de sua cabeça grisalha.

— É um herege alemão ou um britânico? Meus paroquianos suspeitam das duas coisas do senhor.

— E têm razão, em ambos os sentidos, padre, porque tenho sangue dos dois povos. Mas meu uniforme é de capitão britânico.

— O que resta de seu uniforme — disse o padre Marin divertido. — Tem algo a ver com os ingleses que estão explorando o forte *Teste de Buch*? — O velho padre viu que tinha assombrado o estrangeiro.

— Explorando? — perguntou Frederickson com desconfiança.

— Alguns marinheiros ingleses estão a dez dias no forte. Derrubaram o que restava das paredes interiores e agora estão cavando a terra ao seu redor, como se fossem coelhos. Corre o rumor de que estão procurando ouro.

Frederickson riu.

— O rumor é verdade, padre, mas lá não tem nenhum ouro.

— Também se rumoreja que o ouro foi enterrado lá pelos soldados ingleses que capturaram o forte em janeiro. O senhor era um desses soldados, meu filho?

— Sim, padre.

— E agora está aqui, em minha humilde igreja, enquanto seus companheiros estão bebendo vinho na pior taberna da cidade. — O padre Marin desfrutou bastante ao ver a perturbação de Frederickson diante da eficiência das fofocas de Arcachon. — Como chegaram até aqui?

— Vimos andando desde Bordéus. Levamos três dias.

O padre Marin pegou sua capa de um cabide que havia atrás da estátua da Virgem e pôs sobre seus magros ombros.

— Não tiveram problemas pelo caminho? Constantemente ouvimos falar de foragidos.

— Encontramos um bando.

— Só os três?

Frederickson deu de ombros, mas não disse nada. O padre Marin estendeu a mão para a porta.

— Está claro que o senhor é um homem competente, capitão. Quer me acompanhar até minha casa? Posso oferecer um pouco de sopa e um vinho bem melhor que seus companheiros estão desfrutando neste momento.

Frederickson levou três horas de conversa e duas partidas de xadrez perdidas para convencer o ancião a lhe dar o endereço de Henri Lassan. O padre Marin teve muito cuidado com seu velho amigo Lassan, mas depois de duas partidas de xadrez o velho sacerdote estava seguro de que esse capitão Frederickson era uma boa pessoa, além de caolho.

— Não pretende feri-lo? — Marin queria estar seguro.

— Prometo que não, padre.

— Escreverei para ele — advertiu o padre Marin — e lhe direi que se dirigem para lá.

— Eu lhe agradeceria que o fizesse — disse Frederickson.

— Sinto muita falta de Henri. — O padre Marin foi para uma mesa antiga que servia de escrivaninha e começou a procurar entre os restos de livros e papéis. — Tenho que reconhecer que era um péssimo soldado, mas seus homens o apreciavam muito. Recordo-me que era muito bom com eles. Também ficou muito aflito quando vocês o venceram.

— Eu me desculparei com ele por isso.

— Não lhe guardará rancor, estou seguro. Claro que não posso lhe assegurar que vá estar em sua casa, pois tinha a intenção de entrar no sacerdócio. Tratei continuamente de dissuadi-lo, mas... — O padre Marin deu de ombros e depois retomou sua lenta busca entre os papéis amassados e amarelados que estavam sobre a mesa.

— Por que tentou dissuadi-lo?

— Henri é uma pessoa excessivamente piedosa para ser um sacerdote. Acreditará em qualquer história desgraçada que lhe contem e, portanto, morrerá de compaixão; mas se isso é o que ele deseja, então que assim seja. — O padre Marin achou o pedaço de papel que procurava. — Se lhe fizer mal, capitão, o amaldiçoarei.

— Não quero lhe fazer nenhum mal.

O padre Marin sorriu.

— Então uma boa caminhada o aguarda, capitão. — O endereço ficava na Normandia. O castelo de Lassan, explicou o padre Marin, não ficava longe da cidade de Caen, mas era muito longe de Arcachon. — Quando partirão? — perguntou o padre.

— Nesta mesma noite, padre.

— E os marinheiros?

— Deixe que continuem cavando. Não há nada para encontrar.

O padre Marin riu e depois acompanhou seu misterioso visitante até a porta. Uma pálida lua em forma de cimitarra se alçava não muito alta sobre o cavalete do telhado da igreja.

— Vá com Deus — disse o padre Marin — e agradeça por Ele ter nos enviado a paz.

— Fomos nós que trouxemos a paz, padre — replicou Frederickson —, ao vencermos o bastardo do Napoleão.

— Vá embora! — O padre sorriu e depois voltou para dentro. Tinha toda a intenção de escrever sua carta de aviso para Henri Lassan nessa mesma noite; contudo, adormeceu e, por um motivo ou outro, nos dias que seguiram nunca se pôs a escrever. Não que isso importasse muito, pois estava convencido de que Frederickson não queria fazer nenhum mal para seu amigo o conde.

E nas dunas de areia, assim como coelhos, os marinheiros seguiram cavando.

## Capítulo 8

O padre Marin advertira a Frederickson que um homem levaria um mês inteiro para em ir andando de Arcachon até Caen, isso se viajasse de dia e sem necessidade de evitar tanto os bandidos como as patrulhas da polícia militar. Havia carruagens de serviço público que podiam fazer a viagem em uma semana e que eram bem protegidas por escoltas armadas; mas tanto Sharpe como Frederickson pensavam que o novo Governo francês, que os tomava por ladrões, ainda poderia estar procurando-os. Mesmo assim, a notícia de que os marinheiros britânicos estavam revistando o *Teste de Buch* convenceu Sharpe de que corriam o mesmo perigo com seus próprios compatriotas que com os franceses. Frederickson concordou com ele que era melhor caminhar de noite para evitar assim todos os olhares.

Tropeçaram com seu maior obstáculo somente três noites depois de terem deixado Arcachon. Haviam se dirigido para leste para chegar ao rio Garona a sua passagem pelo sul de Bordéus. O rio era muito largo e profundo para ser atravessado a nado sem perigo, e passaram toda uma noite buscando até que encontraram uma embarcação. Era o esquife de um barqueiro, que estava atado a um grosso poste de madeira cravado profundo na margem do rio. Harper se cuspiu nas mãos, agachou-se, agarrou o poste e o puxou até desencaixá-lo do solo silício. Frederickson já havia cortado dois galhos para usá-los como remos. A corrente do rio era tão rápida que Sharpe teve medo de que arrastasse seu bote até a própria Bordéus, mas de alguma maneira conseguiram dirigir a embarcação pela margem leste sem nenhum percalço.

Na noite seguinte cruzaram outro rio menor e então puderam rumar para o norte. O padre Marin tinha dito a Frederickson a rota que deviam seguir, e que passava por Angoulême, Poitiers, Tours, Le Mans, Alençon, Falaise e assim até Caen.

Os três fuzileiros estavam acostumados a viajar de noite, pois no exército sempre realizaram suas marchas muito antes do amanhecer para poder percorrer o caminho diário antes que o sol da Espanha chegasse a seu zênite. Agora, em meio da campina francesa, era pouco provável que alguém se desse conta da passagem dos fuzileiros. As habilidades que utilizavam já lhes eram inatas então; eram as habilidades de soldados que patrulharam na guerra durante toda sua vida. Sabiam como viajar em silêncio e como caçar. Uma noite, apesar da presença de três cachorros guardiães em um quintal, Frederickson e Harper roubaram dois leitões recém nascidos, que assaram no dia seguinte em uma casa de fazenda abandonada e em ruínas situada no alto de uma colina. Duas noites depois, em um bosque repleto de flores silvestres, Sharpe caçou um veado ao qual estriparam e esquartejaram. Pescaram peixes dos riachos só com as mãos. Jantaram cogumelos e raízes de dente de leão. Comeram lebres, coelhos e esquilos e só sentiram falta em sua dieta do vinho e do rum.

Evitaram passar por cidades e vilas. Às vezes ouviam repicar o sino de uma igreja ao anoitecer ou percebiam o fedor de uma grande cidade, mas sempre se desviavam para o leste ou para o oeste antes de continuar pelos caminhos desertos ou de bordejar os enormes

vinhedos. Vadearam os riachos, subiram por colinas e atravessaram como puderam os salobros pantanais. Nas noites claras seguiam a estrela polar e nas outras caminhavam até uma via principal para orientar-se pelos marcos. Pareciam vagabundos com seus uniformes esfarrapados, mas vagabundos tão bem armados deviam ter um aspecto mais aterrador que o dos foragidos que tanto se procuravam evitar.

Na décima noite de sua viagem foram obrigados a parar no meio da escuridão. Durante todo o dia haviam visto nuvens se amontoando a oeste e ao cair da noite todo o céu estava coberto de sombrias e negras nuvens tormentosas. Os três fuzileiros se acomodaram em um estábulo em ruínas e quando o primeiro relâmpago pungente fulminou o solo Sharpe decidiu se recolher. Já havia começado a chover suavemente a princípio, mas logo começou a chover de um modo malévolo cada vez com mais força até que o aguaceiro golpeou a terra com um dilúvio agressivo e contínuo. Os trovões estalavam e percorriam o céu com um som como o da passagem de uma forte rajada de disparos.

Harper dormia enquanto Sharpe e Frederickson permaneciam de cócoras na entrada do estábulo. Ambos estavam fascinados com a violência da tormenta. Os raios serpenteavam e se dividiam em riachos de brilhante fogo branco de maneira que parecia como se o próprio céu estivesse gritando.

— Não trovejou assim na noite antes da batalha de Salamanca? — Frederickson teve quase que gritar para ser ouvido apesar do violento ruído.

— Foi. — Sharpe ouvia os balidos de pânico de umas ovelhas a oeste e estava considerando a possibilidade de desjejua anejo.

Frederickson resguardou sua caixa de isca no interior de seu sobretudo e acendeu uma chama para acender um dos poucos charutos que lhe restavam.

— Fico assombrado ver que desfruto verdadeiramente desta vida. Acredito que talvez fosse capaz de vagar na escuridão o resto de minha vida.

Sharpe sorriu.

— Eu prefiro chegar em casa.

Frederickson soltou uma gargalhada desdenhosa.

— Ouço o eco da luxúria de um homem casado.

— Estava pensando em Jane, se é que se refere a isso. — Desde que saíram de Bordéus Sharpe procurara não mencionar a sua esposa, porque sabia a pouca simpatia que Frederickson tinha pelo matrimônio; mas as preocupações de Sharpe não fizeram mais que aumentar com esse silêncio e então, sob a ameaça da tormenta, não pôde resistir a expressar sua preocupação. — Estará inquieta.

— É a mulher de um soldado. Se não estiver preparada para as longas ausências e os longos silêncios, não teria que ter se casado com você. Por outro lado, D' Alembord a verá muito em breve.

— É verdade.

— E tem dinheiro — continuou dizendo Frederickson implacavelmente —, portanto não vejo muitos motivos para que esteja intranquila. Na realidade, suspeito que você esteja mais preocupado com ela, do que ela com você.

Sharpe vacilou antes de reconhecer, mas como necessitava do consolo de um amigo, consentiu com a cabeça.

— É verdade.

— Está preocupado que ela tenha se cansado de você? — insistiu Frederickson.

— Meu Deus, não! — protestou Sharpe com veemência, com demasiada veemência, porque para dizer a verdade, essa ideia nunca havia estado muito longe de seus pensamentos. Era uma preocupação natural provocada pela triste maneira com que tinham se separado e o subsequente silêncio de Jane, mas Sharpe não gostava de falar de suas intimidades nem mesmo com Frederickson. Sua voz soou áspera. — Estou preocupado porque o maldito Wigram sabia que ela havia retirado esse dinheiro. Isso significa que alguém investigou meus assuntos domésticos. E se tentarem confiscar o dinheiro?

— Então ficará pobre — afirmou Frederickson com crueldade —, mas não há dúvida de que viverá até limpe seu nome. É de supor que sua esposa tenha amizades que não deixarão que acabe em uma penúria ignominiosa, não?

— Não tem amigos que eu saiba. — Sharpe havia raptado Jane da casa de seu tio, onde a obrigaram a levar uma vida enclausurada. Esse tipo de vida lhe impedira de fazer boas amizades e, despojada de um apoio assim, Sharpe não sabia como Jane sobreviveria à pobreza e à solidão. Era jovem e inocente demais para passar privações, pensava ele, e ao perceber isso sentiu lhe invadir um sentimento de afeto e lástima por ela. De repente desejou ter se arriscado a fazer a viagem de carruagem. Talvez a essas alturas já pudessem ter encontrado Lassan e estar regressando para casa com a prova que necessitavam, mas em lugar disso Sharpe se encontrava isolado em meio do açoite dessa tormenta de água, e imaginou uma Jane sem um centavo, agitada sob a mesma estrondosa violência, presa de um medo solitário e lamentável. — Talvez pense que estou morto.

— Pelo amor de Deus! — Frederickson se indignou com a autopiedade de Sharpe. — Pôde ler as listas de baixas, não é verdade? E deve ter recebido alguma de suas cartas. Além disso, D' Alembord estará logo com ela, e pode estar seguro de que não permitirá que morra de fome. Meu Deus, homem, para de se inquietar com algo que não pode mudar! Encontremos Henri Lassan e então nos preocuparemos com o resto de nossas condenadas vidas. — Frederickson ficou calado ao mesmo tempo em que o tremendo estouro de um trovão lançava uma relampejante língua de serpente para um bosque de uma colina próxima. Os retorcidos galhos começaram a arder depois da queda do raio, mas a fria chuva extinguiu imediatamente as folhas em chamas. Frederickson chupou seu charuto. — Oxalá compreendesse o amor — disse em um tom mais familiar —; acho um fenômeno muito estranho.

— Ah, é?

— Recordo-me que na última vez que estive em Londres paguei seis peniques para ver a

mulher com cara de porco. Lembra-se como foi famosa que foi durante alguns meses? Lembro que a exibiram na maioria das cidades maiores e inclusive se disse que talvez a expusessem na Alemanha e na Rússia. Confesso que foi uma experiência única. Era verdadeiramente suína, com um rosto bastante focinhudo, olhos pequenos e cabelos hirsutos nas faces. Não era exatamente uma cara de porca, mas muito parecida. Eu acho que seu representante lhe havia rasgado suas narinas para aumentar essa impressão.

Sharpe não sabia o que teria a ver a mulher com cara de porco com o ceticismo de seu amigo em relação ao amor.

— E valeu à pena pagar seis peniques para ver uma mulher feia? — perguntou, contudo.

— Valeu à pena, pelo que me recordo. Seu representante costumava fazer a infeliz criatura sorver pelo nariz pedaços de maçã e mingau frio de um comedouro que havia no piso, e se lhe desse um florim a mais, despia-se da cintura para cima e amamentava uma ninhada de leitões bastante gordos. — Frederickson riu ao se lembrar. — Tem que reconhecer que era uma mulher terrivelmente repugnante, mas um mês depois me informei de que um cavalheiro de Tamworth lhe propusera matrimônio e ela havia aceitado. Ele pagou ao representante cem guinéus pela perda do negócio e depois levou a senhora porca para uma feliz vida conjugal em Stafordshire. Incrível! — Frederickson meneou a cabeça diante dessa evidência da irracionalidade do amor. — Não acha incrível?

— Preferiria saber se você pagou um florim a mais — disse Sharpe.

— Claro que sim. — Frederickson pareceu incomodado com a pergunta. — Tinha curiosidade.

— E?

— Tinha uns peitos completamente normais. Acredita que o cavalheiro de Tamworth se apaixonou por ela?

— Como quer que eu saiba?

— Tem-se que supor que sim. Mas mesmo se estivesse é totalmente inexplicável. Seria como ir para a cama com o sargento Harper. — Frederickson fez uma careta, e Sharpe sorriu.

— Nunca se sentiu tentado, William?

— De deitar-me com o sargento Harper? Não seja impertinente.

— Refiro-me a se casar.

— Ah, casar-me. — Frederickson ficou calado um momento, e Sharpe achou que seu amigo não ia responder. Então deu de ombros. — Deixaram-me plantado.

Sharpe lamentou imediatamente ter feito aquela pergunta.

— Sinto muito.

— Não vejo por que deveria sentir. — Frederickson parecia chateado por ter revelado esse aspecto de seu passado. — Agora considero que fui muito sortudo por ter me livrado. Tenho observado meus amigos casados, e não excluiu os aqui presentes, e tudo o que posso

dizer, com o maior dos respeitos, é que a maioria das esposas são perturbações muito caras. Seu principal atrativo se pode alugar por hora de maneira muito mais prática, pelo que não parece muito lógico incorrer no gasto de manter uma durante anos. Porém, duvido que você esteja de acordo comigo. Os homens casados raras vezes estão. — Virou-se e foi para o interior do estábulo pegar a baioneta de Harper, sacou-a da bainha e a comprovou contra seu polegar. — Tenho vontade de desjejua anejo.

— Eu tive o mesmo desejo.

— Ou preferiria cordeiro? — perguntou Frederickson solicitamente.

— Acho que anejo. Quer que eu vá?

— Sinto falta do exercício. — Frederickson apagou com cuidado seu charuto e o guardou em sua boina. Levantou-se, observou um instante a intensa chuva e depois se adentrou na noite.

Harper roncava atrás de Sharpe. No cume da colina os enormes galhos da folhagem se agitavam e se arqueavam com o encharcado vento. Os relâmpagos cortavam o céu, e Sharpe se perguntou que malévolos destino havia levado sua carreira a esse extremo; depois rezou para que o tempo melhorasse e pudesse assim terminar sua viagem e encontrar um francês honesto.

Henri Lassan havia lutado com sua consciência. Inclusive havia chegado a consultar o bispo, e havia rezado até tomar, por fim, uma decisão, da qual informou a sua mãe em uma noite no jantar. A família estava comendo sopa de gamo e pão preto. Bebiam um vinho tinto tão ruim que Lucille havia tido que pôr um pouco de gengibre ralado na garrafa para melhorar-lhe o sabor. Henri estava sentado à cabeceira da mesa.

— Mamãe?

— Henri?

Henri parou com a colher cheia de sopa a alguns centímetros acima de seu prato.

— Casarei com mademoiselle Pellemont, tal como você deseja.

— Alegro muito, Henri. — A anciã dama não ia se deleitar com sua vitória, respondeu com gravidade e com uma minúscula inclinação de cabeça.

Lucille mostrou mais alegria.

— Acredito que é uma notícia maravilhosa.

— Tem quadris excelentes — observou a viúva. — Sua mãe teve dezesseis filhos e sua avó doze, portanto é uma boa escolha.

— Uma escolha muito conscienciosa — disse Henri Lassan esboçando um sorriso.

— Tem um caráter encantador — propôs Lucille afetuosamente, e era verdade: poderia ser que algumas pessoas pensassem que Marie Pellemont tinha a mesma placidez e atrativos de uma vaca mansa e não muito ativa, mas Lucille sempre tinha gostado de Marie, que era de sua mesma idade e que agora se converteria na nova condessa de Lassan.

A cerimônia de noivado foi marcada para duas semanas depois, e ainda que o castelo passasse por uma má época, a família se esforçou em fazer as provisões adequadas para a ocasião. Venderam todos os cavalos de montar do castelo, menos um, para que os convidados pudessem receber os tradicionais presentes: laços para as empunhaduras das espadas no caso de homens e ramalhetes de flores para as mulheres. Também haveria comida abundante e vinho decente para os convidados ilustres. Os habitantes da vila e os arrendatários também receberiam comida e enormes tonéis de sidra. Lucille se viu atarefada assando bolos de maçã e prensando grandes bandejas de queijo envolvido em urtigas. Assegurou-se que os presuntos que penduravam nas chaminés do castelo não estivessem mordidos demais pelos morcegos. Cortou os piores estragos e depois esfregou com pimenta os escuros presuntos para manter na linha os animais. Eram momentos felizes. Os dias eram cada vez mais longos e mais quentes.

Então, uma semana antes da cerimônia de noivado, chegou a notícia dos primeiros foragidos armados nas imediações do castelo.

A notícia vinha de um homem que cavava valas nos campos mais altos acima da corrente da calha. Vira como os fugitivos esfarrapados, todos armados e com os vestígios de uniformes imperiais, caminhavam ao longo do leito da corrente tentando passar despercebidos. Levavam dois cordeiros mortos.

Essa noite Henri Lassen dormiu com um mosquete carregado junto a sua cama. Fechou as pontes que atravessavam o fosso com barricadas feitas de velhos tonéis de sidra e depois soltou os gansos no pátio para servirem de sentinelas. Os gansos eram mais confiáveis que os cachorros, mas nenhum estranho os incomodou essa noite nem na seguinte, e Henri se atreveu a esperar que os vagabundos só estivessem de passagem pela zona.

Mas então, no outro dia, chegou a espantosa notícia de que uma fazenda estava pegando fogo depois do povoado vizinho de Seleglise. A fumaça do celeiro em chamas era claramente visível do castelo. Mataram o fazendeiro, toda sua família e suas duas criadas. Os detalhes do massacre, transmitidos pelo moleiro de Seleglise, eram atrozes, tanto que Henri não contou nem a sua mãe nem a Lucille. O moleiro, um homem idoso e devoto, sacudiu a cabeça.

— Eram franceses, milorde.

— Ou polacos, ou alemães ou italianos. — Lassen sabia que havia homens desesperados de todas essas nacionalidades saídos dos derrotados exércitos de Napoleão. De alguma maneira não queria acreditar que os franceses pudessem fazer tais coisas a seus próprios semelhantes.

— Dá no mesmo — disse o moleiro —, todos foram soldados da França.

— Verdade. — E nesse mesmo dia Henri Lassen pôs seu uniforme que havia esperado não voltar a vestir mais, prendeu uma espada e conduziu um grupo de vizinhos à caça dos assassinos. Os granjeiros que cavalgavam com ele eram homens valentes, mas mesmo eles evitaram entrar no profundo bosque além de Seleglise, onde sem dúvida se refugiaram os vagabundos de instintos assassinos. Os granjeiros se contentaram em disparar às cegas para as árvores. Assustaram um monte de pombas e feriram muitas folhas, mas ninguém lhes devolveu os disparos.

Lassan pensou em adiar a cerimônia de noivado, mas sua mãe se opôs categoricamente a tal maldição. A condessa viúva levava quase vinte anos para convencer seu filho adulto de que tomasse uma esposa e não ia pôr em perigo o feliz evento só porque uns canalhas vagabundos estavam vagueando a oito quilômetros de distância. Pareceu que sua fé se via recompensada, já que não houve mais incidentes e todos os convidados chegaram ao castelo sem nenhum percalço.

A cerimônia de noivado, ainda que modesta, foi muito boa. Fez bom tempo, Marie Pellemont tinha o aspecto mais belo que sua aliviada mãe pudera conseguir que tivesse, enquanto que Henri Lassan, vestido com um traje de um excelente tecido azul que fora de seu pai, parecia um nobre como é devido. A viúva havia usado o que restava da prataria da família, incluída uma grande vasilha, de quase um metro de largura e trinta centímetros de profundidade, fundida na forma de uma concha que sustentava o escudo de armas da família Lassan. Um flautista, um violinista e um tambor da vila proporcionaram a música; houve danças populares e se realizou o solene ato de promessas seguido pela troca de presentes. Mademoiselle Pellemont recebeu um rolo de bonita seda chinesa azul-pálido, um tesouro que a condessa viúva havia possuído durante cinquenta anos sempre com a intenção de convertê-lo em um vestido digno do próprio Versalhes. Henri recebeu uma pistola com a empunhadura de prata que tinha pertencido ao pai de Marie. O padre do povoado se confundiu com as palavras ao dar a bênção, enquanto que o médico local, um viúvo, bailou tanto com Lucille que foram um alegre tema de conversa por todo o pátio do castelo, do qual se retirara o monte de adubo em honra desse grande dia. Logo, pensaram os habitantes da vila, a viúva Castineau também se casaria e já não era sem tempo, porque Lucille já tinha quase trinta anos, não tinha filhos e era uma mulher de uma generosidade e disposição, excelentes. O médico, pensavam os do povoado, poderia casar muito, muito pior, ainda que sem dúvida a viúva de Castineau pudesse casar muito melhor.

Por volta da meia noite todos os convidados já tinham partido, exceto três primos que vieram de Rotien e que ficariam para passar a noite no castelo. Henri pôs sua pistola nova em uma gaveta e depois foi para a cozinha, onde seus três primos estavam se encharcando com um bom Calvados. Lucille e Marie, a velha cozinheira, esfregavam a vasilha de concha com punhados de palha abrasiva enquanto a condessa viúva se queixava de que madame Pellemont não tivesse se mostrado suficientemente agradecida pelo rolo de seda.

— Garanto que não viu um gênero dessa qualidade desde antes da Revolução.

— Marie gostou — Lucille era a eterna conciliadora — e prometeu que fará o vestido de noiva com esse tecido, mamãe.

Henri, ao se recordar da terrível experiência que teria que afrontar em um mês, disse que iria para fora soltar os gansos. Enquanto o fazia se perguntava se havia tomado a decisão acertada ao concordar em se casar, apoiou-se contra a parede do castelo e ergueu a vista para olhar a lua cheia. Era uma noite quente, abafada inclusive, e a lua estava rodeada por um halo como de gaze. Ouvia uma música proveniente do povoado e supôs que a bagunça continuava na adega junto à igreja.

— Amanhã choverá. — A condessa viúva saiu pela porta da cozinha e levantou o olhar para a brumosa lua.

— Precisamos de um pouco de chuva.

— Esta noite faz calor. — A viúva ofereceu o braço a seu filho. — Talvez seja um verão quente. Espero que sim: noto que o frio me afeta muito mais que antes.

Henri acompanhou sua mãe até a ponte que conduzia à leiteria. Pararam sobre as tábuas da ponte, a pouca distância da nova barricada, e ficaram olhando as tranquilas e negras águas do fosso, nas quais se refletia a lua.

— Vejo que está com a espada de seu pai — disse de repente a condessa.

— É.

— Estou feliz. — A viúva ergueu a cabeça para escutar a música que seguia soando no povoado. — É quase como nos velhos tempos.

— Ah, é?

— Costumávamos dançar muito, antes da Revolução. Seu pai era um grande bailarino e tinha uma voz muito boa.

— Eu sei.

A viúva sorriu.

— Obrigado por concordar em se casar, Henri.

Henri também sorriu, mas não disse nada.

— Logo verá como mademoiselle Pellemont é uma garota muito agradável — disse a viúva.

— Não será uma mulher difícil — consentiu Henri.

— Em alguns aspectos é como sua irmã. Não é arrogante nem afetada. Não me agradam as mulheres de caráter arrogante: não se pode confiar nelas.

— Certamente que não. — Henri estava apoiado na varanda da ponte e ficou ereto bruscamente quando de repente os gansos gritaram atrás dele.

A viúva se agarrou ao braço de seu filho.

— Henri!

A viúva do conde havia se alarmado com os passos que ouviram de repente junto à leiteria, onde os ladrilhos proporcionavam um firme ponto de apoio em meio ao mar de barro revirado pelos cascos dos animais. Sombras escuras se moviam entre as projetadas pela lua.

— Quem está aí? — gritou Henri.

— Milorde? — Era uma voz profunda a que respondeu. O tom dessa voz era respeitoso e até cordial.

— Quem é? — voltou a perguntar Henri, e empurrou suavemente sua mãe para a iluminada

porta da cozinha.

Porém, antes que a viúva pudesse dar um só passo, dois homens sorridentes apareceram das sombras. Os dois eram homens altos, de cabelos compridos, que usavam casacas de uniforme verde. Caminharam até o extremo mais afastado da ponte com as mãos estendidas para mostrar que não tinham intenção de causar nenhum mal. Os dois tinham espadas e mosquetes pendurados ao ombro.

— Quem são os senhores? — Lassan abordou os desconhecidos.

— O senhor é Henri, conde de Lassan? — perguntou de maneira educada o mais alto dos dois.

— Sou — respondeu Lassan. — E quem são os senhores?

— Temos uma mensagem para o senhor, milorde.

A viúva, mais tranquila ao ouvir o respeito na voz do desconhecido, ficou ao lado de seu filho.

— E qual é? — perguntou Lassan. Os dois homens uniformizados estavam muito perto da barricada, a menos de dois passos de Lassan. Ainda sorriam quando, com uma experta rapidez, desceram do ombro as pesadas armas.

— Corre mamãe! — Henri empurrou sua mãe para o castelo. — Lucille! O sino! Toque o sino! — Virou-se para ir atrás de sua mãe e tratou de protegê-la com seu corpo.

O homem mais alto disparou primeiro, e sua bala penetrou nas costas de Lassan entre duas de suas costelas inferiores. O projétil se desviou para cima, fez explodiu seu coração em pedaços sangrentos e se alojou na parte interna do esterno. Ao cair atingiu sua mãe nas costas e a fez cair de joelhos.

A viúva se virou para ver-se na mira da arma do outro homem. Ela o olhou fixamente de maneira desafiante.

— Animal!

O outro homem disparou e sua bala entrou pelo olho direito da viúva até o cérebro.

Mãe e filho estavam mortos.

Lucille chegou à porta da cozinha e deu um grito.

Os dois homens subiram pela barricada e entraram no pátio do castelo. Havia outras formas imersas na escuridão atrás deles.

Lucille voltou correndo para a cozinha, onde seus primos se levantavam. Um deles, menos bêbado que seus companheiros, sacou sua pistola, a armou e partiu para a porta, onde viu as formas escuras no extremo mais afastado do pátio. Disparou. Lucille o empurrou de lado e levantou o enorme trabuco que guardavam carregado e pronto em cima dos tanques para o sabão. Ela o armou e disparou contra os assassinos. A coronha golpeou seu ombro e lhe causou uma dor atroz. Um dos dois assassinos soltou um grito agônico ao ser atingido. Os outros dois primos abriram passagem para frente de Lucille e penetraram correndo na

escuridão, mas uma descarga de mosquetes disparada do outro lado do fosso fez com que se atirassem contra os paralelepípedos. As balas acertaram a antiga parede de pedra do castelo. Marie, a cozinheira, gritava. Os gansos gritavam e estiravam o pescoço. Os cachorros no celeiro ladravam de uma maneira que poderia despertar os mortos.

Lucille agarrou uma velha e amassada pistola de cavalaria, puxou para trás o percussor e partiu correndo em direção às escuras formas que estavam agachadas sobre os corpos de sua mãe de seu irmão.

— Detenham-na! — gritou uma voz grave em francês do outro lado do fosso, e um de seus primos, como que obedecendo a essa voz, levantou-se, agarrou Lucille pela cintura e a puxou para os paralelepípedos justo quando outras três armas dispararam do outro lado do fosso. As balas passaram como uma chicotada por cima de Lucille e de seu primo. Ela levantou a cabeça e viu que os homens que mataram sua família voltavam a subir pela barricada. Havia ferido um deles, mas não com gravidade. Lucille estava chorando, gritando por sua mãe, mas sob a luz da lua viu que os homens que escapavam de sua vingança usavam casacas verdes. Os homens de verde! Aqueles demônios ingleses que haviam perseguido seu irmão haviam regressado em uma noite funesta para terminar seu repugnante trabalho. Gritou como um cachorro para essas formas que se retiravam e disparou a pistola contra os assassinos que fugiam. A pólvora explodida que saía da caçoleta da pistola lhe queimaram o rosto e o clarão a ofuscou.

Os cachorros presos no celeiro esgaravatavam na porta. Marie soluçava. Um servente foi correndo até a capela e começou a tocar o sino para dar o alarme. Os habitantes do povoado, alertados pelos disparos e atribulados pelo frenético ruído do sino, atravessaram o arco principal do castelo em bando. Alguns levavam lanternas; todos levavam armas. Os que tinham pistolas dispararam sem trégua para o leste, por onde os atacantes, há pouco, haviam desaparecido. Os disparos dos aldeãos causaram mais danos à leiteria e à estufa do castelo que aos assassinos.

Lucille, chorando desconsolada, se abriu passagem entre os habitantes do povoado até o lugar onde jaziam sua mãe e seu irmão em meio do foco de luz das lanternas. O sacerdote do povoado havia tapado o rosto da viúva com um lenço. O vestido negro da anciã estava encharcado de sangue, que brilhava sob a luz amarelada.

Henri Lassan estava estendido de costas. Seu excelente traje fora cortado com fâças, como se seus assassinos pensassem que guardava moedas nas costuras de sua casaca. Tinham roubado sua antiga espada gravada. O mais raro de tudo era a presença de um machado de cabo curto junto a seu corpo. Esse machado barato fora utilizado para cortar dois dedos da mão direita de Henri Lassan. O corte fora feito com torpeza, de maneira que o polegar e o dedo anular também estavam meio amputados. Não havia nem rastro dos dois dedos que faltavam.

O padre pensou que a desfiguração fora feita em pró do satanismo. Poucos anos antes houvera um brotamento de culto ao demônio nas montanhas da Normandia e o bispo o tinha prevenido contra um ressurgimento dessas práticas abjetas. O sacerdote se benzeu, mas

reservou para si sua opinião. Por essa noite, bastava o mal que já estava feito.

Lucille, que já era viúva, agora órfã, e privada da vida de seu bom irmão, chorava como uma menina desconsolada enquanto o sino da capela seguia anunciando sua inútil mensagem em uma noite vazia.

Lucille Castineau chorou durante três dias sem que conseguissem consolá-la. O padre, o médico local e seus primos até que tentaram. Tudo em vão. Só depois do funeral mostrou um pouco de sua integridade anterior quando selou o cavalo de seu irmão, pegou a pistola nova de seu estúdio e cavalgou para o extremo mais afastado de Seleglise e lá disparou um tiro atrás do outro, para o espesso bosque.

Depois voltou para casa e ordenou que desmantelassem as duas pontes de madeira que atravessavam o fosso. Era um trabalho horrível, pois as madeiras eram enormes, e inclusive era um trabalho sem sentido porque o estrago já estava feito; mas os trabalhadores da fazenda, com a ajuda dos habitantes do povoado, serraram os grandes pedaços de madeira e os levaram para reforçar celeiros, estábulos e cabanas. Então Lucille mandou pôr um aviso na porta da igreja e outro na de Seleglise que prometiam uma recompensa de duzentos francos a quem proporcionasse informação que conduzisse à captura e execução dos ingleses que haviam assassinado sua família.

Os habitantes da vila achavam que a viúva Castineau estava afetada por uma loucura transitória devido a sua consternação, já que não havia nada que demonstrasse que os assassinos fossem ingleses e, na realidade, a cozinheira jurava que havia ouvido uma voz que gritava em francês. Uma voz muito grave, Marie se recordava perfeitamente, uma voz do verdadeiro diabo, disse, mas Lucille se insistia que foram ingleses que cometeram os assassinatos, pelo que os avisos de recompensa apagavam-se sob a luz do sol e se enrugavam com o orvalho da noite. Lucille havia jurado que venderia os hortos superiores para aumentar o dinheiro da recompensa se alguém a conduzisse à vingança.

Uma semana depois dos funerais chegou madame Pellemont com o advogado de sua família e a insolente reclamação de que a metade do imóvel do castelo e a metade do próprio castelo pertenciam por direito a sua filha, que passara por uma cerimônia de noivado com o defunto conde de Lassan. Lucille escutou com aparente paciência e depois, quando finalmente o advogado lhe pediu educadamente uma resposta, abriu a gaveta de seu irmão, sacou a pistola com a empunhadura de prata e ameaçou disparar tanto na madame Pellemont como em seu advogado se não se partissem imediatamente de sua casa. Eles vacilaram, e se dizia que a voz de Lucille gritando para que abandonassem o castelo foi ouvida desde a casa do sacristão, para lá da ferraria.

Madame Pellemont e seu advogado partiram e a pistola com a empunhadura de prata, que não estava carregada, foi atirada atrás deles. Ficou jogada no caminho durante três horas antes que alguém se atrevesse a recolhê-la.

O sogro de Lucille, o ancião general Castineau, veio de Bourges para expressar suas condolências. O general só tinha uma perna; a outra perdera por culpa de uma bala de canhão

austríaca. Ficou muitas horas com Lucille. Ele lhe disse que deveria se casar de novo, que toda mulher necessitava de um marido e, já que ele também era viúvo, era um sentimental e via em Lucille o que seu filho com olhos de lince vira uma vez, ele mesmo se ofereceu. Lucille recusou o pedido, ainda que o fez com tanto tato que o general não teve motivo para se sentir ofendido.

O general Castineau também lhe assegurou que era muito pouco provável que ingleses tivessem matado Henri e a viúva.

— Eu os vi — insistiu Lucille.

— Você viu alguns homens vestidos de verde. Todos os exércitos de distintos países têm soldados com casacas verdes. Nossos próprios dragões se vestem de verde. Ou se vestiam de verde. Quem sabe o que usarão agora.

— Esses homens eram ingleses.

O general tentou lhe explicar que era muito pouco provável que os ingleses estivessem na Normandia, pois seu exército havia invadido o sul da França e já fora evacuado desde Bordéus. Havia alguns ingleses com os aliados que chegaram a Paris, mas não muitos. E, de qualquer maneira, o que faria um inglês vir atrás de sua família? Pediu a Lucille que considerasse seriamente essa pergunta.

— Eram ingleses — disse Lucille com teimosia.

O general suspirou.

— Marie me disse que não está comendo. — Lucille ignorou a preocupação do general; preferiu a sua:

— Odeio os ingleses.

— É compreensível — observou o general Castineau com voz tranquilizadora, ainda que pelo que ele havia ouvido era muito melhor ser capturado pelos ingleses que pelos russos, e estava a ponto de começar a falar extensamente sobre esse truculento tema quando se lembrou que Lucille não tinha precisamente um estado de ânimo receptivo a tais reflexões. — Tem que comer — ele disse com severidade. — Hoje pedi que lhe trouxessem um prato de sopa de lentilhas.

— Se os ingleses regressarem — respondeu ela —, eu os matarei.

— Muito bem, muito bem; mas se não comer, não terá forças para matá-los.

Esse comentário fez Lucille dirigir um olhar astuto para o general, quase como se este houvesse proposto uma ideia particularmente difícil, mas que tivesse um surpreendente sentido. Consentiu com a cabeça.

— Tem razão, papai. — E na hora do almoço devorou toda a sopa de lentilhas e depois se serviu de uma grossa fatia do presunto que o general havia esperado levar nos alforjes no dia seguinte.

Nessa tarde o general se reuniu em particular com o médico e ambos estiveram de acordo

que os terríveis acontecimentos haviam feito a senhora Castineau perder a cabeça de maneira lamentável. O doutor não lhe ocorria nenhum remédio fácil a menos que pudessem convencer a senhora Castineau a viajar para tomar as águas, algo que às vezes funcionava, mas que era terrivelmente caro. Se não, disse, a natureza e o tempo a curariam.

— Ou o matrimônio — disse o doutor com certa nostalgia. — A senhora necessita de um toque masculino, se sabe a que me refiro.

— Não vai voltar a se casar nunca mais — disse o general Castineau. — Estava muito apaixonada por meu filho, e agora preferiria ser consumida viva a ter que mitigar sua recordação. É uma verdadeira pena, doutor.

O general Castineau partiu na manhã seguinte, ainda que se assegurasse que sempre houvesse no castelo alguns homens de confiança do povoado para o caso dos foragidos voltarem e, de fato, duas horas depois de o general partir, cinco cavaleiros desconhecidos se aproximaram pelo caminho do norte que conduzia à floresta do cume das colinas e os trabalhadores da fazenda foram com pressa para a entrada do castelo com os mosquetes carregados e os forçados erguidos. Os cavaleiros desconhecidos se aproximaram lentamente com as mãos estendidas e à vista. Pararam a muitos metros de distância da ponte do fosso, e seu líder, um homem atarracado, solicitou de forma educada uma audiência com o senhor conde de Lissan.

— Está morto. — Foi o filho do moleiro quem respondeu com agressividade.

Monsieur Roland, o advogado de Paris, observou o antigo mosquete que o rapaz tinha nas mãos e escolheu suas próximas palavras com muito cuidado.

— Então gostaria de falar com um membro da família, senhor. Meu nome é Roland e tenho a honra de ser um advogado a serviço de sua majestade cristã.

Essas palavras, pronunciadas com delicadeza, impressionaram ao filho do moleiro, que correu para dizer à senhora Castineau que outro cavalheiro havia vindo para vê-la.

Roland, que tinha o traseiro terrivelmente dolorido por causa dos longos dias em cima da sela, passeou com Lucille pelas estufas. Seus quatro homens patrulhavam pelos limites das árvores com as pistolas desembainhadas para impedir que qualquer desconhecido se intrometesse na discussão.

Roland explicou que o erário real lhe havia encomendado a recuperação de uma soma de ouro que fora roubada pelos ingleses. As moedas tinham sido depositadas no forte *Teste de Buch* e Roland viera à Normandia para ouvir o testemunho do major Lissan sobre a perda do ouro. Havia ficado desolado, Roland repetiu a palavra, desolado, ao saber da morte do major.

— Assassinato — Lucille o corrigiu.

— Assassinato. — Roland aceitou humildemente a retificação.

— Os ingleses o assassinaram — disse Lucille. — Os casacas-verdes, os fuzileiros.

Roland deteve seu lento passo e virou seu assombrado rosto para vidraça da estufa.

— Tem certeza, senhora?

Lucille, irritada porque ninguém acreditava nela, voltou-se com fúria para o advogado gordo.

— Estou segura, senhor! Estou segura! Eu os vi! Eram soldados com casacas verdes, ingleses como aqueles que meu irmão temia, e mataram minha mãe e meu irmão. São animais, animais! Meu irmão dissera que poderiam vir, e o fizeram! Até sabia o nome do inglês, senhor. Sharpe!

— Acho que tenha razão, madame — disse Roland com calma, e Lucille, a quem nenhuma pessoa acreditara até então, não pôde fazer mais que ficar olhando o advogado parisiense. — Na realidade, estou seguro de que é verdade — acrescentou este.

— O senhor acredita em mim, monsieur? — perguntou Lucille com uma voz aliviada e um pouco surpresa.

— Claro que acredito. São homens impiedosos, senhora. Creia-me, conheço esse tal Sharpe. — Roland se estremeceu. — Ele e seu companheiro roubaram uma fortuna que pertence à França e agora tentarão matar os homens que podem provar esse roubo. Eu deveria ter pensado em avisar seu irmão. Porém, desculpe-me, senhora! Não o fiz.

Ela negou com a cabeça ante a auto-acusação do advogado.

— Henri não mencionou nenhum ouro — disse depois de alguns instantes.

— Um soldado deve guardar bem os segredos, e a existência desse ouro era muito secreta. — Roland, que suava profusamente debaixo do sol de primavera, virou-se e se encaminhou para o castelo. — Agora já não acredito que os ingleses voltem— observou em tom tranquilizador.

— Quem dera voltassem. — Lucille alarmou o advogado ao deixar ver uma enorme pistola de cavalaria de boca dourada cujo peso carregava no largo bolso de seu avental. — Se voltarem, monsieur, matarei pelo menos um deles.

— Deixe as matanças para aqueles que sabem melhor como realizá-las. — Roland, ao saber que sua visita fora em vão, estava ansioso para regressar a Caen, onde pelo menos havia algum vestígio de civilização. Temia que Lucille o convidasse para almoçar e que a evidente pobreza do castelo lhe proporcionasse um almoço exíguo, porém, para seu alívio, Lucille não lhe fez essa oferta.

Roland montou em seu cavalo na entrada do castelo. Dera seu endereço à madame Castineau e pediu a ela que lhe escrevesse se os ingleses voltassem, ainda que admitiu que não acreditava muito que isso ocorresse. Contudo, ao baixar o olhar para a triste Lucille, sentiu uma pontada de compaixão.

— Permite-me que lhe dê um conselho, madame?

— Seria uma honra para mim, monsieur.

Roland pegou as rédeas.

— Case-se de novo, senhora. Uma mulher como a senhora não deveria ficar sozinha; não nestes tempos atribulados e neste triste país. Permita-me dizer que sou casado, madame, e que

isso me proporciona uma enorme paz e felicidade.

Lucille sorriu, mas não disse nada. Roland fez seu cavalo girar e então, ao se lembrar de uma última pergunta, o fez virar de novo.

— Madame? Perdoe minha falta de delicadeza, mas seu irmão perdeu dois dedos da mão direita?

— Foram cortados! — Lucille pronunciou essas palavras com um lamento de repentino dor. — Os ingleses os cortaram!

Roland pensou que a perda dos dois dedos devia ter ocorrido quando os soldados de Sharpe capturaram o forte *Teste de Buch* e não pediu a Lucille que ampliasse sua resposta, que já parecia confirmar o testemunho escrito por Ducos. Em lugar disso, o advogado levantou seu chapéu.

— Obrigado, madame, e lamento se a consternado.

Nessa mesma noite, em seu confortável alojamento de Caen, o senhor Roland escreveu dois informes. O primeiro deles seria mandado para o Ministro de Finanças do rei e informava com pesar o assassinato de Henri Lassan e a conseguinte falta de qualquer prova que pudesse conduzir à recuperação do ouro. Roland acrescentou que suspeitava que os dois oficiais ingleses, Sharpe e Frederickson, haviam sido os responsáveis pela morte do conde. “Não há dúvida de que deverão ser acusados de assassinato — escreveu — e sua busca deve continuar, tanto na França como na Grã-Bretanha”.

O segundo informe de Roland era muito mais detalhado. Começava dizendo que o testemunho escrito de Pierre Ducos se confirmara e que agora parecia praticamente seguro que os dois oficiais dos fuzileiros ingleses tinham roubado o ouro do Imperador. Também haviam matado Lassan, supostamente para que não pudesse testemunhar contra eles. A morte de Lassan induziu Roland a considerar a possibilidade de que os dois oficiais britânicos já tivessem assassinado Pierre Ducos; como explicar de outra forma o continuado silêncio deste? Roland sugeriu de maneira respeitosa que os dois ingleses já deviam de ter abandonado a França, mas tinha esperanças de que ainda pudessem ser localizados e entregues para a vingança. Acrescentou a grata notícia de que o novo Governo francês havia pedido à armada inglesa que desistisse de suas explorações dentro e nos arredores do forte *Teste de Buch* e que concordaram com esse pedido a contragosto. Na busca realizada pelos ingleses no forte não se havia encontrado nada do ouro, nem da bagagem imperial.

Esse segundo informe foi escrito em papel da índia de primeira qualidade que o senhor Roland levou a um calígrafo de Paris. O calígrafo o selou dentro de duas folhas de um papel mais grosseiro que estavam tão habilmente colados um ao outro que a primeira vista parecia ser uma só folha grossa de papel. Então, sobre a cremosa superfície do papel mais ordinário, o calígrafo escreveu uma ode de louvor aos deuses gregos sumamente chata.

A ode foi lida brevemente por um censor francês. Duas semanas depois o poema foi entregue na ilha de Elba, diante das costas da Toscana, onde a cremosa página foi descolada com delicadeza para deixar descoberto o papel indiano que havia por dentro. Após uma hora

o informe mais comprido de Roland estava sendo lido por um imperador no exílio, mas um imperador que ainda conservava garras afiadas. Contudo, estas garras não podiam ser estendidas, porque o inimigo estava escondido e, portanto, ainda que o informe do senhor Roland tenha sido arquivado cuidadosamente, não foi esquecido. Afinal, tinha a ver com dinheiro, e o Imperador exilado necessitava de dinheiro se seus sonhos eram voltar a incendiar a Europa com sua glória mais uma vez. Os fuzileiros ingleses podiam ter sumido por agora, mas reapareceriam, e quando o fizessem o Imperador os acharia e os mataria. Pela glória.

O dragão saxão queria ir para casa. Ele falou isso ao sargento Challon, que lhe recordou a promessa que todos fizeram quando esperavam na fazenda abandonada. A promessa consistira em um acordo conforme o qual todos os dragões permaneceriam com o major Ducos até que não houvesse nenhum perigo; mas se qualquer soldado desejasse abandonar, então tinha que renunciar a sua parte do tesouro do Imperador.

O saxão deu de ombros.

— Eu só quero ir para casa.

Challon passou o braço pelo ombro do corpulento soldado.

— Já falta pouco, Herman.

— Quero ir para casa minha casa — repetiu o saxão com teimosia.

— E vai para casa sem o dinheiro? — Challon perguntou em tom tentador. Os dois homens estavam no pátio dos estábulos de uma taberna em Leghorn. Challon fora aos estábulos para se assegurar que estavam dando de comer aos cavalos e o saxão havia seguido o sargento com a esperança de encontrar um pouco de intimidade para ter aquela conversa.

Herman deu de ombros.

— Acho que mereço algo, sargento, o senhor sabe. — Fora o saxão que havia sido levemente ferido quando atravessou a ponte de madeira com o sargento para matar Henri Lassan, e também fora ele quem causou aqueles estragos na fazenda de Seleglise, que Ducos lhes havia ordenado que atacassem para que os moradores acreditassem que o ataque subsequente contra Lassan fora obra casual de alguns foragidos.

— Se merece algo — disse Challon com voz tranquilizadora. — Falarei com o major Ducos. Não lhe agradará, mas tentarei persuadi-lo a ser generoso. Direi o quanto leal você foi. — Challon havia sorrido e começara a se afastar, mas se virou rapidamente ao mesmo tempo em que desembainhava sua comprida espada reta. A lâmina do saxão não havia terminado de sair da bainha quando a espada de Challon lhe cortou a garganta. Vinte minutos depois deixaram seu corpo despido na rua que dava ao pátio da taberna, onde acharam que se tratava de outro marinheiro morto.

Ducos vendeu os cavalos dos dragões em Leghorn e depois pagou ao capitão de uma *barca-longa* para que levassem ele e os sete dragões que restavam até o sul de Nápoles. Foi

uma viagem cheia de nervosismo, já que a costa estava infestada de piratas da Berbería; mas a presença de um esquadrão da marinha britânica de vez em quando animou Ducos. Apesar dessa proteção naval, a *barca-longa*, um barco costeiro de carga de dois mastros, entrou todas as noites em porto seguro e o conseguinte atraso supôs que a viagem para Nápoles durasse oito dias.

O sargento Challon, em um arrebatamento pouco comum de desacordo com Pierre Ducos, havia dado razões contra buscar refúgio em Nápoles. A cidade era a capital do Reino de Nápoles, que tinha por monarca um francês que em outro tempo fora marechal do Exército de Napoleão. Sem dúvida, alegou Challon, o marechal Murat não ofereceria refúgio a homens que haviam traiçoadado o Imperador, mas Ducos lhe explicou pacientemente que Murat havia rompido relações com seu antigo senhor. Pode ser que Napoleão tivesse posto Murat no trono de Nápoles, mas este só podia manter esse trono mostrando-se inimigo do Imperador vencido, e com esse fim estava atarefado cultivando novas alianças e inclusive suas tropas napolitanas haviam marchado para o norte para expulsar de Roma os restos do Exército imperial francês.

— Portanto — seguiu dizendo Ducos com paciência —, um inimigo do Imperador será amigo do marechal.

Não é que Ducos tivesse intenção de pedir uma audiência com Murat, mas sabia que devia conseguir de alguma maneira a ajuda das autoridades. Os desconhecidos eram suspeitos em um lugar como Nápoles, portanto não queria ser um desconhecido.

Ducos instalou seus homens em uma pequena taberna do porto e depois utilizou suas antigas habilidades e não pouco dinheiro para descobrir quem, além de Murat, representava o poder naquela sebosa e bagunçada cidade ao pé de seu vulcão fumegante. Ducos tardou dez dias, mas finalmente se encontrou prostrando-se ante um elaborado trono e beijando o gordo anel de um obeso cardeal.

— Sou o conde Poniatowski — disse Ducos humildemente.

— O senhor é polaco? — O cardeal era tão gordo que sua respiração fazia um ruído áspero em sua garganta só em percorrer com passo de antídeo a curta distância entre a tarima de seu trono e a porta de sua sala de audiências. Supunha-se que o trono propriamente dito devia estar voltado para a parede e não ser utilizado exceto durante o curto período entre a morte de um papa e a escolha do seguinte; mas o cardeal gostava de se sentar em sua acolchoada magnificência e olhar por cima do ombro dos humildes peticionários que se ajoelhavam ante sua tarima.

— Sou polaco, sua eminência — confirmou Ducos.

— Talvez prefira que falemos em polaco — perguntou o cardeal em francês.

— Sua eminência é muito amável — respondeu Ducos em um polaco com muito sotaque.

O cardeal, que falava italiano, latim e francês, mas nem uma palavra em nenhuma outra língua, sorriu como se tivesse entendido. Era possível, reconheceu para si, que esse esqualido homenzinho fosse verdadeiramente um aristocrata polaco; mas o cardeal tinha suas dúvidas. Nesses dias a maioria dos refugiados provinha da França, mas a primeira e simples armadilha

do cardeal não conseguiu pôr seu peticionário em uma situação embaraçosa, pelo que sua eminência sugeriu gentilmente que talvez devessem seguir sua conversa em italiano para que assim o conde Poniatowski pudesse praticar essa língua.

— E permita-me que lhe pergunte, meu caro conde: por que veio a nosso humilde país?

Talvez o país fosse humilde, refletiu Ducos, mas não o era esse monstruoso príncipe da Igreja que empregava mais de cento e vinte serventes em sua própria casa e cuja capela privada tinha mais eunucos em seu coro do que já haviam cantado na Basílica de São Pedro. De ambos os lados do cardeal havia jovens que empunhavam leques de papel para refrescar o grande homem. Ao pé da tarima havia guardas vestidos de amarelo e negro, armados com antigas alabardas e que, apesar de sua idade, ainda eram capazes de rachar um homem da cabeça até as bolas no tempo que custaria para engatilhar uma pistola. A própria sala parecia uma fantasia de pedra decorada, gravada com adoráveis anjos e arcanjos. Para dizer a verdade, as decorações eram realizadas em *scagliola*, uma falsa pedra elaborada com gesso e cola; mas Ducos soube apreciar a destreza dos artesãos que haviam fabricado esses deslumbrantes objetos.

— Vim, sua eminência, pelo bem de minha saúde.

— O senhor é tísico, meu filho?

— Tenho um problema respiratório, sua eminência, que se agrava com o clima frio.

O cardeal suspeitou que o problema respiratório do conde piorasse, mais provavelmente, por causa da espada de um inimigo, mas seria de má educação dizê-lo.

— A cidade — contudo, comentou com um gesto de sua gorda mão que percorreu sua esplêndida sala de audiências — não fará nada bem a seus pulmões, meu caro conde. Há muita fumaça em Nápoles.

— Preferiria viver no campo, sua eminência, no alto de uma colina onde o ar fresco não esteja contaminado pela fumaça.

E de onde, pensou o cardeal, se poderia ver o inimigo à distância, o que explicava por que o conde Poniatowski tinha presenteado com um grande rubi os fundos do cardeal, como incentivo para essa audiência. O cardeal se moveu em seu acolchoado trono e dirigiu o olhar por cima da cabeça do conde.

— Sei por experiência, meu caro conde, que os inválidos como o senhor vivem mais se não são incomodados.

— Sua eminência compreende muito bem minhas míseras necessidades — disse Ducos.

— Sua majestade — era a primeira vez que o cardeal reconhecia a existência de um poder superior ao seu no Estado — insiste na prudente política de que nossos cidadãos mais endinheirados, aqueles que pagam impostos territoriais, o senhor sabe, possam viver em paz.

— É bem sabido — respondeu Ducos — que sua majestade presta muita atenção ao sábio conselho de sua eminência. — Ducos duvidava que alguma pessoa endinheirada no reino pagasse imposto algum, mas não restava dúvida que o cardeal só utilizava a palavra para

descrever os presentes que esperava receber, e então era o momento de deixar claro que o conde Poniatowski era um homem que tinha presentes para oferecer. Ducos pegou um porta-moedas do bolso e, vigiado de perto pelo cardeal, pôs algumas pedras preciosas na palma da mão. Sabendo que o mero peso do ouro embalado seria muito difícil de transportar através de um continente assediado, tinha comprado diamantes, rubis, safiras e pérolas em Bordéus. Havia adquirido as gemas a muito baixo preço porque os famintos mercadores da cidade estavam desesperados para comerciar, sobretudo com ouro. — Eu esperava, sua eminência... — Começou a dizer Ducos, mas logo deixou que sua voz se apagasse.

— Meu caro conde? — O cardeal despediu com um gesto os meninos que tinham como trabalho abaná-lo nos meses sufocantes.

— Um homem leva tempo para se estabelecer em um país estrangeiro, sua eminência — Ducos ainda sustentava o punhado de pedras preciosas —, e, pressionado por estranhas circunstâncias e devido à necessidade de criar um lar, poderia se esquecer de alguns deveres cívicos como pagar seu imposto territorial. Se eu lhe oferecesse agora um pagamento desse imposto, poderia talvez sua eminência convencer as autoridades de que vissem com bons olhos meu estado convalescente?

O cardeal estendeu uma gorda palma que se encheu devidamente de excelentes pedras preciosas.

— Sua responsabilidade honra a sua nação, meu caro conde.

— A amabilidade de sua eminência só se vê superada por sua sabedoria.

O cardeal meteu as gemas em um bolso oculto sob sua Capa Magna vermelha, debruada em pele.

— Proponho-me a ajudá-lo ainda mais, meu caro conde.

Durante muito tempo, a Madre Igreja tem admirado a atitude inquebrantável com a qual os polacos resistiram aos estragos causados pelo tirano Napoleão, e agora cabe a minha humilde pessoa mostrar o adequado reconhecimento a essa admiração.

Ducos se perguntou que nova sangria econômica apresentaria o cardeal, mas fez uma reverência em sinal de agradecimento.

— Procura uma casa sobre uma colina. Um lugar onde um inválido possa viver em paz sem que o moleste nenhum antigo conhecido que pudesse perturbar sua delicada recuperação?

— Sim, sua eminência.

— Conheço um lugar como esse — disse o cardeal. — Pertenceu a minha família durante muitos anos e para mim seria um enorme prazer, meu caro conde, que o senhor ocupasse a casa. Necessitará dar-lhe um mero retoque na pintura, mas, além disso... — O religioso deu de ombros e sorriu.

Ducos compreendeu que a casa era uma ruína que teria que reconstruir com dinheiro de seu próprio bolso e que enquanto isso estaria pagando a esse homem gordo um aluguel exorbitante; mas em troca recebia a proteção do cardeal, que representava, mais que nenhuma

outra pessoa, o verdadeiro poder no Reino de Nápoles. Portanto, Ducos o agradeceu com uma pronunciada reverência.

— A amabilidade de sua eminência me constrange.

— É uma casa muito espaçosa — observou o cardeal, advertindo desse modo a Ducos de que o aluguel seria concomitantemente elevado.

— A generosidade de sua eminência me deixa estupefato — disse Ducos.

— Mas uma casa grande — apontou o cardeal em tom malicioso — seria a residência adequada para um homem que chegou ao nosso humilde país com sete criados varões, e todos eles armados?

Ducos estendeu as mãos com um gesto inocente.

— Tal como observou sua eminência tão sabiamente, um inválido necessita de paz, e os serventes armados conduzem à paz. — Fez outra reverência. — Se pudesse oferecer agora uma parte do aluguel a sua eminência...

— Meu caro conde! — O cardeal pareceu constrangido, mas se recuperou o suficiente para aceitar o segundo porta-moedass, que continha um punhado de francos franceses de ouro.

O cardeal estava completamente seguro de que o conde Poniatowski nem era conde nem era polaco; tratava-se quase com certeza de um rico refugiado francês que havia fugido da ira dos vitoriosos aliados. Isso não tinha importância desde que o “conde” vivesse tranquilamente no reino e desde que representasse uma fonte de rendas para o cardeal, que as necessitava em abundância para poder manter sua casa. Desse modo, o conde foi bem-vindo e no dia seguinte um lúgubre sacerdote de nariz comprido recebeu instruções para conduzi-lo em direção ao norte para a Vila Lupighi, que se erguia meio desmoronada sobre uma empinada colina desmatada situada acima da costa.

A vila era, de fato, uma ruína, uma imensa estrutura deteriorada que ia custar uma fortuna para restaurar por completo; mas Ducos não tinha intenção alguma de fazer uma restauração completa: só pretendia passar despercebido, em um lugar seguro, até que tivesse pensado e respondido a última pergunta sobre o ouro perdido do Imperador. Explorou sua nova casa, que dava para um mar assombrosamente azul, e viu que ninguém podia se aproximar da vila sem ser visto, pelo que expressou sua completa e agradecida satisfação ao sacerdote de nariz comprido.

Ducos havia encontrado um refúgio e um poderoso protetor e, portanto, pela primeira vez desde que matara o coronel Maillot, Pierre Ducos se sentiu a salvo.

Sharpe teve que se arriscar a deixar Frederickson entrar na cidade de Caen porque os fuzileiros precisavam de instruções detalhadas se quisessem encontrar a vila onde vivia Henri Lissan.

Frederickson foi à cidade, sozinho e desarmado, fazendo-se passar por um veterano alemão que deu baixa do Exército de Napoleão à procura de seu antigo chefe de batalhão.

Ninguém questionou seu direito de estar na cidade e, portanto, se permitiu visitar a enorme igreja onde estava enterrado seu xará, Guillermo o Conquistador. Frederickson ficou um bom momento de pé diante da placa de mármore e depois se aproximou um jovial sacerdote que lhe narrou alegremente como o corpo do Conquistador estava tão cheio de putrefação quando o enterraram no ano 1087 que explodiu por causa da pressão desses gases nauseabundos;

— A igreja ficou vazia! — O padre riu como se na realidade tivesse estado lá. — Não é que nosso Guille ainda esteja aí debaixo, muito pelo contrário.

— Não está? — Frederickson se surpreendeu.

— Aqueles sacanas revolucionários profanaram a tumba e dispersaram os ossos. Reunimos uns poucos pedaços em 1802, mas duvido que algum deles fosse autêntico. É bem mais provável que no dia do Juízo Final vejamos sair do buraco um mendigo escrofuloso em lugar do Conquistador.

O padre aceitou de bom grado a oferta de um copo de vinho e com muito gosto explicou também a Frederickson a maneira de chegar ao povoado de Henri Lassen que ficava a uns sessenta e cinco quilômetros de distância.

— Mas tenha cuidado! — O padre reiterou a advertência que lhe fizera o padre Marin. — A campina é um lugar perigoso, meu amigo. Está cheia de meliantes e assassinos! O Imperador nunca teria permitido que sucedesse algo semelhante.

— Certamente que não — consentiu Frederickson, e os dois homens se compadeceram mutuamente pelo triste estado da França por causa da ausência do Imperador.

Anoitecia quando Frederickson se reuniu com seus companheiros e já havia caído a noite quando Sharpe os conduziu para longe dos arredores da cidade. Os três fuzileiros ainda planejavam viajar na escuridão, pois um homem que avançasse a plena luz do dia pelo campo podia provocar muitos sinais reveladores: uma lebre saindo de seu esconderijo, uma pomba assustada que fizesse ruído entre as folhas ou mesmo o olhar curioso do gado sonolento poderia alertar uma pessoa perspicaz da presença de movimentos furtivos. Pela noite esses perigos diminuía, porque depois do pôr do sol as casinhas normandas se fechavam. Era fácil evitar as casas mesmo na escuridão, já que todas tinham um enorme monte de esterco empilhado contra uma parede exterior e o sentido do olfato dos fuzileiros bastava para desviá-los longe de qualquer aldeão despertado e suspicaz.

Dirigiam-se para o oeste. Em certas ocasiões tiveram que percorrer quilômetros e quilômetros ao longo de veredas profundas e cheias de sulcos como as que haviam na campina do oeste de Inglaterra. Outras vezes tiveram que abrir caminho através de campos com altas cercas ou subir até alguma crista arborizada para poder calcular sua posição guiando-se pela luz da lua. Tardaram duas noites para encontrar a zona correta e outra noite mais para descobrir o castelo de Lassen em seu profundo e privado vale, repleto de montes de flores em decomposição. Sharpe e Harper passaram as duas últimas horas dessa noite reconhecendo o terreno que rodeava a construção. Viram um jovem sentado na entrada. Atrás dele, perfilada à luz de uma lanterna, havia uma tosca barricada feita com tonéis. O jovem estava armado com o que parecia uma arma para caçar aves. Havia inclinado a cadeira para trás e parecia

adormecido, e Sharpe estivera tentado a fazer sua entrada ali agora. Resistiu ao impulso, pois entrar a essas horas da noite teria causado um frenético alarme. Estava claro que o rapaz montava guarda contra os foragidos que ameaçavam a campina, e Sharpe não tinha vontade de ser confundido com um desses meliantes. Em lugar disso, ele e Harper regressaram ao alto ramal rodeado de bosques onde Frederickson havia encontrado um esconderijo.

Passaram todo o dia seguinte no terreno alto da crista. Estavam ocultos sob bétulas, olmos, faias e carvalhos. Era frustrante estar tão perto de sua presa e mesmo assim ser obrigado a deixar as horas de sol passarem sem fazer nada; mas Sharpe decidira que, em seu andrajoso estado, uma aproximação durante o dia causaria suspeita e até podia desencadear um desastre. De sua posição elevada pôde ver que todos os homens do vale levavam uma arma; mesmo os dois meninos do enorme invernáculo que se esforçavam em marcar os troncos das macieiras com um anel de breu levavam mosquetes.

— Nós iremos com o pôr do sol — decidiu Sharpe. O anoitecer era a hora em que os homens relaxavam depois de um dia de trabalho.

Os fuzileiros esperavam ter êxito. Uma conversa vespertina, assegurava Frederickson, bastaria para convencer Henri Lassan a viajar até a Inglaterra. Em uma semana, pensava Sharpe, teria regressado a Londres. Ao cabo de duas semanas, como muito, estaria de novo com Jane.

— Tirarei alguns dias de licença quando chegarmos em casa — disse Frederickson.

— Pode vir nos visitar em Dorset. — Sharpe tinha o acolhedor sonho de receber os velhos amigos quando desfrutasse de suas bem merecidas comodidades.

Frederickson sorriu torcendo a boca.

— Tenho um desejo muito maior de visitar Roma. Gostaria de estar onde outrora estiveram os imperadores. Dizem que ainda resta de pé uma parte assombrosamente considerável da cidade imperial, ainda que evidentemente muito deteriorada. Talvez quisesse vir comigo — propôs a Sharpe.

— Com Dorset terei o suficiente. — Sharpe, deitado sobre o alto terreno e olhando fixamente o castelo rodeado pelo fosso, invejou a casa de Henri Lassan. Talvez Sharpe não se sentisse atraído como Frederickson pelas ruínas do mundo antigo, mas percebia uma enorme calma nessa velha fazenda normanda. Esperava que Jane tivesse encontrado algo similar na Inglaterra. De repente pensou que não queria uma casa moderna com suas habituais janelas geométricas e quadradas linhas angulares: desejava algo mais tranquilo e antigo, como esse castelo que dormia em seu profundo vale.

— Eu voltarei a Donegal — disse Harper com nostalgia. — Comprarei uns poucos acres de terra protestante, é o que farei.

— Vai virar granjeiro? — perguntou Sharpe.

— Sim, senhor, e terei uma esplêndida casa, sim. Em algum lugar onde os meninos possam crescer em paz. — Harper ficou calado, talvez pensando no próximo que havia se tornado esse cobiçado refúgio.

— Sonhos de soldado — disse Frederickson com desdém —; são apenas sonhos de soldado. Virou-se para ficar de boca para baixo, separou as folhas que tinha na frente e olhou seguindo o cano de seu fuzil para o distante castelo. Havia seis vacas sendo levadas para o estábulo para serem ordenhadas. Somente viu um homem no pátio da fazenda, do outro lado do fosso, e se perguntou se essa figura solitária seria Henri Lassan, o que o fez pensar em quantos sonhos de soldado estavam sujeitos à honestidade desse único homem: uma fazenda na Irlanda, uma casa em Dorset e um caderno de esboços no fórum romano; tudo isso se converteria em realidade somente se um homem honrado dissesse a verdade. Deixou que as folhas voltassem lentamente ao seu lugar e dormiu, esperando que anoitecesse.

Uma hora depois do pôr do sol e quando a luz ainda abundante e dourada rodeava as sombras que se alongavam, os três fuzileiros saíram silenciosamente do bosque e deram uma espiada através de uma espessa cerca que conduzia à vereda que bordejava o fosso diante do castelo de Lassan.

Sharpe chegou primeiro ao caminho e viu o mesmo jovem montando guarda no arco de entrada do castelo, visivelmente chateado. Como pensava que ninguém o via, estava praticando um rudimentar exercício de braços de sua própria invenção. Punha ao ombro sua espingarda de caçar aves, apresentava armas, apoiava no piso e depois a empurrava para frente como se tivesse uma baioneta na ponta. Após um tempo, cansado de seus sonhos militares, o rapaz passou silenciosamente junto à grosseira barricada de tonéis e desapareceu dentro do pátio do castelo.

Frederickson se agachou ao lado de Sharpe.

— Vamos agora? — perguntou.

Sharpe olhou a torre ameada que havia sobre a porta da casa. Não podia imaginar por que Lassan não havia posto uma sentinela nessa alta plataforma proeminente, mas não havia ninguém que vigiasse desse posto elevado, pelo que decidiu que era seguro avançar. Havia decretado que somente ele e Frederickson se aproximariam do castelo, e que nenhum dos dois levaria armas. Dois homens desarmados na penumbra não inspiravam uma grande ameaça. Harper esperaria na cerca com todas as armas e só se reuniria com os oficiais uma vez que tivessem entrado em contato com Lassan sem nenhum percalço.

O rapaz ainda estava escondido no pátio quando Sharpe e Frederickson se abriram passagem através do matagal e desceram andando pelo capim da borda da vereda. Ninguém deu o alarme. Essa fachada do castelo que se erguia imbatível sobre o fosso e que dava para o povoado era uma parede quase sem nenhuma característica especial, o que dava a entender que a construção fora em outro tempo uma pequena fortaleza.

— É uma casa muito bonita — murmurou Frederickson.

— O senhor Lassan é um homem muito afortunado — consentiu Sharpe.

Tiveram que se afastar da margem da vereda para se aproximar da ponte que cruzava o fosso. Uma vez dentro do caminho, suas botas fizeram ranger as pedras soltas, mas seguiram

sem que ninguém lhes desse o alto, nem mesmo quando chegaram ao fosso e passaram por cima das pranchas de extremos musgosos da antiga ponte levadiça. Apressaram-se a pôr-se a coberto debaixo do arco da entrada e depois foram avançando em silêncio junto à rudimentar barricada de tonéis vazios. Sharpe viu uma revoada de gansos que bicavam sobre uma estreita faixa de grama no extremo mais afastado do pátio do castelo.

— Para trás! — disse Frederickson entre os dentes. Vira fugazmente que o rapaz voltava para o arco. Ao que parece fora à cozinha em busca de seu jantar, que agora transportava cuidadosamente com ambas as mãos. Pendurado ao ombro levava sua espingarda de caçar aves.

Os dois fuzileiros se colaram na parede do arco. O garoto, decidido a não derramar nem uma gota de sua sopa, nem sequer levantou a vista quando girou para entrar na espessa sombra da porta da entrada.

Frederickson deu um salto. O rapaz, com um súbito terror, deixou cair a tigela ao mesmo tempo em que dava um violento giro para se afastar. Foi muito lento. O conteúdo da tigela de madeira se derramou em cima dos paralelepípedos e uma faca lhe roçou a garganta com sua lâmina fria. Um braço passou pela frente de seu rosto e lhe tampou a boca.

— Nem uma palavra! — ordenou entre os dentes Frederickson em francês. Segurava a lâmina de uma navalha pela parte plana contra o pomo-de-adão do garoto. — Fique calado, garoto, em silêncio. Ninguém vai machucá-lo.

Sharpe pegou a velha arma de caçar aves do ombro do rapaz. Abriu o rastelo da ignição e com um sopro tirou a pólvora da escorva para que a arma não fosse uma ameaça. O garoto tinha os olhos como pratos e tremia.

— Não queremos fazer nenhum mal a ninguém. — Frederickson falou muito devagar e com suavidade para o rapaz. — Nem sequer temos armas, vê? Apenas viemos até aqui para falar com seu amo. — Frederickson tirou a mão da boca do garoto.

O menino, morto de medo diante desses dois homens andrajosos e cheios de cicatrizes, tentou falar, mas os acontecimentos dos últimos segundos o haviam deixado mudo. Frederickson agarrou o rapaz pelo colarinho do gibão.

— Venha conosco, garoto, e não tenha medo: não vamos lhe machucar.

Sharpe apoiou contra a parede a espingarda de caçar aves e encabeçou a marcha para fora do arco envolvido em sombras. Viu uma janela iluminada do outro lado do pátio do castelo e a sombra de uma pessoa que se movia atrás dos pequenos vidros. Apressou-se. Frederickson seguia segurando o assustado garoto. Dois dos gansos alongaram o pescoço para os fuzileiros.

Os gansos começaram com seu alarde tarde demais, pois Sharpe já havia chegado à porta da cozinha, que, como o menino não tinha devolvido sua tigela de sopa, ainda não estava fechada com chave. Não teve cerimônias: limitou-se a empurrar a pesada porta para abri-la.

Frederickson afastou o rapaz de um empurrão e se inclinou ao cruzar o dintel atrás de Sharpe.

Havia duas mulheres na cozinha iluminada com a luz de velas. Uma anciã com as mãos avermelhadas por causa do trabalho, removia uma enorme cuba que pendurava de um gancho sobre o fogo. A outra, uma mulher muito mais jovem e magra vestida toda de negro, estava sentada à mesa com um livro de contas. As duas mulheres olharam paralisadas de horror para os intrusos.

— Madame? — disse Frederickson atrás de Sharpe, que tinha ficado parado justo na porta.

— Quem são vocês? — Foi delgada mulher de negro quem perguntou.

— Somos oficiais britânicos, madame, e lhe pedimos desculpas por molestá-la desta maneira.

A mulher magra se levantou. Sharpe teve a impressão de um rosto comprido e amargurado. Ela se virou de costas para os intrusos e se dirigiu a um nicho onde havia duas cubas de água.

— Já não fizeram o bastante? — perguntou por cima do ombro.

— Senhora — disse Frederickson com delicadeza —, acho que entendeu mal. Só viemos...

— William! — Sharpe, que não compreendia nada do que estavam falando, voltou-se e empurrou Frederickson para fora da cozinha. Vira a mulher vestida de preto dar as costas para as cubas com uma enorme pistola de cavalaria de boca dourada em suas mãos. Seus olhos cinzentos não hospedavam mais que um amargo ódio e Sharpe soube, com a certeza dos condenados, que tudo havia saído mal. Empurrou desesperadamente Frederickson para o pátio e tratou de se jogar também através da porta, mas sabia que era tarde demais. Seu corpo se estremeceu ante a terrível dor que se aproximava. Já havia começado a gritar prevendo essa dor quando Lucille Castineau apertou o gatilho e o mundo de Sharpe se converteu em trovão e sofrimento. Sentiu que as balas o atingiam como golpes descomunais. Viu como o clarão de uma chama relampejava por cima dele e então, felizmente, quando o eco impressionante da arma sumiu, não havia nada.

# TERCEIRA PARTE

## Capítulo 9

O capitão Peter D'Alembord estava sentado na sala da casa da Rua Cork e se sentia sumamente incômodo. Não que D'Alembord não estivesse acostumado ao luxo; de fato havia crescido no seio de uma família acostumada a um gosto refinado. Contudo, essa mesma familiaridade com a vida civilizada lhe fazia perceber algo extremamente vulgar nesse aposento de teto alto. Simplesmente, considerou ele, havia muito de tudo. Um enorme lustre, grande demais para a sala, pendurava de um ornamento de gesso, enquanto que uma dúzia de apliques de vidro abarrotava as paredes. Os apliques, assim como o lustre, estavam cheios de gotas grandes de vela, que deveriam ter raspado há muito tempo. A maioria dos móveis era laqueada em preto, imitando o estilo egípcio que estivera na moda dez anos antes. Havia três divãs, dois escabelos e algumas mesinhas pata de leão dispersas pela sala. As pinturas de moldura dourada pareciam compradas em lote; todas elas mostravam pastoras bastante inverossímeis que paqueravam com jovens muito etéreos. Uma caixa de cerejas confeitadas acumulava poeira sobre uma mesa e uma tigela de amêndoas sobre outra.

Tudo estava cheio de poeira, e D'Alembord duvidou que o lugar tivesse sido limpo há dias, talvez semanas. As cinzas se amontoavam na lareira e a sala cheirava de maneira insuportável a pó de penteadeira e a perfume comum. Uma criada lhe fizera uma reverência quando D'Alembord lhe entregara seu cartão na porta, mas não havia muitos indícios de que a garota limpasse algo. O capitão teve de supor que Jane Sharpe estava ali de passagem, porque não podia acreditar que permitisse tanta negligência em sua própria casa.

D'Alembord esperou pacientemente. Só pôde encontrar um livro no cômodo: era a primeira parte de um romance sentimental em três volumes que narrava a história da filha de um clérigo que, sequestrada do seio de sua família por foragidos na Itália, foi vendida a piratas de Berbería em Argel, onde se converteu no brinquedo de um terrível chefe muçulmano. Na última página do livro, que D'Alembord passou a toda pressa, ela ainda conservava sua virtude virginal, o que parecia um desenlace sumamente inverossímil considerando o conhecido comportamento dos piratas de Berbería; mas a verdade era que as coisas inverossímeis formavam devida parte dos livros. D'Alembord duvidou que tentasse encontrar os volumes restantes.

Um relógio negro e dourado que havia sobre a prateleira da lareira deu um zumbido e depois anunciou o meio-dia. D'Alembord se perguntou se poderia ousar puxar as cortinas de veludo, cuidadosamente penduradas, e abrir uma janela, mas decidiu que um ato assim poderia ser considerado presunçoso. Em lugar disso, observou como uma aranha tecia uma delicada teia entre as bordas de uma toalha de mesa sobre a qual murchavam umas flores dentro de um jarro.

O relógio bateu o quarto, a meia, logo os três quartos. D'Alembord havia se apresentado na casa sem avisar e, portanto, já havia previsto que teria que esperar, mas não imaginara que o fizessem aguardar tanto tempo. Se o continuassem ignorando, prometeu, quando desse uma

hora partiria.

Observou como o ponteiro dos minutos, de filigrana, passava com uma sacudida de cinco minutos para uma, para quatro minutos para uma. Então decidiu que seria prudente deixar uma mensagem escrita, e estava a ponto de usar o sino para pedir papel e pena à criada quando a porta da sala se abriu de repente e ao girar-se viu o rosto sorridente da senhora Jane Sharpe.

— Mas se é o capitão D'Alembord! — exclamou Jane com fingida surpresa, como se não tivesse sabido quem a estivera esperando tanto tempo. — É um prazer! — estendeu a mão para que a beijasse. — Ofereceram-lhe chá? Ou algo mais forte, talvez?

— Não, senhora.

— Essa garota é incorrigível — disse Jane, ainda que D'Alembord percebesse que não tocava o sino para retificar a situação. — Não sabia que o batalhão tivesse chegado à Inglaterra.

— Faz duas semanas, senhora. Agora estão em Chelmsford, mas eu estou de licença.

— Uma licença bem merecida, estou segura. Quer correr uma cortina, capitão? Não devemos ficar aqui sentados em meio a uma penumbra estígia.

D'Alembord puxou de lado o pesado veludo e depois, quando Jane tinha se acomodado em um divã, se sentou diante dela. Trocaram novidades, elogiaram Londres pelo bom tempo que estava fazendo e concordaram que a paz era bem-vinda. E todo esse tempo, enquanto surgia entre eles o tilintido dessa conversa sobre assuntos triviais, D'Alembord tentou ocultar o assombro que sentia ante a mudança que se havia produzido em Jane. Quando esteve com o exército parecia uma jovem doce e tímida, mas agora, apenas seis meses depois, era uma mulher vestida ao último grito da moda. Seu vestido de seda verde lhe caía em simples dobras da cintura aos tornozelos. O decote era na verdade muito pronunciado, pelo que D'Alembord se viu diante do espetáculo da ampla visão de peitos empoados; peitos muito bonitos, decidiu, mas de alguma maneira parecia inapropriado que a esposa de um homem a quem gostava e ao quem admirava se exibisse dessa forma. Os ombros do vestido de Jane eram abaulados e as mangas muito compridas, muito apertadas e adornadas nos pulsos com babados de renda. Não usava meias, de maneira que deixava ver tornozelos despídos que de certa forma sugeriam a vulnerabilidade da inocência. Nos pés usava sandálias prateadas atadas com cordões também prateados que as fazia semelhantes às gregas. Usava seu cabelo dourado arrumado por cima das orelhas, mostrando assim um pescoço comprido e esbelto rodeado por um colar de rubis que D'Alembord supôs que devia de ser parte do butim tomado dos franceses em Vitória.

Os rubis lhe caíam muito bem, a julgamento do visitante. Eram jóias pouco comuns para uma mulher indubitavelmente bonita. Viu que ela sorria ante seu exame e se envergonhou ao perceber que Jane havia notado sua admiração e a estava saboreando.

Ele trocou de tema rapidamente e se referiu ao motivo de sua visita. Havia lhe trazido, disse D'Alembord, uma mensagem do major Sharpe. Desculpou-se por não ter nenhuma carta, mas lhe explicou as precipitadas circunstâncias de seu encontro em Bordéus

— Portanto o senhor não sabe onde o major está agora? — perguntou Jane ansiosa.

— Claro que não, senhora; só sei que foi atrás de um oficial francês que pode atestar sua inocência.

A ansiedade pareceu diminuir em Jane, que se levantou, caminhou para a janela e olhou a rua iluminada pelo sol. Contou a D'Alembord que já sabia um pouco do aperto no qual seu marido se encontrava e lhe explicou que foi procurada por dois homens do escritório do auditor geral com exigências revoltantes.

— Desde então não soube nada mais deles — disse —, e até sua visita, capitão, nem sequer sabia se meu marido estava vivo.

— Então me alegro de ser portador de boas notícias, senhora.

— São boas notícias? — Jane se virou de costas para a janela. — Claro que o são — apressou-se a acrescentar —, porém, acho tudo muito estranho. O senhor acha que meu marido roubou o ouro do Imperador?

— Não, senhora! — protestou D'Alembord. — As acusações contra ele são monstruosas!

Jane voltou ao seu lugar, permitindo, portanto, que ele fizesse o mesmo. Puxou as dobras de seu vestido e franziu o cenho.

— Há algo que não entendo, capitão: se meu marido é inocente, e certamente o é, por que não deixa que o exército descubra que não é culpado? Um homem inocente não foge de um julgamento justo, não?

— Foge, senhora, quando as únicas provas contra ele são falsas. O major Sharpe está tentando demonstrar essas falsidades. E necessita de nossa ajuda.

Jane não disse nada. Em lugar disso se limitou a sorrir e indicou a D'Alembord que seguisse falando.

— O que temos que fazer, senhora, é aproveitar todas as influências possíveis para evitar que o mecanismo da acusação vá mais além. E se o major não puder encontrar a verdade na França, então necessitará a ajuda de amigos influentes.

— Muito influentes — disse Jane secamente.

— Ele mencionou lorde Rossendale, senhora? — D'Alembord se perguntava por que Jane se mostrava tão indiferente, mas seguiu adiante de toda forma. — Lorde Rossendale é um assessor de sua alteza real, o príncipe...

— Conheço lorde Rossendale — disse Jane — e já falei com ele.

D'Alembord se sentiu aliviado. Essa entrevista o tinha inquietado, tanto pela nova e lânguida sofisticação de Jane como por sua aparente falta de preocupação com o destino de seu marido; mas parecia que ela já fizera o que devia por este.

— Posso lhe perguntar, senhora, se lorde Rossendale mostrou-se disposto a ajudar o major? — insistiu.

— Sua senhoria me assegurou que faria tudo o que estivesse em suas mãos — respondeu ela com ar melindroso.

— Isso incluiria apresentar o problema do major Sharpe ao príncipe regente, senhora?

— Não poderia dizer, capitão, mas estou segura de que lorde Rossendale será diligente.

— Seria de alguma ajuda se eu unisse minha voz à sua, senhora?

Jane pareceu considerar a proposta e franziu o cenho.

— Certamente eu não posso impedi-lo de tentar ver a sua senhoria, ainda que esteja segura de que é um homem ocupado.

— Claro que sim, senhora. — D'Alembord ficou desconcertado de novo pelo enigmático decoro de Jane.

Jane se virou para olhar o relógio.

— É evidente que todos nós faremos o possível, capitão, mas suspeito que o melhor a fazer seja deixar que meu marido esclareça o assunto por si mesmo. — Soltou um risinho nada divertido. — Isso ele sabe fazer muito bem, não é verdade?

— Claro que sim, senhora; ele o faz muito bem, porém...

— E enquanto isso — Jane ignorou o que D'Alembord tinha a dizer — meu dever é ter tudo disposto para quando ele vier. — Estendeu a mão e fez um gesto abarcando a sala. — Gosta de minha nova casa, capitão?

— Muito, senhora. — D'Alembord ocultou sua surpresa, assim como sua verdadeira opinião. Tinha imaginado que Jane apenas se alojava nessa casa e de repente descobria que era dela.

— O major queria comprar uma casa no campo — afirmou ela —, mas quando voltei para a Inglaterra não pude suportar a ideia de me enterrar na rústica ignorância. Por outro lado, é mais conveniente ocupar-me dos assuntos do major em Londres do que do campo.

— Certamente, senhora. — D'Alembord gostaria de saber mais detalhes sobre a maneira como Jane se ocupava dos assuntos de Sharpe, mas intuiu que fazer mais perguntas não revelaria nada. Havia algo inquietante na situação e D'Alembord não queria provocá-la.

— Portanto comprei esta casa. Acredita que major gostará?

D'Alembord estava convencido de que Sharpe se aborreceria, mas quem era ele para dizê-lo.

— Parece uma boa casa, senhora — afirmou com toda a diplomacia que foi capaz.

— Claro que de momento a comparto — Jane estava ansiosa para relatar a correção de sua situação — com uma viúva. Do contrário não seria muito decoroso, não é verdade?

— Estou seguro de que a senhora não faria nada indecoroso, senhora.

— É uma pena que lady Spindacre ainda esteja na cama, mas a saúde da querida Juliet não é das melhores. Deve nos visitar, capitão, uma tarde às oito. Normalmente recebemos no piso de baixo há essa hora, ainda que se não houver nenhuma lanterna acesa lá fora, saberá que não estamos em casa. Mas se a lanterna estiver acesa, o senhor deve se apresentar, ainda que deva

advertir que Londres está totalmente farta das histórias de soldados! — Jane sorriu como se soubesse que seus encantos melhorariam a grosseria de suas palavras.

— Não me ocorreria castigá-la com histórias de soldados, senhora. — O tom de D'Alembord foi de frieza.

— Em Londres pode-se permitir muitas outras coisas fascinantes além das últimas guerras. Creio que vir aqui será bom para o major. Especialmente com os altos contatos que fez durante sua última visita, e seria impossível conservar esses contatos se escondendo em Dorsetshire.

— A senhora se refere ao príncipe? — disse D'Alembord com a esperança de poder saber mais coisas sobre a conversa de Jane com lorde Rossendale.

— Mas nenhum desses contatos, creio, se molestará em viajar até as regiões mais remotas do país para escutar histórias da guerra — foi a única resposta de Jane. Olhou outra vez o relógio e estendeu a mão para indicar que a conversa havia terminado. — Obrigada pela visita, capitão.

— Foi um prazer, senhora. — D'Alembord se inclinou para a mão que ela lhe oferecia. — Sou seu servo, senhora.

Uma vez fora da casa, apoiou-se um instante na negra grade e sacudiu a cabeça. Tinha a suspeita de que não havia conseguido nada, mas não conseguia precisar as razões da suspeita. Ainda que houvesse uma coisa pela qual estava sumamente agradecido: o fato de não ter nenhum endereço com o qual pudesse entrar em contato com Sharpe. O que diabos poderia escrever? Suspirou. Perguntou-se se havia alguém mais a quem pudesse pedir ajuda e se afastou.

A pistola de cavalaria estava carregada com três pequenas balas. A primeira havia entrado na parte superior do braço esquerdo de Sharpe, onde primeiro fez em pedaços a articulação do ombro e depois ricochetou e lhe fraturou o osso da espátula. A segunda bala lhe arrancou a metade superior de sua orelha esquerda e lhe fez um corte profundo no couro cabeludo, que sangrava de uma forma horrorosa ainda que a ferida em si fosse bastante leve. O impacto dessa segunda bala havia afundado Sharpe em uma instantânea e compassiva inconsciência. A terceira bala lhe fraturou o fêmur da perna direita, justo acima do joelho, e lhe rasgou a femoral. Fez-se um charco de sangue no umbral da cozinha.

Lucille Castineau, uma vez disparado o tiro, baixou a arma fumegante e lançou uma olhar desafiadora para Frederickson, que se levantava do barro que havia fora da porta.

— Agora, mate-me — disse, e ainda que suas palavras tenham soado dramáticas mesmo para ela, não pôde menos de sentir que seu desafio encarnava uma prostrada e vencida França. Na realidade, ainda que nunca tenha confessado a ninguém mais que a si mesma, nesse orgulhoso instante se sentiu como a própria Joana d'Arc.

— Nem sequer temos armas! — Frederickson soltou bruscamente essas palavras em francês e depois gritou pedindo água e trapos. — Rápido, mulher! — Tirou rapidamente o

cinturão com fivela em forma de serpente e o enrolou a modo de torniquete na coxa direita de Sharpe. — Vamos, mulher! Ajude-me, maldição!

— Por que deveria que ajudá-lo? — Para Lucille estava lhe custando manter a pose de Joana d'Arc, mas conseguiu pôr um magnífico desprezo em sua voz. — Vocês mataram meu irmão!

Frederickson apertou o torniquete o mais forte que podia e depois ficou olhando impressionado para essa mulher alta e estranhamente calma.

— Seu irmão está morto?

— Vocês o mataram! Aí fora! — apontou para o pátio.

— Madame, é a primeira vez que estou aqui. — Frederickson se virou, agarrou o rapaz, que havia reunido coragem para se arrastar até quase chegar à porta, e depois se virou outra vez para Lucille. — A senhora tem a minha palavra de honra, madame, como oficial britânico, de que nenhum de nós esteve aqui antes, e que nenhum de nós matou seu irmão, cuja morte, creia-me, lamento no profundamente. Agora, madame, pode fazer o favor de me dar vendas e água? Necessitamos de um médico. Apresse-se! — Virou-se para a porta. — Sargento Harper! — gritou para a noite. — Sargento Harper! Venha aqui! Rápido!

— Meu Deus. — Lucille se benzeu, ficou olhando o grande charco de sangue e finalmente suspeitou que sua certeza sobre quem havia assassinado sua família poderia estar equivocada. Então, porque era uma mulher prática e porque as recriminações teriam que esperar, rasgou em tiras um tecido de linho e mandou o garoto em busca do médico.

Enquanto isso Sharpe, com o rosto pálido e o pulso acelerado, apenas gemia.

Lorde Rossendale se considerava um homem honorável; um homem decente, privilegiado e justo. O que mais lamentava era que nunca lhe foi permitido abandonar o serviço com o príncipe para combater na guerra porque suspeitava que em tempos de paz se concederia uma invejável reputação a esses homens que haviam trazido suas cicatrizes e suas espadas de volta da Espanha e França. Pedira com bastante frequência que o deixassem se unir ao exército de Wellington, mas o príncipe de Gales, regente da Inglaterra durante os lapsos de loucura de seu pai, declarou que necessitava da companhia de Rossendale.

— Johnny me diverte — explicou o príncipe, e tratou de compensar a decepção de Rossendale oferecendo uma ascensão ao jovem soldado de Cavalaria. Rossendale era agora um coronel de pleno direito, ainda que não tivesse mais funções militares a desempenhar do que a de usar com elegância seu deslumbrante uniforme, trabalho que realizava com perfeição.

Rossendale era, de fato, privilegiado, mas não indiferente a esses oficiais menos exaltados que a guerra contra Napoleão havia castigado mais. Por isso, quando recebeu a carta de Jane Sharpe ele sentiu uma pontada de culpa e um começo de compaixão. Também notou a beleza da caixa de rapé, ainda que o presente fosse totalmente desnecessário, porque Rossendale se recordava perfeitamente do major Sharpe e conservava uma grande admiração pelo fuzileiro. Portanto, havia devolvido a Jane a caixa de rapé e com ela havia mandado uma nota

encantadora na qual pedia à senhora Sharpe que desse a honra de visitar lorde Rossendale quando achasse conveniente.

Ainda que lorde John se recordasse muito bem de Sharpe, não tinha uma lembrança precisa de sua mulher. Lembrava vagamente de ter conhecido uma garota loira uma tarde, mas Rossendale conhecia muitas garotas louras, e não se podia esperar que se recordasse de todas. Estava convencido de que encontraria uma chata senhora Jane Sharpe, pois a mulher viria a ele como peticionária, e isso significava que lorde Rossendale teria que ser obrigado a suportar o tédio de sua patética petição; contudo, por seu marido, faria o que pudesse para satisfazê-la.

A senhora Sharpe demonstrou um desespero que não pressagiava nada de bom ao visitar lorde Rossendale na manhã seguinte à devolução da caixa de rapé. Na noite anterior lorde Rossendale estivera jogando e perdera muito dinheiro. Isto era algo que não podia se permitir, pelo que acabou afogando sua decepção em álcool; isso fez que se levantasse muito tarde, e dessa forma fez esperar por duas horas inteiras a inoportuna senhora Sharpe. Resmungou uma desculpa ao mesmo tempo em que entrava em sua sala e, tendo se desculpado, ficou completamente quieto.

Porque não se podia negar que a inoportuna senhora Sharpe era encantadora.

— É a senhora Sharpe? Eu tenho esse honra? — Lorde Rossendale não podia imaginar como pudera esquecer que conhecera essa mulher.

Ela fez uma reverência.

— Sim, milorde.

E a partir desse momento, como o homem justo e decente que ele se considerava, tentou ajudar a senhora Sharpe com seus problemas. E o fez da forma mais satisfatória, prometendo que o Governo não voltaria mais a se interessar pelas finanças da senhora Sharpe. Durante o cumprimento dessa decente e justa obrigação se viu atraído por ela, o que não era nada surpreendente, já que era uma garota com um aspecto muito provocativo, e pareceu que ela correspondia a essa atração. Isso tampouco era de admirar, porque lorde Rossendale era um jovem muito elegante, atraente e divertido, ainda que tivesse que reconhecer que estava muito endividado. Jane, reconhecendo sua própria dívida de gratidão a sua senhoria, teve muito prazer em pagar suas dívidas de jogo, ainda que os dois insistissem que seus pagamentos seriam apenas empréstimos.

Houve fofocas, certamente, mas os falatórios não afetavam Rossendale. A conquista da senhora Sharpe, se é que era uma conquista, foi vista pela sociedade como um ato de grande valentia, porque sem dúvida seu marido exigiria uma terrível vingança. Londres sabia que a certo oficial da marinha, continuava sendo impossível sentar-se comodamente e se perguntava quantas semanas viveria lorde Rossendale quando o major Sharpe voltasse da guerra. O livro de apostas do clube de lorde Rossendale não dava a sua senhoria mais de três meses antes que se visse obrigado a comer grama antes do desjejum.

— Esse vai ser seu fim — assegurou um amigo —, e é uma verdadeira pena, porque

Johnny é um tipo divertido.

Não obstante, apesar da ameaça, nem Jane nem lorde John trataram de calar os falatórios com circunspeção. À medida que sua popularidade aumentava na sociedade, as pessoas sentiam mais pena de Jane Sharpe. Dizia-se que seu marido era um ladrão que havia desertado do Exército. Estava claro que esse homem não servia para nada, e era perfeitamente justificável que Jane procurasse consolo em outra parte.

A própria Jane nunca se queixou de que o major Sharpe fosse uma má pessoa. Contou a lorde Rossendale que seu marido era pouco ambicioso e demonstrou essa opinião dizendo que ele a arrastaria para um povoado no campo onde suas sedas e seus cetins ficariam abandonados às traças. Reconheceu que fora um magnífico soldado, porém, por desgraça, também era um homem chateado, e na sociedade na qual Jane se movia agora com tanta segurança, a chateação era um pecado pior que o assassinato. Lorde Rossendale, ainda que com frequência não tivesse nem um centavo, nunca era chato, aliás, parecia se mover em um brilhante torvelinho de oportunidades brilhantes como o cristal.

Mesmo assim, como um bastião inoportuno que resiste a força de um exército vitorioso, permanecia o fato inconveniente de que o major Sharpe continuava com sua chata existência, e a visita de Peter D'Alembord a casa de Jane foi um repentino e pouco grato lembrete dessa existência. Depois desse encontro, Jane já não conseguiu fazer de conta que o major tivesse desaparecido, sem mais, deixando-a com seu dinheiro e a Rossendale com Jane.

Portanto, nessa mesma tarde, mandou um servente buscar uma carruagem e, com um manto sobre seus ombros despídos, percorreu a curta distância que a separava da casa que lorde Rossendale tinha na cidade e que dava para o parque de Saint James. Os serventes a fizeram entrar com uma reverência e depois lhe trouxeram uma janta leve e uma taça de champanhe. Disseram que esperavam que sua senhoria voltasse logo para casa, de suas obrigações reais.

Lorde Rossendale, que entrou na sala iluminada por luz de velas uma hora mais tarde, pensou que nunca vira Jane tão bonita. A perturbação, a seu entender, a fazia parecer muito frágil e vulnerável.

— John! — Ela se levantou para saudá-lo.

— Eu soube, minha querida; eu soube. — Lorde Rossendale cruzou rapidamente a sala, ela foi ao seu encontro a meio caminho e se abraçaram. Jane se aferrou a ele e lorde Rossendale a apertou com força. — Fiquei sabendo das horríveis notícias — disse — e sinto muito.

— Veio esta manhã. — A voz de Jane surgiu apressada e entrecortada. — Quase não pude acreditar que pediria sua ajuda! Quando disse seu nome quase ruborizei! Diz que tentará vê-lo e não pude dissuadir-lhe. Quer que fale com o príncipe!

— Quem veio? — Lorde John temia a resposta. Manteve Jane a um braço de distância e em seu rosto havia um olhar de verdadeiro medo. — Seu marido voltou?

— Não, John! — houve um tom de aspereza na voz de Jane ante o mal-entendido de lorde Rossendale, ainda que sua senhoria não se mostrasse contrariado por seu tom. — Era um

oficial amigo de Richard — explicou —, um tal capitão D'Alembord. Diz que se encontrou com Richard em Bordéus e ele o mandou a Londres para buscar sua ajuda! Richard espera que peça pro ele ao príncipe.

— Meu Deus! Portanto não soube? — Lorde John desprezou a notícia de Jane sobre a visita de D'Alembord e então, com muita delicadeza, levou-a até um banco próximo da janela aberta. Uma brisa quente fez tremer as chamas das velas que com tanta graça iluminavam seu rosto. — Eu tenho que lhe dar outra notícia, e temo que seja uma notícia triste.

Jane levantou o olhar para sua senhoria.

— Então?

Lorde John lhe serviu primeiro uma taça de vinho branco e depois se sentou a seu lado. Pegou-lhe uma mão e a reteve entre as suas.

— Hoje tivemos notícias de Paris, minha querida, e parece que havia um oficial francês que podia provar a culpa de seu marido. Ou sua inocência, certamente — acrescentou com pressa. — Esse oficial foi assassinado — Rossendale parou um instante —, e tudo aponta para uma obra de seu marido. Os franceses requereram formalmente nossa ajuda para encontrar o major Sharpe.

— Não. — Jane pronunciou essa palavra em um suspiro.

— Eu rezo para que as acusações não sejam verdadeiras. — Lorde John, assim como Jane, sabia o que era apropriado dizer em momentos como aqueles.

Jane retirou a mão das deles, levantou-se e caminhou para o outro extremo da sala, onde ficou olhando a lareira vazia com expressão ausente. Lorde John a observou e, como sempre, se maravilhou ante sua beleza. Finalmente ela se virou.

— Não devíamos nos assombrar tanto com essa notícia, John. Temo que Richard seja um homem muito cruel.

— Seu marido é um soldado — replicou Rossendale aparentemente de acordo.

Jane respirou fundo.

— Eu não deveria estar aqui, milorde — disse com uma repentina formalidade.

— Minha querida... — Lorde John se levantou.

Jane ergueu a mão para conter seu protesto.

— Não, milorde. Devo pensar em sua reputação. — Falou de uma maneira muito apropriada e com muita graça, e o nobre sofrimento que se inferia de suas palavras lhe chegou ao coração de lorde John, tal como esperava.

Ele cruzou a sala e apertou em seus braços uma Jane momentaneamente pouco disposta. Ela insistiu em que seu nome de casada estava manchado agora e que lorde John devia se proteger conservando seu próprio bom nome. Ele a fez calar.

— Você não entende, minha querida.

— Eu entendo que meu marido é um assassino — respondeu ela com o rosto apoiado na casaca do uniforme dele.

Ele a abraçou com força.

— E quando o capturarem, minha querida, porque vão capturá-lo, e aí?

Jane ficou em silêncio.

— Estará sozinha — disse ele, caso ela não tivesse percebido por si mesma o destino que esperava um assassino convicto —, e será uma viúva.

— Não. — Ela murmurou o protesto apropriado.

— Portanto eu acho que só minha reputação sairia prejudicada — observou lorde John com ar nobre — caso lhe oferecesse minha proteção. — E atraiu seu bonito rosto manchado de lágrimas para o seu e lhe deu um beijo na boca.

Jane fechou os olhos. Não era uma mulher má, ainda que soubesse muito bem que o que estava fazendo não era correto aos olhos do mundo. Também sabia que se comportara muito mal quando Peter D'Alembord a havia visitado na Rua Cork, mas tinha se assustado quando lhe recordaram dessa maneira a existência de seu marido e, ao mesmo tempo, tinha muita vontade de impressionar a D'Alembord com sua nova sofisticação. Também era consciente de que seu marido não era o homem cruel e chato por ela descrito, mas seu comportamento requeria uma desculpa melhor que seus próprios desejos, de maneira que precisava culpar Sharpe por agora amar outro homem.

E Jane estava apaixonada, assim como lorde Rossendale. Não estavam apenas apaixonados, mas consumidos de amor, impulsionados por ele, empapados dele e alheios ao resto do mundo por sua obsessão com ele. E o major Sharpe, ao assassinar um francês, havia eliminado o último obstáculo que tinham para chegar a ele. Desse modo, em uma noite quente que fazia tremer a luz das velas, os amantes puderam pelo menos esperar sua felicidade.

Não tinha havido nenhum Sentinela na torre, explicou Lucille a Frederickson, porque a madeira do telhado estava apodrecida. Portanto, uma semana depois de sua drástica chegada ao castelo, Harper e Frederickson repararam o telhado da torre com madeira de carvalho curada pela intempérie que pegaram dos compartimentos em desuso dos estábulos do castelo. Aplainaram as madeiras com uma enxó para deixá-las à medida, as asseguraram muito bem à alvenaria e depois estenderam capas de aniagem empapada de alcatrão sobre as pranchas.

— Deveria fazer uma chumbagem aí em cima, senhora — disse Frederickson.

— O chumbo é caro — replicou Lucille com um suspiro.

— Sim, senhora. — Mas Harper futucou entre as gerações de escombros que se haviam amontoado nos celeiros, descobriu um velho tanque de água do dito material que levava o escudo de armas da família Lissan e ele e Frederickson o fundiram e fizeram lâminas finas com o metal que fixaram entre as fiadas de pedra de modo que finalmente a torre teve um telhado à prova de água.

— Não sei por que diabos se incomoda — resmungou Sharpe nessa noite.

— Não tenho nada melhor para fazer — disse Frederickson com suavidade —, portanto, por que não ajudar à senhora por aí? Além disso, gosto de trabalhar com as mãos.

— Deixe que o maldito lugar venha abaixo. — Sharpe jazia envolto em esticados lençóis de linho sobre o colchão de penas de ganso de uma enorme cama de madeira. Tinha a perna direita engessada, que coçava e doía de forma pungente; também lhe doía a cabeça, e seu ombro esquerdo era um persistente ninho de víboras de dor. O médico fora da opinião de que tinham que lhe cortar todo o braço, pois caso contrário, duvidava que pudesse manter limpa a carne ferida; mas Harper havia praticado seu velho truque de pôr vermes na ferida. Os vermes haviam comido a carne apodrecida, mas não tocaram a limpa, e assim havia salvado o braço. O médico passava cada dia para vê-lo, escarificava Sharpe com a chama de velas e recipientes de vidro, sangrava-o com sanguessugas e farejava com desagrado as feridas onde os vermes se retorciam em busca de qualquer indício de putrefação. Não havia nenhuma. Sharpe, conforme disse o médico, poderia voltar a andar antes do verão, ainda que duvidasse que o inglês recuperasse um dia a completa mobilidade do braço.

— Condenada cachorra francesa de merda — disse então Sharpe de Lucille. — Espero que sua maldita casa caia ao redor de suas orelhas.

— Beba a sopa — replicou Frederickson — e cale-se.

Sharpe bebeu obediente um pouco de sopa.

— É uma sopa muito boa, não é verdade? — perguntou Frederickson.

Sharpe não disse nada; só fez uma cara feia.

— É um ingrato. — O Doce William suspirou. — Essa sopa está deliciosa. A senhora a fez especialmente para você.

— Então o mais provável é que esteja envenenada. — Sharpe afastou a tigela de um empurrão.

Frederickson sacudiu a cabeça.

— Teria que ser mais amável com madame Castineau. Ela se sente muito culpada com o que fez.

— Tem motivos de sobra para se sentir condenadamente culpada! É uma maldita cachorra assassina. Teriam que enforcá-la, se não fosse porque a força é algo muito bom para ela.

Frederickson ficou em silêncio e depois se ruborizou.

— Ficaria profundamente grato, meu amigo, se não insultasse madame Castineau em minha presença.

Sharpe ficou olhando horrorizado para seu amigo.

Frederickson endireitou os ombros como se preparasse para fazer uma confissão muito vergonhosa.

— Tenho que confessar que sinto um carinho muito forte pela senhora.

— Meu Deus! — Sharpe não pôde acrescentar nada mais. Aquele misógino, que odiava o matrimônio e desprezava tudo relativo ao sexo feminino, estava apaixonado?

— Certamente que compreendo o que sente por madame Castineau — apressou-se a dizer Frederickson —, e não posso culpá-lo; mas acho que deveria saber que eu hospedo o mais afetuoso dos sentimentos por ela. Por... — Fez uma pausa, tratou de encontrar o olhar de Sharpe e não o conseguiu, mas então, com a timidez de um apaixonado, pronunciou carinhosamente o nome de batismo da viúva: — Por Lucille.

— Por todos os infernos!

— Já sei que não é uma grande beleza como Jane — respondeu com uma imensa, mas frágil dignidade —, mas tem uma enorme calma interior. Também é uma mulher muito sensata. E tem senso de humor. Se não a houvesse conhecido, nunca teria acreditado que tantas excelentes qualidades pudessem ter se combinado em uma mulher.

Sharpe soprou uma colherada de sopa e tentou se acostumar com a ideia do Doce William apaixonado. Era como descobrir um lobo ronronando ou saber que a ocupação favorita de Napoleão Bonaparte era bordar.

— Mas é uma francesa! — alfinetou por fim.

— Claro que é francesa! — replicou Frederickson de mau humor. — Que possível inconveniente pode haver nisso?

— Passamos vinte anos matando esses filhos da puta!

— E agora estamos em tempos de paz. — Frederickson sorriu. — Inclusive podemos fazer uma aliança para celebrá-la.

— Isso significa que quer se casar com ela? — Sharpe olhava fixamente para seu amigo. — Acho que me lembro que você pensava que o matrimônio era jogar dinheiro fora. Não pode alugar seus prazeres por horas? Não foi isso o que disse? E se não me engano, não disse que o matrimônio é um apetite e que quando se desfruta da carne o único que resta é uma carcaça de ossos secos?

— Pode ser que antes eu questionasse a validade do matrimônio — replicou Frederickson com displicência —, mas um homem pode mudar de opinião, não é verdade?

— Deus todo-poderoso! Está apaixonado! — Sharpe estava estupefato. — Madame Castineau sabe quais são seus sentimentos?

— Claro que não! — Frederickson se indignou profundamente com essa ideia.

— E por que não?

— Não tenho nenhum desejo de violentá-la com uma precipitada declaração de meus sentimentos.

Sharpe deu de ombros.

— O amor é como a guerra, meu amigo. A vitória é daqueles que saltam primeiro e com mais força.

— Não me imagino saltando — disse Frederickson de mau humor, mas agora, como tinha uma necessidade desesperada de compartilhar seus sentimentos com um amigo, perguntou timidamente a Sharpe se seu aspecto seria uma barreira em seu pedido de sua mão. — Sei que sou feio — Frederickson tocou seu tapa-olho — e temo que isso seja uma dificuldade insuperável.

— Recorde-se da mulher porco — aconselhou Sharpe.

— Meus sentimentos não se assemelham em nada às transações daquela sórdida história — respondeu com dureza.

— Mas se não lhe confessar o que sente — disse Sharpe —, não irá a nenhuma parte! Intue quais são os sentimentos dela a respeito?

— Madame se comporta de uma maneira muito correta comigo.

Sharpe achou que esse correto comportamento não era o que seu amigo procurava, mas achou melhor não dizer nada. Em lugar disso se perguntou em voz alta se Frederickson levaria uma carta ao correio, que se expunha aos perigos rurais ao viajar uma vez por semana até Caen.

— Certamente — disse Frederickson —, mas posso perguntar por quê?

— É uma carta para Jane — explicou Sharpe.

— Claro. — Frederickson queria voltar a desviar a conversa para Lucille Castineau, mas o fez dando muitos rodeios para que Sharpe não pudesse suspeitar que fosse uma maquinação deliberada.

— Acho, meu amigo, que houve ocasiões nas quais talvez eu tenha me mostrado um pouco compreensivo com seu matrimônio.

— Verdade? — Sharpe se estremeceu quando uma pontada de dor lhe desceu do ombro para as costelas.

Frederickson não percebeu o mal-estar de Sharpe.

— Eu lhe asseguro que brincava. Agora compreendo que o matrimônio é uma situação afortunada para a humanidade.

— Não me diga! — Sharpe resistiu a falar da nova devoção de Frederickson pelo estado do matrimônio. — Por isso gostaria que Jane viajasse até aqui.

— Não correrá nenhum perigo? — perguntou Frederickson.

— Havia pensado que você e Patrick poderiam reunir-se a ela em Cherbourg e escoltá-la até aqui. — Sharpe havia começado a tomar outra vez a sopa, que apesar de seu grosseiro veredicto anterior, estava deliciosa. — E quando ela chegar talvez todos nós pudéssemos alugar uma casa enquanto me recupero. Talvez em Caen?

— Talvez. — Estava claro que Frederickson não tinha nenhuma vontade de abandonar o castelo, mas concordou em entregar a carta de Sharpe ao correio do povoado.

Contudo, por acaso não foi necessário que a carta fosse à agência dos correios de Caen,

porque precisamente na noite seguinte Patrick Harper se ofereceu para levá-la diretamente a Londres.

— O senhor não vai estar em plena forma, senhor, até que se passem um ou dois meses, e estou preocupado com Isabel. Ah, se estou!

— Ela não está em Londres — disse Sharpe.

— O senhor Frederickson acredita que será mais rápido pegar um navio para Espanha partindo da Inglaterra, senhor, do que um que saia da França. Portanto irei à Inglaterra, verei a senhora Sharpe e depois irei procurar minha garota na Espanha e a trarei de volta. Então, a levarei para Irlanda. — Harper sorriu, e de repente havia lágrimas em seus olhos. — Meu Deus, senhor, vou voltar para casa finalmente! Pode acreditar?

Por alguns instantes Sharpe sentiu pânico ao perder seu homem forte.

— Vai para casa, para sempre?

— Voltarei aqui, creio que sim. — Harper colocou a arma de sete canos em cima da cama de Sharpe. — Deixarei isto aqui e meu uniforme também. Provavelmente seja melhor que não viaje de uniforme.

— Mas voltará? — Sharpe tentou ansiosamente que promettesse. — Porque se vou à busca de Ducos, precisarei de você.

— Então, o senhor vai atrás dele, senhor.

— Ainda que tenha que ir finalmente do maldito mundo, Patrick, encontrarei esse sacana. — Então estava claro, a julgar pela prova dos dois dedos que haviam cortado do corpo morto de Lassan, que devia de ter sido Pierre Ducos quem havia matado o irmão de madame Castineau. A própria Lucille havia aceitado esse veredicto, e sua aceitação não fizera mais que aumentar o remorso que sentia por ter disparado precipitadamente no fuzileiro. Sharpe não se importava se ela sentia remorsos ou não, e tampouco se importava muito que seu irmão estivesse morto, mas se importava com encontrar Ducos.

— Primeiro ficarei bem — disse a Harper —, e depois irei caçar aquele filho da puta.

Harper sorriu.

— Voltarei aqui para ajudá-lo, senhor, eu prometo.

— Seria mais difícil sem você — afirmou Sharpe, o que era sua maneira de dizer que não poderia suportar que Harper o abandonasse agora. Sharpe sempre soubera que a paz poderia separar sua amizade, mas a imediata perspectiva dessa separação era assombrosamente difícil de suportar.

— Voltarei antes do verão, senhor.

— Desde que a polícia militar não o pegue, Patrick.

— Matarei aqueles sacanas antes de porem a mão em mim.

Harper partiu na manhã seguinte. Era estranho não ouvir seu assobio pouco melodioso ou sua forte voz alegre pelo castelo. Por outro lado, Sharpe estava contente que o irlandês

levasse a carta para Jane, porque ela sempre tinha gostado de Harper, e Sharpe tinha certeza de que ela responderia ao pedido do grandalhão para que viajasse rapidamente para a Normandia, onde seu marido jazia enfermo.

Uma semana depois de Harper ter ido, Frederickson levou Sharpe ao andar de abaixo para que pudesse almoçar em uma mesa que colocaram no pátio do castelo. Madame Castineau, consciente de não agradar Sharpe, havia se mantido a uma prudente distância do fuzileiro desde a noite na qual havia disparado contra ele. Contudo, naquela noite lhe ofereceu um nervoso sorriso de boas-vindas e lhe disse que esperava que desfrutasse da comida. Havia vinho, pão, queijo e um pequeno pedaço de presunto que Frederickson colocou discretamente no prato de Sharpe.

Este olhou o prato de Frederickson e depois o de madame Castineau.

— Onde está o seu, William?

— A senhora não gosta de presunto. — Frederickson se serviu de um pouco de queijo.

— Mas você gosta. Já o vi matar por ele.

— Você precisa de alimento — insistiu Frederickson. — Eu não.

Sharpe franziu o cenho.

— Andam com pouco dinheiro neste lugar? — Sabia que madame Castineau não falava inglês, pelo que não teve nenhum receio em dizê-lo dessa maneira diante dela.

— São mais pobres que os ratos de sacristia, senhor. Ricos em terras, certamente, mas isso não serve muito hoje em dia e quase esgotaram os fundos com a festa de noivado de Henri.

— Diabos! — Sharpe cortou o presunto em três porções ridiculamente pequenas. Seus movimentos eram muito desajeitados porque ainda não podia fazer uso de seu braço esquerdo. Distribuiu a carne de maneira equitativa entre os três pratos. Madame Castineau começou a protestar, mas ele a fez calar com um grunhido.

— Diga-lhe que minha esposa trará algum dinheiro da Inglaterra — disse.

Frederickson traduziu e depois deu a resposta de Lucille, na qual dizia que não aceitaria caridade.

— Diga a essa maldita mulher que pegue o que lhe é oferecido.

— Não vou dizer isso — protestou Frederickson.

— É um maldito orgulho, de qualquer maneira.

Lucille empalideceu ante a ira na voz de Sharpe e se apressou a iniciar uma longa conversa em francês com Frederickson. Sharpe ficou de cara feia e comeu desanimado. Frederickson tratou de incluí-lo na conversa, mas como versava sobre a história do castelo e os estilos arquitetônicos que eram reflexo de tal história, Sharpe não tinha nada a dizer. Inclinou a cadeira para trás e rezou para que Jane chegasse logo. Convenceu a si mesmo que provavelmente seu silêncio anterior fora uma casualidade devido à insegura divisão do

correio do exército. Ela já teria falado com D'Alembord e sem dúvida agradecerá a chegada de Harper. De fato, era provável que este já estivesse em Londres, e Sharpe sentiu a grata e quente esperança de que poderia ser que Jane chegasse ao castelo em menos de uma semana.

De repente Sharpe percebeu que Frederickson lhe fizera uma pergunta. Deixou a cadeira cair para frente e se viu recompensado com uma terrível pontada de dor em sua engessada perna direita.

— Merda, meu Deus! — xingou, lançou um olhar de ressentimento para a viúva e depois acrescentou: — Sinto muito. O que dizia, William?

— Madame Castineau está preocupada porque disse ao advogado de Paris que nós assassinamos seu irmão.

— Deve mesmo ficar preocupada, maldição!

Frederickson ignorou o tom grosseiro de Sharpe.

— Está se perguntando se deveria escrever ao senhor Roland e lhe explicar que somos inocentes.

Sharpe olhou para a viúva e cruzou com seu olhar, muito limpo e tranquilo.

— Não — disse com contundência.

— *Non?* — Lucille franziu o cenho.

— Acho melhor — de repente Sharpe se sentiu incômodo sob o escrutínio de seus olhos — que as autoridades francesas não saibam onde estamos. Ainda pensam que roubamos seu ouro.

Frederickson traduziu, escutou a resposta de Lucille e olhou para Sharpe.

— Madame disse que sem dúvida sua carta convencerá às autoridades de nossa inocência.

— Não! — insistiu Sharpe em voz alta demais.

— Por que não? — perguntou Frederickson.

— Porque esses malditos franceses já falsificaram provas contra nós, portanto, por que teríamos que confiar neles agora? Diga à senhora que não confio na honestidade de seus compatriotas, pelo que ficaria muito grato se, enquanto estejamos em sua casa, nossa presença fosse ocultada das autoridades de Paris.

Frederickson fez uma diplomática tradução e depois proporcionou a Sharpe a resposta de Lucille.

— A senhora diz que gostaria de informar às autoridades quem foi o responsável pelo assassinato de sua mãe e seu irmão. Quer que o major Ducos receba seu castigo.

— Diga que eu castigarei Ducos. Diga que será um prazer para mim castigar Ducos.

O tom de Sharpe fez desnecessária qualquer tradução. Lucille observou seu rosto, rachado pela cicatriz que lhe dava esse aspecto brincalhão, e tentou imaginar seu irmão, seu doce e amável irmão, enfrentando esse homem horrível na batalha; depois tratou de imaginar que tipo

de mulher se casaria com um homem assim. Frederickson começou a interpretar a resposta de Sharpe, mas Lucille disse não com a cabeça.

— Eu compreendi, capitão. Diga ao major que lhe ficarei para sempre agradecida se puder levar o major Ducos ante a justiça.

— Não vou fazer por ela — respondeu Sharpe com cortante rejeição —, mas por mim.

Houve um silêncio incômodo e Frederickson retomou deliberadamente a conversa sobre a história do castelo. Em uns minutos, Lucille e ele voltaram a ficar absortos enquanto Sharpe, sentindo o calor do sol da tarde, submergia em seus sonhos de soldado, que eram de amor, lar, felicidade e vingança.

## Capítulo 10

Patrick Harper gostava do caos alegre e vigoroso de Londres. Mas ainda que tivesse alguns parentes em Southwark, nem teria passado por sua cabeça viver ali; mas havia desfrutado de suas duas visitas anteriores e uma vez mais encontrou entretenimento sem fim nos vendedores ambulantes e nos cantores de rua. Também havia suficiente sotaque irlandês na capital para que um homem de Donegal se sentisse cômodo.

Contudo, não estava cômodo naquela ocasião. Mas deveria, pois estava sentado em uma taberna com uma jarra de cerveja, um bife e bolo de ostras, mas um infeliz capitão D'Alembord ameaçava virar ao avesso o bem ordenado mundo de Harper.

— Creio que entendo por que ocorreu — observou D'Alembord triste. — Simplesmente não quero acreditar que seja verdade.

— Não é verdade, senhor — afirmou Harper com contundência e apesar de todas as provas do capitão D'Alembord. — A senhora Sharpe é uma santa, eu sei que é. Leve-me lá, senhor, e ela ficará contente como uma criança ao me ver.

O capitão deu de ombros.

— Ela se negou redondamente a me receber outra vez, e lorde Rossendale ignorou todas as minhas cartas. Finalmente fui ver sir William Lawford. Recordar-se dele?

— Certamente que me recordo de Willy *o Manco*, senhor. — Sir William Lawford, que agora era um membro do Parlamento, estivera ao comando do regimento dos Voluntários do Príncipe de Gales até que os franceses lhe arrancaram um braço em Cidade Rodrigo.

D'Alembord sacudiu a cabeça tristemente.

— Sir William me assegurou que a senhora Sharpe e lorde Rossendale têm relações... — O capitão fez uma pausa e depois disse a palavra maldita — íntimas. Claro podia se tratar apenas de mexericos maliciosos.

— Não devem ser nada mais que mexericos. — O mundo de Harper estava delimitado por certezas, uma das quais era que uma promessa de amor não se podia romper de nenhuma maneira, e era por isso que, ainda que muito incomodado com aquelas especulações sobre Jane Sharpe, seguia se negando a acreditar. — Creio que estejam apenas tentando ajudar o senhor Sharpe, senhor, portanto é lógico que precisem passar juntos algum tempo. E já sabe como as más línguas começam a se agitar quando um homem e uma mulher passam algum tempo juntos. E por que não vamos andando até lá e lhe dou a carta do major? Garanto que ficará muito feliz quando a leia. Primeiro terminarei meu bolo, se eu puder. Está seguro de que não quer um pouco?

— Termine-o, você, sargento-mor.

— Já não sou um soldado, senhor — respondeu Harper com orgulho e puxou a barra de seu novo abrigo como prova disso. Tinha se livrado das roupas velhas que madame Castineau

lhe dera e as substituíra por um traje de lã grossa, botas fortes, polainas e um lenço para o pescoço que havia comprado com parte do dinheiro que deixara em Londres, onde, assim como Sharpe, havia vendido suas jóias de Vitória. Era evidente que estava muito contente com suas compras, que lhe davam o aspecto de um próspero granjeiro vindo à cidade. A única arma que possuía agora era um bastão grosso e desajeitado. — Ainda não tenho os papéis — confessou a D'Alembord —, mas assim que o senhor Sharpe saia deste atoleiro, imagino que os conseguirei.

— Tenha cuidado de não ser preso.

— Quem se atreveria? — Harper esboçou um sorriso brincalhão e fez um gesto indicando o garrote.

Quando terminou o bolo e beberam a cerveja, os dois homens foram andando devagar para o oeste. Era uma bonita tarde de primavera. O céu se achava delicadamente frisado com estreitas nuvens acima da diáfana cortina de fumaça londrina; as folhas novas nas praças e ruas largas ainda não haviam se escurecido devido à fuligem, pelo que ofereciam um aspecto brilhante, primaveral e cheio de esperança. A beleza da tarde encheu Harper de um otimismo bastante injustificado.

— Tudo vai dar certo, senhor, verá — insistiu. — Espere até a senhora Sharpe me ver! Será magnífico voltar a ver à garota! — Atirou uma moeda dentro do chapéu voltado para cima de um mendigo sem pernas. D'Alembord não teve coragem de lhe contar que a imensa maioria de indigentes feridos, apesar dos restos de uniformes do Exército que usavam, não era formada por veteranos de guerra, simplesmente se aproveitava da generosidade dos oficiais que voltaram da França. — O senhor já pensou — seguiu dizendo Harper —, em escrever para o *Narigudo*?

O *Narigudo* era o recém nomeado duque de Wellington, a quem, a falta de qualquer posto melhor no Governo de Londres, acabara de ser designado embaixador em Paris.

— Eu tenho escrito para ele, mas não obtive resposta.

— O *Narigudo* não deixará o senhor Sharpe na mão, senhor.

— Não o defenderá se acredita que é um assassino.

— Então teremos que demonstrar que ele não é. — Harper atirou outro penique, desta vez para um homem com as órbitas dos olhos vazias.

Viraram para a Rua Cork, onde Harper ofegou mostrando seu desprezo pelas elegantes residências.

— O senhor Sharpe nunca vai viver aqui, senhor. Ela terá que mudar de ideia, ah, se vai! Ele está decidido a viver no campo, ora, se está.

— E eu lhe digo que ela pôs seu coração em Londres.

— Mas ela é a mulher, não é verdade? Então terá que fazer o que ele quiser. — Essa era outra das certezas inquebrantáveis de Harper.

— Um momento. — D'Alembord pôs a mão no braço de Harper. — Aquela é a casa, vê?

— Apontou para o outro extremo da rua, onde havia um faetonte com verniz reluzente estacionada no exterior da casa de Jane. Nas barras da carruagem havia um par de cavalos castanho-escuros e um garoto de rua ganhava umas moedas segurando as rédeas. — Está vendo-a? — O capitão foi incapaz de ocultar a indignação que sentia.

Jane descia os degraus da casa de mãos dadas a um homem jovem muito alto e magro que vestia o elegante uniforme de coronel da cavalaria. Tinha calças azul-pálido, uma casaca azul-escuro e um capote debruado em pele pendurado no ombro. Jane estava com um vestido branco e usava por cima uma capa azul-escura. O soldado de cavalaria a ajudou a subir ao alto e perigoso assento do faetonte, que era uma carruagem ligeira e descoberta que gozava de muita popularidade entre os ricos e insensatos.

— Aquele é lorde Rossendale — disse D'Alembord em tom grave.

Pela primeira vez desde que se encontrou com o capitão, Harper pareceu preocupado. Havia algo na alegria de Jane que contradizia sua teoria preferida de que, no pior dos casos, ela e Rossendale eram meros aliados em sua tentativa de ajudar Sharpe. De toda maneira, Harper fora a Londres para se encontrar com Jane, portanto pegou a carta de Sharpe de um bolso de seu abrigo novo e se dirigiu à pista com confiança para cortar a passagem da carruagem.

Era o próprio lorde Rossendale quem conduzia o faetonte. Assim como muitos jovens aristocratas, sentia um respeito reverencial pelos condutores de carruagens profissionais e gostava de imitar suas habilidades. Rossendale jogou uma moeda para o garoto, subiu ao lado de Jane e pegou seu comprido rebenque. Estalou a tralha por cima das cabeças dos cavalos, e Jane deu um assustado grito fingido e adulador quando a bem treinada e briosa parelha começou a andar. As rodas da carruagem se borraram sobre os paralelepípedos.

Harper, de pé na pista, levantou a mão direita para chamar a atenção de Jane. Segurava no alto a carta de Sharpe.

Ela o viu. Por um instante não acreditou, depois supôs que se Harper estava na Rua Cork, seu marido não podia estar muito longe. E se seu marido estava em Londres, seu amante se veria ameaçado com um duelo. Essa possibilidade a fez gritar de medo genuíno.

— John! Detenha-o!

Lorde Rossendale viu um grandalhão que levava um bastão. Era muito cedo para que um salteador estivesse nas ruas da moda de Londres; contudo, Rossendale supôs que esse homem grandalhão tratava de estender uma desajeitada emboscada. Sacudiu as rédeas com a mão esquerda e deu um grito para os cavalos irem mais depressa.

— Senhora Sharpe! Senhora! Sou eu! — Harper gritava e agitava as mãos. A carruagem estava a uns vinte metros e acelerou rapidamente em sua direção.

— John! — gritou Jane assustada.

Lorde Rossendale se levantou. Era algo muito perigoso em um veículo tão pouco seguro, mas se afirmou no lugar e sacudiu o chicote para frente de maneira que a correia se ondulou por cima da cabeça dos cavalos.

— Sargento! — gritou D' Alembord da calçada.

A correia do chicote estalou e a ponta feriu Harper na bochecha. Se tivesse golpeado só uma polegada mais acima o teria cegado o olho direito, mas em lugar disso simplesmente fez um corte até o osso em seu rosto bronzeado. Harper jogou-se de lado ao mesmo tempo em que os cascos dos cavalos passavam por seu lado com estrépito. Harper rodou desesperado para se afastar, e mesmo assim, as rodas do faetonte estavam tão perto que viu que as jantes metálicas tirando brilhantes faíscas da pedra dos paralelepípedos. Ouviu um grito de alegria.

Foi Jane quem soltou essa exclamação de triunfo.

Harper se ergueu, ficou sentado na rua e viu que ela olhava para trás, e pôde observar, também, o entusiasmo que havia em seus olhos. Saía sangue do rosto de Harper e estava molhando seu lenço e o abrigo novos. Lorde Rossendale se havia voltado a sentar, enquanto que Jane, com seu rosto voltado para Harper e mostrando ainda uma mistura de alívio e alegria, agarrava-se ao braço de seu amado.

O ferido se levantou e sacudiu as bostas de cavalo da rua que haviam colado em suas calças.

— Deus salve a Irlanda. — Mais que chateado estava decepcionado e assombrado.

— Eu lhe disse. — D' Alembord recolheu o bastão e o devolveu ao irlandês.

— Doce Mãe de Deus. — Harper ficou olhando fixamente para a carruagem até que virou em Burlington Gardens. Então, ainda com uma expressão de incredulidade em seu rosto, se agachou para pegar do chão a carta de Sharpe, que estava salpicada com seu sangue.

— Sinto muito, sargento-mor — disse D' Alembord com tristeza.

— O senhor Sharpe matará esse sacana. — Harper olhou na direção que havia tomado a carruagem. — O senhor Sharpe o crucificará! E ela? — Sacudiu a cabeça, atônito. — Essa mulher deve ter perdido o juízo?

— Tudo isto me faz pensar — o capitão conduziu Harper para a calçada — que esses dois esperam que o major não regresse nunca. Calharia muito bem para eles se o prendessem e o executassem por assassinato na França.

— Nunca teria acreditado! — Harper ainda pensava no grito de triunfo de Jane ao se afastar. — Sempre se portou muito bem comigo! Era uma santa, ah, se era! Nunca foi arrogante, nunca que eu tenha visto!

— Estas coisas passam, sargento-mor.

— Oh, Deus! — Harper se apoiou na grade de um cercado. — E quem diabos vai dizer isso ao senhor Sharpe?

— Eu é que não — disse D' Alembord com fervor. — Nem ao menos sei onde está!

— Agora já sabe, senhor. — Harper abriu a carta e a entregou ao oficial. — O endereço tem que estar aí escrito, senhor.

Mas D' Alembord não tinha intenção de pegar a carta.

— Escreva-lhe o senhor, sargento-mor. Ele tem muito mais carinho por você que por mim.

— Meu Deus! Eu não sou mais que um tosko irlandês de Donegal, senhor; não saberia escrever uma carta nem para salvar minha própria alma. Além disso, vou para a Espanha atrás de minha esposa para trazê-la para casa.

D' Alembord pegou a carta de má vontade.

— Não posso escrever para ele. Não saberia o que dizer.

— O senhor é um oficial, senhor. Já lhe ocorrerá algo, verás. — Harper se virou de novo para olhar a esquina da rua, vazia. — Por que faz isto? Pelo amor de Deus, por quê?

D' Alembord já havia refletido sobre a questão. Deu de ombros.

— É como um pássaro cantor enjaulado que recebeu a liberdade. O major a tirou daquela horrível casa, deu-lhe asas e agora ela quer voar por conta própria.

Harper desdenhou essa análise compreensiva.

— Está corrompida até a medula, senhor, assim como seu irmão. — O irmão de Jane fora um oficial do batalhão de Harper. Este o havia matado, ainda que ninguém mais que ele e Sharpe sabiam a verdade sobre essa morte. — Meu Deus, senhor! — Harper havia pensado em algo desagradável. — Isto vai matar o senhor Sharpe quando ele descobrir. Ele a acha maravilhosa!

— Essa é a razão pela qual não quero escrever para lhe dar a notícia, sargento-mor. — D' Alembord meteu a carta no bolso de seu abrigo. — Portanto talvez seja melhor para ele que siga sem saber.

— Por Cristo na cruz! — Harper tocou o sangue do rosto. — Não quero ter que dizer a ele, senhor.

— Mas você é amigo dele.

— Que Deus me ajude. — Harper começou a andar devagar rua abaixo. Teve medo ao pensar no momento em que teria que voltar à França e ser obrigado a dar a notícia. — Será como dar uma punhalada em seu coração; é o que acho, em pleno coração.

No final de maio Sharpe já podia ir andando até o moinho do castelo e voltar. Tinha fabricado uma muleta para si, ainda que seguisse empenhado em apoiar todo seu peso na perna direita. Tinha o braço esquerdo atado e não podia levantá-lo totalmente. Insistiu com obstinação em exercitá-lo, forçando a articulação um pouquinho mais a cada dia. O exercício era terrivelmente doloroso, tanto que seus olhos se enchiam de lágrimas; mas ele não iria desistir.

Nem tampouco abandonou a esperança da chegada de Jane.

Gostava de se sentar sob o arco da entrada do castelo e olhar para a estrada que ia até o povoado. Um dia apareceu ali uma carruagem impressionante e as esperanças de Sharpe aumentaram, mas só se tratava de um dignitário da Igreja que ia visitar o sacerdote. Não

chegou nenhuma mensagem de Harper nem de D'Alembord, que provavelmente devia de ter sabido do paradeiro de Sharpe pela boca do irlandês.

— Talvez tenham prendido Harper — insinuou Sharpe a Frederickson.

— É um homem muito difícil de prender.

— Então, por que...? — começou a dizer Sharpe.

— Haverá uma explicação — interrompeu Frederickson de maneira cortante. Sharpe franziu o cenho ante o tom de seu amigo. Durante as últimas semanas Frederickson parecia estar muito contente e feliz, concentrado sem dúvida em fazer a corte a Lucille Castineau. Sharpe vira os dois caminhando pelas estufas ou passeando junto ao riacho e percebera o quanto ambos pareciam desfrutar da companhia um do outro. Ainda que estivesse cheio de preocupação por Jane, ficara alegre por seu amigo. Mas agora, com a luz da tarde, enquanto os dois fuzileiros se entretinham um pouco debaixo do arco da entrada do castelo, surgiu um conflituoso eco da antiga acritude de Frederickson. — Haverá uma explicação muito simples — repetiu Frederickson —, mas de momento estou mais preocupado com Ducos.

— Eu também estou. — Sharpe estava rompendo a borda do irregular gesso que ainda lhe recobria a coxa. O médico insistia que devia usá-lo por mais um mês, mas Sharpe estava impaciente para arrancá-lo.

— Você não deveria pensar em Ducos — disse Frederickson como quem não quer nada —, pelo menos não enquanto tenha a perna engessada. Tem que se concentrar em sua recuperação, nada mais. Por que não deixa que eu me preocupe com esse sacana?

— Eu pensava que tinha outras preocupações — comentou Sharpe com prudência.

Frederickson, de forma deliberada, ignorou o comentário. Acendeu um charuto.

— Eu diria que aqui não faço mais que perder tempo. A menos que achemos que Ducos descera andando por esse caminho e pedirá que o prendamos sem mais, nem menos.

— Claro que não o fará. — Sharpe se perguntou o que teria dado errado entre seu amigo e a viúva, porque estava claro que algo havia chateado muito Frederickson para que estivesse falando com tanta brusquidão.

— Um de nós teria que começar a procurá-lo. Você não pode, mas eu sim. — Frederickson seguia falando com rudeza.

Não olhava para Sharpe, com uma atitude distante, mantinha o olhar fixo na direção do povoado.

— Onde poderia procurar?

— Em Paris, certamente. Sobre qualquer coisa importante da França, se saberá em Paris. Os arquivos do Imperador são guardados lá. Não posso dizer que me entusiasme a ideia de procurar entre velhos livros de contabilidade, mas se tem que ser feito, então que assim seja. — Frederickson soltou uma voluta de fumaça, que se afastou dando voltas para o outro lado do fosso. — Além disso, será melhor que ficar aqui vegetando. Necessito fazer algo! — Disse isso com uma ferocidade repentina.

— E vai me deixar aqui sozinho?

Frederickson o olhou com desdém para Sharpe.

— Não seja covarde!

— Não me importo de ficar sozinho — agora Sharpe começava a mostrar sua própria irritação —, mas aqui ninguém fala inglês! Além de mim.

— Pois então aprenda francês, maldição!

— Não quero falar esse condenado idioma.

— É um idioma perfeitamente civilizado. Além disso, madame Castineau fala um pouco de inglês.

— Não comigo, comigo não o faz — observou Sharpe em tom grave.

— É porque tem medo de você. Diz que sempre está mal-humorado.

— Então, é muito pouco provável que me queira aqui sozinho, não?

— Pelo amor de Deus! — exclamou Frederickson indignado. — Quer encontrar Ducos ou não?

— Claro que sim.

— Então será melhor que eu vá a Paris, maldição — disse Frederickson em um tom de ferida irrevogabilidade. — Partirei amanhã.

Sharpe, que realmente não queria ficar sozinho na casa da viúva, tentou encontrar outra razão para dissuadir seu amigo.

— Mas prometeu escoltar Jane desde Cherbourg!

— Ela ainda não precisou desse serviço — replicou Frederickson com mordacidade, sugerindo o que Sharpe não queria acreditar: que Jane não apareceria. — Mas se vier — continuou dizendo — pode fazer o que os outros fazem: contratar uma escolta.

Sharpe provou outra tática.

— As autoridades francesas ainda devem estar nos procurando, e você é um homem que não passa muito despercebido.

— Fala por isto? — Frederickson tocou a ponta do mofado tapa-olho que usava. — Deve haver uns vinte mil ex-soldados feridos em Paris. Creio que quase não notarão. Além disso, não vou ser tão idiota de viajar com o uniforme. Eu o deixarei aqui, e você pode levá-lo a Paris quando mande chamá-lo. Isso se eu conseguir farejar o rastro de Ducos.

— O que quer dizer? Levá-lo a Paris?

— Falei em um inglês perfeitamente coerente, mas se necessita de uma tradução, significa que pode levar minha casaca quando vá a Paris. — Frederickson ficou olhando os pássaros que volteavam no campanário da igreja. — Quero dizer que quando descobrir algum rastro de Pierre Ducos lhe mandarei uma mensagem e, caso tenha se recuperado o bastante e o sargento Harper tenha voltado, podem ir se reunir comigo. É isso tão difícil de entender?

Sharpe não disse nada até que Frederickson se virou para ele e o olhou. Então, com a vista cravada nesse único olho mal-humorado, formulou a temida pergunta.

— Por que não vai voltar aqui, William?

Frederickson afastou o olhar com irritação. Chupou seu charuto. Durante um bom momento não disse nada e depois, finalmente, cedeu.

— Esta tarde eu pedi à madame Castineau que me desse a honra de me conceder sua mão.

— Ah — disse Sharpe com impotência; sabia o restante da história e sentiu um profundo pesar por seu orgulhoso amigo.

— Foi totalmente encantadora — seguiu dizendo Frederickson —, tal como se poderia esperar de uma dama como ela; mas também foi totalmente firme em sua negativa. Pergunta por que não vou voltar? Porque me seria exageradamente violento seguir com uma relação que importunou tanto a Lucille.

— Estou seguro de que não foi inoportuno — respondeu Sharpe e, ao ver que Frederickson não respondia, tentou de novo. — Sinto muito, William.

— Não posso imaginar por que teria que senti-lo. Você não gosta dessa mulher, portanto é de se supor que deveria se alegrar por não se converter em minha esposa.

Sharpe ignorou aquela grandiloquência.

— De toda maneira, William, sinto muito, de verdade.

Frederickson pareceu encolher-se. Fechou os olhos alguns instantes.

— Eu também — disse com calma. — Quero culpar você de alguma forma.

— A mim!

— Aconselhou-me a saltar. Eu o fiz. Parece que falhei.

— Você salta antes de propor. Pelo amor de Deus, William, não vê que as mulheres gostam que as persigam antes que as peguem? — Frederickson não disse nada e Sharpe tratou de lhe dar um pouco mais de ânimo. — Tente de novo!

— O fracasso não se reafirma. Não é essa a primeira lição para ser um bom soldado? Além disso, sua recusa foi totalmente clara. Fui um idiota e não tenho intenção de ficar aqui e suportar a vergonha dessa recordação.

— Pois vá embora, então — disse Sharpe cruamente. — Mas eu irei com você.

— Quer ir dando saltinhos até Paris? E o que ocorrerá se Jane vier ao castelo? E como Harper o encontrará? — Frederickson jogou o charuto fora e o esmagou com a ponta da bota. — O que estou tratando de dizer-lhe, meu amigo, é que quero ficar sozinho por um tempo. O sofrimento não é nada divertido para os outros. — Virou-se e viu que a velha Marie levava uns pratos para a mesa do pátio. — Vejo que o jantar está servido. Ficaria muito agradecido se esta noite tentasse participar um pouco mais da conversa.

— Certamente.

Continuava sendo uma janta miserável, mas para Sharpe, assim como para Frederickson, aquela havia se convertido rapidamente em uma época de misérias.

Harper tinha desaparecido, o silêncio de Jane não pressagiava nada de bom e pela manhã um taciturno Frederickson partiu para Paris. Madame Castineau ficou dentro de casa, enquanto que, no arco do castelo, Sharpe sentou-se sozinho e carrancudo.

Maiο fora um mês quente, mas junho foi como um forno.

Sharpe ia se recuperando sob o calor. Lucille Castineau o observava enquanto exercitava o braço esquerdo, segurando a enorme espada de cavalaria estendida durante o maior tempo possível antes que os músculos cansassem e, depois de tremer um instante, desmoronassem. Não podia levantar muito o braço, mas a cada dia o forçava a subir um pouco mais. Ficava encharcado de suor quando fazia os exercícios. Desobedeceu ao médico e tirou o quebradiço gesso da perna direita e, embora tenha ficado em agonia por três dias, pouco a pouco esta foi diminuindo. Ia de um lado para outro do pátio obstinadamente para fortalecer os atrofiados músculos da coxa. Havia deixado crescer seu negro cabelo muito longo para que ocultasse o pedaço de orelha que lhe faltava no lado esquerdo. Uma manhã em que Sharpe estava se olhando no espelho de se barbear para avaliar se o vão disfarce dava resultado, viu uma mecha grisalha em seu comprido cabelo negro.

Não chegou nenhuma notícia de Londres e tampouco nenhuma de Frederickson desde Paris.

Sharpe procurou tarefas no castelo, e desfrutava de uma maneira simples ao realizá-las. Voltou a colocar em seu lugar uma porta da leiteria, reconstruiu a base da prensa da sidra e reparou as cadeiras da cozinha. Quando não encontrava nenhum trabalho que fazer dava longos passeios, entre as macieiras ou subindo a empinada colina do norte, onde forçava o passo até que o suor lhe descia pelo rosto devido ao exercício e o dor.

Naquela tarde Lucille percebeu a dor em seu rosto.

— Deveria tentar... — Começou a dizer, mas não continuou porque seu inglês não era muito bom.

O que mais Sharpe gostava era subir até o telhado da torre que Frederickson e Harper haviam consertado; passava horas ali sem fazer nada mais que olhar para os dois caminhos que confluíam ante a porta do castelo. Esperava o regresso de seus amigos ou a chegada de sua amada, mas não apareceu ninguém.

No final de junho, não sem grande dificuldade, limpou uma vala dos espinheiros e ervas daninhas e depois reparou a comporta que estivera muito tempo em desuso. O pastor ficou tão contente que mandou chamar madame Castineau, e esta aplaudiu ao ver que a água descia sem obstruções desde o canal do moinho para irrigar os pastos.

— A água... Como vocês dizem? Faz anos que não corria a água, sim?

— Quantos anos? — Sharpe se apoiava em uma podadeira. Com o cabelo comprido e as

roupas sebosas poderia ser confundido com um trabalhador da fazenda. — *Vingt, quarante?*

Sharpe teve um pouco de dificuldade de aprender francês, porém, noite após noite, se via obrigado a se comunicar com madame Castineau. No final de junho já podia manter uma conversa, mesmo que ainda com incômodos mal-entendidos; mas em meados de julho já falava o idioma com mais desenvoltura do que nunca havia tido em espanhol. Lucille e ele conversavam então sobre qualquer coisa: a última guerra, o tempo, Deus, a máquina a vapor, a Índia, as Américas, Napoleão, jardinagem, a milícia, os respectivos méritos da Inglaterra e da França, como proteger os hortos das lesmas, como cultivar morangos, o futuro, o passado, os aristocratas.

— Na França havia muitos aristocratas — disse Lucille com desdém. Estava sentada sob a luz dos últimos raios de sol da tarde, cerzindo um dos grandes lençóis de linho. — Não era como na Inglaterra, onde só quem herda é o filho mais velho. Aqui herdava todo mundo, pelo que gerávamos aristocratas como se fossem coelhos! — Mordeu o fio e arrematou os pontos. — Henri nunca quis utilizar seu título, o que irritava muito minha mãe. Ela não se importava por eu ignorar o meu, mas mamãe nunca considerou que as filhas importassem muito.

— Possui um título? — perguntou Sharpe assombrado.

— Tinha um, antes que todos fossem abolidos durante a Revolução. Eu era apenas uma menina, claro; não era mais que uma pequena criança, mas mesmo assim, formalmente era a viscondessa de Seleglise. — Lucille riu. — É uma bobagem!

— Eu não acho que seja uma bobagem.

— O senhor é inglês, o que significa que é bobo! — disse ela sem lhe dar importância. — Era uma bobagem, major. Havia nobres que na realidade não passavam de camponeses que se alimentavam unicamente de feijões, ainda que fossem considerados aristocratas porque seu tataravô fora um visconde ou um duque. Olhe-nos! — Com um gesto apontou o pátio onde se encontravam. — Nós o chamamos de castelo, mas na realidade não é nada mais que uma enorme fazenda afundada na miséria com um fosso muito pouco prático ao redor.

— É uma fazenda muito bonita — disse Sharpe.

— Realmente. — Lucille gostava que Sharpe elogiasse a casa. Ela dizia com frequência que tudo o que queria agora era viver no castelo para sempre. Houve uma época, admitiu, na qual pensara que gostaria de ser o centro de todos os olhares em Paris, mas então seu marido morreu e suas ambições morreram com ele.

Uma tarde Sharpe perguntou por Castineau e Lucille foi pegar seu retrato. Sharpe viu um homem magro, de feições morenas, com um uniforme de coronel bem confeccionado que brilhava com seus alamares dourados. Estava com um capacete polido sob o braço esquerdo e um sabre em sua mão direita.

— Era muito charmoso — observou Lucille com nostalgia. — Ninguém entendia por que me escolheu. Pelo dinheiro garanto que não foi! — riu.

— Como morreu?

— Em combate — respondeu Lucille de maneira cortante e depois, dando de ombros como desculpa, acrescentou: — Como morrem os soldados em combate, major?

— De uma forma muito cruel. — Sharpe disse em inglês.

— Muito cruel, creio — repetiu Lucille no mesmo idioma. — Mas o senhor não se importa, major?

Sharpe afastou o cabelo negro, com sua mecha grisalha, da testa.

— O dia em que soube do tratado de paz foi um dos mais felizes de minha vida.

— Sêrio?

— Sêrio.

Lucille fez uma pausa para enfiar uma agulha. Essa tarde estava bordando um de seus velhos vestidos.

— Meu irmão me disse que o senhor era um homem que gostava da guerra.

— Pode ser.

— Pode ser. — Lucille fez uma imitação brincalhona da carranca de Sharpe. — O que quer dizer esse pode ser? Gostava ou não?

— Às vezes.

Ela deu um suspiro de exasperação ante sua obstinada atitude evasiva.

— E o que tem de agradável na guerra? Conte-me, gostaria de entender.

Sharpe tinha que procurar as palavras para dar uma explicação nesse idioma pouco familiar.

— Tudo é muito bem definido. As coisas são brancas ou pretas. Você tem uma obrigação e pode calcular perfeitamente a maneira de realizá-la com êxito.

— Um jogador diria o mesmo — disse Lucille com desdém.

— É verdade.

— E os homens que matou? O que eram? Apenas meros perdedores?

— Somente meros perdedores — consentiu Sharpe; lembrou então que o marido dessa mulher havia morrido em combate e se ruborizou. — Sinto muito, senhora.

— Por meu marido? — Lucille compreendeu no mesmo instante seu arrependimento. — Às vezes penso que morreu como ele queria. Partiu para a guerra com muito entusiasmo; para ele tudo eram glória e aventuras. — Parou no meio de um ponto. — Era jovem.

— Alegro-me muito por ele não ter combatido na Espanha — disse Sharpe.

— Porque isso faz o senhor inocente por sua morte? — Ela o desdenhou com uma careta. — Por que os soldados são tão românticos? Ficou claro que não dava nenhuma importância ao fato de matar franceses, mas só por conhecer um pouco o seu inimigo já sente compaixão! Nunca sentiu compaixão em combate?

— Às vezes. Não com muita frequência.

— Gostava de matar?

— Não — respondeu Sharpe, e se viu falando da batalha de Toulouse, na qual havia decidido não matar ninguém, e de como havia quebrado sua promessa. Agora essa batalha parecia tão distante como se fosse parte da vida de outro homem, mas de repente soltou uma gargalhada ao se lembrar de quando viu o general Calvet no campo de batalha e, como isso talvez ajudasse Lucille a entendê-lo, descreveu-lhe o que sentiu, como havia esquecido o medo e tentara desesperadamente demonstrar que era melhor combatente que o aguerrido Calvet.

— Para mim isso é muito infantil — disse ela.

— A senhora nunca se alegrou quando Napoleão conseguia grandes vitórias? — perguntou Sharpe.

Lucille deu de ombros de uma maneira muito característica.

— Napoleão — pronunciou seu nome em tom mordaz, mas depois se acalmou. — Sim, sentíamos-nos orgulhosos. Talvez não devêssemos, mas era assim. Ainda que tenha matado muitos franceses para nos dar esse orgulho. Porém — voltou a dar de ombros — eu sou francesa, portanto sim, me alegrei quando conseguimos grandes vitórias. — Sorriu. — Não é que ouvíssemos falar de muitas grandes vitórias na Espanha. Vai me dizer que isso é porque fomos tontos o bastante para enfrentar os ingleses, não?

— Éramos um exército muito bom — afirmou Sharpe, e então, motivado pela continuada curiosidade de Lucille, falou-lhe da Espanha e de sua filha, Antônia, que vivia com alguns parentes na fronteira com Portugal.

— Não a vê nunca? — perguntou Lucille indignada.

Ele deu de ombros.

— É o problema de ser soldado.

— E isso tem preferência ao amor? — perguntou ela, consternada.

— Sua mãe está morta — disse Sharpe de maneira pouco convincente, e tratou de explicar que Antônia estava melhor lá onde estava.

— Sua mãe está morta? — sondou Lucille, e Sharpe descreveu a sua primeira esposa e como havia morrido nas neves de uma passagem no alto de uma montanha.

— E sua filha não poderia viver com seus pais? — perguntou Lucille, e Sharpe teve que confessar que era órfão e, na realidade, não passava do filho sem pai de uma prostituta que havia morrido há muito tempo. Lucille achou engraçada a sua envergonhada confissão. — Guillermo o Conquistador era bastardo — disse —, e não era um mau soldado.

— Para um francês — admitiu Sharpe.

— Tinha sangue víquingue — disse Lucille. — Isso é o que significa normando: “homem do norte”. — Quando Lucille lhe contava fatos como aqueles, Sharpe se sentia muito

ignorante; mas gostava de escutá-la e houve dias que inclusive subiu na torre com um dos livros dela e tentou ler o que lhe havia recomendado. Lucille lhe deu um dos favoritos de seu irmão, um que continha os ensaios de um francês já morto chamado Montesquieu. Sharpe leu a maioria dos ensaios, ainda que com frequência tivesse que dar um grito para o pátio para que lhe traduzissem uma palavra difícil.

Uma noite Lucille lhe perguntou por seu futuro.

— Encontraremos Ducos — disse Sharpe —, mas e depois? Suponho que irei para casa.

— Com sua esposa?

— Se é que ainda tenho uma — respondeu Sharpe e, desta forma, reconheceu pela primeira vez que o medo o afligia. Nessa noite houve uma tormenta elétrica igualmente violenta como a que havia interrompido a longa viagem de Sharpe atravessando a França para o norte. Os raios golpeavam o cume das colinas ao norte do castelo, os cachorros uivavam no celeiro e Sharpe, sem poder dormir, escutava como a chuva caía no telhado e gorgolejava para as calhas. Tentou se recordar do rosto de Jane, mas de alguma maneira seus traços não lhe vinham claros à memória.

Na manhã seguinte, sob a clara luz do dia, chegou o correio de Caen com uma carta dirigida ao senhor Tranchant, que era o nome que Frederickson dissera que utilizaria se tivesse notícias para Sharpe. A carta tinha um endereço de Paris e continha uma mensagem muito simples: “Eu o encontrei. Esperarei aqui até que você possa vir. Na casa onde estou me conhecem como herr Friedrich. Paris é um lugar maravilhoso, mas temos que ir a Nápoles. Escreva-me caso não possa vir dentro da próxima quinzena. Apresente meus respeitos à senhora”. Não havia nenhuma explicação sobre como Frederickson encontrara o paradeiro de Ducos.

— O capitão Frederickson lhe manda seus respeitos — disse Sharpe a Lucille.

— É um bom homem — respondeu Lucille de maneira insossa. Estava observando o fuzileiro que afiava sua espada com uma das pedras usadas para afiar as foices do castelo. — Portanto nos deixará, não é, major?

— Sim, senhora; mas se não houver inconveniente, gostaria de esperar alguns dias para ver se meu sargento regressa.

Lucille deu de ombros.

— *D'accord.*

Harper voltou uma semana depois, com todas suas felizes novidades. Isabel continuava em sua Espanha nativa, mas agora tinha a tranquilidade de estar provida de dinheiro e de ter uma casa alugada. O bebê estava bem. Harper teve mais dificuldade do que esperava para encontrar um navio que se dirigisse a Pasajes, portanto adiará seus planos de levar Isabel de volta para a Irlanda.

— Pensei que primeiro devíamos terminar o nosso assunto.

— É muito amável de sua parte, Patrick. Alegro-me de voltar a vê-lo.

— E eu me alegro de ver o senhor, senhor. Tem um aspecto magnífico, ah, se tem.

— Estou ficando com cabelos grisalhos. — Sharpe levou a mão ao cabelo da frente.

— É apenas uma mecha, como a de um texugo, senhor. — Harper estivera a ponto de acrescentar que atrairia as mulheres, mas se recordou de Jane e atalhou o comentário bem a tempo.

Os dois homens caminharam seguindo o arroio que alimentava a calha do moinho. Sharpe gostava de se sentar junto desse riacho com um fio de pesca de cabelo de cavalo e algumas das velhas iscas de Henri Lissan. Falou a Harper da carta de Frederickson. Disse que partiriam pela manhã, primeiro para Paris e depois para Nápoles. Falou que quase se sentia completamente em forma e que a sua perna faltava pouco para ficar tão forte como antes. Acrescentou um monte de informação totalmente irrelevante e somente depois de um longo tempo fez a pergunta que o irlandês tanto temia. Ele a fez em um tom indiferente que não enganou Harper nem um pouco.

— Conseguiu ver Jane?

— Então o capitão D'Alembord não lhe escreveu, verdade, senhor? — Harper havia conservado a esperança de que D'Alembord tivesse dado a má notícia a Sharpe.

— Não me chegou nenhuma carta. Ele escreveu?

— Não sei, senhor. É que vimos a senhora Sharpe, os dois juntos, senhor; foi isso. — Harper não podia suportar lhe dizer a verdade e tentou desesperadamente desviar a conversa para sua inofensiva pauta anterior. Comentou que as vacas do outro lado do riacho tinham um aspecto bom e roliço.

— Elas não dão um mau rendimento — disse Sharpe com um entusiasmo surpreendente. — A senhora faz a leiteira esfregar suas tetas com pinguícula porque diz que assim dão mais leite.

— Terei que me lembrar disso, senhor. — Harper arrancava as sementes de um talo de capim e as jogava em uma vala de drenagem. — E essa deve ser a comporta que o senhor reconstruiu, verdade, senhor?

Sharpe mostrou com orgulho a Harper como havia tirado a ferrugem da engrenagem e a havia lambuzado com gordura de ganso, de maneira que a comporta reconstruída voltasse a subir e descer.

— Vê?

A engrenagem ainda resistia, mas Sharpe conseguiu fechar a comporta para cortar a passagem da água.

— É magnífico, senhor. — Harper estava impressionado.

Sharpe voltou a girar o mecanismo para abrir de novo a comporta e depois se sentou pesadamente na margem do riacho.

Afastou o olhar de Harper e o dirigiu ao outro lado da água para as faias que trepavam pelo ramal norte das montanhas.

— Fale-me de Jane.

Harper seguia tentando evitar ter que dizer a verdade.

— Não falei com ela, senhor.

Sharpe pareceu não ter ouvido a evasiva.

— Não é difícil de explicar, não?

— O quê, senhor?

Sharpe arrancou uma folha de agrião da borda da margem.

— Uma vez vi uma armadilha para enguias e me perguntava se poderia pôr uma ali embaixo junto ao canal de drenagem. — Apontou corrente abaixo para o moinho. — Mas não me recordo de como diabos funcionava exatamente.

— É como uma jaula, né?

— Algo assim. — Sharpe cuspiu uma fibra da folha. — Suponho que pegou o dinheiro e achou outro homem, não?

— Não sei o que fez com o dinheiro, senhor — respondeu Harper com abatimento.

Sharpe se virou e olhou para seu amigo.

— Mas ela encontrou outro homem?

A verdade estava nas mãos de Harper. Hesitou um instante e depois consentiu com a cabeça sombriamente.

— É aquele sacana chamado Rossendale.

— Meu Deus! — Sharpe se virou para que Harper não visse a dor refletida em seu rosto. Durante uma fração de segundo, essa dor foi como um chicote de aço em brasa que lhe fendia a alma. Ficou ferido. De certa forma esperava essa notícia e havia acreditado estar preparado para ela, mas mesmo assim doeu mais do que poderia ter imaginado. Ele era um soldado, os soldados tinham muito orgulho e não havia ferida que doesse mais que o orgulho ferido. Deus, como lhe doeu!

— Senhor? — A voz de Harper estava carregada de compaixão.

— É melhor que me o conte tudo. — Sharpe era como um homem ferido que agravava seu sofrimento com a vã esperança de que não fosse tão ruim como havia temido.

Harper lhe contou que havia tentado entregar a carta e que lorde Rossendale lhe fizera uma marca com o chicote. Disse que estava seguro de que Jane o havia reconhecido. Sua voz foi se apagando ao descrever o grito de triunfo de Jane.

— Sinto muito, senhor. Deus! Tinha que ter matado eu mesmo o filho da puta, mas o senhor D'Alembord ameaçou me entregar à polícia militar se o fizesse.

— E fez muito bem, Patrick. Esta não é sua briga. — Sharpe afundou os dedos na branda terra junto à toca de um rato de água. Havia observado as núbrias no riacho e lhes invejava a vontade de brincar. — A verdade é que não esperava isso dela — disse em voz baixa.

— Ela lamentará, senhor. E ele também!

— Deus! — Sharpe quase soltou essa palavra com uma gargalhada e então, depois de outra longa pausa durante o qual Harper nem sequer pôde suportar olhar seu rosto, falou de novo: — Seu irmão estava corrompido até o fundo de seu negro coração!

— Sim, ele estava, senhor.

— Não que isso importe muito, Patrick. Não que importe em absoluto — observou Sharpe com uma voz muito estranha. — É só o molho para o ganso, eu acho.

Harper não compreendeu e tampouco desejava pedir uma explicação. Intuíra a dor de Sharpe, mas não sabia o que fazer para aliviá-lo, portanto não disse nada.

Sharpe dirigiu o olhar para a colina situada ao norte.

— Rossendale e Jane devem pensar que estou perdido, né?

— Suponho que sim, senhor. Acham que os franchinotes o prenderão por assassinato e lhe cortarão a cabeça.

— Talvez o façam. — Apenas seis meses antes, pensou Sharpe, havia comandado seu próprio batalhão, tinha uma esposa a quem amava e poderia apelar ao patrocínio de um príncipe. Agora era corno e seria motivo de piada de seus inimigos, mas não havia nada mais a fazer além de suportar o sofrimento. Levantou-se de um empurrão. — Não vamos voltar a mencionar este assunto, sargento.

— Não, senhor. — Harper se sentia imensamente aliviado. Sharpe, pensou, assimilara a notícia muito melhor do que ele havia esperado.

— E amanhã partiremos para Paris — disse Sharpe com brusquidão. — Tem dinheiro?

— Trouxe um pouco de Londres, senhor.

— Alugaremos alguns cavalos em Caen. Se você puder me fazer um favor, talvez pudesse me emprestar um pouco para que possa pagar os serviços da senhora Castineau. Eu lhe devolverei assim que possa. — Franziu o cenho. — Se é que possa.

— Nem pense em me devolver, senhor.

— Então, vamos matar aquele filho da puta! — Pronunciou essas palavras com uma extraordinária malevolência e Harper, de alguma maneira, duvidou que Pierre Ducos fosse o homem a quem Sharpe se referia.

Na manhã seguinte envolveram as armas e, sob uma estival tormenta de chuva, abandonaram o castelo de Lucille para ir atrás de um inimigo.

# Capítulo 11

Se William Frederickson necessitasse consolo depois da decepção que teve quando Lucille Castineau recusou sua proposta de matrimônio, então não havia nenhum lugar melhor para proporcionar esse consolo que Paris.

No início não fez nenhum esforço para encontrar Pierre Ducos; em lugar disso se limitou a submergir em uma orgia de diversão com o único fim de afastar a viúva Castineau de seu pensamento. Passeou pelas ruas da cidade e admirou um edifício atrás do outro. Fez esboços de Notre-Dame, da Conciergerie, do Louvre e de sua construção favorita, a Madeleine. Seu melhor desenho, já que estava pintado com seu próprio sofrimento, foi o do abandonado Arco do Triunfo, que queria ser um sólido monumento às vitórias de Napoleão, mas que agora não era nada mais que restos de paredes sem recobrir que descansavam como ruínas sobre um campo embarrado. Havia alguns soldados russos acampados ao redor do monumento abandonado enquanto suas mulheres penduravam roupa na sua truncada alvenaria.

As tropas dos vitoriosos aliados enchiam a cidade. Os russos estavam nos Campos Elísios; os prussianos, nas Tullerías, e inclusive havia umas poucas companhias de soldados britânicos acampadas na enorme praça onde decapitaram Luis XVI. Uma curiosidade lasciva fez Frederickson pagar preciosos cinco centavos para ver a *Souricière*, a “ratoeira”, que era o subterrâneo da Conciergerie onde as vítimas da guilhotina fizeram a “*toilette*” antes de subir para as carretas. A “*toilette*” era um corte de cabelo que deixava a nuca descoberta para que a lâmina não encontrasse obstáculos, e o guia de Frederickson, um homem jovial, afirmava que metade dos colchões de Paris era recheada com as cabeleiras dos aristocratas mortos. Frederickson investigou o fino colchão de sua barata casa de hóspedes e teve uma decepção ao não encontrar nada mais que cabelo de cavalo. O proprietário da casa achava que herr Friedrich era um veterano dos exércitos do Imperador, um dos muitos alemães que haviam combatido pela França.

Um dia depois de sua visita à Conciergerie conheceu a esposa de um sargento de cavalaria austríaco que havia fugido de seu marido e estava buscando um protetor. Durante uma semana achou que havia conseguido esquecer Lucille, mas então a mulher austríaca regressou para seu marido, e Frederickson voltou a sentir a dor produzida pela rejeição. Tratou de apagá-la de sua memória caminhando até Versalhes, onde se submergiu no esplendor do castelo. Comprou outro caderno de esboços e durante três dias ficou realizando esboços do grande palácio de uma maneira febril, mas durante todo esse tempo, ainda que tenha negado a si mesmo, não fez mais que pensar em madame Castineau. Pela noite tentou desenhar seu rosto, até que, furioso por sua obsessão, rasgou o caderno de esboços e regressou a Paris para começar a procura a Pierre Ducos.

Os arquivos do Exército imperial ainda eram guardados nos Inválidos; se encontravam ali custodiados por um arquivista de expressão avinagrada que admitiu que ninguém lhe informara o que deveria fazer com os registros imperiais.

— Já não interessam a ninguém.

— A mim, sim — disse Frederickson, e à custa de umas poucas horas escutando com compreensão ao arquivista, ele lhe permitiu o acesso aos preciosos arquivos. Após três semanas ainda não tinha encontrado Pierre Ducos. Havia descoberto muitas coisas fascinantes: escândalos com cuja investigação se poderiam desperdiçar horas; mas não havia nenhum arquivo sobre Ducos. Esse homem bem poderia nunca ter existido.

O arquivista, que percebeu em Frederickson uma amargura de espírito amiga, se entusiasmou com a busca que acreditava destinada a encontrar o antigo oficial ao comando de Frederickson.

— O senhor já escreveu para os outros oficiais com os quais ambos serviram?

— Já tentei isso — afirmou, então uma ideia errante pestanejou em meio de seus pensamentos. Era uma ideia tão indireta que quase a ignorou; contudo, como o arquivista estava lhe dando trela e havia tomado uma boa sopa de alho no almoço, Frederickson admitiu que havia um oficial com quem não tinha entrado em contato. — Um tal major Lassan, acho, que esteve ao comando de um forte costeiro. Não o conheci, mas o major Ducos falava muito dele.

— Vamos procurá-lo. O senhor disse Lassan?

A ideia era muito vaga. Agora Frederickson podia perambular com liberdade entre as estantes dos arquivos, mas antes da rendição de Napoleão existiam normas que controlavam de forma estrita o acesso aos arquivos imperiais. Antes, qualquer oficial que tirasse um arquivo tinha que escrever seu nome e a data desse dia na capa do mesmo, e Frederickson estivera se perguntando se Ducos não teria descoberto Lassan através daqueles registros empoeirados e, se fosse assim, no histórico do falecido constaria a assinatura de Ducos na capa. Se esse fosse o caso — a ideia era muito frágil —, o encarregado talvez recordasse do homem que havia pegado esse arquivo.

— Há um endereço de Normandia. — O arquivista havia encontrado o fino histórico de Lassan. — O castelo Lassan. Duvido que seja uma das grandes casas da França. Nunca havia ouvido falar dele.

— Posso vê-lo? — Frederickson pegou o histórico e sentiu uma pontada familiar ao ver o endereço de Lucille. Então olhou a capa: só havia uma assinatura, a de um tal coronel Joliot, ainda que a data que constava junto a seu nome demonstrava que o histórico fora consultado justo duas semanas antes do assassinato de Lassan. A coincidência era fortuita demais, pelo que, a não ser que tudo se devesse a uma grande coincidência, o “coronel Joliot” tinha que ser Pierre Ducos.

— Joliot — disse Frederickson. — Parece um nome conhecido, não?

— Seria se o senhor usasse óculos! — O arquivista tocou seus próprios óculos com o dedo manchado de tinta. — Os irmãos Joliot são os fabricantes dos óculos mais conceituados de toda Paris.

Ducos usava óculos. Frederickson recordava Sharpe descrevendo a ira furibunda do

francês uma vez que lhe quebrara suas preciosas lentes na Espanha. Ducos havia consultado esse arquivo e rabiscara um nome conhecido na capa para ocultar sua verdadeira identidade? Frederickson teve que ocultar sua repentina excitação, que era a de um caçador que avista a sua presa.

— Onde poderia encontrar os irmãos Joliot?

— Ficam atrás do palácio de Chaillot, capitão Friedrich; mas lhe asseguro que nenhum deles é um coronel! — O arquivista deu uns golpezinhos sobre a assinatura.

— De toda maneira preciso ver um fabricante de óculos — disse Frederickson. — Meu olho, senhor, às vezes me sinto cansado ao ler.

— Isso é coisa da idade, meu capitão, nada mais que a idade.

Esse diagnóstico foi ratificado por Jules Joliot, que recebeu o capitão Friedrich em sua elegante loja situada atrás do palácio de Chaillot. Joliot usava uma diminuta abelha de ouro na lapela como um discreto símbolo de sua lealdade ao Imperador.

— Todos os olhos se cansam com a idade — disse a Frederickson —; até o Imperador se vê obrigado a usar óculos para ler, portanto não deve considerá-lo uma desgraça. Além disso, capitão, e perdoe minha indiscrição, seu único olho não tem outra opção do que fazer o trabalho de dois, pelo que, lamentavelmente, se cansará com mais facilidade. Mas o senhor veio ao melhor estabelecimento que há em Paris! — O senhor Joliot se vangloriou de que suas oficinas haviam despachado lunetas para Moscou, monóculos para Madri e óculos para os oficiais franceses capturados em Londres e Edimburgo. — Por desgraça, o fim da guerra foi ruim para o negócio. Com os combates os bons óculos não duram nada.

Frederickson lhe perguntou que razões um oficial capturado podia ter para pedir que lhe enviassem óculos de Paris quando, com toda segurança, seria mais rápido comprar óculos em Londres.

— Não se o que se quer é um trabalho de qualidade — replicou Joliot com altanaria. — Venha! — Conduziu Frederickson para a frente de uma vitrina com excelentes lunetas e abriu uma gaveta na qual guardava alguns produtos da concorrência. — Estes são óculos de Londres. Note a deformação nas bordas das lentes?

— Mas se um oficial perde seus óculos — insistiu Frederickson —, como o senhor sabe o que deve mandar para substituí-los?

Joliot lhe mostrou com orgulho ao seu visitante uma imensa arca com umas gavetas planas parecidas a bandejas que continham, cada uma, centenas de delicados discos de gesso. Todos os olhos humanos, conforme expôs Joliot, eram sutilmente diferentes, e era preciso uma grande experiência para encontrar uma lente que corrigisse a deficiência específica de cada um deles. Quando se achava essa lente exclusiva, se fazia uma cópia exata em gesso e os moldes se guardavam nessas gavetas.

— Este é um monóculo para o marechal Ney; este, para o olho esquerdo do almirante Suffren, e aqui estão — Joliot não pôde resistir a se alardear disso — os óculos de ler do Imperador. — Abriu uma caixa forrada de veludo na qual descansavam dois discos de gesso.

Explicou que, utilizando os indicadores e calibradores mais delicados, um especialista qualificado podia polir uma lente e dar-lhe exatamente a mesma forma que um desses discos de gesso. — Não há nenhuma outra marca que seja tão sofisticada como a nossa, ainda que por desgraça, com o final da guerra andamos com pouco trabalho. Logo teremos que começar a fazer lupas baratas para o divertimento dos jovens e das mulheres.

Frederickson estava impressionado, mas não tinha maneira de descobrir se os irmãos Joliot já haviam polido uma lente em sua vida ou se limitavam a fornecer as mesmas lentes venezianas utilizadas por qualquer outro fabricante de óculos. Os discos de gesso, com sua promessa de precisão científica, não eram mais que uma maravilhosa estratégia para aumentar as vendas.

— E agora — observou Joliot — devemos experimentar com seu olho cansado, capitão. Talvez queira se sentar?

Frederickson não tinha nenhum desejo de que experimentassem com ele.

— Tenho um amigo — disse — que tinha uns óculos provenientes de sua loja, e notei que suas lentes se adaptavam perfeitamente a meu olho.

— Qual o seu nome?

— Pierre Ducos. Major Pierre Ducos.

— Vejamos. — Joliot pareceu um pouco decepcionado ao não poder deslumbrar Frederickson com seu leque de lentes experimentais. Em lugar disso, levou Frederickson a um escritório privado onde descansava sobre uma comprida mesa o livro de pedidos da marca. — Pierre Ducos, o senhor disse?

— Sim, senhor. A última vez que o vi foi em Bordéus, porém, lamentavelmente, não saberia dizer onde se encontra agora.

— Então vejamos se podemos ajudar. — O senhor Joliot ajustou seus próprios óculos e percorreu as páginas com o dedo. Cantarolou lendo rapidamente as listas, e enquanto isso Frederickson, que não se atrevia a ter esperanças, mas que temia perdê-las, observou o cômodo, horrivelmente decorado com enormes modelos em gesso de olhos humanos dissecados.

O cantarolar cessou de repente. Frederickson se virou e viu que o senhor Joliot tinha o dedo posto em cima de uma entrada do grande livro de contabilidade.

— Ducos, foi o que disse? — O senhor Joliot soletrou o nome e o repetiu. — Major Pierre Ducos?

— Sim, senhor.

— O senhor deve ter uma péssima vista, meu capitão, se as lentes dele servirem para seu olho. Vejo que lhe proporcionamos seus primeiros óculos em 1809 e que mandamos um novo para a Espanha com caráter de urgência em janeiro de 1813. Ele é um homem muito míope!

— De fato, mas muito leal ao Imperador. — Dessa maneira Frederickson tentou manter a cooperação do senhor Joliot.

— Não vejo nenhum endereço de Bordéus — afirmou o óptico, e depois, sorriu satisfeito.  
— Ah! Vejo que chegou um novo pedido na semana passada!

Frederickson quase não se atrevia a realizar a pergunta seguinte temendo ser desapontado.

— Um novo pedido?

— Nada menos do que cinco pares de óculos! E três desses pares devem ser feitos com lente verde para reduzir o resplendor do sol. — Então, de repente, Joliot sacudiu a cabeça. — Ai, não! O pedido não é do major Ducos, mas de um amigo seu. O conde Poniatowski. Assim como que o senhor, capitão, o conde descobriu que os óculos de Ducos servem para ele. Ocorre com frequência que uma pessoa descubra que as lentes de seu amigo lhe servem e encomenda um par similar para ele.

Ou, pensou Frederickson, que um homem não queria que o encontrassem, pelo que utilizava outro nome atrás do qual pudesse se esconder.

— Eu ficaria muito grato, senhor, se pudesse me dar o endereço do conde Poniatowski. Talvez ele saiba onde posso encontrar o major. Tal como lhe disse, éramos muito amigos e infelizmente o fim da guerra nos separou.

— Certamente. — O senhor Joliot não teve nenhum escrúpulo em revelar o endereço de um cliente, ou talvez seus escrúpulos se dissiparam ao pensar que poderia perder àquele outro se não aceitasse. — É no Reino de Nápoles. — Joliot anotou o endereço da Vila Lupighi e depois perguntou ao capitão Friedrich se recordava qual das duas lentes lhe servia.

— À esquerda — respondeu Frederickson ao acaso, e então se viu obrigado a deixar uma preciosa moeda em depósito para o monóculo que o senhor Joliot prometeu encaixar em uma armação de concha e ter pronto em seis semanas. — Temo que um trabalho de qualidade requeira esse tempo.

Frederickson lhe agradeceu com uma inclinação de cabeça. Ao deixar a loja descobriu que a paixão pela busca o fizera parar de pensar em Lucille Castineau durante quase uma hora, ainda que no instante em que se convenceu de que estava livre da obsessão, esta regressou com toda sua antiga e familiar tristeza. De toda forma, os cachorros haviam encontrado um rastro e chegara o momento de avisar Sharpe para iniciar o longo caminho para o sul.

A ignorância era o pior, decidiu Ducos; a maldita, maldita ignorância.

Durante anos tinha se movido no mundo privilegiado de um oficial imperial de confiança; havia recebido informes secretos de Paris, lera despachos interceptados, estivera tão informado do funcionamento do Império e das maquinações de seus inimigos como qualquer um; mas agora estava afundado na escuridão.

Chegavam alguns jornais à Vila Lupighi, na costa ao norte de Nápoles, mas eram velhos e, como Ducos sabia muito bem, pouco fidedignos. Leu que uma grande conferência decidiria o futuro da Europa e que se celebraria em Viena. Viu que Wellington, recém nomeado duque, seria o embaixador da Grã-Bretanha em Paris, mas não era essa a notícia que procurava.

Ducos queria saber se um oficial dos fuzileiros britânicos fora submetido a um conselho de guerra. Queria estar seguro de que Sharpe fora desacreditado, porque, então, não poderiam culpar ninguém mais pelo desaparecimento do ouro do Imperador. Com a falta dessa notícia, os temores de Ducos se incrementaram até que o fuzileiro se converteu na Nêmesis que espreitava em seus pesadelos.

Ducos se armou para se proteger de seus piores medos. Fez o sargento Challon tirar o mato da colina sobre a qual ficava a deteriorada Vila Lupighi, de modo que, quando se terminou o trabalho, a velha casa parecia estar em cima de um montículo de terra raspada no qual nenhum intruso podia esperar se esconder.

A vila propriamente dita era uma enorme ruína. Ducos havia restaurado as dependências do extremo oeste do edifício, onde ocupava um quarto que dava para um grande terraço do qual podia contemplar o mar. Não podia usar o terraço a partir do meio-dia porque a brilhante luz do sol refletida pelo mar lhe feria a vista e, até que os irmãos Joliot não lhe mandassem as lentes tingidas, se via obrigado a passar as tardes dentro da casa.

O sargento Challon e seus homens ocupavam os quartos que ficavam atrás da suíte mais palaciana de Ducos. Suas dependências davam para um pátio interno construído em forma de claustro. Uma velha figueira havia partido um canto deste. Cada um dos dragões tinha sua própria mulher vivendo na casa, pois Challon havia insistido com Ducos que seus homens não podiam viver como monges enquanto esperavam que chegasse o dia em que pudessem abandonar o refúgio sem perigo. As mulheres foram encontradas em Nápoles e lhes pagaram com prata francesa.

A metade leste da vila, que era voltada para terra e dava para os olivais e as altas montanhas, não era mais que um ruinoso caos de alvenaria derrubada e colunas quebradas. Algumas das estragadas paredes tinham três pisos de altura, enquanto que outras não se levantavam a mais de trinta centímetros do chão. Pela noite, quando os medos de Ducos aumentavam, soltavam dois cachorros selvagens para perambularem pelas pedras caídas.

O sargento Challon tentou aliviar os temores do major. Ninguém os encontraria na Vila Lupighi, disse, pois o cardeal era amigo dele. Ducos consentia com a cabeça, mas a cada novo dia exigia que fizessem mais uma seteira em algum dos muros externos.

O sargento tinha seus próprios temores:

— Os rapazes estão bastante contentes por enquanto — disse a Ducos —, mas isto não durará. Não podem esperar aqui para sempre. Eles se entediarão, senhor, e o senhor sabe que soldados chateados logo se convertem em alvoroçadores.

— Já têm as mulheres.

— Com isso se solucionam as noites, senhor, mas de que serve uma mulher durante o dia?

— Temos um acordo — insistiu Ducos, e Challon reconheceu que, realmente, tinham um acordo; mas queria alterar os termos do mesmo. Agora, sugeriu, os dragões que restavam só permaneceriam com Ducos até o final do ano. Insistiu que era tempo suficiente; depois, cada um deles seria livre para ir e levar sua parte do ouro e das jóias.

Ducos, ao ver-se diante do ultimato, concordou. Ainda faltava muito para o final do ano, e talvez Challon tivesse razão ao acreditar que no Ano Novo os perigos tivessem desaparecido.

— O senhor deve se divertir, senhor — sugeriu o sargento Challon com malícia. — Tem dinheiro, senhor, e para que mais serve o dinheiro?

E Ducos tratou de se divertir. Houve uma semana, depois da descoberta de um cometa, na qual deu uma de astrônomo e encomendou de Nápoles globos celestes e lunetas. O entusiasmo se apagou para ser substituído por um ardente desejo de escrever a história das guerras de Napoleão, mas esse projeto se esfumou depois de quatro noites de febril escrita. Ideou um plano para irrigar os campos altos atrás da vila que se estendem entre a vila e o mar, depois começou a pintar e fez que o sargento Challon lhe trouxesse as garotas mais bonitas do povoado para pousarem diante de seu cavalete. Praticou problemas matemáticos de forma obsessiva, tentou aprender a tocar espineta, achou fascinação em mapas sobre os quais voltou a realizar os combates das campanhas de duas décadas e, ao fazê-lo, levou os limites do Império muito mais longe do que nunca Napoleão conseguira. Passou a usar os uniformes que pertenceram à bagagem do Imperador, e os habitantes do povoado falavam do louco e meio cego marechal francês que percorria a imensa casa vestido com galões de ouro e com uma enorme espada curva pendurando junto a suas pernas magrelas. Talvez Ducos se fizesse chamar conde Poniatowski e afirmasse ser um refugiado polaco doente, mas os aldeãos sabiam que era francês assim como seu próprio rei, que já fora um verdadeiro marechal francês.

O sargento Challon tolerou todos aqueles entusiasmos já que as vantagens da indulgência eram diversas. Realmente havia tanto dinheiro para repartir que aquele exílio temporário era suportável. Challon sabia que Ducos podia seguir gastando o dinheiro como se fosse água e ainda restaria uma fortuna no final do ano. Apesar disso, quando Ducos insistiu em contratar mais guardas, viu-se obrigado a oferecer uma nota de advertência.

— Os rapazes não acharão muito engraçado ter que pagá-los, senhor.

— Eu mesmo os pagarei. — Essa generosidade era fácil de oferecer porque Ducos se havia empenhado em custodiar ele mesmo o tesouro, armazenado em uma enorme arca de ferro chumbado com cimento ao piso de suas próprias dependências. Nem mesmo Challon estava seguro de quanto dinheiro havia na caixa, ainda que soubesse até o último centavo que fora prometido a cada um dos homens no final do ano. Para cumprir sua palavra com os dragões, Ducos só tinha que se assegurar que as partes correspondentes fossem religiosamente pagas quando chegasse o momento, e enquanto isso, a diferença era todo seu para gastá-lo. Sabia, ao contrário de Challon, que a diferença era o resgate de um Imperador, muito mais do que mesmo aquele avarento o cardeal podia imaginar.

Challon tentou de novo de fazer Ducos mudar de opinião.

— Pode ser que haja problemas, senhor, entre meus rapazes e esses tipos novos.

— Você é sargento, Challon; sabe lidar com os problemas.

Challon suspirou.

— Os novos irão querer mulheres.

— Podem tê-las.

— E armas, senhor.

— Mas só as melhores.

De maneira que Challon se dirigiu ao cais de Nápoles e encontrou vinte homens que antes haviam servido como soldados. Eram escória, conforme advertiu a Ducos, mas eram uma escória que sabia brigar. Eram desertores, delinquentes habituais, assassinos e alcoólatras, ainda que seriam leais a um homem que lhes pudesse pagar um bom soldo.

Os recém contratados se trasladaram para os quartos meio em ruínas do centro da vila. Levaram mulheres, pistolas, sabres e seus mosquetes. Não houve nenhum problema, pois reconheceram a autoridade natural de Challon e eram bem recompensados por muito pouco esforço. Não lhes permitia a entrada no terraço do oeste, que era o domínio privado de seu novo patrão, o qual raras vezes aparecia em outro lugar fora do edifício porque dizia que o sol lhe feria a vista, ainda que às vezes chegassem a vê-lo passear pelo enorme pátio interno vestido com um de seus magníficos uniformes. Rumorejava-se que poucas vezes levava uma mulher ao seu quarto, ainda que uma vez que o fez, a garota explicou que o conde Poniatowski não fizera nada mais que olhar para o norte, onde, muito mais além do horizonte, outro exilado imperial tinha seu pequeno reino no Mediterrâneo. Os guardas recém contratados achavam que o conde Poniatowski estava louco, mas pagava bem, lhes proporcionava comida e vinho em abundância e se uma garota do povoado se queixasse de ter sido estuprada, não fazia disso um problema: limitava-se a garantir que se pagasse à moça ou a seus pais uma quantidade em ouro e depois animava seus homens a praticarem com suas armas e ficarem bem alertas para desconhecidos que aparecessem na calorosa e árida paisagem.

— Deveríamos ter um canhão — ele disse a Challon um dia.

O sargento, ao ver-se diante dessa nova prova dos temores do major Ducos, deu um suspiro.

— Não é necessário, senhor.

— Se é necessário? É indispensável. — Ducos havia decidido que sua segurança dependia da artilharia, e nada o faria mudar de opinião. Demonstrou ao sargento que um pequeno canhão de campanha, montado na parede sul da vila, dominaria o caminho que conduzia à colina.

— Vá a Nápoles, Challon. Alguém saberá onde se pode conseguir um.

Portanto o sargento pegou o dinheiro e voltou após três dias com um antiquado canhão-grilo. Tratava-se de uma pequena peça de artilharia de campanha que, cinquenta anos antes, fora distribuída aos batalhões de infantaria de alguns exércitos. Era considerado um canhão pequeno o bastante para poder ser levado por duas pessoas, o que demonstrava que seu inventor nunca tivera que marchar por um terreno agreste com o tubo de bronze de quase um metro de comprimento amarrado ao ombro. No tubo se encaixavam quatro pés resistentes que serviam de carreta, e quando se disparava, todo o artefato dava um salto no ar, o que fizera a

arma merecedora de seu sobrenome. Quase sempre virava depois de cada disparo, mas podia ser levantado facilmente.

— Foi tudo o que pude conseguir, senhor. — Challon parecia um tanto envergonhado pelo pequeno e antiquado canhão-grilo.

Ducos, ao contrário, ficou encantado, e durante uma semana ressoaram na paisagem os golpes amortecidos dos disparos do canhão. Necessitavam-se de menos de duzentas gramas de pólvora para a carga e mesmo assim conseguia disparar uma bola de duas libras e meia a mais de quinhentos metros de distância. Durante uma semana, consolado por seu novo brinquedo, o major pôde se esquecer de seus medos; mas quando deixou de ser uma novidade seu terror voltou e um homem vestido de verde começou outra vez a rondar seus sonhos. Contudo, ele estava armado até os dentes, tinha soldados leais e nada podia fazer, senão esperar.

O dia que Sharpe deixou o castelo, Lucille Castineau achou um pedaço de papel detrás do espelho que havia sobre a cômoda de seu quarto. Sharpe havia rabiscado o nome dela no papel, que, uma vez desdobrado, mostrou conter doze guinéus ingleses de ouro.

Lucille Castineau não queria aceitar as moedas. As moedas de ouro cheiravam de alguma maneira a caridade, e desse modo ofendiam seu aristocrático senso do decoro. Imaginou que o irlandês grandalhão havia trazido o dinheiro. Sua primeira reação foi devolver os guinéus, mas não tinha nenhum endereço onde poder mandar um cheque nesta quantia. Sharpe havia escrito uma breve mensagem em um apressado e espantoso francês na folha de papel que envolvia as moedas, mas a mensagem só continha um exagerado agradecimento pela gentileza de madame Castineau, uma esperança de que aquela pequena doação cobrisse os gastos da convalescência de Sharpe e uma promessa de informar à senhora Castineau o que ocorresse em Nápoles.

Lucille apalpou as grossas moedas de ouro. Doze guinéus ingleses eram uma pequena fortuna. A leiteria do castelo precisava com urgência de duas vigas para o telhado, tinham que fazer centenas de estacas se quisessem repor o hibernáculo de macieiras e Lucille tinha um diligente desejo de possuir uma pequena carroça de duas rodas do qual pudesse puxar um dócil pônei. As moedas comprariam todas essas coisas e ainda sobraria bastante dinheiro para pagar uma lápide apropriada para sua mãe e seu irmão. Portanto, deixando de lado o decoro aristocrático, Lucille reuniu as moedas com a mão e as deslizou no bolso de seu avental.

— Agora a vida será melhor — disse Marie, a anciã cozinheira que se elegera mãe substituta da viúva Castineau.

— Melhor?

— Sem ingleses. — A criada estava esfolando um coelho que Harper e Sharpe haviam pegado na tarde anterior.

— Não gostava do major, Marie? — Lucille parecia surpresa.

Marie deu de ombros.

— O major é um homem muito correto, senhora, e me agrada bastante, mas o que não gosto é das más línguas do povoado.

— Ah. — Lucille conseguiu parecer calma, ainda que soubesse muito bem o que ofendera à fiel Marie. Inevitavelmente os habitantes do povoado haviam fofocado sobre a longa permanência do inglês no castelo, e mais de uma pessoa ignorante havia sugerido convencida que a senhora e o major tinham que ser amantes.

— As más línguas serão sempre más línguas — disse Lucille distraída. — Uma mentira não pode prejudicar a verdade.

Marie tinha a firme crença camponesa de que uma mentira podia manchar a verdade. O povo do povoado diria que onde há fumaça há fogo e que barro no piso de uma cozinha era sinal de botas sujas, e todas essas insinuações maliciosamente brincalhonas desagradavam à cozinheira. Os habitantes do povoado contavam mentiras sobre sua senhora, e Marie esperava que ela compartisse sua indignação.

Mas Lucille não parecia disposta a fazê-lo. Em lugar disso, tranquilizou à anciã e depois disse que tinha que escrever e que não a incomodasse. Acrescentou que ficaria muito agradecida se pudessem ir atrás do filho do moleiro para que levasse uma carta ao correio do povoado.

A carta chegou ao transportador nessa mesma tarde. Era dirigida ao monsieur Roland, o advogado do Tesouro Público de Paris, a quem, finalmente, Lucille contou toda a verdade.

— Os ingleses não queriam que lhe contasse — escreveu — porque temiam que o senhor não acreditasse neles nem em mim, porém, pela minha honra, monsieur, eu acredito em sua inocência. Não lhe expliquei antes porque, enquanto os ingleses estavam em minha casa, respeitei o temor que tinham de que o senhor determinasse sua prisão, se descobrisse sua presença aqui. Agora já partiram e devo lhe dizer que o sem-vergonha que assassinou minha família e roubou o ouro do Imperador não é outro além do homem que acusou os ingleses de seu crime: Pierre Ducos. Agora vive em algum lugar perto de Nápoles, para onde foram os ingleses para obter provas de sua inocência. Se o senhor, monsieur, puder ajudá-los, ganhará a gratidão de uma pobre viúva.

A carta foi enviada e Lucille esperou. O calor do verão era cada vez mais sufocante, mas a campina era mais segura agora que as patrulhas montadas de Caen tiravam do bosque todos os vagabundos que encontravam. Lucille utilizava amiúde seu novo carro com o pônei para ir aos povoados vizinhos e os antigos falatórios sobre ela desapareceram quando viram que o médico viúvo era com frequência o condutor da carreta. Seria um casamento de outono, insinuaram os aldeãos, e também era muito apropriado. Talvez o doutor fosse uns poucos anos mais velho que a senhora, mas era um homem formal e bondoso.

O doutor era, de fato, um confidente de Lucille, mas nada mais. Ela falou ao médico, e só a ele, da carta que havia mandado e expressou sua tristeza por não ter recebido resposta.

— Pelo menos, não uma resposta adequada. O senhor Roland acusou recebimento de minha carta, mas somente isso, um acuse de recebimento. — Fez um gesto de indignação. —

Talvez o major Sharpe estivesse certo.

— Em que sentido? — perguntou o médico. Havia conduzido o carro para a crista da colina, para onde deslizou com facilidade ao longo de um caminho cheio de rodadas secas. A cada instante apareciam bonitas vistas que se avistavam entre as espessas árvores, mas Lucille não tinha olhos para a paisagem.

— O major não queria que eu escrevesse. Disse que seria melhor que ele mesmo encontrasse Ducos. — Ficou alguns segundos em silêncio. — Acho que talvez se irritasse se soubesse que escrevi.

— Então, por que o fez?

Lucille deu de ombros.

— Porque é melhor que as autoridades pertinentes se ocupem destes assuntos, *n'est-ce-pas?*

— O major Sharpe não pensava isso.

— O major Sharpe é um homem teimoso — respondeu Lucille com desdém —, um idiota.

O doutor sorriu. Guiou o pequeno carro para fora do caminho, fazendo-o subir dando tombos até uma zona coberta de grama e depois freou o pônei em um lugar do qual ele e Lucille pudessem olhar para o sul. As montanhas estavam carregadas de folhagem e cobertas de neblina por causa do calor. O médico fez um gesto apontando a bonita paisagem.

— França — disse com enorme satisfação e carinho.

— Um idiota. — Lucille, alheia a toda França, repetiu as palavras, irritada. — Seu orgulho vai fazer que o matem! Tudo o que tinha que fazer era falar com as autoridades apropriadas! Eu teria viajado a Paris com ele e teria falado por ele; mas não, tinha que levar ele mesmo a espada a seu inimigo. Às vezes não entendo os homens. São como meninos! — Afugentou uma vespa com a mão, de mau-humor. — Talvez já esteja morto.

O doutor olhou para sua acompanhante. Ela olhava fixamente para o sul, e o médico pensou no perfil tão delicado que tinha, tão cheio de caráter.

— Ficaria preocupada, senhora — perguntou —, se o major Sharpe tivesse morrido?

Lucille ficou um bom momento em silêncio e depois deu de ombros.

— Penso que já há bastantes crianças francesas que perderam seus pais nestes últimos anos. — O doutor não disse nada, e seu silêncio deve ter convencido Lucille de que não havia compreendido suas palavras, pois voltou para ele um rosto muito desafiante. — Estou esperando um filho do major.

O médico não soube o que dizer. Sentiu uma repentina inveja do major inglês, mas seu carinho por Lucille não deixou que revelasse esse desleal sentimento.

Ela tinha de novo o olhar fixo naquela paisagem adormecedora, ainda que fosse pouco provável que estivesse consciente da esplêndida vista.

— Não disse a mais ninguém. Nem sequer me atrevi a comungar nestas últimas semanas,

por medo de minha confissão.

Uma curiosidade profissional motivou as palavras seguintes do doutor.

— Tem certeza que está grávida, senhora?

— Tenho certeza há três semanas. Sim, tenho certeza.

O médico ficou outra vez calado e seu silêncio preocupou Lucille, que de novo voltou seus olhos cinza para ele.

— Acha que é um pecado?

O doutor sorriu.

— Não estou capacitado para julgar o pecaminoso.

A insossa resposta fez Lucille franzir o cenho.

— O castelo necessita de um herdeiro.

— E essa é sua maneira de justificar estar grávida de um inglês?

— Digo a mim mesma que é por isso, mas não. — Voltou a olhar outra vez as distantes colinas. — Estou esperando um filho do major porque acho que estou apaixonada por ele, seja lá o que for que eu queira dizer com isso, por favor, não me pergunte. Eu não queria amá-lo. Ele já tem uma esposa, mas... — Deu de ombros em um gesto de impotência.

— Mas...? — incentivou o doutor.

— Mas não sei — disse com firmeza. — Tudo o que sei é que um filho bastardo de um soldado inglês bastardo vai nascer neste inverno e lhe ficaria muito agradecida, querido doutor, se quisesse assistir o parto.

— Certamente.

— Pode dizer ao povo qual é meu estado — afirmou com muita naturalidade — e lhe agradeceria que lhes dissesse quem é o pai. — Havia decidido que era melhor a notícia se espalhar rapidamente, antes que seu ventre começasse a inchar, para que as línguas maliciosas pudessem se esgotar muito antes do bebê nascer. — Eu mesma contarei a Marie — acrescentou.

O médico, apesar do carinho que sentia pela viúva, não achava muita graça na ideia de divulgar esse suculento mexerico. Tratou de prever as perguntas que lhe fariam sobre o amante da viúva.

— E o major? Voltará para a senhora?

— Não sei — disse Lucille em voz muito baixa. — Não sei.

— Mas a senhora gostaria que voltasse?

Ela consentiu com a cabeça, e o doutor viu um brilho em seu olhar; mas então Lucille enxugou a lágrima com o punho, sorriu e disse que já era hora de regressarem ao vale.

Lucille se confessou nessa semana e no domingo pela manhã foi à missa. Alguns habitantes

do povoado disseram que nunca a tinham visto com um aspecto tão feliz, mas Marie sabia que essa alegria era uma mera pose que havia adotado para o bem da igreja. Marie sabia disso, porque via a frequência com que a senhora dirigia o olhar para o caminho de Seleglise, como se esperasse ver um cavaleiro com o cenho franzido aproximando-se do sul. Desse modo transcorreram as quentes semanas de um verão normando e não chegou nenhum cavaleiro.

# QUARTA PARTE

## Capítulo 12

Foi uma viagem longa. Sharpe seguia temendo que os aprisionassem e, portanto, evitou todas as cavaliariças, todas as estalagens de posta e o cais das barcaças. Haviã com prado três bons cavalos com uma parte do dinheiro que Harper havia trazido da Inglaterra e, mimando muito os animais, dirigiram-se para o sul de Paris. Viajaram com roupas civis, com os uniformes e fuzis envolvidos dentro de compridos fardos de roupa. Evitavam passar pelas cidades maiores e esporeavam os cavalos para que se afastassem do caminho cada vez que viam pela frente um homem uniformizado. Só se sentiram a salvo de seus misteriosos inimigos quando cruzaram a fronteira e entraram no Piemonte. Dali lhes restava a escolha entre o risco dos foragidos dos caminhos italianos ou a ameaça dos piratas de Berbería que havia a pouca distância da longa costa.

— Gostaria de ver Roma — Frederickson optou pela rota de terra —, mas só se não for me pressionar a me apressar indecentemente.

— Sabe que é o que farei — disse Sharpe, portanto, em lugar disso, venderam os cavalos com uma perda de dinheiro desalentadora e pagaram por uma passagem em um deteriorado barco de cabotagem que ia muito lentamente de porto em porto com uma carga mutável. Transportavam peles sem tratar, argila pura, vigas de madeira de noqueira preta, vinho, tecidos, lingotes de chumbo e uma variada coleção de passageiros anônimos entre os quais passaram despercebidos três fuzileiros vestidos de civil, apesar de suas armas escondidas nos fardos. Em uma ocasião, quando uma suja gávea cinzenta apareceu a oeste, o capitão jurou que era um barco pirata do norte da África e fez que seus passageiros se encarregassem dos compridos remos que se afundavam inutilmente na água límpida. Duas horas depois, o barco pirata se revelou ser uma pequena chalupa da marinha britânica que passou ao lado desdenhoso junto aos exaustos remadores, sem vento perceptível que a empurrasse. Frederickson ficou olhando suas mãos cheias de bolhas e grunhiu alguns insultos para o capitão do barco mercante.

Sharpe ficou impressionado ante o domínio que seu amigo tinha dos impérios em italiano, mas com sua admiração só ganhou uma irascível reprovação.

— Constantemente me deixa irritado — disse Frederickson — com seu ingênuo assombro ante os medíocres lucros de uma educação muito normal e comum. Claro que falo italiano. Não o faço bem, mas é passável. Afinal de contas trata-se simplesmente de uma forma contaminada do latim macarrônico, e até você poderia ser capaz de chegar a dominar seu ordinarismo se o estudasse um pouco. Vou dormir. Se esse idiota vir outro pirata, não se incomodem em me despertar.

Foi uma viagem difícil, não só porque a cautela e a reserva de dinheiro cada vez menor de Harper exigissem um meio de transporte frugal, mas por causa de Lucille Castineau. As perguntas de Frederickson sobre a viúva começaram quase assim que Sharpe se reuniu com seu amigo em Paris. Sharpe havia respondido às perguntas, mas de uma maneira que sugeria

que não havia encontrado nada explicitamente notável na vida de madame Castineau e, certamente, nada de memorável. Frederickson também procura parecer despreocupado, como se seu interesse fosse produto da mera cortesia, ainda que seu amigo tenha observado a frequência com que as perguntas surgiam. Sharpe chegou a ter terror a esses interrogatórios e sabia que só podia pará-los confessando uma verdade que era resistente a mencionar. O momento inevitável para aquela confissão chegou numa tarde na última hora, quando o cargueiro avançava lentamente para as vacilantes luzes de um pequeno porto.

— Estava pensando — Frederickson e Sharpe estavam sozinhos na grade de sotavento, e o primeiro, depois de um longo silêncio, havia mencionado a temida questão — que talvez devesse regressar ao castelo quando tudo isto termine. Só para agradecer à senhora, certamente. — Falou como uma simples sugestão, mas havia um inconfundível rogo nas palavras; Frederickson queria que Sharpe lhe assegurasse que seria bem-vindo por Lucille.

— Isso é prudente? — Sharpe olhava fixamente para a negra e pouco definida costa. Ao longe, terra adentro, alguns difusos relâmpagos de verão pestanejavam com sua luz pálida por cima das recortadas montanhas.

— Não sei se a prudência pode ser aplicada às mulheres — disse Frederickson em um pouco sutil tom de brincadeira —, mas agradecerei seu conselho.

— Na realidade não sei o que dizer. — Sharpe tentou deixar o tema dando de ombros; depois, em uma tentativa de atalhá-lo totalmente, perguntou a Frederickson se não havia notado um sabor estranho no jantar que serviram a bordo essa noite.

— Tudo tem sabor raro neste barco. — Frederickson estava incomodado com a mudança de assunto de Sharpe. — Por quê?

— Disseram que era coelho. Mas eu estive na cozinha esta manhã e percebi que os animais tinham as patas cortadas.

— É que de repente lhe há tomado gosto pelas patas de coelho?

— Em certa ocasião me disseram que os coelhos vendidos sem patas têm muitas probabilidades de não ser coelhos, mas gatos esfolados.

— Não há dúvida de que é uma informação útil — observou Frederickson em tom mordaz. — Mas o que, demônios, tem a ver com meu regresso ao castelo? Eu lhe concedo a clara honra de lhe pedir um conselho sobre meu futuro matrimonial e você fica falando bobagens sobre gatos mortos! Meu Deus! Outras vezes já comeu pior, não foi não?

— Sinto muito — disse Sharpe humildemente. Seguia olhando mais para costa escura que para seu amigo.

— Estive pensando em meu comportamento — então Frederickson adotou um tom de pesada dignidade — e decidi que estava equivocado e que você tinha razão. Teria que ter saltado antes de propor-lhe matrimônio. Meu erro, acho, foi tratar madame Castineau com demasiada fragilidade. As mulheres admiram uma atitude mais direta, não é mesmo?

— Às vezes — respondeu Sharpe, incomodado.

— Uma resposta muito útil — disse Frederickson com sarcasmo —, e lhe agradeço por ela. Estou lhe pedindo um conselho e agradeceria se desse respostas mais substanciais. Sei o que sente por madame Castineau...

— Duvido que saiba... — Sharpe começou a temida confissão.

— Sei que ela o desagrada — empenhou-se em dizer Frederickson —, e posso compreender essa atitude; mas confesso que me foi impossível apagá-la de meu pensamento. Peço que aceite minhas mais sinceras desculpas se o incomodo com esse tema, mas ficaria muito agradecido se pudesse me dizer se, depois de abandonar o castelo, ela deu o mais leve sinal de que minha recordação a acompanhasse.

Sharpe sabia o quanto era difícil para Frederickson revelar aqueles sofrimentos íntimos, mas também sabia que chegara o momento de fazer esse sofrimento ficar muito pior, admitindo que ele havia se convertido no amante de Lucille. Tinha medo de que a amizade com Frederickson fosse irreparavelmente ferida com uma revelação assim, mas não havia dúvida de que era iniludível. Vacilou um sombrio instante e se armou de coragem.

— William, há algo que você deveria saber, algo que teria que ter lhe contado muito antes. Na realidade teria que tê-lo contado em Paris, mas...

— Não desejo escutar nenhuma notícia desagradável — interrompeu Frederickson com brusquidão e na defensiva assim que escutou o abatimento da voz de Sharpe.

— É importante.

— Vai me dizer que a senhora não deseja me ver nunca mais? — Frederickson, prevendo as más notícias, tentou precipitar as coisas.

— Estou seguro de que se alegraria muito de retomar sua relação — disse Sharpe debilmente —, mas...

— Mas não se alegraria tanto se eu renovasse minhas atenções? Compreendo. — Frederickson falou com um tom muito frio. De novo havia interrompido Sharpe em uma desesperada tentativa de pôr fim à conversa antes que seu orgulho se ressentisse ainda mais. — Pode me fazer o favor de não voltar a mencionar este assunto nunca mais?

— Devo dizer, insisto em dizer...

— Eu lhe peço — exclamou Frederickson em voz muito alta: — será melhor não dizer nada mais. Você deveria compreender mais do que ninguém como me sinto — o que, ainda que de maneira indireta, era o primeiro indício de que Frederickson tinha se informado da verdade sobre Jane por meio de Harper.

A partir de então nem Sharpe nem Frederickson falaram de madame Castineau. Harper, alheio ao interesse de ambos os oficiais por Lucille, falou dela em algumas ocasiões, mas imediatamente percebeu que era um tema delicado, pelo que deixou de falar da viúva da mesma forma que nunca falava de Jane. O único tema de conversa seguro era o mútuo entusiasmo dos fuzileiros por perseguir e castigar Pierre Ducos.

A perseguição e o castigo pareciam finalmente iminentes quando, numa calorosa e úmida

manhã, o barco mercante chegou a Nápoles. O primeiro sinal de proximidade da cidade chegou antes do amanhecer, quando um vento sul trouxe o fedor dos esgotos do outro lado do mar escuro. Com a primeira luz da manhã, Sharpe avistou a fumaça vulcânica que cobria um céu sem nuvens, depois surgiu o neblinoso contorno das montanhas e finalmente o esplendor da cidade propriamente dita, bonita e fedorenta, amontoada sobre uma colina em confusa bagunça. O cais de carga estava abarrotado de gente. Barcos de pesca, barcos mercantes e navios de guerra entravam e saíam do grande porto no qual, avançando contra um vento que cheirava a enxofre, chegavam três fuzileiros em busca de vingança.

Monsieur Roland havia xingado em silêncio a viúva Castineau. Por que não havia escrito antes? Agora os ingleses, com toda sua preciosa informação, haviam fugido, e o próprio Roland teria que se mover com uma presteza pouco habitual.

Escreveu uma mensagem urgente que introduziu no cabo oco da empunhadura de uma espada. Esta pertencia a um médico suíço que quase arruinou seis cavalos em sua pressa para chegar à costa do Mediterrâneo, onde um simpatizante o levou até Elba em um veloz bergantim. A fragata da marinha britânica, que aparentemente vigiava o pequeno porto de Elba em *Portoferraio*, não revistou o bergantim, e mesmo que tivesse feito, sua tripulação só teria descoberto que um dos antigos médicos do doutor havia chegado para servir a seu senhor.

Desenrolaram a mensagem em uma antecâmara do palácio do Imperador, que não era mais que uma casinha de jardineiro ampliada, situada em uma magnífica posição muito acima do mar. O Imperador estava em algum lugar do interior da ilha inspecionando terrenos que pudessem usar para plantar trigo. Um mensageiro foi enviado para avisá-lo.

Nessa tarde o Imperador deu um passeio pelo pequeno jardim que havia atrás de seu palácio. Havia encontrado um homem entre seu exilado séquito que, além de conhecer Pierre Ducos, por uma dessas casualidades da boa sorte que dificilmente poderia se esperar que acompanhasse um ídolo derrotado como Napoleão, havia inclusive conhecido os dois fuzileiros ingleses.

— Zarpará para Nápoles amanhã e levará uma dúzia de soldados com você — ordenou o Imperador. — Duvido que Murat queira me ajudar, mas dispomos de pouco tempo, portanto terá que conseguir sua ajuda. — O Imperador deixou de falar e deu uns golpezinhos com o dedo no peito de seu companheiro. — Mas não lhe diga, meu caro Calvet, que há dinheiro em jogo. Quando cheira dinheiro, Murat é como um cachorro que fareja uma cadela no cio.

— Então, o que devo dizer a esse sacana?

— Tem que ser astuto com ele! — o Imperador caminhou de um lado para o outro pela vereda de cascalho sem dizer nada e então, ao perceber que seu companheiro não era uma pessoa perspicaz, suspirou. — Direi o que deve dizer.

Contudo, chegado o momento, Joaquim Murat, ex-marechal imperial, rei de Nápoles, não receberia o general Calvet. Em lugar disso, como um sutil insulto, mandaram o enviado de Napoleão para o cardeal, que, entronizado em seu perfumado esplendor, se incomodou porque

esse francês atarracado e cheio de cicatrizes de combate não havia se ajoelhado para beijar seu anel. Mas sua eminência estava muito acostumada à arrogância francesa, e já estava na hora, pensava o cardeal, de castigá-la.

— Vem com um mandado — o cardeal falou em bom francês —, do Imperador de Elba?

— Em missão conciliadora — replicou Calvet com muita presunção. — O Imperador de Elba está ansioso para viver em paz com todos seus companheiros monarcas.

— O Imperador sempre disse isso — o cardeal sorriu —, mesmo quando estava matando os soldados desses companheiros monarcas.

— Sua eminência é muito amável ao me corrigir — afirmou Calvet, ainda que, na realidade, os insultos desse encontro o afetaram profundamente. Talvez agora Napoleão se visse reduzido ao soberano de uma pequena e insignificante ilha, mas mesmo dormindo, o Imperador fora um monarca muito maior que o governante de merda desse maltratado quase-estado Joaquim Murat, rei de Nápoles e por seu título senhor desse gordo cardeal, não fora ninguém até que Napoleão o pôs em seu trono de brinquedo.

O cardeal se remexeu na almofada adornada com borlas de seu próprio trono para se acomodar.

— Sinto-me inclinado a expulsá-lo do reino, general, a menos que possa me convencer do contrário. Seu senhor causou enormes incômodos à Europa, e acho inquietante que agora mande homens armados, ainda que poucos, ao nosso feliz reino.

Calvet duvidou da felicidade do reino, mas não teve razões para duvidar que o cardeal o expulsaria. Pôs um tom muito humilde em sua voz e explicou que ele e seus homens tinham vindo a Nápoles para procurar um velho camarada do Imperador.

— Chama-se Pierre Ducos — disse Calvet —, e o Imperador, consciente de seus serviços no passado, só quer lhe oferecer um posto em sua casa particular.

O cardeal considerou a petição. Seus espões não tinham permanecido ociosos durante esses meses nos quais o conde Poniatowski havia fortificado a Vila Lupighi, e fazia tempo que o cardeal havia descoberto a identidade de Ducos e se informara da existência da enorme caixa forte com seu aparentemente inesgotável suprimento de pedras preciosas. Fosse o que fosse que o general Calvet afirmasse sobre o desejo de Napoleão oferecer a Ducos uma nomeação, o cardeal sabia perfeitamente que era uma questão de dinheiro o que havia trazido o general Calvet a Nápoles. O cardeal esboçou um sorriso inocente.

— Não conheço nenhum Pierre Ducos no reino.

Calvet era muito astuto para confiar nessa afirmação insignificante.

— O Imperador agradecerá enormemente a colaboração de sua eminência.

O cardeal sorriu.

— Elba é uma ilha muito pequena. Há oliveiras e marisco, pouco mais. Lá crescem amoreiras? — Perguntou isto a um sacerdote de nariz aquilino que estava sentado em uma mesa lateral. O clérigo lhe ofereceu ao seu senhor um sorriso adulator. O cardeal, que estava

se divertindo, voltou a olhar para Calvet. — Que tipo de gratidão devemos esperar de seu senhor? Um carregamento de bagas de zimbro, talvez?

— O Imperador demonstrará sua gratidão com qualquer coisa que esteja em suas mãos oferecer — respondeu Calvet com ar teimoso.

— A gratidão — a voz do cardeal endureceu — é uma doença dos cachorros.

O insulto era palpável, mas Calvet se armou de coragem para ignorá-lo.

— Apenas pedimos sua ajuda, eminência.

O cardeal estava começando a se chatear com esse francês tão pouco sutil.

— Se esse tal Pierre Ducos se encontra no reino, general, não nos causou nenhum problema e não vejo nenhum motivo para que tivesse que dar minha ajuda vendendo-o a seu senhor.

Esse foi o momento no qual o general Calvet jogou a carta do Imperador, e a jogou muito bem. Pôs um simulado aspecto de assombro.

— Vendê-lo, sua eminência? Não procuramos o major Ducos por nenhuma outra razão que não seja oferecer-lhe um emprego! Ainda que, para ser sinceros, sabemos que os ingleses estão atrás do major Ducos e inclusive vão enviar soldados para feri-lo. Não posso dizer por que querem fazê-lo, mas pela vida de meu senhor que é verdade. Inclusive pode ser que os ingleses já estejam aqui! — Calvet duvidava que Sharpe já tivesse chegado a Nápoles, pois monsieur Roland havia se movido com uma rapidez exemplar; mas sabia que não demoraria muito tempo antes que os fuzileiros aparecessem na cidade.

Houve um longo silêncio depois de Calvet mencionar a participação dos ingleses. Pode ser que o cardeal desprezasse o derrotado Napoleão, mas os ingleses com sua desenfreada vitória ainda o desagradavam mais. Vira-se obrigado a proteger a sua frota no Mediterrâneo e a bajular seu embaixador herege, mas temia suas ambições territoriais. Suas tropas haviam ocupado Malta e expulsaram os franceses do Egito; que outros lugares da costa mediterrânea os casacas-vermelhas escolheriam para tomar? Mesmo agora, enquanto o cardeal e o general falavam, havia nada menos que seis navios de guerra britânicos no porto de Nápoles. Sua frota utilizava o porto como se fosse seu e, apesar de afirmarem que o motivo de sua presença era unicamente dissuadir à escória da costa de Berbería, o cardeal temia igualmente aos ingleses, ainda que não revelaria seus medos ao general Calvet.

— Os ingleses nunca expressaram nenhum interesse por esse homem — disse, contudo, o cardeal, embora em um tom muito mais suave.

— Nem o farão, sua eminência. São insolentes o bastante para acreditarem que podem ignorá-lo. De toda forma, por minha honra lhe asseguro que um grupo de ingleses já está no reino ou a caminho daqui. — Certamente Calvet não revelaria que só eram três ingleses e que, longe de realizarem uma ação oficial, não eram mais que fugitivos.

— O Imperador o enviou para matar esses ingleses? — O cardeal começava a se perguntar se esse francês bonachão não seria, afinal de contas, de alguma utilidade.

— Só estou aqui para dissuadi-los, sua eminência. Não estou aqui para fazer uso da violência, pois o Imperador não tem nenhum desejo de perturbar a paz de vosso feliz reino.

— Mas o senhor é um homem acostumado à morte, não é mesmo, general?

— É meu único ofício. — Calvet não pôde resistir a se alardear. — Eu o aprendi combatendo contra os austríacos, que se deixavam matar com facilidade, e depois o aperfeiçoei contra os russos, que aguentam muito, na verdade. — Calvet havia terminado a guerra como general de brigada, mas a começara como um soldado raso. Na realidade, era um dos queridos vira-latas de Napoleão, um veterano das brigas e das brigas nas sarjetas que havia ascendido de soldado raso por sua habilidade para impulsionar os soldados na batalha. Não era inteligente, mas tinha sorte e era forte como um mosquete maltratado. Campanha após campanha, havia atacado como um animal selvagem os inimigos do Imperador. Inclusive havia tirado da Rússia toda uma brigada intacta porque seus soldados tinham mais medo do ordinário general que dos cossacos ou do inverno moscovita. De fato, Calvet só havia conhecido uma derrota pessoal, que ocorreu quando sua brigada tentou expulsar as forças de fuzileiros e de infantes da marinha de Sharpe do forte *Teste de Buch*. Era a recordação que Calvet tinha dessa derrota o que dava uma graça especial a sua atual busca aos fuzileiros.

O cardeal ignorou aquela belicosidade.

— Como vou reconhecer esses ingleses?

Calvet vira Sharpe e Frederickson uma vez e havia avistado ao primeiro entre a fumaça do campo de batalha de Toulouse. Não estava seguro de poder reconhecê-los de novo, mas monsieur Roland também havia proporcionado uma completa descrição dos dois oficiais dos fuzileiros. Calvet era astuto demais para desperdiçar imediatamente a pequena vantagem dessas descrições.

— Estou à espera de detalhes sobre seu aspecto, sua eminência.

O cardeal aceitou a observação de Calvet.

— E o que os ingleses planejam fazer aqui, general?

Calvet deu de ombros.

— Matar o major Ducos, mas não saberia dizer por que. Quem pode explicar a ira dos ingleses?

Quem, de fato? Pensou o cardeal, e quem não podia ver através das grosseiras mentiras de um general francês? Contudo, em meio a sua decepção, o cardeal pôde perceber um benefício muito real para si próprio e para o reino: estava claro que os ingleses iam atrás da caixa forte do conde Poniatowski, assim como o Imperador de Elba; mas esta interessava igualmente ao cardeal. Seus espiões em Vila Lupighi lhe informaram que Ducos e seus homens tinham planejado abandonar o reino no final do ano, e quando se fossem, a caixa forte partiria com eles. Acabariam os esplêndidos subornos e os aluguéis abusivos. A galinha dos ovos de ouro voaria para o norte. Contudo, com a chegada do general Calvet o cardeal viu como caía do céu uma maneira de evitar essa fuga. Sorriu para o general.

— Ajudem-nos a encontrar esses ingleses intrometidos, general, e quem sabe possamos descobrir se, de fato, há um Pierre Ducos escondido no reino.

Calvet hesitou.

— E o que ocorrerá quando os encontrar?

— Traga-os aqui e veremos se uma temporada em uma prisão napolitana satisfaz sua curiosidade.

— E então — insistiu Calvet —, o senhor me dirá onde se encontra o major Ducos?

— Sim. — O cardeal falou como se estivesse se dirigindo a uma criança pertinaz. — Prometo. — Traçou uma imprecisa bênção e depois observou o francês gorducho e baixo se afastar. — Você acha — perguntou o cardeal quando a porta se fechou — que acreditou em mim? — O padre Lippi, o sacerdote de nariz aquilino, deu de ombros para sugerir que não podia responder a essa pergunta. Esse gesto irritou ao cardeal. — Acredita na história do francês, então?

— Não, sua eminência.

— Você não é totalmente idiota. Portanto aconselhe-me.

O padre Lippi, cuja carreira inteira dependia do favor do cardeal, deu de ombros.

— O conde Poniatowski é um valioso contribuinte para o tesouro de sua eminência.

— E o quê?

Lippi esfregou as vermelhas mãos enquanto considerava detalhadamente o caso.

— Que o conde Poniatowski, sua eminência, deveria ser advertido a respeito de seus inimigos. Sem dúvida o agradecerá.

O cardeal soltou uma gargalhada.

— Você deve aprender esperteza, padre Lippi. A futura força da Mãe Igreja nem sempre se baseia em fazer o que é óbvio. O que acha que ocorrerá quando o general Calvet encontrar esses ingleses?

— Ele os entregará em custódia?

— Claro que não! — O cardeal se enfureceu com a estupidez de Lippi. — O general é um homem de guerra, não um diplomata. Não o mandaram aqui para fazer a paz, mas para lutar, e quando encontre os ingleses, se é que existem, tentará descobrir se sabem como encontrar Pierre Ducos. E se souberem, e lhe disserem, então Calvet abandonará sua promessa de entregá-los em custódia e atacará ele mesmo a vila. Seu senhor vai atrás do dinheiro, Lippi, do dinheiro! E quando Calvet atacar a vila, o que acontecerá?

O padre Lippi franziu o cenho:

— Haverá derramamento de sangue.

— Exatamente, e será nosso dever prender os malfeitores e confiscar as provas de suas travessuras. E se, por casualidade, esses criminosos matarem o conde? Bem, então nos

veremos obrigados a entregar sua fortuna à custódia da igreja — com o que o cardeal se referia a seu próprio tesouro, mas era quase a mesma coisa. — E se por casualidade esse general Calvet não conseguir capturar ao conde Poniatowski, então poderemos prendê-lo de qualquer maneira por alteração da ordem pública, o que satisfará ao conde e sem dúvida provocará a gratidão que você mencionou. Em qualquer caso, padre Lippi, a Igreja sairá ganhando.

O sacerdote fez uma inclinação de cabeça como reconhecimento da perspicácia do cardeal.

— E os ingleses? Como os encontraremos?

— Ajudando o general, certamente. Ele nos fornecerá sua descrição, mas deixaremos que seja ele quem se ocupe deles. — Se Nápoles matasse os ingleses, surgiriam protestos presunçosos e ameaçadores por parte de Londres, pelo que era melhor deixar que o idiota do general Calvet corresse esse risco. O cardeal esboçou um sorriso. — E uma vez Calvet tenha se encarregado dos ingleses, nossas forças se ocuparão dele.

A política era muito simples, pensou o cardeal, desde que não se acreditasse em ninguém, traísse todo mundo, guardasse todo um tesouro e persuadissem, com enganos, os outros a fazerem o trabalho sujo. Desceu do trono andando como um pato, vestiu a capa e partiu para buscar um pouco de janta.

Joliot, o óptico, havia revelado a Frederickson o endereço de Ducos, mas faltava localizar Vila Lupighi, e o fuzileiro levou dois dias inteiros para descobrir que o edifício não ficava na própria Nápoles e um dia todo para encontrar um mensageiro que, em troca da última moeda de ouro de Harper, lhe indicasse o caminho de má vontade. A vila ficava a um dia de marcha para o norte, perto do mar e segura no alto de uma empinada colina.

— Estará protegida — observou Sharpe.

— É claro que estará protegida! — replicou bruscamente Frederickson.

— Portanto nos aproximaremos pela noite. — Sharpe ignorou o mau gênio de seu amigo.

— E quando partimos? — Harper se aborrecia com o ressentimento que notava entre os dois oficiais. Falou com suavidade, tentando agir como conciliador.

— Esta noite — respondeu Sharpe. A tarde já estava bem avançada. — Teríamos que chegar ao amanhecer; podemos passar o dia observando e atacar amanhã pela noite. Concorda, William? — perguntou só para apaziguar Frederickson.

— Parece uma maneira lógica de agir. Sim, estou de acordo.

Abandonaram a taberna ao cair da noite. Houve um momento de nervosismo quando passaram pela frente dos desalinhados guardas de uniforme azul dos arredores da cidade, mas nenhum dos soldados olhou duas vezes para os três viajantes. Contudo, Sharpe não se sentiu seguro até que, após ter deixado, há um bom tempo, as últimas casas da cidade para trás, estavam sozinhos em uma sedutora campina. Era bom estar marchando de novo, sentir o

caminho silício debaixo das solas das botas e saber que no final da rota aguardava uma obrigação. Não se tratava de uma tarefa que se visse complicada pelas exigências da paz, mas um trabalho próprio de soldados: algo que era melhor fazer rápida e brutalmente. E quando tivessem terminado o trabalho, pensou Sharpe, e seu inimigo estivesse condenado, teria que enfrentar os assuntos complicados: Jane e Lucille. Os nomes repercutiam em sua cabeça com cada roçar e rangido de suas botas sobre o caminho. E se Jane o quisesse de volta? Qual das duas mulheres ele queria? Não tinha nenhuma resposta; só perguntas.

Era uma noite quente, totalmente limpa e sem vento. Uma brilhante lua se erguia sobre o Vesúvio. A princípio estava coberta de neblina por causa da fumaça do vulcão, mas logo começou a cruzar o mar, nítida, e mostrou o caminho para o norte como uma faixa ondulada que ressaltava contra os escuros pastos. Um milhão de estrelas ferroava o céu enquanto que uma reduzida espuma branca se agitava nas praias e rompia brilhante contra os cabos cobertos de árvores. Uma coruja passou a muito pouca distância acima dos três homens, e Sharpe viu Harper se benzer. A coruja era o pássaro da morte.

Uma hora antes da meia-noite abandonaram o caminho e subiram uns cem passos para se refugiarem em um azinhal. Ali, em silêncio, desataram os fardos que todos levavam. Finalmente, depois de semanas se escondendo, podiam tirar a roupa civil e pôr as casacas verdes. Sharpe havia considerado se trocar agora ou esperar até a véspera de seu ataque, mas vestidos de verde seriam obrigados a se mover silenciosos como fantasmas através daquela desconhecida campina. Afivelou a espada e depois a sacou roçando o gargalo de madeira da bainha de maneira que o aço brilhou à luz da lua.

— Assim é melhor, não? — Frederickson afivelou sua espada.

— Muito melhor — disse Sharpe com fervor.

Frederickson desembainhou sua espada e a brandiu de um lado para o outro.

— Temo que talvez tenha estado um pouco suscetível ultimamente.

Imediatamente Sharpe se sentiu incômodo.

— Em absoluto.

— Peço desculpas. Sinto muito com toda a alma.

Sharpe sentiu uma onda de alegria ao ver que a situação violenta entre eles terminava, mas imediatamente a seguiu uma pontada de culpa por Lucille.

— Meu caro William... — Começou a dizer, ainda que parasse, porque realmente aquele não era o momento de realizar a temida confissão. Viu refletida no rosto de Harper a satisfação pelo rancor entre os dois oficiais parecer ter terminado e percebeu que não podia estragar nesse instante. — Estou seguro de que meu comportamento piorou as coisas — declarou em tom humilde.

Frederickson sorriu.

— Mas agora podemos lutar. Nossa verdadeira missão na vida, creio. Não somos feitos para a paz, portanto à guerra, meus amigos! — Cumprimentou Sharpe pondo sua espada na

vertical com um movimento rápido.

— À guerra. — E esse grito de batalha animou Sharpe de uma maneira inesperada. Durante um momento pôde se esquecer de Jane, esquecer de Rossendale, esquecer de Lucille... Pôde se esquecer de tudo menos do trabalho que tinha entre mãos e que era o mais antigo dos trabalhos: o de castigar a um inimigo.

Abandonaram o azinhal. Tiveram que contornar uma aldeia de casas disseminadas sem ordem, ainda que os cachorros devam ter farejado sua presença, porque os latidos ressoaram com força enquanto os três fuzileiros atravessavam fugazmente um olival. Uma vez passadas as oliveiras, em um pasto que descia para o mar, havia uns pilares de mármore branco que Frederickson disse que haviam caído nos tempos do Império romano. Sharpe não acreditou, e a discussão amistosa durou até bem depois da meia-noite. O caminho atravessava o campo aberto, mas de madrugada, quando a pálida lua se encontrava no outro lado, no horizonte mais ocidental, chegaram à entrada de uma ravina tão escura como Hades.

Pararam onde as paredes de pedra começavam a se estreitar.

— Um lugar perfeito para uma emboscada — Frederickson cravou os olhos na escuridão.

Sharpe grunhiu. Não tinha nem ideia do que poderiam tardar em rodear a ravina. Dar uma volta como aquela significaria subir as montanhas e avançar reconhecendo o terreno por uma zona agreste. Tinha uma única certeza: desviar lhes custaria horas, e o amanhecer os surpreenderia longe da vila.

— Eu digo que temos que atravessá-la.

— Eu também — sugeriu Harper.

— Por que não? — observou Frederickson.

As paredes de rocha se fechavam sobre eles. As ladeiras do barranco não eram peladas, eram densamente cobertas por pequenos e resistentes arbustos. Sharpe tratou de subir por um dos sopés para ver se podia vislumbrar o que havia mais adiante, mas desistiu quando os espinheiros lhe arranharam as mãos. Podia ter se poupado o incômodo, já que, justo ao girar a curva seguinte, uma ampla perspectiva lhes mostrou o lugar onde terminava a ravina uns três quilômetros mais adiante. O caminho surgia entre suas paredes de rocha para deslizar suavemente colina abaixo e adentrar em extensas e desmatadas terras baixas, beiradas pela ampla curva de uma longa praia iluminada pela luz da lua. A visão daquela paisagem vazia e a evidente solidão na qual se encontravam no caminho deserto proporcionaram aos três fuzileiros um sentimento de segurança. Isso não era a Espanha, onde podia aguardar-lhes uma emboscada, senão um sonolento país do sul onde podiam caminhar em paz. Além dessas terras baixas, escuros no horizonte ao norte, viam-se uns picos recortados que a lua roçava. Sharpe estava seguro de que a Vila Lupighi tinha que estar entre os sopés daqueles picos, e essa ideia fez com que apontasse para as distantes montanhas.

— O final da jornada — disse.

De alguma maneira essas palavras afundaram na nostalgia os três fuzileiros. Harper, ao pensar no destino final de suas viagens, começou a cantar uma triste lamento irlandês.

Frederickson sorriu em particular para Sharpe.

— Acredita que será feliz fora do Exército?

— Acho que Patrick tem o grande dom de se contentar com quase todo lugar onde se encontre.

Os dois oficiais haviam ficado alguns passos atrás do alto irlandês.

— Então é um homem sortudo — assegurou Frederickson —, porque em certas ocasiões duvido se um dia encontrarei a verdadeira satisfação.

— Vamos, vamos! Isso não pode ser verdade — protestou Sharpe.

Frederickson fez uma careta.

— A mulher porco o fez, pelo que talvez eu tenha alguma esperança. — Caminhou em silêncio uns passos. Harper seguia cantando e sua forte voz ressoava de maneira estranha e inquietante nos penhascos da ravina. Frederickson moveu o ombro para acomodar melhor a correia porta-fusil. — Harper está feliz casado, né?

O coração de Sharpe deu um pulo ao intuir a iminente conversa.

— São muito felizes. Isabel é uma criaturinha forte apesar de seu bonito rosto.

Frederickson achou a oportunidade que queria.

— Você acha que madame Castineau é forte?

— Muito.

— Eu também o acho. Não deve ter tido uma vida fácil.

— Existe muita gente que passa muito pior — respondeu Sharpe em tom azedo.

— É verdade, mas ela conservou aquele castelo apesar de todas as mortes em sua família. Eu diria que é uma mulher muito forte.

Sharpe tentou desesperadamente mudar o tema.

— Quanto calcula que falta para chegarmos a campo aberto? Um quilômetro e meio?

Frederickson deu uma olhada rápida no caminho que se estendia diante deles.

— Eu diria que menos. — Então, com um entusiasmo muito maior, falou das novas viagens que planejava fazer. — Irei a Londres para endireitar minha carreira profissional e depois, o mais cedo que possa, voltarei a Normandia. Não se abandona um assédio só porque se fracasse no primeiro ataque, né? Estive refletindo muito sobre isso. — Soltou uma gargalhada nervosa. — Na realidade, confesso que essa foi a causa do meu mau-humor ultimamente, mas não acho que possa falhar uma segunda vez com madame. Creio que necessita alguma prova de minha seriedade. Minha primeira proposição foi uma mera declaração de intenções, mas agora a reafirmarei com uma assídua devoção que deve persuadi-la. As boas mulheres, assim como as más, se rendem ante uma guerra de assédio, não?

— Algumas o fazem — respondeu Sharpe com secura.

— Então, retomarei meu assédio. De fato, confesso que só minha expectativa de ter êxito nesse assédio me proporciona alguma possibilidade de felicidade futura. Talvez esteja me enganando. Os apaixonados são muito propensos a ter esse defeito.

O momento era iniludível. Sharpe parou.

— William.

— Caro amigo? — Frederickson, eufórico de esperança, estava comunicativo.

— Tenho algo a lhe dizer. — Sharpe fez uma pausa, constrangido pelo terror ante o que estava fazendo. Por um segundo esteve tentado a esquecer sua própria relação com madame Castineau, de abandoná-la e deixar que Frederickson cavalgasse para a Normandia como dom Quixote trotando para os moinhos, mas não pôde fazê-lo.

— O que é? — animou Frederickson.

— As mulheres destroem as amizades. — Sharpe procurou uma maneira diplomática de realizar uma confissão que em nenhum caso podia sê-lo, pois ia contra as grandes esperanças que Frederickson alimentava.

Frederickson riu.

— Teme que nos vejamos menos se tiver êxito? Meu caro Sharpe, você sempre será um convidado bem-vindo onde quer que eu... — Fez uma pausa — espero que onde quer que Lucille e eu vivamos.

— William! — Sharpe gritou o nome. — Deve compreender que eu...

O disparo os sobressaltou e crivou a paz da noite com uma terrível e repentina violência. Sharpe chegou a ver o clarão do cano no alto do sopé direito da ravina e depois se jogou ao chão e rodou para o lado direito do caminho. Frederickson fora para a esquerda. Harper, que viu seu canto brutalmente interrompido, havia desembainhado sua espingarda e mirava detalhadamente para cima. A bala não lhes havia atingido.

Um homem a quem os fuzileiros não viam riu.

— Quem está aí? — gritou Sharpe em inglês. Ninguém respondeu. — Pode ver esse filho da puta, Patrick?

— Não vejo caralho algum, senhor.

O homem oculto começou a assobiar uma melodia descontraída e depois, de uma maneira muito despreocupada, como se soubesse que não tinha nada a temer dos três soldados que estavam agachados, saiu das sombras a uns vinte e cinco metros à frente de Harper. Vestia uma longa capa e levava um mosquete na mão direita. Imediatamente, Harper apontou sua arma de sete canos para o desconhecido, porém, ao mesmo tempo em que o fazia, todo um monte de formas escuras se moveu pelas ladeiras do barranco. Sharpe ouviu os estalidos dos gatilhos de seus mosquetes ao armá-los.

— Bandoleiros? — sugeriu Frederickson a Sharpe. Os dois oficiais tinham seus fuzis engatilhados, mas ambos sabiam que um só disparo provocaria uma descarga instantânea e

destrutiva. Sharpe não via exatamente quantos homens enfrentavam, mas parecia haver pelo menos uma dúzia.

— Sacana. — Sharpe havia se esquecido da ameaça de roubo. Levantou-se para mostrar que não tinha medo. — Pode falar e nos tirar desta, William?

— Posso tentar, mas no mínimo roubarão as armas. — Frederickson olhou para o único homem que bloqueava o caminho e lhe gritou em italiano: — Quem são vocês?

O homem envolvido na capa soltou um risinho e depois caminhou lentamente para os três fuzileiros. Levava o mosquete sem muito cuidado. Passou ao junto de Harper ignorando a ameaça de sua enorme espingarda e se aproximou de Sharpe.

— Recorda-se de mim, major? — falou em francês.

Sharpe nem sequer podia ver bem o homem que se aproximava e, além disso, estava muito sobressaltado pela estranha saudação para pensar com coerência, mas de repente o homem da capa jogou sobre os ombros o manto que o envolvia e deixou visível um velho uniforme azul com umas tiras de galões dourados esfarrapados.

— *Bonsoir*, major Sharpe. — Era um homem baixinho, gorducho como um tonel e com um rosto tão cheio de cicatrizes como a parte traseira de um canhão.

— General Calvet — disse Sharpe estupefato.

— Isso é muito bom! Muito bem! Sou, de fato, o general Calvet, e vocês são os denominados soldados que passeiam pelos barrancos com a mesma tranquilidade com que o fariam se fossem prostitutas buscando fazer negócio. Até uma companhia de babuínos poderia ter lhes armado uma emboscada!

Sharpe não respondeu, ainda que soubesse que Calvet tinha razão. Fora descuidado e estava a ponto de pagar o preço daquela despreocupação. Calvet se aproximou de Sharpe. Lentamente o francês estendeu sua mão, desafiando-o a se mover, e empurrou para o lado o cano do fuzil de Sharpe. Então, com uma rapidez extraordinária, deu uma bofetada no fuzileiro. Sharpe ficou tão pasmado pelo repentino golpe que não fez nada. Calvet adotou um ar depreciativo.

— Isto, ingleses, é pela cal em pó. — Calvet se recordava da cal em pó que Sharpe havia jogado das muralhas do forte *Teste de Buch*. O pó havia queimando os olhos dos franceses que atacavam e converteu seu ataque em uma retirada guiada pelo pânico. Era evidente que aquela recordação ainda doía em Calvet. — Só um inglês utilizaria um fodido truque como esse contra uma turma de ingênuos recrutas de bunda mole. Se eu tivesse comigo meus veteranos, inglês, o teria cortado em fatias.

Sharpe não disse nada. Ainda tratava de entender como havia aparecido naquele remoto caminho italiano um general francês ao qual ele vira pela última vez em um campo de batalha no sul da França. Olhou para esquerda e direita e tentou contar os homens que acompanhavam o general.

Calvet soltou uma gargalhada.

— Pensa que necessito de ajuda para matá-lo, Sharpe? Precisei de um pouco de ajuda para encontrá-lo, mas não a necessito para liquidá-lo.

— Para encontrar-me? — Sharpe falou finalmente.

— Fui mandado para encontrá-lo. O Imperador. Segui sendo leal, como vê. Não como todos esses outros malditos franceses que estão lambendo o fundo desse gordo do rei Luis. Mas não foi difícil localizá-los, major. Um homem em Paris escreveu ao Imperador e este me mandou a Nápoles, onde um obeso cardeal quer que os prenda. São muito inteligentes estes napolitanos. Eu lhes disse que vinham e os seguiram desde o dia em que desembarcaram. E agora — Calvet estendeu os braços como se fosse um anfitrião que dava as boas-vindas a seus apreciados convidados —, aqui estamos!

— Por que queria nos encontrar? — perguntou Frederickson.

— O monstro caolho tem língua! — zombou Calvet. — Porque tenho ordens de matá-los, por isso. São ordens do Imperador. Ele os quer mortos porque roubaram seu ouro.

— Nós não o roubamos — disse Sharpe irritado.

— Mas vão roubá-lo! — Calvet riu bruscamente. — Vocês ainda não o roubaram, major, mas o farão assim que encontrarem Pierre Ducos! — O general se afastou de Sharpe com desdém e gritou para que seus homens saíssem de seus esconderijos.

Os soldados franceses abriram caminho entre os espinheiros e deram chutes no solo para aliviar as câimbras das pernas. Rodearam os três fuzileiros e Sharpe pôde ver, apesar da escuridão, que todos esses homens que sorriam tinham o bigode dos queridos veteranos do Imperador.

Calvet levantou o mosquete para que o cano ficasse debaixo do queixo de Sharpe.

— Entregue seu fuzil, major, e diga a seus dois homens que façam o mesmo. — Viu que Sharpe vacilava. — Prefere que meus soldados os desarmem? Para mim dá no mesmo, mas se querem conservar suas espadas, como cavalheiros, sugiro que entreguem as armas.

Havia talvez uma pitada mais de orgulho em deixar as próprias armas no chão que em ver-se despojado delas pela força, e assim os três fuzileiros se agacharam devagar e abandonaram ignominiosamente suas armas na branca pista. Calvet esperou que Sharpe voltasse a estar de pé e pôs de novo o mosquete na garganta do fuzileiro.

— Você sabe onde está Pierre Ducos, major?

— Sim — respondeu Sharpe com atitude desafiante.

— Pois eu não. — A confissão de Calvet o desarmou. — Portanto diga-me.

— Vá ao inferno, general.

— Está decidido a morrer como um rato encurralado, não é verdade? Vai morrer gemendo, em atitude desafiante. É uma pena que eu tenha as ordens de um gordo cardeal para devolvê-los a Nápoles. Talvez sobreviva a isso, major, mas tão aleijado pela doença, a fome e a imundice que desejará nunca ter nascido. Contudo, se me disser o que quero saber, inglês,

considerarei deixar que se vá deste miserável reino. — Calvet deu uma sacudida no mosquete e o frio cano bateu na mandíbula de Sharpe. — Onde está Pierre Ducos, major?

— Deveria tê-lo matado em Toulouse — disse Sharpe.

— Portanto aquele era você? — Calvet riu. — Ainda não nasceu o inglês capaz de me matar, major, mas vou abatê-lo a tiros como a um cachorro raivoso se não me disser onde se esconde Pierre Ducos. — Voltou a dar uma sacudida no mosquete para que a mira golpeasse o fuzileiro no queixo. — Diga-me, inglês.

Sharpe olhou fixamente nos olhos do francês e então, com uma velocidade que igualou a anterior rapidez de Calvet, esbofeteou o general. O golpe soou como um disparo.

Calvet inclinou a cabeça da sacudida. Retrocedeu, levou o mosquete ao ombro e apontou para Sharpe entre os olhos.

— Sacana — rosnou.

— Vá à merda — disse Sharpe em inglês.

Calvet apertou o gatilho.

Sharpe retrocedeu dando um giro, agarrou a empunhadura de sua espada e já a tinha fora da bainha uns bons trinta centímetros do aço quando percebeu que o mosquete não estava carregado. Calvet riu.

— Já pode deixar de mijar nas calças, major: a arma não estava carregada. Portanto peguem seus malditos fuzis e levem-me para onde está Ducos. — Afastou-se de Sharpe e ordenou a seus homens que formassem filas. Os bigodudos veteranos formaram obedientes duas filas irregulares, mas os três fuzileiros não se moveram. Calvet se virou para eles com fingido assombro. — Não fiquem aí parados! Movam-se!

Mesmo assim, nenhum dos três fuzileiros se moveu.

— Espera que o levemos até Ducos? — perguntou Sharpe.

— Escute-me, maldito imbecil — Calvet, que visivelmente estava se divertindo, retrocedeu e se apresentou de cheio na frente de Sharpe: — por deveria enviá-los ao cardeal? O que ele quer é ficar com o ouro para si. O Imperador quer recuperá-lo e esse é meu trabalho, major, e para me ajudar a realizá-lo estou lhe oferecendo uma aliança. Você me diz onde se esconde Ducos e eu o deixo com vida. Na realidade, eu lhe oferecerei inclusive o privilégio ainda maior de lutar sob minhas ordens. Para variar, inglês, você e eu estaremos no mesmo lado. Somos aliados, ainda que eu seja um general da França imperial e você é um pedaço de merda de sapo inglês, o que significa que eu dou as ordens e você as obedece como um recruta de bunda mole. Portanto pare de comer moscas como uma freira noviça nos banhos dos artilheiros e me diga aonde nos dirigimos!

— Não acho que tenhamos muitas opções — observou secamente Frederickson.

Não as tinham. E desse modo Sharpe se viu de novo cumprindo ordens, de volta à disciplina militar, mas naquela ocasião servia a um novo senhor: o próprio Imperador de Elba, Napoleão.



## Capítulo 13

— É claro que o cardeal quer o dinheiro: não é mais que um poço de avareza. Mas que alto membro da Igreja não é? — O general Calvet falava em voz baixa para Sharpe. Ambos estavam estendidos no piso do cume de uma empinada crista de onde podiam observar a Vila Lupighi, que se encontrava sobre uma colina ainda mais empinada a um quilômetro e meio a oeste. Estavam escondidos e metidos entre as sombras da mata de azinheiras e ciprestes. Frederickson, Harper e os doze soldados do general descansavam entre os nodosos troncos de um velho olival que crescia em um pequeno vale atrás da crista coberta de azinheiras. — E como todos os outros clérigos — seguiu dizendo Calvet —, o cardeal quer que alguém faça o trabalho sujo para ele. Neste caso, nós.

O cardeal fizera todo o possível para facilitar o trabalho de Calvet, exceto revelar o esconderijo de Ducos. Havia proporcionado uma casa na qual Calvet e seus homens pudessem esperar a chegada de Sharpe a Nápoles. Esta fora anunciada pelos funcionários aduaneiros, que foram orientados pelo francês a esperarem por um homem alto de cabelo negro e seu companheiro mais baixo de um só olho. A casa onde Calvet esperou ficava muito perto do lugar onde os franceses tinham armado a emboscada aos três fuzileiros. Havia chegado um mensageiro da cidade para advertir ao general que três ingleses, não dois, tomaram o caminho do norte, e para Calvet fora uma questão muito simples esperar no extremo norte da ravina.

— Ainda que deva perceber — seguiu dizendo Calvet — que agora o cardeal nos deixou sozinhos.

— Por quê?

Calvet não disse nada durante alguns segundos e se limitou a observar a Vila Lupighi através de uma antiga e amassada luneta. Finalmente grunhiu:

— Por quê? Para que matemos convenientemente a Ducos e então possa nos prender e ficar com o dinheiro. E esse é o motivo, inglês, pelo qual devemos ser mais astutos que aquele sacana.

A ideia que Calvet tinha de ser mais astuto que o cardeal possuía as virtudes da simplicidade extrema. Provavelmente o religioso devia de ter planejado prender o general quando se retirasse da vila, e os lugares mais prováveis para essa emboscada seriam qualquer dos caminhos que se afastavam da casa meio em ruínas. Portanto Calvet não abandonaria a vila por nenhum caminho. Em lugar disso, três de seus homens se separariam do grupo de assalto e seriam enviados ao oeste da vila, onde havia um pequeno povoado na costa. A tarefa desses três homens era sequestrar um dos barcos pesqueiros de proa alta e brilhante pintura do diminuto porto. Dois desses três homens foram marinheiros antes que o fracasso da armada francesa persuadissem Napoleão a converter os marinheiros em soldados do exército, e ainda que separar-se deles significava renunciar a três preciosos homens para o assalto, Calvet estava seguro de que o stratagem enganaria o cardeal.

— Também atacaremos de noite — havia decidido Calvet —, porque se esse idiota enviou tropas, pode estar seguro de que são quase tão inúteis como vocês. — As tropas de novatos se desconcertavam com facilidade ao combater de noite, o que foi o motivo, continuou dizendo Calvet, de que não tivesse lançado a sua brigada de recrutas contra o forte *Teste de Buch* de noite. — Se estivesse com meus veteranos, inglês, teríamos devorado vocês na primeira noite.

— São muitos os veteranos franceses que tentaram me matar — observou Sharpe com suavidade — e continuo aqui.

— Isso não é mais que uma sorte do diabo. — Calvet avistou algum movimento na vila e ficou em silêncio enquanto observava através da luneta. — Como aprendeu francês? — perguntou após um tempo.

— Com madame Castineau.

— Em sua cama?

— Não — protestou Sharpe.

— É bonita? — perguntou Calvet com glotonaria.

Sharpe vacilou. Sabia que podia desviar as insolentes perguntas de Calvet descrevendo uma Lucille pouco graciosa, mas de repente viu que não podia traí-la dessa forma.

— Eu acho que sim — afirmou de maneira muito pouco convincente.

Calvet riu ante essa resposta.

— Nunca compreenderei as mulheres. Recusam um monte de esmerados tipos de ascendência e depois caem de quatro quando algum cachorro mordido como você ou eu estão com a língua para fora. Que conste que não estou me queixando. Uma vez levei para a cama uma duquesa italiana e pensei que a escandalizaria contando-lhe que era filho de um cavador de valas, mas só serviu para que me arrastasse de volta para os lençóis. — Sacudiu a cabeça ao se lembrar. — Foi como ser atacado por toda uma tropa de cossacos.

— Já lhe disse — mentiu Sharpe com uma frágil dignidade — que não me fui para a cama com madame Castineau.

— Então, por que tentaria protegê-la? — quis saber Calvet. Já havia confessado a Sharpe que foi a involuntária carta de madame Castineau que alertara Napoleão da traição de Ducos e agora descrevia como essa carta tratava de exonerar aos fuzileiros. — Insistiu em que era tão inocente como um natimorto. Por que diria tal coisa?

— Porque somos inocentes — declarou o major, mas estremeceu de gratidão ante a evidência do cuidado protetor de Lucille. Então, para mudar de tema, perguntou a Calvet se era casado.

— Céus, claro! — Calvet cuspiu um pedaço de tabaco de mascar. — Mas o bom da guerra, inglês, é que nos mantém afastados de nossas esposas e muito perto das de outros homens.

Sharpe sorriu como era devido e depois estendeu a mão e pegou a luneta do general. Ficou

olhando a vila um longo tempo e depois deslizou os tubos para fechá-los.

— Teremos que atacar daquele lado.

— Isso é muito óbvio. Um colegial com paralisia cerebral poderia chegar a essa conclusão.

Sharpe ignorou do sarcasmo do general. Calvet estava começando a lhe agradar, e intuía que o sentimento era mútuo. Ambos haviam marchado entre as tropas e suportaram toda uma vida de combates. Calvet subira muito mais de classe, mas ele tinha devoção por uma causa que Sharpe não compartia. Sharpe nunca lutara pelo rei Jorge com o mesmo espírito fanático que Calvet oferecia a Napoleão. A devoção que Calvet tinha pelo Imperador derrotado era absoluta, e sua aliança com Sharpe, uma mera conveniência imposta por aquela desesperada lealdade. Quando o general atacasse a Vila Lupighi, seria pelo Imperador, e Sharpe suspeitava que marcharia alegremente até o inferno se Napoleão pedisse.

Não é que assaltar a Vila Lupighi tivesse que ser horroroso. Nem ao menos possuía nenhum dos mecanismos de defesa de um pequeno reduto das últimas guerras. Não se tinha que subir por nenhum talude, nem tinham que flanquear as defesas, nem havia frestas das quais tropejassem os disparos de canhão. Em lugar disso, era apenas um edifício em decadência que se deteriorava sobre seu cume proeminente. Durante a noite Calvet e Sharpe haviam rodeado um bom trecho daquela colina e viram o brilho da luz das lanternas nos cômodos que davam para o mar enquanto que na metade leste do edifício, que estava em ruínas, reinava a impenetrável escuridão. Essa escura estrutura de pedras se oferecia como uma rota escondida para o coração do inimigo.

A única questão pendente era quantos daqueles inimigos aguardavam na intrincada e estragada vila. Ao longo da manhã, Sharpe e Calvet viram pelo menos duas dúzias de homens ao redor da vila. Alguns se limitaram a se apoiar na parede externa e ficar olhando o mar. Outro grupo fora andando com algumas mulheres até o porto do povoado. Dois haviam passeado com uns cachorros enormes parecidos com lobos. Não tinham visto Pierre Ducos. Calvet supunha que este tinha umas três dúzias de homens para defender seu tesouro roubado enquanto que Calvet, sem contar seus três sequestradores de barcos, só tinha dez.

— Vai ser um bom combate — reconheceu Calvet de má vontade.

— São os cachorros que me preocupam. — Sharpe vira o tamanho das duas enormes bestas que puxavam das correias de seus cuidadores.

Calvet disse com ironia:

— Tem medo, inglês?

— Sim. — Sharpe deu essa simples resposta e viu como a sinceridade impressionou a Calvet. Então deu de ombros. — Não costumava ser muito grave, mas parece que é cada vez pior. Foi horrível antes de Toulouse.

Calvet riu.

— Eu tinha muitas coisas para fazer em Toulouse para ter medo. Deram-me uma brigada

de recrutas de calças mijadas que teriam fugido da palmatória de uma professora se eu não tivesse inculcado o temor a Deus naqueles sacanas. Disse que eu mesmo os mataria se não entrassem ali e lutassem.

— Lutaram bem — admitiu Sharpe. — Combateram muito bem.

— Mas não venceram, né? — disse Calvet. — Você se encarregou disso, sacana.

— Não fui eu: foi um escocês chamado Nairn. Sua brigada o matou.

— Então fizeram algo de bom — respondeu Calvet impiedosamente. — Pensei que ia morrer ali. Pensei que iam atirar em mim pelas costas e me disse: “À merda!”. Estou ficando velho demais para isto, major. Assim como você, ultimamente me mijo de medo antes de uma batalha. — Calvet estava correspondendo à sinceridade com sinceridade. — A Rússia foi uma péssima experiência. Antes daquilo me encantava este trabalho. Pensava que não havia nada melhor que despertar ao amanhecer e ver o inimigo esperando como cordeiros as lâminas das espadas, mas na Rússia tive medo. Era um país tão foddidamente grande que pensei que nunca chegaria de novo à França e que minha alma se perderia em meio de todo aquele vazio. — Parou de falar, aparentemente incomodado por sua confissão de fraqueza. — Ainda que — acrescentou — o conhaque o conserta logo.

— Nós utilizamos rum.

— Conhaque e bacon gorduroso — disse Calvet com nostalgia —, é o que enche adequadamente a barriga de uma pessoa antes de uma batalha.

— Rum e carne de boi — replicou Sharpe.

Calvet fez uma careta.

— Na Rússia, inglês, eu comi um de meus próprios cabos. Isso me encheu um pouco a barriga, ainda que fosse uma carne muito magra. — Voltou a pegar a luneta e observou a vila, que agora parecia deserta no calor da tarde. — Acho que teríamos que esperar um par de horas depois da meia-noite. Não acha?

Sharpe tomou nota em silêncio que aquele homem orgulhoso havia solicitado sua opinião.

— Estou de acordo — respondeu —, e efetuaremos o ataque em dois grupos.

— Ah, é? — grunhiu Calvet.

— Nós iremos primeiro — disse Sharpe.

— Nós, inglês?

— Os fuzileiros, general. Os três. Os especialistas. Nós.

— Sou eu quem dá as ordens ou é você? — perguntou Calvet em tom agressivo.

— Nós somos fuzileiros, o melhor do melhor, e disparamos melhor que vocês. — Sharpe sabia que era só o maldito orgulho de soldado que o fizera se empenhar em encabeçar o assalto. Deu alguns golpezinhos na coronha de seu fuzil Baker. — Se quer que o ajudemos, general, então nós vamos primeiro. Não quero que uma cambada de franceses alerte o inimigo com seus tropeços. Por outro lado, para um ataque noturno, nossas casacas verdes são mais

escuras que as suas.

— Assim como suas almas — resmungou Calvet, mas logo esboçou um sorriso. — Não me importa se vocês forem primeiro, inglês, porque se aquele sacana estiver alerta será a vocês que matará. — Riu ante essa perspectiva e depois deslizou se afastando da linha do horizonte. — É hora de dormir um pouco, inglês, hora de dormir um pouco.

Na distante colina um cachorro ergueu o focinho e uivou embaixo do sol cegante. Assim como os soldados ocultos, aguardava a chegada da noite.

Os soldados de infantaria de Calvet, assim como os três fuzileiros, usavam seus velhos uniformes. Os doze granadeiros eram todos sobreviventes dos corpos de elite de Napoleão, a Velha Guarda, a Guarda imperial. Só para poder formar parte desta, um soldado tinha que ter suportado dez anos de serviço em combate, e a dúzia de granadeiros de Calvet deviam de ter acumulado em total mais de um século e meio de experiência. Todos eles, assim como Calvet, abandonaram a França real para seguir seu amado Imperador até o exílio, e vestiam os uniformes que haviam aterrorizado os inimigos de Napoleão por toda Europa. Suas casacas azul-escuro tinham bainhas e dobras vermelhas, e seus chapéus altos de pele de urso tinham placa e correntes de prata. Cada um dos soldados, além de seu mosquete, tinha um *sabre-briquet* de empunhadura metálica. Os granadeiros, reunidos no olival, ofereciam uma vista formidável ainda que também muito perceptível, já que suas calças brancas resplandeciam vivamente sob a luz da lua, tanto que a anterior proposta de Sharpe de que os casacas-verdes deviam ir primeiro era óbvia.

À meia-noite Calvet conduziu o pequeno grupo de soldados para fora do olival, cruzaram a crista coberta de azinheiras e desceram até o vale ao pé da colina da vila. Os três soldados que deviam conseguir o barco pesqueiro já haviam partido para o pequeno porto. Calvet havia ameaçado de morte os três se fizessem o menor ruído durante sua viagem, e agora reiterou a advertência, dirigida desta vez a seu próprio grupo, que a partir dali avançou a um passo desesperadamente lento. Portanto, já haviam passado as duas da madrugada quando chegaram a um ciprestal que era o último esconderijo disponível antes de subirem a empinada e limpa ladeira da colina para as ruínas do lado leste da vila. A inconvenientemente brilhante lua resplandecia sobre o mar e perfilava a irregular silhueta do alto edifício.

Calvet ficou junto de Sharpe e olhou aquela silhueta.

— Se estiverem acordados e preparados, meu amigo, você é um inglês morto.

Sharpe reparou no *mon ami* e sorriu.

— Rezemos para que estejam dormindo.

— Maldita oração, inglês. Ponha sua fé na pólvora e na baioneta.

— E no conhaque?

— Nisso também. — Calvet lhe ofereceu seu cantil de bolso. Sharpe ficou tentado, mas recusou. Ter aceitado, decidiu, seria demonstrar o medo que antes havia confessado, mas que

agora, às portas da batalha, devia ser ocultado. Era particularmente importante ocultá-lo quando estava sendo observado por esses endurecidos soldados da própria guarda de Napoleão. Essa noite, jurou Sharpe, três fuzileiros demonstrariam ser mais que iguais àqueles orgulhosos soldados.

Calvet não tinha nenhuma objeção em demonstrar sua afeição ao conhaque. Levou o cantil à boca e depois, para grande assombro de Sharpe, deu um abraço caloroso no fuzileiro.

— *Vive l'Empereur mon ami.*

Sharpe sorriu, vacilou e depois provou por si mesmo esse grito de guerra novo para ele.

— *Vive l'Empereur mon general.*

Os soldados da Guarda imperial sorriram enquanto que Calvet, encantado, soltou uma gargalhada.

— Está melhorando, inglês, está melhorando; mas também se está atrasado, portanto vá embora. Vamos!

Sharpe parou, olhou para a colina e se perguntou que horrores os aguardariam em seu negro cume. Então fez um gesto com a cabeça para Frederickson e Harper e iniciou a marcha sob a luz da lua. Por fim a longa viagem chegava ao seu final.

No início foi fácil, apenas uma dura subida pela ladeira de uma colina cheia de mato que punha mais à prova os músculos das pernas que os nervos. Em certa ocasião Sharpe pisou em uma pedra solta, que caiu para trás junto a uma torrente de terra e pedras menores, e ficou gelado ao pensar em no menosprezo que Calvet estaria dando rédea solta entre as árvores mais abaixo. Harper e Frederickson observaram o enorme edifício no alto, mas não perceberam nenhum movimento além de morcegos que volteavam entre as paredes quebradas. Não se viu nenhuma luz. Se havia guardas nas ruínas estavam muito silenciosos. Sharpe pensou nos grandes cachorros que pareciam lobos, mas se as bestas estavam esperando, também o faziam em silêncio. Talvez, tal como Frederickson se aventurara a esperar, não fossem outra coisa além de mascotes que, nesse instante, estavam dormindo em algum canto da silenciosa vila.

Os três fuzileiros seguiram adiante, virando para a direita para aproveitar ao máximo a sombra do edifício projetada pela luz da lua e que estendia sua escuridão até um quarto do caminho pelo sopé mais oriental. Seguiu sem haver ninguém que os mandasse parar. Moviam-se como os escaramuçadores que eram, dispostos de maneira que sempre havia um deles imóvel, com o fuzil ao ombro, cobrindo os outros dois.

Tardaram quinze minutos em alcançar a envolvente escuridão da sombra projetada pelo edifício. Uma vez naquela penumbra mais intensa, puderam se mover com mais rapidez, ainda que a ladeira agora fosse tão pronunciada que Sharpe não teve mais remédio que pôr seu fuzil na bandoleira e valer-se das mãos para subir. Um vento suave havia começado a agitar o ar, deslocando-se desde as montanhas interiores e dos olivais para o mar.

— Ao chão! — Harper pronunciou as palavras entre os dentes desde o flanco esquerdo, e Sharpe e Frederickson se jogaram ao solo, obedientes. Harper moveu seu fuzil pouco a pouco para frente, mas deixou sua arma de sete canos pendurada às costas. Sharpe soltou seu fuzil e então ouviu um som como de um roçar que provinha do cume da colina. O ruído era de pisadas, ainda que não houvesse ninguém à vista. Muito lentamente, Sharpe virou a cabeça para olhar a comprida ladeira abaixo. Não viu sinais de Calvet nem de seus granadeiros entre os ciprestes escuros como a tinta.

— Senhor! — A voz de Harper era tão suave como o vento recente.

Dois homens que passeavam tranquilos giraram a esquina do edifício em ruínas. Estavam falando. Ambos levavam um mosquete pendurado ao ombro e os dois fumavam. Assim que entraram nas sombras da parede leste, o único sinal de seu avanço era o resplendor intermitente dos dois charutos. Sharpe ouviu que os guardas riam às gargalhadas. Aquele som confirmou o que a despreocupada atitude dos dois homens já havia sugerido: que Ducos não fora advertido. Soldados que esperassem um ataque seriam muito mais cautelosos e silenciosos. Era evidente que os dois guardas estavam alheios a qualquer perigo, mas representavam um risco, pois pararam a meio caminho do sopé oriental e pareceram se acomodar na base da parede desmoronada. Então, de algum profundo lugar do interior do negro labirinto de ruínas, um cachorro rosnou. Um dos dois guardas deu um grito para calar o animal, mas no silêncio que seguiu o medo invadiu Sharpe como um enorme estouro de dor no ventre. Temia esses cachorros.

Contudo, apesar do terror, se obrigou a deslizar colina acima. Encontrava-se no flanco direito dos três fuzileiros, o mais afastado dos dois guardas, portanto era o que tinha mais probabilidades de chegar às ruínas sem que o vissem. Avançou muito devagar, arrastando-se dolorosamente com os cotovelos. Calculou que se encontrava a menos de quarenta metros das ruínas mais próximas e talvez a uns cinquenta, de onde estavam os dois homens agachados entre a alvenaria desmoronada. Ignorou os dois soldados e tratou, em troca, de encontrar uma rota para entrar na estrutura de pedra quebrada acima. Podia abrir caminho rodeando pelas costas os dois guardas, talvez pudesse calá-los sem necessidade de disparar um só tiro. Havia aguçado a grande espada de maneira que seu fio estava brilhante e mortífero. Levava a bainha envolvida em trapos para que o metal não tilintasse contra as pedras. Estava atento para qualquer som dos cachorros, mas não ouviu nada. Seu ombro esquerdo era um acúmulo de dor, já que carregava com o peso de seus cotovelos. A articulação não havia se curado devidamente, mas tinha que se esquecer da dor. Percebeu que Frederickson e Harper permaneciam imóveis. Deviam estar ouvindo o som quase imperceptível dos movimentos furtivos de Sharpe, ter adivinhado o que planejava fazer e esperavam apontando seus fuzis para os dois charutos refulgentes.

Sharpe podia sentir as fortes batidas de seu coração. Os dois guardas seguiam conversando em voz baixa. Ergueu a perna direita, encontrou um ponto de apoio e se levantou com cuidado. Em dois minutos, calculou, estaria no interior das ruínas. Mais dez minutos para espreitar os dois homens e então poderiam chamar Calvet com o sinal combinado, o chamado discordante de um bacurau. Deu outro passo para cima com cuidado, mas então todas suas

esperanças de surpresa e todos os medos reprimidos da noite estouraram em uma explosão letal de ruído.

Os dois cachorros haviam farejado os desconhecidos na refrescante brisa.

Um segundo antes tudo era silêncio no cume da colina, exceto pelo sussurro dos dois guardas, e então, com uma brusquidão horrível, dois cachorros uivaram dirigindo seus gritos para a lua ao mesmo tempo em que passavam como podiam por cima da parede em ruínas, desesperados. Sharpe teve tempo de perceber a desagradável visão de suas desgrenhadas silhuetas perfiladas contra o céu quando saltaram.

— Fogo! — gritou a ordem em pânico.

Harper e Frederickson dispararam nos dois sentinelas. O ruído dos fuzis soou surpreendentemente forte, tanto que milhares de pássaros que tinham pousado para passar a noite voaram das pedras caídas para se dispersarem. Um dos guardas gritou de dor.

Os cachorros farejavam seu inimigo mais próximo: Sharpe. Depois de sua primeira visão das bestas, só tivera tempo suficiente de levantar um joelho e desembainhar a grande espada. Não podia ver os animais na escuridão das sombras, mas podia ouvi-los e cheirá-los. Gritou ao mesmo tempo em que brandia a pesada lâmina. Notou que o aço golpeava em uma pele, roçava um osso e depois deslizava se desencaixando. O animal ao qual golpearia uivou como uma alma atormentada. Sharpe soube que devia de tê-lo ferido com gravidade, já que partiu para um lado; mas agora o segundo animal ia direto para pegá-lo mostrando os dentes. O braço no qual o fuzileiro levava a espada estava desequilibrado, portanto balançou o esquerdo para rechaçar o ataque. Os dentes do cachorro se fecharam no tecido verde de sua velha casaca, e o animal puxou com todo seu peso o frágil tecido até rasgá-lo, mas não antes do impacto do ataque ter mandado Sharpe rodando ladeira abaixo. Tinha o corpo frouxo por causa do medo. Sabia lutar contra homens, mas aquela violência selvagem era algo que não podia prever nem compreender. Ao cair perdeu tanto a espada como o fuzil. O segundo cachorro também perdera o equilíbrio e caiu de lado pela ladeira. O primeiro, com o dorso sangrando e a pata dianteira quebrada, arremeteu contra ele.

Sharpe se afastou dele como pôde e, em seu desespero, caiu de costas; mas então, o segundo cachorro, com farrapos de tecido verde entre os dentes, se lançou sobre seu ventre de um salto. Sharpe cheirou o rançoso bafó do animal e soube que o cachorro estava a ponto de rasgar-lhe a traquéia.

Desesperadamente, avançou com sua mão direita, agarrou o cachorro para a garganta e apertou. Um mosquete disparou do cume e os olhos do animal refulgiram, súbitos e vermelhos, com o clarão do cano. Calvet estava gritando ordens ao pé da colina. A saliva gotejava na cara de Sharpe. O cachorro era uma massa pesada de osso e músculo, nada mais que uma besta assassina. Buscou um ponto de apoio para suas patas no peito e no ventre de Sharpe, sacudiu a cabeça para se soltar da terrível pressão em seu nervudo pescoço e avançou para baixo com todo seu peso tentando arrancar a pele da cara de Sharpe com os dentes. Em algum lugar do cume da colina um homem gritou. Ouviu-se o disparo de outro mosquete, ainda que, muito longe de onde Sharpe estava. Ele queria gritar para pedir ajuda, mas necessitava de toda

sua força para resistir às investidas do cachorro.

O fuzileiro deu um giro, fez força e conseguiu que o cachorro rodasse para cima de seu companheiro ferido. Ainda tinha as unhas da mão direita cravadas na garganta do animal. Gritou com ira impotente e depois puxou como se fosse arrancar a traquéia do animal. O cachorro ferido grunhiu. Houve outro disparo de mosquete, e, com a chama do estouro, Sharpe viu o brilho da lâmina de sua espada que caíra. Pegou a arma com a mão esquerda, segurando-a pela lâmina, e a cravou. A força do golpe fez sua mão deslizar apertada contra o fio e lhe cortou a palma da mão, mas feriu gravemente um dos cachorros, pois ganiu e Sharpe sentiu a sacudida do aço quando o monstro se retorceu para tentar livrar-se da lâmina. Soltou a mão direita da garganta do cachorro, agarrou a empunhadura da espada e se levantou. Os dois cachorros se lançaram para ele, mas começou a dar golpes como se tivesse um machado no lugar de uma espada e seguiu assim até que não restou nada mais que pele ensanguentada e carne despedaçada.

— Senhor! — gritou Harper das ruínas. — Onde está, senhor?

— Pelo amor de Deus! O que está ocorrendo?

— Aqui há dois mortos, senhor.

— Entrem nas ruínas! — Sharpe apertou a mão esquerda cortada para deter o sangue que manava de sua palma. A perna direita e o ombro esquerdo lhe doíam de um modo horrível. Abaixo dele viu os homens de Calvet que subiam desesperadamente para as ruínas. Sharpe não viu seu fuzil. Voltou a se ajoelhar e buscou às apalpadelas pela ladeira até que finalmente descobriu a coronha debaixo de pedaços de carne de cachorro ainda quentes. Puxou a arma pegajosa pelo sangue para soltá-la e depois se dirigiu coxeando para o cume.

Frederickson o encontrou lá.

— Harper disparou em um dos soldados e eu matei o outro. Você está bem?

— Não, não o estou. Malditos cachorros. — Sharpe ainda tremia com a recordação do medo dos cães. Rasgou um pedaço de tecido da manga esquerda e envolveu com ela a mão ferida. Um homem gritou da esquina da vila, e com isso Sharpe soube que outros piquetes haviam comparecido para unir-se à luta. Não se importaria com eles. Os guardas imperiais de Calvet podiam sofrer e ocupar-se da ameaça que representavam, porque o importante, só o que importava era penetrar nas profundezas do edifício. — Vamos!

Harper já havia encontrado um caminho através da desmoronada parede externa e agora estava esperando Sharpe entre os restos caídos de um velho pátio. Em alguns lugares, a antiga alvenaria chegava a uma altura de dois pisos enquanto que em outros quase não alcançava um metro e estava coberta de mato.

— Rápido! Movam-se! — Sharpe sussurrava por causa da dor, mas tinha que reprimi-la. Já não havia fator surpresa, portanto o ataque tinha que ser arremetedor como o aço e tão rápido e profundo como fosse possível antes que o inimigo se recobrasse. Conduziu os dois fuzileiros pelo interior de um labirinto de paredes quebradas e arcos derrubados, passando de uma sombra a outra e sempre em direção oeste, para a parte intacta da casa. A cada passo

Sharpe esperava que um cano de mosquete estourasse dando-lhes as boas-vindas, mas cada esquina que dobravam e cada parede que saltavam não revelavam nada mais que silêncio e ruínas imóveis. As colunas de pedra haviam caído sobre os corredores sem teto e as vigas estavam meio enterradas debaixo de paredes desmoronadas. Era um lugar para pássaros, lagartixas, serpentes e silêncio.

— Por aqui! — exclamou Harper. Havia encontrado um claustro que não sofrera danos e que parecia oferecer uma via de acesso através do extremo oeste do edifício. Sharpe seguiu o irlandês. Um dos soldados de Calvet gritou atrás deles, mas Sharpe ignorou o chamado. De repente os mosquetes soaram com estrépito na face leste das ruínas. Sharpe tropeçou em um parapeito quebrado e caiu na profunda escuridão do intacto claustro. Frederickson entrou a seguir e os três fuzileiros, ocultos temporariamente, pararam para recuperar o fôlego.

— Todo mundo está carregado? — perguntou Sharpe.

Os três fuzis estavam carregados. Sharpe embainhou a espada e engatilhou seu fuzil. Tinha a mão e o braço esquerdos destroçados de dor, mas devia se esquecer do sofrimento se quisesse que a noite não terminasse em uma ignominiosa derrota. O claustro estava escuro como uma boca de lobo. Levava a oeste, onde, sem dúvida, Ducos devia de estar esperando. Sharpe supunha que os homens de Ducos apareceriam a qualquer momento e apontou o fuzil para as escuras sombras ameaçadoras.

— Major! — rugiu Calvet desde o muro do leste. — Onde diabos está, sacana?

Sharpe estava a ponto de responder, mas se proferiu algum som, este foi afogado por uma nova descarga de mosquetes. Parecia vir do céu, e o fuzileiro se moveu silenciosamente para o extremo do claustro, olhou para cima e viu uma escura concentração de homens que coroavam a parede intacta que indicava o borda da parte em ruínas do edifício e o início das dependências habitadas. Estavam disparando desde cima nos soldados de Calvet, que tratavam desesperadamente de proteger-se entre as pedras quebradas.

Sharpe levantou seu fuzil.

— Não! — exclamou Frederickson entre os dentes.

— Não?

— É provável que os filhos de puta não saibam que entramos tanto no edifício! Vamos! — Frederickson desceu às apalpadelas para o escuro claustro. Agora os soldados de Calvet devolviam o fogo, mas o duelo de descargas de mosquetes era terrivelmente parcial. Os homens de Ducos estavam ocultos sob o parapeito do telhado e podiam submergir em seu fogo as ruínas inferiores, enquanto que os soldados de Calvet só podiam disparar às cegas para cima.

— Major! — voltou a gritar Calvet. — Em nome de Deus! Onde está?

Sharpe havia chegado ao outro extremo do claustro e o encontrou bloqueado por uma pesada porta de madeira. Frederickson se agachou ao pé da porta, sacou com calma sua caixa de isca, golpeou a pederneira contra o aço e soprou sobre o fio carbonizado para produzir uma diminuta chama. A pequena luz revelou uma velha madeira enegrecida. A porta era

construída com cinco vigas de madeira verticais tachadas com cravos de ferro, mas a passagem dos anos e o calor seco haviam contraído a madeira e tinham deixado alguns vãos da largura de um dedo entre as pesadas vigas. Havia um trinco oxidado que Frederickson não pôde mover por mais que tentasse.

— A canalha está fechada com chave.

— Deixem-me passar. — Harper empurrou para o lado os dois oficiais e meteu a forte lâmina de sua baioneta em um dos vãos. Usou o aço como alavanca, gemendo pelo esforço. Sharpe estava seguro de que a grossa lâmina se partiria antes que a velha madeira cedesse. O ruído dos mosquetes afogou qualquer som que Harper pudesse fazer.

Frederickson soprou a chama da isca para mantê-la acesa enquanto Sharpe desembainhava sua espada e metia a lâmina junto à de Harper. Girou a espada para que a pressão fosse de um extremo a outro e somou sua força à do irlandês. A débil chama se apagou e então, com um estrépito e uma chuva de poeira, a madeira se rachou e se lascou. Harper quebrou a prancha e utilizou a espada de Sharpe para acometer contra a seguinte viga grossa. O fogo procedente do telhado persistia, enquanto que o das ruínas do lado leste era esporádico, o que sugeria que os homens de Calvet estavam apanhados entre as pedras caídas.

— Podemos passar! — Harper fizera um buraco grande o bastante e devolveu a espada a Sharpe. O irlandês passou primeiro através do espaço, Frederickson o seguiu e Sharpe entrou por último. Entraram em uma completa escuridão, desprovida de estrelas, e Sharpe achou como se os tivessem metido em uma ampla masmorra com um liso piso de pedra, as paredes verticais de pedra e um alto teto que fazia eco. Sharpe avançou às apalpadelas. Então o som das descargas de mosquetes ficou abafado. Sem dúvida os defensores da vila acreditavam que estavam ganhando a batalha, mas ainda não eram conscientes de que um diminuto grupo de atacantes havia conseguido penetrar nas profundidades do enorme edifício.

— Porta! — Frederickson havia encontrado a saída do escuro aposento e, milagrosamente, a nova porta não estava fechada com chave. Chiou e rangeu quando Frederickson a empurrou para entreabri-la. Conduzia a um passadiço que estava banhado com a tênue luz anterior ao amanhecer proveniente de janelas voltadas para o norte. Não havia nenhum inimigo esperando no passadiço, somente um gato negro que sibilou para eles e depois saiu disparado.

Uma escada curva subia de um negro arco azeviche que havia na parede esquerda do passadiço. Sharpe sabia que aquele não era momento de ser cauto; a rapidez era tudo, e portanto levantou sua espada ensanguentada e subiu. Não tentou ser silencioso, apenas se limitou a subir de dois em dois os degraus da escada curva. A escada dava em um quarto de paredes de pedra onde uma pestanejante vela de sebo deixou ver duas garotas aterrorizadas que se agarravam uma à outra sobre os restos de seus camas. Havia roupas de homem pelo piso, ainda que sem dúvida aqueles homens estivessem entre os defensores do telhado. Uma das moças abriu a boca para gritar e Sharpe a ameaçou instintivamente com a espada. Ela ficou muito quieta.

Harper entrou, dando um empurrão em Sharpe, viu as pequenas e apontou seu fuzil, que agora tinha sua baioneta calada. As pequenas sacudiram a cabeça, como para demonstrar que

não iam fazer nenhum ruído. Frederickson apareceu na quarto. Tinha se preparado para a batalha da maneira habitual, guardando o tapa-olho e a dentadura postiça na bolsa de munição e oferecendo assim um aspecto aterrador que fez uma das garotas tomar ar para gritar. Harper lhe deu um golpe num lado da cabeça com o fio de sua lâmina. Ela ficou imóvel. O cobertor caiu e revelou que estava nua.

— Mate essas putas. — Frederickson foi o último a entrar no cômodo.

— Diga a elas que se fizerem algum ruído mataremos as duas — ordenou Sharpe. Frederickson pareceu indignado ante essa mostra de fraqueza, mas obedeceu. Uma das duas moças consentiu com a cabeça para indicar que entendia, e Sharpe agarrou um cobertor do piso e o jogou sobre suas cabeças. — Vamos!

Uma segunda escada curva saía do quarto. Sharpe voltou a subir primeiro. O ruído das descargas de mosquetes se fizera muito mais forte, e deixava claro que os fuzileiros estavam muito perto dos soldados de Ducos. No alto da escada havia uma porta meio aberta que Sharpe sabia que conduzia ao teto plano de onde os homens de Ducos vertiam sua chuva de chumbo sobre os soldados de Calvet. Sharpe se recordou de um momento como aquele na fronteira portuguesa, quando ele e Harper haviam subido por uma escada precisamente como aquela com a certeza de que o inimigo lhes aguardava no alto. Sentiu-se como um rato em um tonel e com o medo diminuiu o passo. Através da porta meio aberta pôde ver o céu. Havia uma alta voluta de fumaça iluminada, de um colorido cinzento prateado contra a escuridão.

— Mova-se, senhor. — Harper empurrou Sharpe sem consideração para um lado e tomou a dianteira. Tinha pendurado o fuzil e a baioneta no ombro esquerdo para dessa maneira poder usar sua arma favorita: a espingarda de sete canos. O irlandês passou a língua pelos lábios, se benzeu e então abriu totalmente a porta de um empurrão.

Harper ficou paralisado. Podia ver o inimigo, mas Sharpe não. Frederickson tentou avançar, mas não conseguiu passar na frente de Sharpe.

— Deus salve a Irlanda — murmurou Harper, e Sharpe soube que o grandalhão, assim como ele, estava assustado. Sharpe tinha um forte nó no estômago causado pela certeza de que a morte aguardava do outro lado da porta aberta.

— Quantos? — sussurrou para Harper.

— Pelo menos uma dúzia desses sacanas.

— Pelo amor de Deus! — Frederickson estava irritado. — Vão crucificar Calvet!

— *Vive l'Empereur!* — exclamou Sharpe estupidamente, e o outrora grito de batalha do inimigo pareceu impulsionar Harper através da porta aberta.

— Sacanas! — O irlandês gritou essa palavra como se fosse seu grito de guerra particular. Os homens se voltaram para ele com o assombro refletido em seus rostos, Harper apertou o gatilho e a pederneira acendeu fogo na recâmara atrás dos sete canos. A arma martelou como um pequeno canhão, e dois dos homens de Ducos ficaram com os pés totalmente destroçados e caíram, gritando, sobre as pedras abaixo.

Sharpe havia entrado atrás de Harper no telhado envolvido em fumaça. Tinha o fuzil em sua mão esquerda torpemente vendada, ele o disparou e não esperou para ver o destino da bala, avançou correndo com a espada na mão direita. A lâmina era uma confusão de sangue e pelo de cachorro. Frederickson flanqueou Harper pela direita. Um mosquete disparou contra eles, mas os três fuzileiros se moviam muito rápido e a bala passou assobiando entre Sharpe e Harper sem causar danos.

A surpresa de seu pequeno ataque foi absoluta. Os homens do sargento Challon estiveram disparando para baixo com relativa segurança e em um segundo se viram atacados violentamente por seu flanco esquerdo. Os soldados mais próximos aos fuzileiros não tiveram tempo de escapar. Um deles tentou se esquivar de Sharpe, mas a grande espada o acertou com o movimento de revés e lhe cortou a garganta até a coluna. O grito de triunfo do fuzileiro teria gelado o sangue do diabo. Harper utilizava a coronha da enorme arma como se fosse um garrote. Frederickson disparou em um homem, descartou seu fuzil e espetou elegantemente a outro com sua espada. Sharpe passou por sua primeira vítima em busca de outra. Agora o medo havia desaparecido; arrastado pela antiga exaltação do combate. O inimigo corria. Dirigiam-se desesperados aos empurrões para uma entrada que havia no lado mais afastado do teto. Aqueles homens não tinham estômago para essa luta; nenhum exceto um que tinha as duras feições de um velho soldado. O rosto bigodudo era moldurado pelas tranças dos dragões de elite de Napoleão. O soldado usava os restos de seu velho uniforme verde que tinha um só galão de sargento. Levantou sua espada reta para Sharpe, fez uma finta e então arremeteu contra Harper. Não terminou a acometida, retrocedeu e brandiu a espada para Frederickson. O homem estava encurralado, seus companheiros o abandonaram, mas realizava uma fria luta desde sua desesperada posição.

— Renda-se — disse Sharpe em inglês, depois se corrigiu e deu a ordem em francês.

A única resposta foi um repentino e violento ataque. Sharpe esquivou o golpe de maneira que as duas espadas soaram como um sino. O restante do inimigo havia desaparecido pela distante escada para baixo, e agora o sargento francês se batia em retirada atrás deles; mas nem uma só vez deu as costas para seus três oponentes. Frederickson girou pouco a pouco para ameaçar seu flanco direito e a espada do sargento dos dragões se deslizou para o novo perigo, mas Harper foi mais rápido que ele: situou-se à esquerda do sargento, estendeu a mão e o agarrou pela bandoleira para fazê-lo perder o equilíbrio. O sargento tratou de virar a lâmina para o outro lado, mas Harper a arrancou das mãos com desprezo e a mandou girando por cima do parapeito. Então golpeou o sargento francês na cabeça de maneira que o homem desabou em uma aturdida agonia.

— Disseram para que se rendesse — disse Harper pacientemente; depois bateu no homem de novo. — Maldito sacana teimoso.

— Major! — o general Calvet estava de pé nas ruínas abaixo.

— Vão para a direita! — Sharpe indicou o lugar por onde eles haviam entrado no passadiço. — Rápido!

— Inglês! Muito bem!

Sharpe riu pelo cumprimento e tratou de fazer uma elaborada reverência para o francês. Enquanto se inclinava, Harper deu um repentino grito de alarme e Sharpe deixou sua cortesia para se jogar ao chão de barriga de um modo ignominioso ao mesmo tempo em que um canhão pequeno rompia o amanhecer com seu súbito ruído. A bala passou ruidosamente por cima da cabeça de Sharpe.

— Ducos! — Frederickson havia avistado o inimigo.

Sharpe olhou para onde Frederickson apontava. Mais além daquele teto havia outro pátio, este intacto, e em sua extremo mais afastado Sharpe viu um janelão aberto em um piso superior. O quarto tinha um balcão do qual saíam nuvens de fumaça. Alguns homens se moviam à luz de uma lanterna atrás do balcão; então o suave vento levou a fumaça que impedia a visão e finalmente Sharpe pôde ver seu inimigo. Primeiro reconheceu as redondas lentes dos óculos, depois viu o magro rosto e viu também, com assombro, que Ducos usava um uniforme de marechal francês. Por um segundo, Ducos olhou para Sharpe diretamente nos olhos e depois se virou e se afastou. Outros dois homens ocuparam seu lugar. Entre os dois levavam um estranho objeto metálico que puseram na janela. Por um instante Sharpe pensou que era uma pequena mesa deforme, mas então Frederickson reconheceu a arma de quatro pernas.

— É um maldito grilo! — exclamou com desdém, mas se jogou ao piso quando o bota-fogo se aproximou da escorva para acendê-la. Nessa ocasião haviam carregado o pequeno canhão com múltiplas balas que passaram assobiando sem causar estrago por cima de suas cabeças.

Soou um grito abaixo e Sharpe soube que os homens de Calvet deviam ter entrado no segundo pátio. O som das descargas de mosquetes começou de novo e foi aumentando de volume em um seco crescendo. Mas dessa vez o mortífero som provinha das profundezas do refúgio de Ducos. O amanhecer já iluminava o céu do leste com um pálido banho prateado e Sharpe ficou consciente de que a batalha estava meio ganha, mesmo que ainda não tivesse terminado. Precisava ainda pegar e capturar vivo um certo inimigo. Carregou seu fuzil, limpou o sangue da lâmina de sua espada e voltou de novo para a luta.

## Capítulo 14

O sargento Challon jazia sobre o teto desarmado e inconsciente, mas Pierre Ducos não estava ciente do aperto de seu leal sargento. Contudo, o amaldiçoou por tê-lo abandonado assim como xingou os soldados que havia contratado, que naquele momento saíam como podiam da vila desesperados para fugir correndo e penetrar no que restava da noite. Só um punhado de dragões havia ficado com Ducos, não por lealdade, mas para que este abrisse a enorme caixa forte e os deixasse partir com seu butim.

Sua avareza se viu interrompida pelos soldados de Calvet, que começaram a irromper nos corredores inferiores. As mulheres e as crianças gritavam ao tentar escapar dos vingativos guardas, e os gritos serviram para recordar aos dragões de Ducos a encrenca na qual se achavam. Fecharam as portas bruscamente para isolar a caixa forte dos atacantes e depois com um machado fizeram seteiras nas portas para manter na linha os soldados de Calvet. O canhão-grilo disparou uma vez mais para o distante teto, mas os três homens de uniforme verde pareciam ter partido. Pelo que desceram o canhão até o arco encortinado que dava para o mar. Dessa posição podia massacrar um inimigo que tentasse flanquear as frestas das portas cruzando o terraço de paralelepípedos e balaustrada.

— Se resistirmos o suficiente — rogou Ducos a seus seis soldados restantes —, prometo que obteremos ajuda.

Ducos carregou duas pistolas gravadas em ouro que haviam sido um presente do czar da Rússia ao Imperador da França antes que as duas nações ficassem inimigas. Levou as pistolas até a janela que dava para o pátio e disparou para o lugar onde achava ter visto Sharpe. Agora não via ninguém no afastado telhado, pelo que Ducos se limitou a disparar nos fantasmas. Estava tentando se convencer de que a aparição de Sharpe fora só isso, um fantasma que lhe havia assaltado de repente devido a seus avivados medos e que se fizera mais palpável por causa da pobre luz do amanhecer. Contudo, podia ouvir que os soldados que estavam nos corredores do outro lado das portas fechadas não eram fantasmas: eram compatriotas franceses que haviam vindo em busca de um tesouro que Ducos não entregaria.

Algumas das peças desse tesouro foram utilizadas para fechar com barricadas o arco onde haviam posto o canhão-grilo. Havia um globo celeste amontoado em cima de uma cômoda de estilo japonês. Um divã forrado com seda verde servia de parapeito, enquanto que, debaixo dele, uma mesa de ébano cuja superfície tinha incrustações de prata e marfim estava colocada como escudo para as balas inimigas. Havia almofadas, cortinas, tapetes e roupa de cama embutidos entre as cadeiras para fazer a barricada ainda maior. Só deixaram em seu lugar a pesada cortina verde que ocultava a larga alcova onde ficava oculta a caixa forte. Dois homens manejavam o canhão-grilo de sua acolchoada fresta enquanto que os outros quatro dragões se revezavam disparando pelas seteiras das portas. Ducos, com seu uniforme escandaloso que lhe caía como se fosse um espantalho com roupa de gala, caminhava impaciente entre as três posições e teceu a fantasia de um iminente resgate napolitano.

As duas portas com as seteiras eram velhas e resistentes. Uma bala de mosquete não podia atravessar a madeira. A princípio o fogo proveniente dos corredores era alarmante por sua intensidade, mas os dragões não tardaram em compreender que estavam a salvo e perceberam imediatamente que podiam resistir aos atacantes disparando das seteiras. Havia feito uma fortaleza no interior da vila, e as únicas entradas dessa fortaleza eram as duas portas ou o terraço, que seria um terreno mortífero por causa do pequeno canhão metálico. Os dragões sentiam falta da presença tranquilizadora do sargento Challon, mas agora se sentiam bastante seguros e inclusive encontravam um nefasto prazer em seu exitoso desafio. Ducos deu uma mão carregando os mosquetes, carabinas e pistolas de reserva para que qualquer decidido ataque pudesse ser correspondido com um fogo implacável.

— Pena das mulheres — resmungou um dos dragões.

— Voltarão. — Seu companheiro disparou através de uma das lascadas seteiras e sua bala ricochetou pelo escuro corredor. Os atacantes haviam se protegido do fogo inimigo e seus disparos de resposta eram tão pouco efetivos como infrequentes. O homem que disparara retrocedeu e deu uma olhada desdenhosa para Ducos.

— É a primeira vez que vejo um marechal da França carregando um mosquete.

— Afugentaremos esses sacanas — disse seu companheiro entre dentes — e depois mataremos o mequetrefe e levaremos o dinheiro da casa. — Fora só a teimosa lealdade do sargento Challon o que havia impedido esta solução tão desejável, mas agora Challon se fora. O soldado disparou de novo através da porta, retrocedeu e dirigiu o olhar para cima porque um estranho som atraiu sua atenção. Ficou olhando para o alto teto boquiaberto, depois agarrou um mosquete carregado que apontou diretamente para cima da cabeça e disparou. A fortaleza no interior da fortaleza não era tão segura como parecia.

A bala de mosquete se alojou em uma tábua do piso debaixo de Harper, mas bateu com tanta força que a pesada prancha pareceu tremer sob seus pés. A poeira se sacudiu ao longo de todo o formidável comprimento da madeira. Harper encaixou sua baioneta uma fenda entre as tábuas.

— Necessito de um maldito machado.

— Não temos um maldito machado — replicou Frederickson de maneira cortante e deu um salto para trás ao mesmo tempo em que outros três disparos golpeavam no forro. — Por que não incendiamos este condenado lugar?

Nem Sharpe nem Harper responderam. Ambos tinham lâminas mais fortes que a da delgada espada de Frederickson e estavam usando-as como alavanca na velha e grossa madeira. Tinham aberto caminho rodeando o telhado da vila para encontrar aquele ático coberto de poeira situado justo em cima do santuário interno do inimigo. Sharpe havia tirado umas poucas telhas do telhado para entrar nesse espaço empoeirado onde os excrementos de morcego formavam uma grossa camada que cobria o piso.

— Está se movendo! — Harper pôs avisou a Sharpe, que se dirigiu para o outro lado da

pesada tábua do piso. Sharpe deslizou sua espada sob a madeira e forçou. Os dois se afastaram de cócoras de sua tarefa. As balas golpeavam ruidosamente na parte de abaixo do piso e Sharpe temia que uma delas atingisse a ponta de sua espada e rompesse o aço. Levantou-se, colocou o pé na empunhadura, fez força para baixo de tal maneira que a madeira rangeu e se levantou em todo seu comprimento. O extremo mais afastado da tábua ainda estava fortemente preso por antigos cravos, e a tensão seguinte ameaçava romper a madeira e mandá-la para trás como uma mola até que Frederickson meteu seu fuzil por baixo para apoiar o extremo solto com força. Os soldados de Ducos estavam gritando abaixo. Uma bala de mosquete encontrou o espaço e rompeu uma telha a menos de trinta centímetros de distância da cabeça de Frederickson.

Harper alcançou sua arma de sete canos, meteu-a por baixo da tábua erguida e disparou às cegas para baixo. O ruído foi enorme naquele reduzido espaço, porém, mesmo assim, os fuzileiros puderam ouvir um grito proveniente do quarto inferior quando as sete balas ricochetaram loucamente pelas paredes e o piso de pedra. Sharpe disparou seu fuzil através do buraco e ambos retrocederam para recarregar. Frederickson agachou para disparar o fuzil de Harper no refúgio de Ducos.

— É como disparar em ratos dentro de um tonel — disse em tom grave, e então, de repente, os três fuzileiros ficaram ensurdecidos, e Frederickson, com o fuzil ainda carregado, caiu de costas.

A tábua que haviam levantado parecia ter explodido, ergueu-se bruscamente e lhe caiu em cima. O ático se encheu de um pungente estrépito de lascas e, por baixo desse som e mesclado com ele, se ouviu a enorme e retumbante detonação do pequeno canhão-grilo. Havia colocado a arma na vertical, equilibrada sobre suas pernas traseiras e o fundo, e dispararam para cima. A descarga havia destroçado uma das madeiras do piso do ático, lascando-a e havia atravessado as telhas. Frederickson jazia imóvel no piso. Seu rosto sangrava devido ao monte de lascas, mas Sharpe não encontrou nenhuma outra ferida. A proximidade da passagem da bala de canhão deve de tê-lo deixado praticamente sem sentido. Sharpe vira soldados que serem derrubados de uma maneira similar pelo golpe de uma descarga aérea. Frederickson viveria, mas em poucas horas seu rosto seria uma enorme mancha-roxa.

— Viverá — disse Sharpe a Harper e então, de modo vingativo, pegou o fuzil que não fora disparado e apertou o gatilho para abaixo, através do buraco aberto pelo canhão. Harper estava carregando com rapidez sua arma de sete canos e, ao mesmo tempo, contava os segundos que tardariam os homens lá embaixo para carregar o pequeno canhão. Frederickson gemeu tristemente. Uma das lascas tinha se alojado na bacia de olho vazia, e estava agora cheia de sangue.

— Tenha cuidado, senhor — advertiu Harper. Imaginava que estivessem recarregando o canhão-grilo. Os dois fuzileiros ficaram muito quietos: se os homens de baixo possuísem um pouco de inteligência não disparariam no mesmo lugar, dirigiriam a carga para uma zona do teto que não estivesse quebrada. Sharpe sentiu o medo da completa impotência, sabendo que a qualquer momento uma bala de canhão podia ser atirada por baixo de seus pés.

— Disparem, filhos da puta! — disse entre os dentes.

O canhão disparou. Os homens abaixo haviam suposto mal e o disparo atravessou o extremo mais afastado do ático. A poeira e o ruído inundaram aquele reduzido espaço enquanto que as telhas quebradas tamborilaram telhado abaixo e se espatifaram no pátio.

O ruído do canhão ainda ressoava no ático quando Harper se dirigiu com a rapidez de um gato escaldado para o primeiro buraco. Olhou para baixo, pôs os sete canos através da abertura e apertou o gatilho. Só tivera tempo de carregar cinco canos, pelo que grande quantidade da força da arma se desperdiçou pelos dois que ficaram vazios; mas os homens que manejavam o grilo estavam apenas a uns cinco metros abaixo dele e as cinco balas tinham força suficiente para matá-los. Sharpe disparou seu fuzil recarregado através do buraco mais recente e foi ajudar Harper, que estava fazendo forçando a prancha do piso. Frederickson gemeu, afastou-se de lado e permaneceu deitado sem se mover. A tábua do piso, debilitada pela bala de canhão, deu um estalido e finalmente Sharpe e Harper puderam ver seu inimigo.

Dois homens estavam mortos junto ao canhão-grilo caído, que, como fora colocado sobre sua parte traseira para disparar para cima, tinha agora as duas pernas de trás torcidas. Um terceiro homem ferido estava estendido sobre um charco de sangue junto à porta mais afastada. Os outros dragões haviam se refugiado nos cantos do quarto. Um deles ergueu uma carabina e tanto Sharpe como Harper se jogaram para trás e se agacharam.

Sharpe voltou a carregar seu fuzil. Frederickson respirava pesadamente. Abaixo havia silêncio. Ducos e os dragões que restavam tinham medo do imponente poder destrutivo da arma de sete canos, e nenhum deles se atrevia a pisar no centro do quarto para recuperar seu pequeno canhão, portanto retrocederam para os cantos e ficaram olhando com temor o teto esburacado. Ainda estavam olhando quando os soldados de Calvet se aproximaram das portas com as seteiras e meteram os mosquetes através delas.

— *Non! Non!* — gritou um dos dragões.

Sharpe agarrou um dos fuzis e trabalhou na tábua pelo lado que estava quebrado. Havia se afrouxado por causa dos dois disparos de canhão e saiu com uma facilidade surpreendente. Viu os dragões com as mãos para o alto e também os mosquetes que assomavam pelas portas, mas não viu Ducos.

— General! — gritou.

— Major? — a voz de Calvet soou amortecida.

— Espere aí! Eu abrirei!

Harper deteve Sharpe.

— Quebrará as pernas, senhor!

Mas Sharpe queria Ducos vivo. Queria capturar o pequeno e astuto inimigo que vinha pisando seus calcanhares da fronteira portuguesa até aquela casa em ruínas da Itália e, estando tão perto de seu antigo rival, não o privariam de fazê-lo. Desceu através do buraco aberto, ficou um segundo pendurado segurando-se com as mãos e pulou.

A altura do teto até o piso era de quase cinco metros. Sharpe havia reduzido a distância pendurando-se nas tábuas quebradas, mas mesmo assim desceu quase três metros. Sofreu uma sacudida ao cair. Bateu de lado contra o piso de pedra e a dor lhe subiu desde o tornozelo direito até sua recém curada coxa. Gritou de dor, rodou para a direita e com um grunhido disse aos dragões que não se movessem. Esperava receber uma bala a qualquer momento. Harper estava por cima dele e apontava para o quarto com seu fuzil. Nenhum dos dragões disparou: limitaram-se a ficar olhando esse homem manchado de sangue e selvagemmente coberto de cicatrizes que descera do teto e que agora tratava com todas suas forças de pôr-se em pé. Não havia nem rastro de Ducos. O quarto estava iluminado pela luz cinza-pálida do céu que se iluminava. Sharpe desembainhou sua espada e o som do atrito da lâmina fez que um dos dragões começasse a gemer e a sacudir a cabeça.

— Onde está Ducos? — perguntou Sharpe em francês.

Um dos dragões apontou uma pesada cortina verde.

Sharpe sabia que teria que abrir as portas para deixar os soldados de Calvet entrarem no quarto, mas agora estava perto demais de seu inimigo e havia viajado de muito longe e sofrido demais para deixar que aquele homem fugisse. Aproximou-se da cortina coxeando, estremecendo cada vez que o peso recaía em sua perna direita. Parou a uma dúzia de passos do pesado tecido verde.

— Ducos! Seu bastardo? Sou o major Sharpe!

Estourou uma pistola por trás da cortina e uma bala saltou do tecido verde. A bala da pistola abriu um buraco no tecido, passou a uns trinta centímetros à direita de Sharpe e se encaixou na mesa de ébano com incrustações de prata.

Sharpe se aproximou mais dois passos da cortina.

— Ducos! Você errou!

Outra bala sacudiu a grossa cortina. Essa passou à esquerda de Sharpe. A cortina se agitou com a passagem da bala. O novo buraco tinha as bordas queimadas. Os dragões olhavam fixamente para o louco coxeante que jogava aquela insensata partida com a morte.

Sharpe se aproximou tanto que estendendo a mão poderia tocar o cortinado.

— Errou de novo!

Pôde escutar a rouca respiração do francês atrás da cortina e então ouviu o estalido de outra arma ao ser engatilhada.

Pelo som Sharpe intuiu que Ducos estava de pé bem afastado da cortina e que devia estar disparando em pânico cego por suas pesadas dobras.

— Ducos? Tente de novo! — gritou.

A terceira bala sacudiu o tecido. Passou pela direita de Sharpe, mas tão perto que não podia ter passado mais distante que a grossura da lâmina da uma espada. A poeira se despreendeu da espessa trama da cortina e se dispersou sob a prateada luz do amanhecer. Sharpe soltou uma gargalhada.

— Falhou de novo!

— Abra a porta! — berrou Calvet irritado através de uma das seteiras.

— Ducos? — voltou a chamar Sharpe, e de novo o francês oculto disparou uma de suas pistolas de reserva, mas daquela vez o disparo não foi acolhido pelas zombarias de Sharpe. Em lugar disso, o fuzileiro deu um grito horroroso, conteve a respiração e depois gemeu como uma alma atormentada e soluçante.

Ducos soltou uma forte exclamação de triunfo. Precipitou-se pela cortina e correu a tecido de um tapa. E ali, naquele momento de vitória pessoal, parou em seco.

Parou porque a lâmina de uma espada brilhou e se ergueu para pousar sua ponta na pele de sua garganta.

Um Sharpe ileso, com sangue de cachorro sulcando-lhe as cicatrizes de seu rosto manchado de pólvora, olhava fixamente nos olhos de Ducos.

O francês segurava uma pistola ainda sem disparar, mas notava a enorme espada afiada em seu pescoço, e os olhos que olhavam os seus eram como gelo escuro.

— *Non, non, non.* — Ducos pronunciou as palavras como um gemido; então soltou a pistola ao mesmo tempo em que mijava e uma mancha se estendia pela seda branca de suas calças de marechal francês.

— *Oui, oui, oui* — disse Sharpe, e levantou o joelho esquerdo, e deu um único chute violento. A força do golpe fez Ducos perder os óculos, que caíram e quebraram, e o francês, agarrado à quente mancha de suas calças, caiu atrás deles e soltou um terrível grito lamuriento.

A longa perseguição havia terminado.

Sharpe foi coxeando até a porta para deixar entrar um irado general Calvet. Agora já havia amanhecido totalmente e a luz inundava o límpido mar com lampejos de ouro e prata. A vila estava cheia de fumaça, mas estranhamente silenciosa agora que os mosquetes haviam parado de disparar. Era o silêncio depois da batalha, o silêncio inesperado e inexplicavelmente decepcionante quando o corpo ainda ansiava emoção e não havia nada mais que fazer além de recolher os mortos e feridos e encontrar o butim. Os homens de Calvet atravessaram pesadamente o quarto e desarmaram os dragões vencidos. Harper levou Frederickson para baixo e com ternura deitou o oficial em um divã tirado da barricada desmantelada. Tinham ferido dois dos soldados de Calvet, um deles com gravidade, mas não haviam matado nenhum. Os granadeiros feridos deitaram junto a Frederickson, que lentamente ia recuperando o sentido. O rosto já estava enegrecendo e inchando em forma de uma enorme mancha-roxa, mas pôde esboçar um sorriso irônico quando viu Pierre Ducos ridiculamente uniformizado. O francês ainda ofegava de dor pelo chute de Sharpe quando Harper o amarrou pelos pulsos e tornozelos e o empurrou com desdém para um canto do quarto para que se unisse aos dragões capturados.

O general Calvet arrancou de um puxão a cortina da alcova. Atrás dela e metida entre as sombras de um espaço para os outros vazio, havia uma grande caixa de ferro. Encontraram as

chaves da caixa em um bolso do escandaloso uniforme de Pierre Ducos. Abriram as fechaduras com um estalido e se levantou a tampa que cobria a fortuna de um Imperador. Os homens de Calvet ficaram olhando em sobressaltado silêncio. As pedras preciosas brilhavam tanto na alcova escurecida que parecia como se gerassem sua própria luz resplandecente. Sharpe avançou pouco a pouco para frente de um granadeiro e olhou para aquele esplendor.

— Tudo isso pertence ao Imperador — advertiu Calvet.

— Eu sei, mas Ducos é meu.

— Pode ficar com ele. — Calvet se inclinou para pegar um punhado de pérolas. Deixou que deslizassem entre seus dedos gordos de forma que brilharam como pedacinhos de luz das estrelas.

— Senhor? — a voz de Patrick Harper soou estranhamente apagada. Ele não havia se aproximado para ver o tesouro; em lugar disso, havia aberto um passadiço através da barricada e agora se encontrava de pé no terraço e olhava fixamente para o sul. — Senhor? — chamou mais forte. — Acho que há algo aqui que deveria o senhor ver, senhor.

Calvet cruzou para o terraço com Sharpe.

— *Merde* — disse.

Um batalhão de infantaria se aproximava da vila. Atrás deles, e ainda debaixo das sombras de um arvoredado, havia um esquadrão de cavalaria. A cabeça da pequena colina se encontrava a uns oitocentos metros de distância, ainda na planície costeira, mas só a uns poucos minutos da colina onde estava a capturada vila. A sombra do batalhão se estendia para o mar e a clara luz do amanhecer mostrou que sua marcha era deselegante e seu porte pouco atraente, mas de toda forma tratava-se de um batalhão de infantaria completo com pelo menos seiscentos mosquetes, e sua chegada explicava por que o cardeal havia dado carta branca a Calvet.

Porque Calvet e Sharpe haviam feito o trabalho sujo do cardeal e agora os napolitanos haviam chegado para recolher o fruto de seu esforço.

— *Merde* — disse Sharpe.

Ducos dominou sua dor para alardear um vingativo triunfo. Seus amigos tinham vindo resgatá-lo, disse, e Sharpe e Calvet iam sofrer as consequências de sua ousadia. Harper lhe deu um bofetão para que se calasse.

— Podemos escapar — disse Calvet com desânimo —, mas não com essa fortuna.

— Podemos levar uma boa porção — sugeriu Sharpe.

— O Imperador a quer toda — Calvet olhou com o cenho franzido para o batalhão napolitano que naqueles momentos se desdobrava em uma linha de três filas ao pé da colina da vila, os soldados de cavalaria, atrás do batalhão, esporearam os cavalos e passaram à frente da infantaria. Estava claro que os napolitanos planejavam cercar a colina. Passariam alguns minutos antes que completassem a manobra, e Calvet havia calculado acertadamente

que esse tempo bastaria para que seu pequeno bando pudesse abrir passagem para o norte adentrando-se nas montanhas; mas seriam obrigados a viajar com o mínimo bagagem e sem dúvida seriam perseguidos impiedosamente durante todo o longo e quente dia. Iriam carregados com o tesouro que pudessem, com seus feridos e com seu prisioneiro.

O batalhão da infantaria napolitana esperou na grama ressecada. Por hora não tinham ligado para o pequeno povoado onde os três homens de Calvet deveriam estar vigiando um barco, mas não tinha importância, pois naquele instante a infantaria italiana estava situada entre a vila e o ponto de escape costeiro de Calvet. Três dos oficiais napolitanos situaram seus cavalos a uns poucos metros na frente da infantaria que descansava, e Sharpe imaginou que logo mandariam um enviado colina acima para exigir a rendição dos ocupantes da vila.

— Não ligue para esses sacanas. — Calvet, ao não ver solução, se afastou e ordenou a seus homens que enchessem suas mochilas, as capas das almofadas e qualquer outro receptáculo que pudessem encontrar com o tesouro do Imperador. Harper se uniu aos franceses e se maravilhou ante o monte de rubis, esmeraldas, diamantes e pérolas. Havia alguns sacos cheios de moedas de ouro amontoados em um extremo da grande arca de ferro e uma confusão de candelabros no outro, mas em quase toda a enorme caixa brilhavam as pedras preciosas. Estavam a uns trinta centímetros de profundidade dentro da caixa, que media pouco menos de um metro de altura, o que sugeria que já se havia dilapidado grande parte do tesouro.

— Quanto esbanjou? — Calvet disse bruscamente a Ducos, mas o francês de magro rosto não disse nada. Aguardava sua salvação.

Salvação que parecia estar nas mãos dos três oficiais napolitanos que esporearam seus cavalos para subir o empinado sopé sul da colina. A poeira que levantavam seus cascos ia para o mar.

— Diabos! — Harper havia se reunido com Sharpe no terraço. — Esses sacanas têm aspecto de ir fazer a primeira comunhão. — O irlandês cuspiu por cima da balaustrada. A causa de sua indignação eram os uniformes que os oficiais usavam. Nem ele nem Sharpe já tinham visto uniformes tão magníficos e tão pouco práticos. Os três oficiais vestiam um branco imaculado e deslumbrante. Seus elegantes fraques eram de um tecido dourado do mais brilhante, enquanto que os punhos e as dragonas eram engalanados de forma similar com tecido dourado do qual pendia uma corrente de ouro. Usavam botas de montaria pretas com bordas douradas na cana, e na cabeça, chapéus altos de pele de urso branca como a neve, com correntes de ouro que iam desde a parte de cima até as plumas vermelhas como sangue. — O que esperam que façamos, que lutemos com esses filhos da puta ou que os beijemos?

Sharpe não respondeu. Em lugar disso se dirigiu coxeando para a balaustrada mais próxima dos oficiais que se aproximavam. Os três estavam suando devido ao peso e à opressão de seus gorros de pele branca. O líder, cuja patente Sharpe não pôde identificar, freou seu cavalo e cumprimentou o fuzileiro com um movimento seco da cabeça.

— O senhor é francês? — perguntou nessa língua.

— Meu nome é Richard Sharpe e sou major do Exército de sua majestade britânica —

respondeu Sharpe em inglês.

— Meu nome é coronel Pannizi. — Deve ter entendido a resposta de Sharpe, mas continuou falando em francês. Esperou, aguardando que Sharpe lhe oferecesse uma saudação, mas o sujo e ensanguentado oficial não se moveu. Pannizi deu um suspiro. — E o que está fazendo um oficial inglês no Reino de Nápoles?

— Visitando um amigo.

Pannizi era um homem magro e charmoso. Tinha um bigode muito fino, ondulado para cima e rematado em finas pontas enceradas. Borlas douradas pendiam do penacho de seu chapéu de pele de urso, enquanto que uma diminuta couraça de ouro e prata lhe pendurava por baixo das altas e duras solapas de sua casaca branca e dourada. Por um momento fechou os olhos aparentemente exasperado ante a insolente resposta de Sharpe.

— O senhor está com o general Calvet?

— Eu sou o general Calvet. Quem diabos é o senhor?

Pannizi fez uma reverência sobre sua sela em direção ao baixo e robusto francês, que agora saiu pisando forte para o terraço.

— Sou o coronel Pannizi.

— Bom dia, coronel, e adeus. — Era evidente que Calvet havia decidido que o desafio era a melhor maneira de agir.

Pannizi levou um dedo metido em uma luva branca à ponta do bigode. Seus dois companheiros, ambos muito mais jovens, estavam sentados com o rosto impassível. Pannizi tranquilizou seu cavalo, que se afastava irritado por causa de uma insistente mosca.

— Entrou sem autorização em uma propriedade de um príncipe da Igreja.

— Importa-me menos que um balde cheio de merda de vaca de quem é esta casa — respondeu Calvet.

— A casa e tudo o que contém — seguiu dizendo Pannizi com surpreendente serenidade — foi declarado sob a proteção do Reino de Nápoles, cuja ordem tenho em meu poder. Portanto, peço que abandone imediatamente a vila.

— E se não sair? — desafiou Calvet.

Pannizi deu de ombros.

— Serei forçado a prendê-lo, o que será sumamente doloroso para mim. A valentia do general Calvet é lendária.

A florida bajulação agradou sem dúvida a Calvet, mas não o convenceu. Havia uma fortuna em jogo e, ainda que o próprio general não recebesse nenhuma moeda do tesouro, estava decidido a que seu senhor não se visse privado a recuperá-lo por completo.

— Para poder me prender — disse — terá que brigar comigo. Não há muitos que tenham vivido para contar que lutaram contra o general Calvet.

Pannizi esboçou um sorriso. Desembainhou sua espada, mas o fez muito devagar para demonstrar que não significava uma ameaça. Com a brilhante lâmina apontou colina abaixo, para onde estavam seus soldados jogados na grama, e depois voltou a embainhá-la. O gesto foi eloquente. Pannizi tinha o controle de seiscentas baionetas e devia saber que Calvet tinha pouco mais que uma dúzia.

— Sua valentia, tal como já disse, é lendária. — Pannizi esperava que, bajulando-o, Calvet se rendesse.

O aludido deu uma espiada no batalhão napolitano. Haviam desdobrado seu estandarte, ainda que o vento não fosse forte o bastante como para levantar a pesada seda com franja. Debaixo das duas bandeiras os soldados pareciam desanimados e frouxos.

— Tem estômago para um combate, coronel? — Calvet desafiou Pannizi.

— Tenho as ordens necessárias para combater, general, e sou um soldado.

— Uma boa resposta. — O francês olhou colina abaixo com o cenho franzido. Sabia melhor que ninguém o impossível que era esse combate; contudo, ele também era um soldado e também tinha suas ordens. — E se nos rendermos? — perguntou com evidente desagrado.

Pannizi pareceu se assombrar.

— Meu caro general, sua rendição não é nenhum problema! Está convidado a ser um dos hóspedes do cardeal, seu mais honrado hóspede. Considere que meu exército não é mais que uma escolta enviada para conduzi-lo com a devida honra até a cidade.

Calvet teve a gentileza de sorrir ante a exagerada descrição.

— E se não quisermos ser os hóspedes do cardeal?

— São livres para abandonar o reino, todos vocês.

— Livres? — quis deixar claro, Calvet.

Pannizi consentiu com a cabeça.

— Completamente livres. E podem levar seus uniformes e as armas de cada um — fez uma pausa —, mas nada mais.

A ameaça se encontrava nessas três palavras. Pannizi sabia do tesouro que havia na vila e não se importava com o que ocorresse com Calvet, Sharpe ou seus soldados desde que o tesouro passasse a ser seu.

O general francês se virou bruscamente e olhou para o norte. Os cavaleiros napolitanos haviam cortado aquela rota de escape. Voltou a girar.

— Pode nos dar quinze minutos para considerarmos a questão, coronel?

— Dez — disse Pannizi e voltou a desembainhar sua espada. Cumprimentou Calvet com a lâmina resplandecente. — E o senhor me concederá a honra de desjejuar com meus oficiais, general?

— Só se tiverem bacon — respondeu Calvet. — Gosto muito de bacon gorduroso.

Pannizi sorriu.

— Encontraremos bacon para o senhor, general. Dispõe de dez minutos para esperar com ânsia seu sabor. — O coronel napolitano embainhou sua espada, chamou seus dois companheiros com um gesto de cabeça e regressaram descendo a galope pela colina.

— *Merde, merde, merde* — disse Calvet.

— Cal! — grunhiu Calvet para Sharpe. — Eu o tinha preso em um forte e você escapou graças à cal em pó. Portanto diga-me, que truque imundo tem desta vez?

Sharpe não respondeu de imediato. Olhava fixamente colina abaixo os desanimados soldados de infantaria napolitanos, que, antecipando-se aos dez minutos, estavam sendo ordenados a se levantarem.

— Vão combater?

— Claro que vão combater, maldição! — exclamou Calvet. — Esse sacana de Pannizi lhes está contando que neste lugar há um batalhão de putas e o resgate de um rei! De um momento para o outro estarão desejosos de combater! Cheiram o butim.

— Então dê a eles — disse Sharpe bruscamente.

— O quê?

— Que lhes dê o maldito ouro! De qualquer maneira pesa demais. Fique com as pedras e lhes entregue os sacos de ouro.

Calvet ficou olhando fixamente para o fuzileiro.

— Está louco.

— Pelo contrário, general. Não temos cal, mas podemos cegá-los com ouro. Uma chuva de ouro! Ouro caindo dos céus! — de repente Sharpe se entusiasmou. — Pelo amor de Deus, general! Quanto vale para o senhor este tesouro? Preferiria voltar se arrastando até seu imperador sem nada? Ou talvez prefira comprar a saída desta armadilha com um pouco de ouro?

Calvet se virou para olhar o sonolento batalhão.

— Então, o que faço, inglês? Desço lá e me ponho a regatear como um sapateiro? Não seja bobo. Se lhes oferecermos um pouco de ouro, quererão tudo, e quando o tenham quererão as pedras, e quando tenham as pedras ficaremos sem nada.

— Não ofereceremos — respondeu Sharpe —; daremos. O senhor acredita que eles têm uma boa disciplina?

Calvet deu um suspiro.

— São um desastre! Já vi soldados fedendo a bebida que ofereciam um espetáculo melhor que estes.

— Então, poremos à prova sua disciplina, valendo-nos de sua cobiça. — Sharpe sorriu para Harper. — Quero o grilo. E um pouco de pólvora.

Harper levou o canhão metálico, um barril de pólvora e uma bolsa de mecha rápida para o terraço. Sharpe colocou a arma com o fundo para baixo, em equilíbrio sobre suas tortas pernas traseiras, de maneira que pudesse disparar muito alto, como se fosse um morteiro. Sharpe não queria fazer estourar uma descarga de morte sobre o batalhão napolitano que aguardava a uns quatrocentos metros mais longe; só queria inundá-lo de avareza, e para isso ia fazer que o ouro celestial chovesse literalmente do céu.

Dois dos homens de Calvet foram buscar as bolsas de ouro enquanto Sharpe punha uma minúscula quantidade de pólvora no canhão e a socava. Não se atreveu a carregar completamente o canhão; senão, as moedas iam saltar pelos ares sobre quilômetros inteiros de campo vazio. Verteu uma pequena fortuna em ouro dentro do canhão e depois pôs um pedaço de mecha rápida no ouvido.

— General?

Calvet tinha se aborrecido com a perspectiva de perder ainda que fosse uma pequena quantidade do tesouro de seu senhor, mas, então, se animou com a ideia de disparar a primeira descarga de ouro. Haviam apontado o canhão de maneira que a ducha de ouro caísse para o leste, longe do mar. Antes de disparar, Calvet deu uma espiada para se assegurar que seus homens estavam preparados para a tentativa de fuga.

Harper apoiava o ainda aturdido Frederickson e tinha Ducos atado com um pedaço de corda. Tinha soltado seus tornozelos para que pudesse correr. Os soldados de Calvet, todos menos os dois granadeiros feridos, estavam carregados com suas bolsas e fardos de pedras preciosas. Abandonariam todos os prisioneiros, exceto Ducos.

— Estamos prontos — disse Calvet, e então, com regozijo, tocou a ponta da mecha com o extremo aceso de seu charuto.

Houve um breve assobio, o surdo estalido de uma explosão e uma fumaça escura que saiu aos borbotões. O canhão deu uma sacudida para trás e caiu ao mesmo tempo em que Sharpe teve a impressão, nada mais que isso, de um gotejar de brilhante ouro que resplandecia quase direto para o céu atravessando as acres nuvens de fumaça. Depois, ao cabo de um segundo, pareceu que um pedaço do céu cintilasse como se fragmentos do próprio sol estivessem caindo das alturas. Sharpe soube que o que via eram as moedas no ponto mais alto de seu voo arqueado, mas então desapareceram. Esperou e de repente Harper soltou um grito quando as partículas de luz quicaram, se dispersaram e cintilaram sobre o solo justo do outro lado do flanco direito do batalhão.

Sharpe endireitou o canhão caído, pôs outra concha de pólvora e meteu mais moedas ainda na carga. Olhou colina abaixo e viu o movimento dos soldados que se viravam nas filas da infantaria. Pôs outro pedaço de mecha em seu lugar e aplicou o charuto de Calvet à ponta.

Outra chuva de ouro se elevou cintilando e depois caiu em terra com um lampejo de cobiça.

— Tentam conter os filhos da puta! — informou Harper alegremente.

Uma terceira descarga e depois uma quarta, e agora Sharpe acrescentou meia onça à carga

para que o ouro se disseminasse em uma brilhante faixa que conduzisse para longe do mar. Tocou com o charuto a quinta mexa e naquela ocasião, enquanto o ouro rompia o céu do amanhecer em um milhar de brilhantes chispas, os soldados do batalhão abaixo romperam filas, deram gritos de entusiasmo e se precipitaram pelos pastos vazios em busca de uma fortuna. As três filas de napolitanos haviam se dissolvido como homens atingidos por potes de metralha. Seus sargentos e oficiais não puderam contê-los e os soldados se dispersaram como uma multidão caótica em direção ao campo. Jogaram suas mochilas, mosquetes e barretinas enquanto brigavam e disputavam as moedas. Recolhiam a colheita dourada e observavam o céu constantemente para o caso de ainda haver mais dessas maravilhosas cascatas de ouro.

Sharpe lhes ofereceu um último e denso jorro de ouro, este de um canhão quase carregado totalmente, de maneira que as grossas moedas brilharam durante mais de meio quilômetro terra adentro ao cair. Pela última vez observou como descia o resplendor e depois se virou e foi coxeando atrás dos homens de Calvet.

Havia chegado o momento de iniciar a corrida. Tiraram a infantaria da equação, mas ainda restava a cavalaria e os oficiais a cavalo de Pannizi. Os soldados de Calvet, carregados com sua parte de pedras preciosas e seus dois companheiros feridos, desciam com dificuldade pela empinada ladeira. Harper obrigava Ducos a avançar, enquanto Sharpe fazia o mesmo com Frederickson.

— Estou bem — protestou este, mas quando Sharpe o soltou, ele cambaleou como se estivesse bêbado.

— Atenção à esquerda! — advertiu Harper.

Pannizi e mais três oficiais esporeavam seus cavalos para cortar-lhes a retirada. Sharpe apoiou uma joelho no chão, apontou e disparou uma bala que cruzou seu caminho. O estouro do fuzil Baker soou muito decidido e o monte de poeira que se levantou diante do pequeno grupo de Pannizi foi mais que suficiente para frear seu fervor.

Sharpe seguiu correndo. Um dos soldados de Calvet vigiava o flanco direito, por onde poderia aparecer a cavalaria; mas uma saliência da colina havia ocultado daqueles cavaleiros a chuva de ouro e não sabiam ainda o que estava se passando ao sul de onde se encontravam. À esquerda de Sharpe, e a uma distância considerável, uma multidão de soldados de infantaria seguia futucando entre a grama, as oliveiras e o mato. Alguns oficiais e sargentos tentaram a golpe de chicote que os soldados regressassem a seus postos, mas o chamariz do ouro havia convertido o batalhão em uma horda. Em apenas cinco minutos alguns desses afortunados napolitanos estavam encontrando mais dinheiro do que esperariam conseguir durante toda uma vida.

Sharpe cruzou dando tombos o leito seco de um rio, subiu engatinhando pela outra margem e ajudou Frederickson levando-o para um terreno cheio de plantas de folhas grossas e de bordas serradas. O povoado estava à sua esquerda, seu porto justo do outro lado. O tenente Herguet, que havia conduzido o pequeno grupo de Calvet para o porto, dava saltos pelo cais. A cavalaria ainda não havia aparecido e a infantaria de Pannizi estava tão dispersa que não servia para nada. Sharpe mancava muito, mas Frederickson, com seu olho bom quase fechado

por causa da escura mancha roxa inchada, encontrou novas forças. Harper fazia Ducos avançar aos chutes. De repente Calvet estava se divertindo; gritava a seus homens para que atravessassem o povoado, passassem pelos cachorros latindo e se dirigissem ao fechado cais de pedra silícica. Passaram a toda junto a redes que secavam e nassas de vime e desceram até o lugar onde Herguet vigiava um barco pintado em cores vivas, no qual dois desconsolados membros da tripulação estavam encolhidos de medo sob as pistolas de seus homens.

— Cavalaria! — advertiu um soldado de Calvet. Mas a cavalaria chegava tarde demais. Precipitou-se por cima da saliência da colina, desembainharam as espadas e se dispersaram em excelente formação; contudo, os homens de Calvet já estavam a bordo do barco pesqueiro, Harper cortava a amarra de popa com sua baioneta e a suja vela já estava captando a brisa terrestre do amanhecer para dirigir a embarcação de alta proa para fora da baía.

Ducos, que ainda estava com as mãos atadas, foi empurrado no fundo do porão para o pescado. O prisioneiro lançou uma míope olhada de ódio para Sharpe, mas este fechou a escotilha e deixou seu inimigo afundado na pestilenta escuridão. Os granadeiros riam pelo prazer da vitória. Talvez não fosse Jena, nem Wagram nem Austerlitz, mas seguia sendo uma vitória para um imperador de quem todo mundo pensava que já não restava nenhuma para ganhar.

Calvet abraçou Harper, depois o horrivelmente contundido Frederickson e finalmente a Sharpe.

— Eu lhe perdoo pelo cal, inglês, e lhe digo que, por se tratar de um homem que não é francês, você luta com bastante destreza.

Sharpe riu.

— Alegre-se, general, porque não terá que lutar comigo de novo.

— Quem sabe? — o tom de Calvet era velhaco. — Se conseguir levar ouro suficiente para o Imperador, talvez ele possa voltar a recrutar um exército.

A malícia no comentário fez Sharpe se lembrar do nostálgico sonho do general de divisão Nairn de uma última grande batalha, uma matança culminante na qual o Imperador formaria contra o mundo; mas Nairn estava morto: seus velhos ossos se descarnavam em uma tumba francesa. Sharpe sorriu.

— Não, general, não haverá mais batalhas.

— Tem razão. — Calvet soou abatido ao admiti-lo. — Você e eu terminamos, meu amigo. O mundo está em paz e agora não servimos para nada. Somos os cachorros de caça, mas agora os coelhos dominam a terra. — Calvet se virou para olhar como a cavalaria napolitana freava seus cavalos no distante cais. — Mas eu garanto, meu amigo, que dentro de um ano tanto você como eu estaremos desejando entrar de novo em batalha.

— Eu não — disse Sharpe com fervor.

— Espere e verá. — Calvet se virou de costas para terra firme e ficou olhando o mar, onde apareciam duas velas no brumoso horizonte. — E o que vai fazer agora, meu amigo?

— Levar Ducos a Paris e entregá-lo a Wellington. Depois o porão nas mãos das autoridades.

— Que autoridades?

— As que o executarão pelo assassinato de Henri Lassan.

Calvet dedicou um sorriso brincalhão para Sharpe.

— Importa-se com esse crime insignificante?

— Madame Castineau se importa.

Calvet seguia sorrindo.

— E por que você se interessaria com as preocupações de madame Castineau?

Sharpe se virou porque um dos soldados da cavalaria napolitana havia disparado uma carabina contra o barco pesqueiro. A bala caiu inutilmente na água a uns cem metros da popa. Nenhum dos ocupantes do barco se incomodou em levantar a arma para responder.

Calvet rebuscou em sua bolsa e pegou um punhado de pedras preciosas. As revisou com um dedo seboso e selecionou um rubi perfeito, vermelho como o sangue.

— Dê isto à madame Castineau, porque, ainda que de forma involuntária, ao escrever aquela carta ela fez um grande serviço para a França.

Sharpe pegou a jóia com ar vacilante.

— À França, general? Ou a Elba?

— Napoleão é a França, meu amigo. Se o atasse com correntes e o jogasse na fossa mais profunda do oceano, seguiria sendo a França. — Calvet fechou a mão de Sharpe sobre a preciosa jóia. — Não vou lhe dar nada mais, inglês. Isso lhe dói? Ter que partir com as mãos vazias de uma luta na qual enchemos o céu da manhã de ouro?

— Sobrevivi — limitou-se a dizer.

— E parte com as mãos vazias. — Calvet sorriu. — Portanto, como vê, inglês, afinal de contas os franceses ganharam!

— *Vive l'Empereur mon general!*

— *Vive l'Empereur mon ami!*

Uma hora mais tarde abordaram um navio mercante piemontês, que por um punhado de ouro imperial e sob a ameaça de uma dúzia de mosquetes, permitiu que os soldados subissem a bordo. Calvet se dirigiria a Elba, e Sharpe, com seu prisioneiro, procuraria um navio da marinha britânica. A partir de então seriam indesejáveis caça cachorros em um reino de coelhos, mas haviam sobrevivido quando muitos outros morreram e isso, pelo menos, já era algo. Portanto, cada um para seu lado, navegaram para a paz.

# Epílogo

Pierre Ducos morreu na vala de um forte nas mãos de um pelotão de fuzilamento do Exército monárquico francês. Ninguém lamentou sua morte, nem sequer aqueles soldados do pelotão de fuzilamento que em segredo seguiam sendo leais ao Imperador exilado. Ducos havia traído o Imperador da mesma maneira que atraíçara a França, portanto, lhe dispararam como a um cachorro e o enterraram como a um suicida em uma tumba sem nome do outro lado do talude do forte.

Em Londres, um ajudante de campo do príncipe regente se informou da morte de Ducos e, como consequência, passou algumas noites em branco. A execução do francês era um triunfo para um fuzileiro que havia saído da ignomínia para recobrar sua reputação, e a qualquer dia esse homem cruzaria o canal. Lorde Rossendale considerou a possibilidade de fugir para o que restava dos imóveis irlandeses de sua família, mas seu orgulho o obrigou a ficar e mostrar uma coragem que não sentia. Todas as manhãs, ia ver um mestre de esgrima da Rua Bond e todas as tardes treinava com pistolas de duelo de cano longo no pátio de Clarence House. Afirmava que só estava afinando suas habilidades militares, mas toda a sociedade sabia que estava praticando para a dura prova da grama no jejum.

— Saiu de Paris — Rossendale disse a Jane em uma manhã de outono.

Jane não precisava que lhe dissesse a quem se referia.

— Como soube?

— Ontem chegou um correio da embaixada. Os três se dirigiram a cavalo para Calais.

Jane se arrepiou. Do lado de fora da janela a chuva caía em forma de cortinas cinzentas por todo o parque.

— O que acontecerá? — perguntou, ainda que já soubesse muito bem qual era a resposta.

Rossendale sorriu.

— Chamam-no de grama antes do desjejum.

— Não — protestou Jane.

— Ele me desafiará, eu escolherei as armas e nos bateremos. — Rossendale deu de ombros. — Imagino que perderei.

— Não. — Jane se recordou das terríveis discussões precederam o duelo de Sharpe com Bampfylde. Perdera aquelas discussões, mas agora perderia o homem a quem amava.

— Não sou nenhum espadachim — disse Rossendale triste —, e sou um desastre com uma pistola.

— Então não o enfrente! — exclamou Jane com ferocidade.

Ele sorriu.

— Não há outra escolha, meu amor. Nenhuma. Chama-se honra.

— Então irei até ele! — respondeu Jane em tom desafiante. — Eu lhe suplicarei!

— E o que tem isso de honorável? — Rossendale sacudiu a cabeça. — Não se pode enganar a honra — acrescentou, ainda que durante meses ele fizera pouco mais que isso, o que não fazia mais que demonstrar que a honra podia ser enganada, mas que seu preço teria que ser pago de toda forma antes do desjejum em uma manhã úmida e cinzenta.

Portanto, lorde Rossendale e Jane não podiam fazer mais que esperar, pois a honra não deixaria que escapassem, enquanto que o homem a quem aguardavam chegava a Calais.

Tinham restituído o cargo a Sharpe e Frederickson e lhes asseguraram que mantinham a pureza de sua honra e a integridade de sua classe. Pediram-lhes desculpas e agora, em Calais, desjejuavam no reservado de uma taberna do porto. Seus pratos estavam cheios de costelas de cordeiro anejo, ovos, salsichas de alho e pão negro.

— Primeiro você irá a Londres, é claro. — Frederickson serviu café.

— Ah, é? — Sharpe perguntou.

— Assuntos pendentes — disse Frederickson em tom grave. — Ou não deveria mencioná-lo?

— Refere-se a lorde Rossendale. — Sharpe deu um trago no café recém servido. — Devo matá-lo?

— Não seja obtuso. Certamente que deve matá-lo. Eu serei seu padrinho, se me permite a honra. Naturalmente o duelo terá que ser secreto. Agora devemos pensar em nossas carreiras. — Frederickson sorriu. Seu rosto continuava escurecido pelos machucados, ainda que o inchaço já tivesse passado há tempos. — Suponho que já não contempla a possibilidade de uma aposentadoria em Dorset.

Sharpe se reclinou na cadeira. Através da janela podia ver o paquete carregando junto ao cais. O navio zarparia com a maré em duas horas e, se ele quisesse, o levaria à horrível confusão de uma mulher infiel e das pistolas ao amanhecer.

— E Jane? — perguntou a Frederickson. — O que tenho que fazer com Jane?

— Dar-lhe uma boa repreensão, certamente, e depois abandoná-la. Se não suporta vê-la, com muito prazer eu mesmo lhe direi. Pode lhe dar algum dinheiro, se acha que deve fazê-lo; mas não seja generoso demais. Ela pode virar tutora ou dama de companhia.

Ou puta, pensou Sharpe com tristeza, mas não disse.

— Você é muito amável, William.

Frederickson rechaçou o cumprimento dando de ombros e depois limpou a gema de ovo do prato com um pedaço de pão.

— Não estará mais pensando em retirar-se para Dorset, né?

— O campo tem certo atrativo.

— Pelo amor de Deus, Sharpe! Você ouviu o duque! Haverá uma indenização. Por Deus, homem, poderia ter um batalhão!

— Em tempos de paz?

Frederickson fez uma careta.

— Não temos muitas alternativas, não? Não podemos encomendar outra guerra que nos venha a calhar.

— Não. — E de fato o duque de Wellington iria de sua embaixada em Paris a um grande congresso em Viena para se assegurar que não haveria outra guerra. O duque, reconheceu Sharpe, fora a amabilidade personificada em Paris, mesmo depois de sua embaixada ter sido invadida por três fuzileiros fugitivos que levavam o contundido e aterrorizado Pierre Ducos. As autoridades monárquicas francesas ficaram perturbadas com o fato de o general Calvet ter levado uma fortuna para Elba e a embaixada napolitana havia realizado um duro protesto contra uns ladrões uniformizados que transtornaram a paz de seu reino; mas o Duque arremeteu com desdém contra aquelas contínuas queixas diplomáticas. Tudo foi perdoado. Houve inclusive uma promessa implícita de ascensão para Sharpe e Frederickson, ainda que fosse difícil imaginar como se cumpriria tal promessa se não havia batalhas que criassem vagas.

— Portanto, primeiro para Londres — Frederickson planejava seu futuro conjunto com deleite —; depois exigiremos um batalhão próprio. Você estará ao comando, certamente, ainda que eu serei o segundo comandante e lhe asseguro que pedirei uma série de licenças tão logo estejamos instalados.

— Licença? — sorriu Sharpe. — Tão cedo?

Frederickson adotou um aspecto tímido.

— Sabe muito bem para que quero uma licença. Pode ser que você tenha perdido a ilusão no matrimônio, mas eu não abandonei todas as esperanças. Ao contrário! Primeiro me instalarei, certamente. Uma promoção, talvez, um pouco de dinheiro e um uniforme novo. — Sorriu, como se a consecução daquelas coisas fossem lhe garantir o êxito de sua corte. — Sei que não tem muito carinho pela madame Castineau, mas em muitos sentidos é a mulher ideal para mim. É viúva, veja, pelo que não creio que espere muito do matrimônio... E uma vez a tenha convencido a viver na Inglaterra, estou seguro de que será muito feliz. Que conste que não me desgosta sua propriedade. Valerá uma considerável soma de dinheiro no futuro.

— Não — disse Sharpe cruamente.

Frederickson franziu o cenho.

— Não?

— Não — repetiu Sharpe. De alguma maneira havia se convencido que Frederickson abandonara suas esperanças com madame Castineau com a agitação dos últimos dias; mas em lugar disso, seu amigo estava revelando aqueles sonhos impossíveis que agora tinham que ser despedaçados cruelmente. Havia chegado a hora de Sharpe contar aquilo que deveria ter-lhe dito semanas antes. Chegara a hora de romper uma amizade, e Sharpe se estremeceu ante esse

fato, mas sabia que não podia voltar atrás.

— Não vou à Inglaterra. — Sharpe levantou a vista para olhar seu amigo. — Patrick tirou minha bagagem do navio há uma hora. Só estou aqui para vê-lo partir a salvo, William, mas não vou com você. Ficarei aqui.

— Em Calais? Perdoe, mas é uma escolha inóspita. — De repente Frederickson pôs carranca. — Meu Deus! É por seu maldito orgulho, não é verdade? Teme voltar para a Inglaterra por Jane e aquele desgraçado? Acha que vão zombar de você porque lhe puseram cornos? — Frederickson menosprezou esse temor tirando-lhe importância com uma sacudida de seu guardanapo. — Meu caro Sharpe! Mate esse homem em um duelo e ninguém zombará de você!

— Não. — Sharpe detestava dizê-lo, mas tinha que fazê-lo. — Não tem nada a ver com Jane e não me vou ficar em Calais. Vou voltar para a Normandia.

Frederickson ficou olhando fixamente para Sharpe por muito, muito tempo. E durante muito, muito tempo, não disse nada; mas então, como se lhe custasse um grande esforço, recuperou a fala.

— Para Lucille?

— Para Lucille — confirmou Sharpe.

— E ela? — Frederickson titubeou. Seu rosto machucado mostrava uma dor verdadeira, que era prova da dureza com que seus sonhos estouraram em sofrimento. — Concordará com sua chegada ao castelo?

— Acredito que sim.

Frederickson fechou alguns instantes seu único olho.

— E posso perguntar se você tem razões para acreditar nisso?

— Sim — respondeu Sharpe em voz muito baixa —, eu as tenho.

— Oh, Deus! — Então parecia não haver nada mais que ódio no olhar de Frederickson; se não, sentia uma dor tão intensa que só podia se refletir em seu rosto como se fosse ódio.

Sharpe tentou se explicar. Ouviu a si mesmo balbuciar ao contar a velha história sobre como a antipatia que sentia por aquela mulher havia se convertido em amizade, e de como essa amizade se convertera em amor, e se lembrou, mas não disse a Frederickson, como aquela noite escura de trovões que rompiam o céu na qual ele e Lucille se encontraram no corredor e não se disseram nada, ela fora para seu quarto e depois, enquanto ela dormia, e Sharpe escutava o ruído da chuva descendo pelas calhas, pensara que nunca antes havia conhecido uma paz semelhante.

— Deveria tê-lo dito há semanas — reconheceu com abatimento —, mas não sei por que...

Frederickson interrompeu as palavras de Sharpe levantando-se bruscamente e se afastando. Caminhou para a lareira e ficou olhando o fogo de carvão que crepitava de maneira sufocada.

— Não quero ouvir mais nada.

— Eu não queria magoá-lo — disse Sharpe de maneira pouco convincente.

— Maldição! — Frederickson se virou para ele com uma súbita ira cega.

— Sinto muito.

— Não necessito de sua compaixão de merda! Maldição! Quantas condenadas mulheres quer?

— William...

— Maldição! Maldição! Maldição! Espero que ela parta seu asqueroso coração, assim como a última! — Frederickson ainda tinha o guardanapo, que, com irascível irritação, jogou para Sharpe. Então, sem dizer mais nenhuma palavra, agarrou rapidamente seu sobretudo e sua espada e abandonou irado o aposento.

Sharpe se inclinou, pegou o enrugado guardanapo e o alisou em cima da mesa. Pensou em seguir Frederickson, mas sabia que não serviria de nada. Em lugar disso ficou um bom momento sentado, com o olhar vazio, observando o mar.

Harper entrou muito silenciosamente no cômodo, olhou para Sharpe e depois estendeu as mãos para o fraco fogo.

— Então, disse a ele, senhor?

— Disse.

— Deus salve a Irlanda — disse Harper por nada em particular. Depois se agachou e empurrou os carvões com um atiçador feito com uma velha baioneta francesa. — Não teria funcionado, certamente — afirmou após um tempo —, mas suponho que ele nunca vai se convencer disso.

— O que não teria funcionado, Patrick?

— Sobre o senhor Frederickson e a senhora. Ele não gosta das mulheres, né? Quer dizer, ele gosta bastante, mas que agora nunca poderia fazer que uma mulher se convertesse em sua amiga, não é né? Não basta levá-las para a cama. A verdade é que também tem que amá-las.

— É sério, senhor Harper? — Sharpe sorriu.

— Agora é senhor Harper, né? — O irlandês riu. No bolso levava seus papéis de baixa assinados pelo próprio duque de Wellington. Então o senhor Harper era um homem livre que se dirigia à Inglaterra, onde pegaria um navio rápido para a Espanha, depois do que, com Isabel e o bebê, voltaria para casa, para a Irlanda. Voltaria para seu bom lar, dizia ele, onde a chuva caía em campos pobres, de onde uma gente humilde arrancava o pão de cada dia.

Sharpe se levantou e o acompanhou até o cais. Não havia nem rastro de Frederickson no convés do paquete, ainda que sua bagagem, junto à pesada mochila de Harper, estava empilhada junto a uma escotilha aberta. Sharpe se afastou da passarela e foi andando com Harper para o lugar onde o gurupés do paquete se erguia, negro como o alcatrão, contra as nuvens sombrias.

— Não sei o que dizer, Patrick.

— Nem eu tampouco, senhor — Harper falava em voz baixa —; mas passamos muitos bons momentos, senhor, foi o que fizemos.

— E também tivemos outros condenadamente terríveis. — Sharpe soltou uma gargalhada. — Recorda-se daquele dia que brigou comigo na neve?

— O senhor trapaceou, do contrário lhe teria aberto a cabeça.

— Não poderia ter ganhado sem trapacear.

Ficaram em silêncio. Havia um monte de gaivotas que gritavam e davam voltas por cima do cais de pesca. A chuva caía inclinada e grossa.

— Se algum dia for à Normandia... — Sugeriu Sharpe.

— Certamente, senhor. E se algum dia quiser ir a Donegal saiba que lhe espera uma recepção excepcional. Vá a Derry, siga para o oeste e alguém saberá onde encontrar o compatriota grandalhão que voltou da guerra.

— Claro que irei. Você sabe que irei.

Harper enfiou a mão até o fundo do bolso de seu excelente sobretudo de civil.

— Agora está bem de dinheiro, não?

— Já sabe que sim. — Sharpe havia embolsado algumas moedas de ouro quando carregava o canhão-grilo, da mesma maneira que Harper havia furtado um punhado de pedras preciosas da grande caixa forte. — De toda maneira lhe devo dinheiro — observou.

— Pague-me quando for à Irlanda — observou.

O contramestre do paquete gritou chamando os últimos passageiros. Já estavam içando uma vela do traquete e havia chegado o momento de Harper partir. Olhou para Sharpe e nenhum dos dois soube o que dizer. Haviam marchado juntos todos os quilômetros de soldado e agora seus caminhos se separavam. Prometeriam voltar a se reunir, mas tais promessas muito raramente se cumpriam. Sharpe tentou dizer o que sentia, mas não lhe saiu, portanto em lugar disso abraçou seu amigo.

— Cuide-se, Patrick.

— Farei isso. — Harper fez uma pausa. — Está fazendo o correto, senhor?

— Para Frederickson não, não é o correto. — Sharpe sacudiu a cabeça. — Não sei, Patrick. Espero que sim. — Voltar à Normandia era como a jogada de um dado ou como o capricho de uma ação na batalha. Não havia nenhuma racionalidade nisso, mas a vida não cedia ante a razão, mas ante o instinto. — Acho que é o correto. Eu quero muito, se é que isso é uma resposta. E não estou seguro de querer viver na Inglaterra. Lá nunca me aceitarão. Para eles não sou mais que um sacana forasteiro que sabe usar a espada, mas em tempos de paz me cuspirão como se fosse uma migalha de carne apodrecida.

— E se voltarem a precisar de sua espada? — perguntou Harper.

Sharpe deu de ombros.

— Aí, veremos. — Então o contramestre voltou a gritar sua impaciente chamada, e os últimos passageiros desfizeram seus abraços de despedida e se apressaram pela passarela. Sharpe agarrou fortemente Harper pelas mãos. — Vou sentir sua falta, Patrick. Você é um tipo difícil, mas por Deus que sentirei saudade.

— Sim. — Harper tampouco encontrou as palavras adequadas, pelo que se limitou a dar de ombros. — Que Deus o abençoe, senhor.

Sharpe sorriu.

— Deus salve a Irlanda.

Harper soltou uma gargalhada ante a imitação de Sharpe.

— Eu o procurarei e o encontrarei, senhor, se não vier e me encontrar.

— Espero que o faça. Talvez nos encontremos a meio caminho.

Harper se virou e se afastou. Sharpe observou como o irlandês embarcava no paquete; agitou a mão uma vez, mas depois partiu para não prolongar a despedida. Ouviu o açoite do vento na enorme vela maior quando a içavam.

Sharpe voltou depressa para a taberna e pagou sua conta. Atou os alforjes a seu novo cavalo, pagou ao cavaleiro e montou na sela. Vestia um abrigo marrom, tecido a mão sobre calças negras, mas levava pendurada uma comprida espada de soldado de cavalaria no lado e um fuzil às costas. Roçou o cavalo com as esporas de suas simples botas novas. O paquete estava se afastando do porto, mas Sharpe não se virou para olhar. Cavalgou para longe do mar, para longe da Inglaterra, adentrando no país do inimigo, onde uma mulher observava um caminho vazio. Era lá, decidiu Sharpe, onde se encontrava seu futuro; não em Dorset, nem em um exército em tempos de paz, mas no trabalho de uma fazenda normanda e talvez, algum dia, teria um filho que falasse francês ao qual ele e Lucille deixariam uma velha espada inglesa e um rubi roubado de um Imperador.

Estalou a língua e animou seu cavalo ao trote. Sentia-se aturdido. Não havia mais guerra, soldados, nem medo. Nem um Imperador, nem Harper ou a fumaça de canhão alçando-se sobre um campo de sangue. Acabaram-se o fechar filas, os quilômetros de dor e as linhas de escaramuça, assim como a cavalaria ao amanhecer e os piquetes ao anoitecer. Só Lucille e o que Sharpe pensava ser amor suficiente para suas vidas. Seguiu cavalgando pelo interior da França, dando as costas a tudo aquilo pelo que lutara, porque agora tudo havia terminado: a guerra, um matrimônio, uma amizade e um inimigo; tudo havia terminado com a vingança de Sharpe.

**Fim.**

# NOTA HISTÓRICA

A bagagem de Napoleão se perdeu, mas não em Bordéus. A perda dessa bagagem foi só uma pequena parte do caos no qual a França submergiu depois da rendição do Imperador. A batalha de Toulouse ocorreu depois dessa rendição, mas a rapidez nos deslocamentos era tal que a notícia não chegou aos ouvidos de Wellington até dois dias depois de ter derrotado Soult de forma esmagadora.

A batalha teve lugar de maneira muito parecida à descrita no romance. Hoje em dia é recordada principalmente pelo trágico ataque espanhol, que, empreendido antes do tempo e sem apoio, foi repellido de forma sangrenta. Atualmente o campo de batalha se acha completamente coberto por edifícios e não é mais que uma parte anônima da expansão da cidade.

No norte e no sul da França os exércitos imperiais foram dissolvidos, o que jogou nos caminhos da Europa um alarmante número de vagabundos e salteadores. A época dos soldados, conforme parecia, havia terminado, pois a longa guerra havia acabado. O exército de Wellington, talvez o melhor que a Grã-Bretanha já tenha possuído, ganhara a campanha peninsular e naquele momento, na primavera de 1814, já não era necessário. Seus soldados se dispersaram pelo globo enquanto que suas mulheres, que com tanta lealdade haviam apoiado seus homens, foram cruelmente enviadas de volta para suas casas na Espanha ou Portugal. Do destino dessas mulheres abandonadas se deixa fiel constância neste romance. Nos livros de história desaparecem e sua angústia só pode ser imaginada. Alguns soldados britânicos conseguiram se esquivar da polícia militar para voltar à Espanha com suas esposas, mas foram muito poucos.

Wellington, antes de ir ao Congresso de Viena, foi nomeado embaixador britânico em Paris, onde, em nome do Governo, comprou a casa da irmã de Napoleão, Pauline. Hoje em dia segue sendo a Embaixada britânica. Houve muitos outros oficiais britânicos que renunciaram a seus cargos. Sem dúvida, assim como Sharpe, acreditaram que poderiam pendurar suas espadas. Nenhum deles, provavelmente, podia prever que a inquieta ambição de Napoleão logo conduziria a um vale pouco profundo na estrada que levava a Bruxelas, um vale onde Wellington ignoraria totalmente seus veteranos da península.

Mas Waterloo é outra história.